Atacando o Ponto Forte

A Filosofia do xadrez



Igor Zaitsev

Prefácio por Garry Kasparov

Índice

Folha de rosto *1*

Prefácio por Garry Kasparov *5*

Um tributo por Anatoly Karpov *9*

Prefácio por Mark Dvoretsky *11*

Sobre o autor por Eduard Shekhtman *12*

Prefácio do autor por Igor Zaitsev *15*

Capítulo Um: Combinações *17*

Capítulo Dois: Estratégia e Estrutura *39*

Capítulo Três: O Papel da Razão e do Julgamento *75*

Capítulo Quatro: Atacando o Ponto Forte *89*

Capítulo Cinco: A Regra de Manter a Vantagem *125*

Capítulo Seis: A Filosofia da Estratégia, Parte I *143*

Capítulo Sete: A Filosofia da Estratégia, Parte II *151*

Sobre o desenvolvimento de um conceito inteligente à luz da filosofia por Igor Zaitsev *159*

Ponto de Absurdo: Tigran Petrosian por Igor Zaitsev *177*

Jogos Suplementares com Notas por Igor Zaitsev *183*

Uma breve autobiografia por Igor Zaitsev *195*

Poemas por Igor Zaitsev *211*

Tudo começou com um empate por Anatoly Karpov *219*

Mestre de Análise por Alexei Kuzmin *222*

Epílogo: Personalidade em Grande Escala! por Anatoly Bykhovsky *229*

Posfácio por Hugh Verrier *231*

Artigos de Igor Zaitsev: uma bibliografia *239*

Atacando o Ponto Forte

A Filosofia do Xadrez

Igor Zaitsev

Prefácio de Garry Kasparov



2020

Russell Enterprises, Inc.

Milford, CT EUA

Atacando o Ponto Forte

A filosofia do xadrez de Igor

Zaitsev

ISBN: 978-1-949859-13-3 (capa mole)

ISBN: 978-1-949859-26-3 (capa dura, assinado) ISBN:

978-1-949859-14-0 (e-book)

© Copyright 2020

Igor Zaitsev

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser usada, reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer maneira ou forma ou por qualquer meio, eletrônico, eletrostático, fita magnética, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos ou resenhas críticas.

Publicado por:

Russell Enterprises, Inc.

PO Box 3131

Milford, CT 06460 EUA

http://www.russell-enterprises.com

info@russell-enterprises.com

Este livro foi traduzido e ampliado a partir da primeira edição russa publicada em Moscou em 2004 pela Sovetsky Sport Publishing Company, produzida por Eduard Shekhtman e Hugh Verrier.

Traduzido do russo por JimMarfia e Boris Gleizerov Agradecimentos especiais

a Marina Komaritskaya,

Madeleine Pulman-Jones e Al Lawrence

Impresso nos Estados Unidos da América

Prefácio

Garry Kasparov

13º campeão mundial

Igor Zaitsev, um grande mestre de Moscou, é definitivamente um dos pensadores de xadrez mais paradoxais de nosso tempo, o que fica evidente até mesmo pelo título deste livro.

Estrategista e analista excepcional, trabalhou com Tigran Petrosian e Lev Polugaevsky, e mais tarde se tornou o principal treinador da equipe de Anatoly Karpov, acompanhando-o em sete partidas do campeonato mundial!

Ele deixou sua marca brilhante em muitas aberturas, desde o Ruy Lopez (o Sistema Zaitsev, 11. N g5 !? na variação aberta, etc.) para a defesa Caro-Kann (a variação com 4 ... N d7 5. N g5 !?) e a abertura em inglês (11 ... dxc4! Timman-Karpov, Montreal 1979; 9 ... e3 !? Kasparov-Karpov, Sevilla (m / 2) 1987) ... muitos para citar.

Zaitsev sempre foi famoso por sua visão não ortodoxa do xadrez. Ele foi capaz de ver o que ninguém mais notou. Infelizmente, os movimentos de xadrez não podem ser patenteados, pois Igor Alexandrovich definitivamente merece uma recompensa - além da gratidão dos jogadores de xadrez de todo o mundo que se beneficiaram com suas idéias.

Nós nos conhecemos na primavera de 1980 em um torneio internacional em Baku. Eu tinha dezessete anos na época, me preparando para os exames de graduação, mas não podia perder a chance de ganhar o título de grande mestre. De acordo com meu treinador Alexander Nikitin, “Naqueles dias, Garry estava sob vigilância apertada à sombra de um campeão mundial preocupado: o treinador de Karpov, o grande mestre Igor Zaitsev, estava entre os participantes do torneio.”

Joguei com desenvoltura, de forma descontraída - deve ser verdade que as paredes de casa são suas amigas. No entanto, antes da sétima rodada, quando jogaria contra Zaitsev, a intriga esportiva ainda era muito alta.

Garry Kasparov - Igor Zaitsev

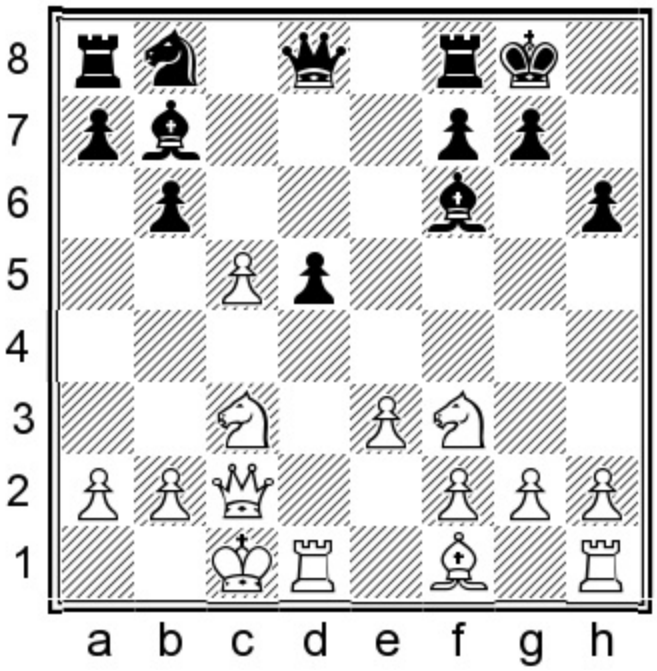
Baku 1980

Jogo da Rainha recusado

1.d4 d5 2.c4 e6 3. N c3 N f6 4. B g5 B e7 5.e3 0-0 6. N f3 h6 7. B h4 b6 8. Q c2

Naquela época, o movimento mais popular na luta contra a variação Tartakower-Makogonov-Bondarevsky foi 8. Q b3, mas gostei muito mais do plano de dois gumes com roque em lados opostos.

8 ... B b7 9. B xf6 B xf6 10.cxd5 exd5 11.0-0-0 c5 12.dxc5

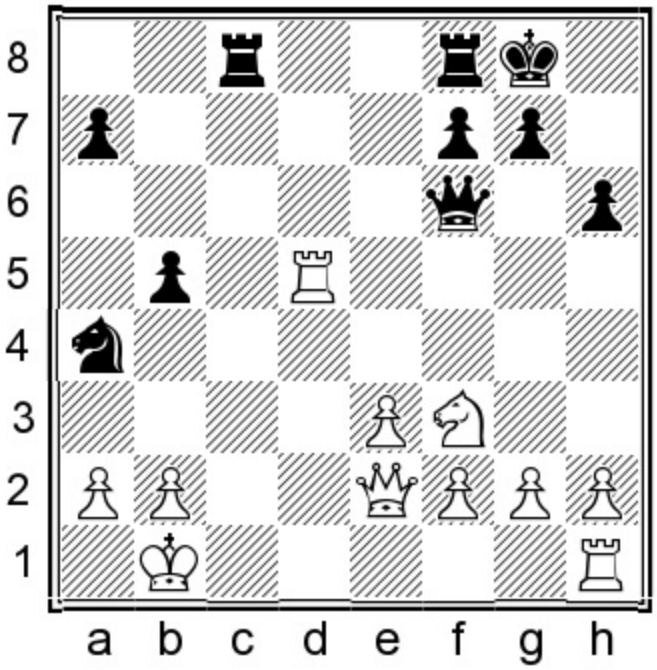


12 ... N d7!

Um belo sacrifício de peão.

13 N xd5 N xc5 14. B c4 b5 15. N xf6 + Q xf6 16. B d5 R ac8 17. K b1 N a4 18. Q e2 B xd5 19. R xd5

O formidável cavaleiro a4, em combinação com a posição instável do rei branco, promete contra-jogo das pretas. No entanto, ele tem que se apressar, caso contrário, as brancas conseguirão consolidar sua posição em alguns movimentos.



19 ... R c4!

Um movimento brilhante que muda a imagem da batalha imediatamente. O preto não só fortalece a ameaça de Q g6 +, mas também cria dois outros - R fc8, e particularmente R b4. Eu vi isso e fiquei triste ...

20 R d4 (uma resposta forçada) **20 ... R fc8**

Em vez de 20 ... Q g6 + !? e Q xg2, Zaitsev estava satisfeito com uma boa compensação por seu peão sacrificado. No entanto, faltavam apenas vinte minutos em seu relógio. Aparentemente, a parte anterior do jogo exigiu muita energia do meu oponente, e logo ele cometeu um erro fatal.

Este jogo foi uma lição importante para mim. Isso demonstrou que minha preparação de abertura “juvenil” não estava exatamente no mesmo nível dos torneios “adultos”.

Durante toda a sua vida, Zaitsev se entusiasmou com a busca de novas maneiras de lidar com as aberturas. Assim como muitos outros genuínos inovadores do xadrez, ele costumava “emprestar” sua experiência e gênio criativo a jogadores mais fortes, dando-lhes um ímpeto original, assim como os trenós trenós que conferem a aceleração necessária aos seus trenós.

Para coroar tudo, ele tem sido um poeta espirituoso e um escritor distinto. É o que eles dizem sobre suas publicações: “Como regra, eles combinam generalizações únicas, que chegam ao nível da filosofia do xadrez, com insights sobre as sutilezas das posições que escaparam da atenção de todos”.

Na minha opinião, esse é o livro dele *Atacando o Ponto Forte.*

- Garry Kasparov

Um tributo*

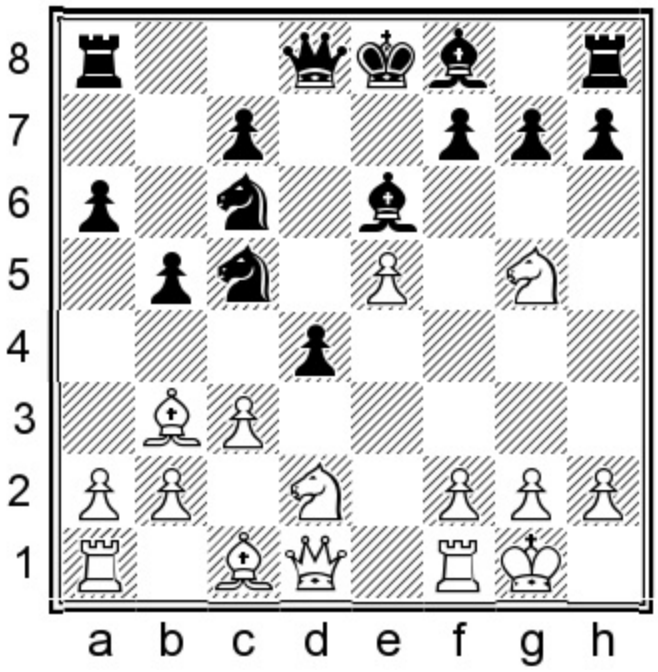
Anatoly Karpov

12º campeão mundial

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* Nº 5/2013

Conheço Igor Arkadyevich há muito tempo - mais de 50 anos. Quando nos conhecemos, ele já era um jogador de xadrez bastante interessante e promissor, que participou de muitos torneios internacionais. Ele sempre se distinguiu por sua consideração e abordagem não padronizada do jogo. Tornamo-nos amigos, literalmente, em nosso primeiro encontro. Mas o trabalho conjunto começou muito mais tarde e durou muitos anos. Igor Arkadyevich adora xadrez sem restrições. Ele está preparado para trabalhar nisso dia e noite. Ele é um original, cheio das ideias mais interessantes.

Uma de suas descobertas engenhosas foi revelada no décimo jogo da minha partida pelo campeonato mundial contra Korchnoi em Baguio, em 1978 - na variação aberta de Ruy Lopez, quando sacrifiquei um cavalo com 11. N g5 !.



Bem, essa ideia foi erroneamente atribuída a Tal, mas isso não é verdade. Foi Zaitsev quem pensou nisso, e nós três analisamos, junto com Vasiukov, durante o treinamento em Krasnaya Polyana. E depois mostrei a Tal e Balashov no avião, enquanto voávamos de Tóquio a Manila.

Não consegui listar todas as ideias originais de Igor Arkadyevich (por exemplo, a “Variação Zaitsev” de Ruy Lopez). Deixe-me lembrá-lo de apenas um deles: seu sacrifício de peões de 9 ... e3 na abertura inglesa, que usei no segundo jogo da minha partida pelo campeonato mundial de 1987 em Sevilha contra Kasparov. [Analisado na página 225. - Ed.] Foi uma ideia que surgiu ao Igor quando nós

estavam, pelo que me lembro, já em Sevilha. Naturalmente, não tivemos tempo para analisá-lo completamente. E aqui Kasparov de forma bastante inesperada, em seu primeiro jogo com as brancas, escolheu a abertura inglesa. Depois de

9 ... e3, mergulhou em pensamentos profundos por 40 minutos e, embora tenha achado a melhor resposta, acabou perdendo.



Anatoly Karpov e Igor Zaitsev, maio de 1998

Igor Arkadyevich é um tipo de pessoa experiente e exigente. Ele também tem um bom estilo de escrita, escrevendo alguns artigos notáveis sobre xadrez. Talvez ele seja um pouco desorganizado internamente - ele tem uma personalidade que se distrai facilmente. Caso contrário, ele teria produzido uma pilha inteira de livros que amadores, assim como profissionais, gostariam de ler.

- Anatoly Karpov

Prefácio*

Mark Dvoretsky

Treinador de xadrez mundialmente conhecido

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.5 / 1998. Mark Dvoretsky (1947-2016) foi considerado o principal treinador de xadrez de sua época.

Emanuel Lasker escreveu: “Alekhine cresceu com a combinação; ele estava apaixonado por isso. Tudo que era estratégico era, para ele, apenas uma preparação - praticamente um mal necessário. O golpe devastador, o truque tático inesperado - esse é o estilo Alekhine ”.

Não tenho certeza se essas palavras exatas seriam aplicáveis à produção criativa do quarto campeão mundial. Mas, aplicada a Igor Zaitsev - tanto como jogador quanto como analista - essa avaliação seria 100% precisa. Suas espetaculares descobertas iniciais tornaram-se a glória de todo o mundo do xadrez. Eles, é claro, só chegaram lá de segunda mão. O direito de jogar essas inovações - adquirido por apenas uma taxa simbólica - foi detido primeiro pela Petrosian e depois por Karpov. [Zaitsev trabalhou como analista para esses dois campeões mundiais. - Ed.] (Infelizmente, algumas das características clássicas da intelligentsia russa - e, acima de tudo, desorganização e uma indolência peculiar - também eram características de Zaitsev.)

Mas os artigos brilhantes de Zaitsev parecem ainda mais valiosos para mim. Pois eles revelam os segredos mais profundos das posições no meio do jogo - e às vezes no final do jogo - que ele conseguiu analisar. Tenho uma pasta especial na qual guardei os artigos de Zaitsev. Sempre que um dos meus alunos precisar trabalhar no desenvolvimento da fantasia e da imaginação criativa em uma abordagem concreta e imparcial de uma posição, ele terá acesso a essa pasta.

Mas para a grande maioria dos jogadores, os artigos de Zaitsev eram inatingíveis. Muitos deles foram escritos há décadas, e vasculhar antigos arquivos jornalísticos é uma tarefa difícil e ingrata - e onde você os conseguiria, afinal? Agora, se todos eles pudessem ser reunidos em um livro ...!

Sobre o autor

Eduard Shekhtman *

Treinador de xadrez

* Eduard Shekhtman (1940-2007) produziu a primeira edição deste livro.

Igor Arkadyevich Zaitsev nasceu em 27 de maio de 1938, no subúrbio de Moscou de Ramenskoye, onde foi aluno de honra na escola primária. Seus anos de faculdade foram passados dentro das paredes do Instituto de Engenheiros de Transporte de Moscou. Em 1963, ele se mudou para Moscou e começou seu emprego ativo no Shakhmatnaya Moskva, no Shakhmaty v SSSR e no semanário 64. Este também foi o período em que suas participações em torneios intensivos chegaram ao auge: em poucos anos, Zaitsev se tornou um mestre internacional; e em 1976, um grande mestre internacional, bem como um grande mestre da URSS.

A combinação do dom para a análise e da experiência prática também lhe trouxe sucesso na área de coaching. De 1971 a 1977, ele trabalhou como treinador para Lev Polugaevsky e o ex-campeão mundial Tigran Petrosian. Seu trabalho com eles incluiu as competições de seus candidatos. Durante o período de 1978-1991, Zaitsev foi continuamente empregado como treinador e vice-campeão mundial, Anatoly Karpov. Em 1978, após a partida do campeonato mundial em Baguio, foi agraciado com o título de Treinador Homenageado da URSS e da Rússia.

Por seu trabalho bem-sucedido como treinador sênior da equipe da URSS nas Olimpíadas mundiais de xadrez e nos campeonatos mundial e europeu (por equipes), Zaitsev foi premiado com a Ordem da Amizade dos Povos em 1981.

Zaitsev venceu eventos de grande mestre round-robin em mais de uma ocasião: Moscou 1968, Quito 1977, Dubna 1979, Bucareste 1992 e Orel 1993. Ele venceu mais de 30 eventos na Rússia. Ele foi campeão da Universidade Estadual de Moscou e do “Lokomotiv” (o clube do qual ele permaneceu membro por mais de 50 anos) mais de uma vez. Ele foi medalhista de prata no campeonato russo de 1973 e foi campeão em 1973 em Moscou.

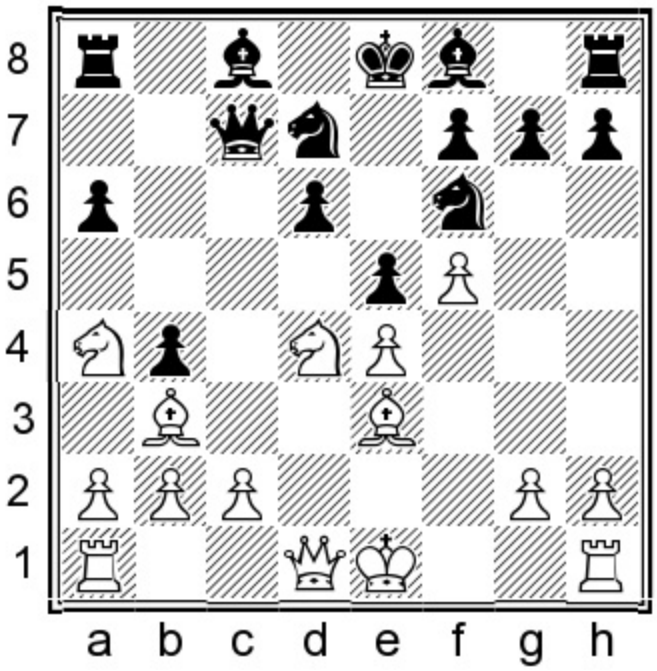
Zaitsev é um jogador de estilo aguçado e combinador. Muitos de seus esforços ganharam prêmios pelo jogo mais bonito do torneio. Aqui está um exemplo:

Zaitsev - Dementyev

Campeonato da URSS, Riga 1970

Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 d6 3.d4 cxd4 4. N xd4 N f6 5. N c3 a6 6. B c4 e6 7. B e3 b5 8. B b3 Q c7 9.f4 b4 10. N a4 N bd7 11.f5 e5



12 N e6 !? fxe6 13.fxe6 N c5 14. N xc5 dxc5 15,0-0 c4 16. R xf6! gxf6 17. Q h5 + K e7 18. Q f7 + K d6

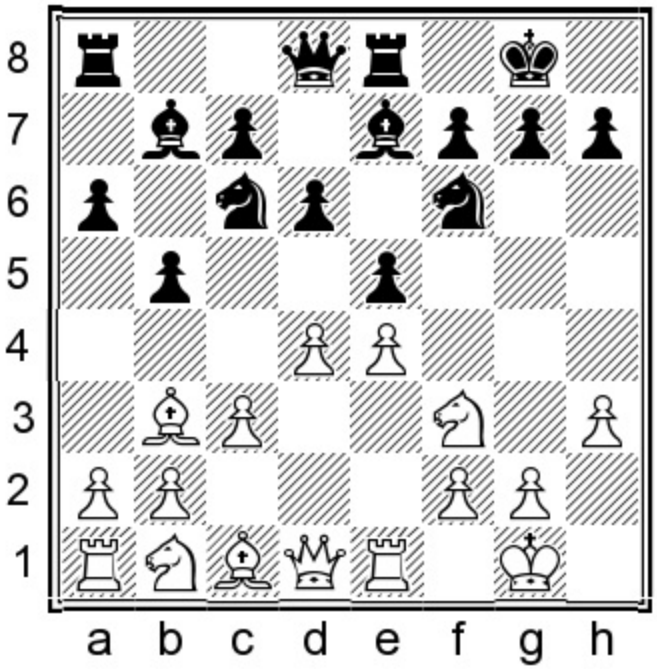
19.e7! Q xe7 20. Q xc4 Black renunciou.

Zaitsev ganhou reconhecimento sem paralelo no mundo do xadrez como pesquisador e analista de xadrez.

Ele propôs muitas novidades inteligentes e sistemas inteiros em várias áreas da teoria. Suas contribuições na elaboração da teoria de tais aberturas clássicas como o Ruy Lopez são realmente grandes.

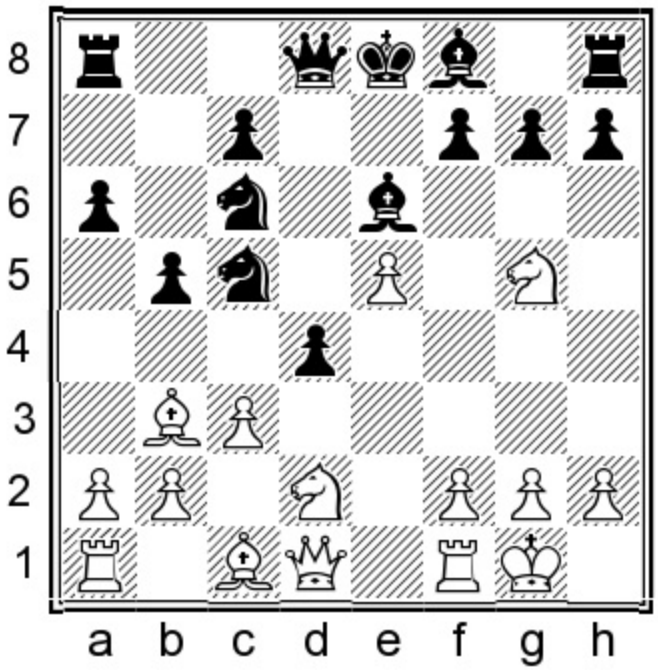
Na Variação Fechada de Ruy Lopez, o Sistema Zaitsev - 1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 a6 4. B a4

N f6 5,0-0 B e7 6. R e1 b5 7. B b3 d6 8.c3 0-0 9.h3 B b7 10.d4 R e8 - tem sido um de seus sistemas mais populares por mais de 30 anos.



E na variação aberta - 5 ... N xe4 6.d4 b5 7. B b3 d5 8.dxe5 B e6 9. N bd2 N c5 10.c3 d4 - seu

descoberta sensacional em 1978-11. N f3-g5 !! (11. N g5 !!) - foi coroado como “Novidade do Século” pela imprensa de xadrez da época.



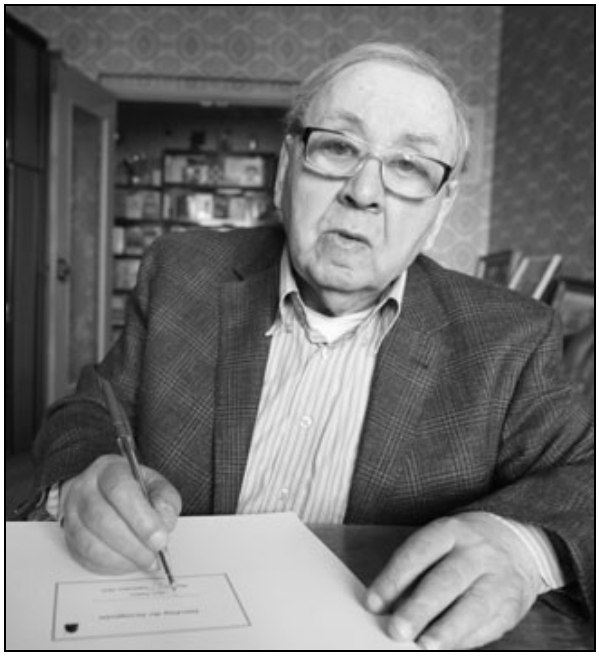
Por fim, a partir de 1967, na Variação Cambial do Ruy Lopez - 4. B xc6 dxc6 5.0-0 - a defesa original que Zaitsev apresentou - 5 ... N e7 !? 6 N xe5 Q d4 7. Q h5 g6 8. Q g5 B g7 9. N d3 f5 !? - está em prova de fogo. [9 ... f5 !? é a jogada mais jogada na posição até hoje. - Ed.]

Igor Zaitsev é um experiente escritor de xadrez. Seus numerosos artigos, escritos em um estilo pitoresco e animado, geralmente visam buscar o terreno filosófico comum entre várias posições de xadrez que ele está estudando. O livro que agora está sendo oferecido é dedicado exatamente ao exame dessas questões.

- Eduard Shekhtman

Prefácio do autor

Igor Zaitsev, mostrado aqui na assinatura de setembro de 2019
a página de assinatura do frontispício para o limitado,
edição numerada de capa dura deste livro.



Uma visita casual de Hugh Verrier, um advogado canadense que se ofereceu para patrocinar o projeto, levou à possibilidade de seu autor publicar seu primeiro livro, que seria dedicado à natureza das combinações de xadrez. Espera-se que os julgamentos filosóficos do autor, bem como os numerosos exemplos retirados de sua práxis e análises, possam oferecer uma ajuda inestimável a uma ampla variedade de leitores.

Antes de enviar o título deste manuscrito, seu autor hesitou por um longo tempo, ponderando se deveria substituí-lo por um de dois mais importantes: “A filosofia da combinação” ou “A geometria da estratégia”. Afinal, às vezes tudo se resume à natureza da combinação do xadrez e à natureza particular dos pontos-chave sobre

o conselho, onde os interesses estratégicos de ambos os lados se encontram. No entanto, em última análise, ambos os títulos dos candidatos ficaram em segundo plano em relação à prioridade de formular estruturas.

Em nossos dias, quando a práxis do xadrez e sua literatura dedicada obscurecem cada vez mais o funcionamento interno do próprio xadrez, submeto para seu julgamento notas em um plano completamente diferente. Devo empreender uma tentativa de combinar alguns fenômenos significativos e característicos do tabuleiro de xadrez em um todo integrado. Portanto, convido meus leitores a terem paciência e, na medida do possível, a ler todas as reflexões do autor sobre os vários elementos da estratégia do xadrez até o fim. Será na segunda parte deste livro que aplicarei as conclusões básicas que recomendo na primeira parte, tanto na análise quanto no jogo prático.

Todo jogador de xadrez achará útil algum dia decidir sobre os processos objetivos que ocorrem no tabuleiro - seja para se ajustar a eles, tomando decisões concretas sobre como jogar uma variação - ou para agir exclusivamente de acordo com seus próprios cálculos e emoções. Muito dependerá da abordagem que tomarmos - pois, por um lado, adquirimos um aliado confiável na forma do exército que comandamos; enquanto, por outro lado, experimentaremos uma indubitável “resistência material” na execução de nossos planos. Com base nisso, é necessário, de tempos em tempos, pensar sobre a natureza do xadrez, comparando suas opiniões com as de outros pesquisadores.

Nas páginas deste trabalho, pretendemos manter uma conversa sobre vários conceitos do xadrez que podem parecer muito abstratos e distantes das reais necessidades dos jogadores. Mas isso seria apenas à primeira vista. Uma compreensão mais cuidadosa de todos esses problemas terminológicos para os jogadores práticos abrirá perspectivas e horizontes adicionais.

Por exemplo, vamos considerar por um momento apenas uma questão avançada por seu autor - o trabalho

hipótese sobre a vantagem discreta do xadrez, e da necessidade de verificar suas formas estáticas e dinâmicas. Tal alquimia determina diretamente o momento em que a combinação deve começar e, à medida que o atacante tira vantagem, o lado defensor deve direcionar todos os seus esforços para buscar os meios de salvação existentes - que ele deve acreditar que existe em algum lugar.

Devido à latitude - e principalmente à novidade - dos problemas que iremos cobrir, seu autor achou difícil seguir uma linha reta de apresentação de seu material. Meus cálculos deixaram intencionalmente a maior parte das questões apresentadas aqui com necessidade de pensamento crítico e desenvolvimento posterior.

- Igor Zaitsev
Moscou 2020

Capítulo um
Combinações

O que realmente sabemos sobre essa coisa chamada xadrez? Cada vez que começamos a pensar nele de forma geral, como um assunto filosófico, ele consegue nos seduzir, desde o início, com seu lado lúdico lúdico. Mas não é apenas por causa dessa tentação que todo esse mundo imutável de puras abstrações, com suas leis internas - das quais o xadrez faz parte - permanece surpreendente e misterioso e, desde o início, está aberto apenas à razão humana.

Este habitante, o Espírito criativo, é incomum. Alguns movimentos de peça bem pensados e o espaço antes imóvel do tabuleiro ganha vida do nosso lado, cheio de força ativa. Assim, ele aciona todos os tipos de mecanismos de xadrez, muitos dos quais adquiriram denominações específicas, bem conhecidas de todos: o “Mate de Légal”, a “torre do desesperado”, o famoso “moinho de vento” e assim por diante.

De que fonte essa energia é constantemente coletada? E por que algumas posições estão literalmente transbordando disso, enquanto outras - bem, estão claramente faltando, não é? Nesta seção, tentaremos examinar essa importante questão pelo prisma de nosso tema principal.

É bastante óbvio que a função deste tipo de *perpetuum-mobile* - garantir um suprimento constante de energia dentro dos limites da área de jogo - garante a cooperação cumulativa das peças de xadrez. No entanto, a experiência nos faz duvidar dos recursos infinitos desse depósito - cada posição meio que trabalha em seu próprio depósito a partir das reservas acessadas.

Mesmo assim, o assunto acaba sendo bastante reparável e uma crise de energia pode ser evitada a tempo se elevarmos o nível de cooperação parcial a um nível mais alto. O grau de cooperação, por sua vez, oscila e depende do conhecimento do jogador sobre como arrancar os espaços ideais para suas próprias peças. A peça bem posicionada, de máxima “sociabilidade”, participa também de um maior número de operações de xadrez, oferecendo ao jogador uma maior escolha de possibilidades.

Implementação de peças e harmonia

Praticamente todo o processo de treinamento de um jogador se resume, em grande parte, ao aperfeiçoamento de sua habilidade no desdobramento das peças. Este - o senso de harmonia - é inato nos grandes mestres deste jogo antigo e nos campeões mundiais. É como se tivesse sido “instalado” neles desde o nascimento.

Idealmente, o nível de cooperação entre as peças de uma pessoa atingirá um nível extremo - e então (isso acontece muito raramente) ocorre a harmonia total. Ilustrações de tais ocorrências acontecem com muito mais freqüência nos tesouros criados na composição dos estudos.

Em um estado de cooperação harmoniosa, a energia de uma posição está em um nível muito alto, permitindo-nos criar quase qualquer ideia correspondente à realidade presente - estritamente xadrez. A principal alavanca para elevar o nível de cooperação das peças, a nosso ver, é o mecanismo de melhoria estrutural da posição - o caminho transformador que pode levar a combinações no tabuleiro.

Uma vez que a característica orgânica básica e distintiva da combinação é o sacrifício de uma parte do material de xadrez de alguém, então deve-se ter em mente que em posições aparentemente difíceis (considerando o número de unidades de combate envolvidas), as próprias combinações podem ser correspondentemente

multinível.

Parafraseando a expressão elevada de que cada peça de mármore contém em si uma bela escultura, pode-se dizer com não menos confiança que cada posição de xadrez - mesmo a mais indefinida - contém potencialmente a semente de uma bela combinação. O difícil é descobri-lo e extrair de sua concha essa pérola brilhante.

Assim, o mestre que executa uma combinação de xadrez pode rivalizar com as ações dos navegadores daquelas primeiras subidas de balão, que, ao soltar o lastro (no xadrez, o material extra) de areia, começaram a voar alto. E um vôo de fantasia combinativa pode ser tão curto ou tão longo.

O ponto inicial e final de cada vôo, no entanto, é uma plataforma no solo. Em outras palavras, qualquer turbilhão combinativo uivando pelo tabuleiro, por qualquer número de movimentos, deve finalmente se aquietar e diminuir. No final, os eternos valores estáticos, que se encontram refletidos nas posições inicial e final, colherão seus próprios frutos, sobrepujando os das táticas que alçaram voo.

Antes de continuar nossa conversa sobre a natureza das combinações de xadrez, parece-me que seria de algum interesse para nossos leitores conhecer duas das descrições de seu autor, dedicadas ao primeiro e ao segundo campeões mundiais de xadrez. Afinal, sua relação com os princípios de execução do jogo combinativo é considerada sua pedra angular. Essa conexão também é especialmente importante, porque foram precisamente Wilhelm Steinitz e Emanuel Lasker as fontes criativas da filosofia do xadrez contemporâneo.

Wilhelm Steinitz

Ao longo da história secular do xadrez, as realizações desse Espírito criativo no tabuleiro de xadrez foram seladas, acima de tudo, na beleza e no fenômeno da combinação do xadrez. E, por sua vez, cada um desses dois atributos independentes está envolvido nas auras da poesia ou da filosofia.

Se a beleza externa (axiomática) do rosto encantador de Harmony é exposta, então sua essência ainda mais atraente, uma apoteose de fusão de peças coordenadas - o milagre da própria combinação
- permanece oculto e difícil de explicar. Os fundamentos da beleza de qualquer tipo são, em última análise, misteriosos.

E, de fato, o processo de execução de combinações, envolvendo a bizarra mistura e fusão de peças brancas e pretas, cria uma espécie de esquemático dos elementos separados, cujas propriedades são secretas e imprevisíveis.

Ainda assim, notamos que o gatilho da combinação é puxado no exato momento em que todo o material, bem como os recursos energéticos acumulados ao longo dos movimentos anteriores, são dispostos apenas para a transformação qualitativa da posição - ou seja , para sua reorganização interna.

E como esse processo é delineado pelo tempo, podemos falar dos pontos inicial e final de uma combinação. Entre esses dois pontos, alertando-nos sobre o que foi e o que seria - a combinação, consistindo de ataques e ameaças, mais escudos e defesas bem encaixados, passa zunindo como um trem expresso, zunindo pelos cruzamentos.

É paradoxal que, apesar de todo o estremecimento que causa, a combinação, aparecendo no papel de reformador incansável, não possa agregar a nenhum dos jogadores uma gota de vantagem estatística. Portanto, a avaliação da vantagem, tanto no início quanto no final, é consequentemente equivalente.

Combinações versus operações táticas

Uma das principais características da combinação é sua ilusão romântica - injetar na posição uma espécie de beleza comovente. Ele simultaneamente desperta forças esmagadoras nele. Toda a energia de sua combinação vai para a mudança da estrutura do oponente - ou mais precisamente, para sua destruição. E se os terríveis eventos que estão ocorrendo no conselho não tiverem efeito sobre a estrutura estratégica em si - bem, não se preocupe com isso: você não tem uma combinação ali, apenas um *operação tática.*

Como uma estrela em colapso, uma combinação concentra-se completamente na transformação de sua estrutura interna, preparando-a, assim como acontece na matemática, para ser "formatada em logaritmos".

Por outro lado, a teorização floreada acima, envolvendo comparações arriscadas, nos leva a um mundo de categorias excessivamente abstratas, longe de nosso tópico ativo.

Praxis parece muito mais bem definido: os velhos mestres de nossa tradição nacional (incluindo, por exemplo, Chigorin e Alekhine) ensaiaram muito apropriadamente o destino fundamental do xadrez ao criarem esses tesouros habilmente feitos para nós.

Mas qualquer criação de longa duração e profundamente pensada (e apenas um exemplo assim pode aspirar a ser um padrão criativo) deve ter um impacto estético mais poderoso - em outras palavras, deve conter algum tipo de ideia imortal.

Até os nossos dias, a evolução da arte do xadrez avançou exatamente nessa direção. Mas a modernidade deve ser vista como uma espécie de palácio - mas com certas renovações, já que a evolução normal da tradição foi estilhaçada no momento em que o microcosmo do xadrez sofreu a invasão de todos aqueles programas de computador.

Espero que possamos falar com mais detalhes sobre todas essas coisas no futuro. Por agora, vamos voltar para 1895, quando o torneio Hastings estava acontecendo - todo mundo sabe disso! - e vamos ver que tipo de credo criativo o primeiro campeão mundial de xadrez trouxe à tona.

Na verdade, Wilhelm Steinitz, tendo perdido inesperadamente uma partida contra o jovem Emanuel Lasker no ano anterior, já havia conseguido se tornar o primeiro ex-campeão mundial da história. (A propósito, David Bronstein observou que um candidato à coroa suprema de xadrez deve sempre ter em mente que uma partida pelo campeonato mundial significa, em última análise, jogar por dois títulos ao mesmo tempo, campeão e ex-campeão mundial!)

Mesmo entre os campeões mundiais, Steinitz, uma pessoa pouco prática, se destacou por seu amor abnegado pelo jogo, que manteve até o fim de seus dias. Nada exigia que ele, o mais antigo dos grandes mestres (nascido em maio de 1836), se engajasse, de 1889 a 1894, em quatro exaustivas partidas pelo campeonato mundial contra adversários consideravelmente mais jovens.

Imagino Steinitz, de 59 anos, correndo para o jogo da décima rodada em Hastings. Caminhando com uma bengala, o casaco balançando com a brisa, ele lembra um pássaro perturbado em sua vara. E esses poucos

as pessoas que passam sorriem para a figura mundialmente conhecida, porém cômica. Mas Steinitz afundou em si mesmo e não percebe. Como sempre, o xadrez domina completamente seus pensamentos. Mais de uma década se passou desde que ele começou a questionar seus problemas secretos. Ao longo dos anos, ele se tornou um filósofo reconhecido e confiável. Ele está confiante de que qualquer jogador de xadrez forte, para não falar dos campeões mundiais, deve seguir seus passos - ele tem suas próprias visões, sua própria concepção do jogo.

Steinitz, o primeiro entre os pensadores do xadrez, rebelou-se contra o papel que o antigo mundo do xadrez atribuía às combinações. Mas sua indignação era dirigida não contra as combinações em si, mas contra as tentativas de resolver absolutamente todos os problemas no tabuleiro de xadrez com a ajuda delas.

Em suas análises e em sua práxis, ele conseguiu mostrar que há um enorme número de posições-padrão onde, ao contrário, seria melhor empregar defesa e profilaxia. Jogadores puramente combinativos o lembravam de pessoas que estavam prontas para sair de férias praticamente todos os dias! Ao mesmo tempo, o próprio Steinitz tinha certeza de que a combinação deveria ser uma ocorrência rara; mas ao aparecer, deve ser um triunfo poderoso.

Assim, tirando a combinação de um pedestal, pretendia levantá-la a uma altura maior. Mas por algum motivo, ele adiou o início desse procedimento. Além disso, com a idade ele se tornou menos enérgico, e o pensador começou cada vez mais a ofuscar o valente lutador.

Os anos foram passando. O tempo restante para sua reavaliação projetada - quase como o tempo restante em seu relógio vital para seu último movimento antes do controle de tempo - foi ficando cada vez mais curto. (Steinitz morreu em 1900, e por alguns anos antes disso sofreu de uma doença grave.) No entanto, foi bom que o destino se dispusesse a que, poucas horas depois de sua caminhada autoconsumida, no dia 17 de agosto, apenas cinco anos antes de sua morte, ele proferiu as palavras mais fortes em defesa da combinação - vencendo, se não a mais curta, então de fato a vitória mais brilhante e memorável de sua carreira.

Steinitz - von Bardeleben

Hastings 1895

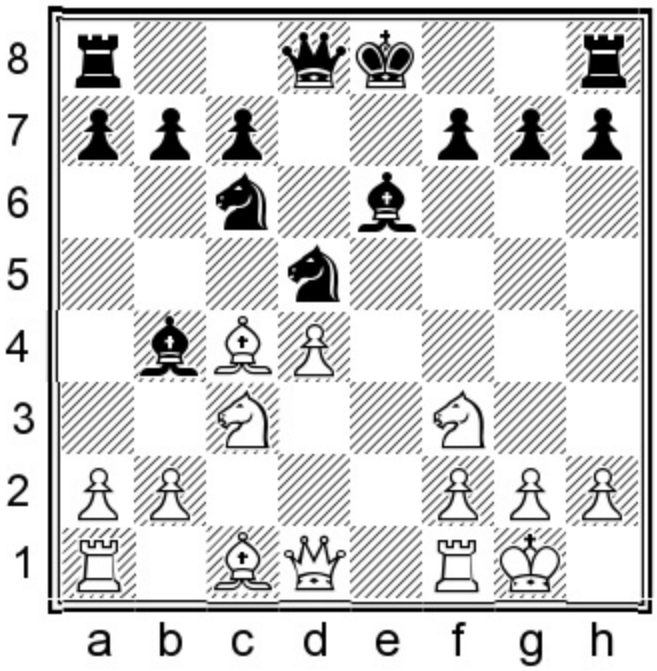
Piano Giuoco

1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B c4 B c5 4.c3 N f6 5.d4 exd4 6.cxd4 B b4 + 7. N c3 d5 !?

A teoria do jogo italiano mal havia começado a tomar forma. É difícil de acreditar, mas naquela época seus poucos ramos pouco atraentes eram tão atuais com os principais enxadristas como dizem os sicilianos, Ruy Lopez ou escandinavos hoje, superanalisados como são!

Poucos anos depois, foi descoberto que as Pretas obtêm um jogo par com 7 ... N xe4 8.0-0
B xc3 9.d5! B f6 10. R e1 N e7 11. R xe4 d6. Mas, em retrospectiva, culpar Black por esse erro seria como culpar o historiador grego antigo Estrabão [o geógrafo e filósofo grego nascido em 63
BC - Ed.] Por deixar o Canal de Suez fora de seu famoso *Geographica.*

8.exd5 N xd5 9.0-0 B e6



10 B g5 !?

Ao mesmo tempo, pensei que aqui 10. N xd5 B xd5 11. Q b3 !? seria muito reconfortante. E, de fato, após o 11 praticamente forçado ... B xc4 (11 ... N a5? 12 B b5 +!) 12. Q xc4 B e7, as brancas obtêm uma vantagem espacial significativa por 13. B d2 0-0 14.d5 N b8, mas o acampamento das pretas carece de pontos fracos. Ele poderia então se defender com sucesso.

13.d5 N b4! 14 Q b5 + parece mais nítido, quando o preto tem que escolher entre 14 ... Q d7 15. Q xb7 0-0 16. B f4
B d6 17. B xd6 Q xd6 - onde, é claro, ele recupera seu peão; e o mais definitivo 14 ... K f8
15 Q xb7 R b8 16. Q xa7 R a8, com empate. Mas também aqui, dúvidas podem surgir: de repente, as brancas podem selecionar um sacrifício de troca obscuro! - 17. Q d4 N c2 18. Q c4 N xa1 19. B f4.

Mesmo assim, sou de opinião que 10. B O g5 não é a forma mais promissora de desenvolver a iniciativa. Em vez disso, posso recomendar 10. B xd5 B xd5 11. R e1 + B e7 12. B f4 (ameaçando assumir c7)
12 ... R c8 13. N e5 !. Portanto, por este motivo, 11 ... K f8 é mais seguro, mas também 12. B f4 mantém o melhor jogo para as brancas.

Esta nota pode revelar-se bastante pertinente, uma vez que no movimento seguinte, após a imprecisão das brancas
10 B g5!?, as pretas tinham uma chance real de alcançar a igualdade aproximada.

10 ... B e7

Notemos que, na aclamada série de Garry Kasparov, *Meus grandes predecessores,*
Volume 1, ele indica que o seguinte era uma alternativa mais segura: 10 ... Q d7 !? 11 B xd5 B xd5 12. R e1 + K f8!
13 R e3 B xc3 14.bxc3 f6 15. B f4 R e8 16. N d2, com uma pequena vantagem para as brancas.

Sem me opor totalmente a esta avaliação, aconselho lidar com mais atenção com o seguinte:
10 ... Q d7 11. N xd5 B xd5 12. Q b3 B xf3 (se 12 ... B xc4 13. Q xc4, as brancas têm, em vista da poderosa ameaça de d4-d5, uma iniciativa definitiva) 13. Q xf3 0-0 14. R ad1 N xd4 15. Q xb7. Também aqui as brancas têm uma pequena vantagem.

E assim, no curso de um único movimento - ou mais precisamente, dois meios movimentos - ambos os lados trocam imprecisões; e a vantagem do xadrez retorna ao status quo.

11 B xd5! B xd5 12. N xd5!

As brancas não acertariam o alvo com 12. R e1 0-0! 13 B xe7 N xe7 14. R xe7 B xf3 15. Q e1 B c6 16. Q e5
R e8.

12 ... Q xd5

12 ... B xg5 leva à perda de um peão após 13. N xc7 + Q xc7 14. N xg5. No entanto, 13. R e1 + N e7 (13 ... B e7 14. Q b3) 14. N xc7 + Q xc7 15. Q a4 + pode ser mais forte ainda.

13 B xe7 N xe7 14. R e1

Em relação à posição com um peão central isolado (e claro, você tem exatamente esse tipo de posição diante de você), no final do século 20, um diagnóstico simples e sem erros foi feito, sustentando que sempre favorece o lado tendo a vantagem no desenvolvimento. Se as pretas estiverem mais desenvolvidas, ele deve controlar as linhas de troca e sufocar as brancas com o bloqueio. Mas se for Branco, como no nosso caso aqui, ele terá recursos dinâmicos para montar um break central.

Ao desenvolver essa operação central, o lado ativo, via de regra, realiza uma invasão e desenvolve um ataque direto. Como vocês verão, aqui temos não só a avaliação, mas também todo o programa de desenvolvimento das ações decorrentes.

14 ... f6

Em 14 ... c6, 15. Q d3! Q d6 16. N g5! parece muito bom, quando a pressão das brancas cresce aos trancos e barrancos: 16 ... Q g6 17. Q e3 0-0-0 18. Q xe7 R he8 19. Q xe8 R xe8 20. R xe8 + K d7 21. R e5 f6 22. N e6.

15 Q e2 Q d7 16. R ac1

Em 1973, nas páginas da revista semanal *64,* no artigo "Stopped Seconds", seu autor submeteu esta posição clássica a um teste analítico completo e chegou à conclusão de que aqui, com
16 ... K f7 !, Black poderia ser totalmente bem-sucedido em se defender (17. Q xe7 + Q xe7 18. R xe7 + K xe7
19 R xc7 + K d6 20. R xg7 R hc8 21.g3 R c7 tem mais probabilidade de favorecer as pretas).

Mas se for assim, então inevitavelmente nos encontraremos contrariados pela regra de manter a vantagem no xadrez, uma vez que na posição inicial as chances das brancas já são um pouco melhores. Portanto, o resultado não está de acordo com nossa conclusão atual de que 16 ... K f7! permite que as pretas se igualem. Algo não está certo aqui! Essas contradições insolúveis, rompendo os princípios inabaláveis de manter a vantagem, só podem ser removidas pressupondo que em algum lugar foi Steinitz quem também se enganou. Assim, as brancas teriam que fortalecer sua mão superior após o óbvio erro de sétima jogada das pretas.

Infelizmente, o trabalho de um analista de xadrez é muito semelhante às ações de um detetive que busca uma pista. Mas, por enquanto, todos os nossos esforços são em vão. Por exemplo, nem 16.d5 (em vez de 16. R ac1) 16 ... K f7
17 R ad1 R ad8 18. Q e6 + Q xe6 19.dxe6 + K g6 20. R d7 N d5 21. N d4 N b4! 22 R xd8 R xd8 23.e7 R e8
24 N b5 N d5, nem 16. R ad1 K f8! (16 ... K f7 seria um erro: 17. Q c4 + N d5 18. N e5 +! fxe5 19.dxe5 deixaria as pretas lutando com dificuldades insolúveis) 17.d5 !? N xd5 18. N g5! (explorando o fato

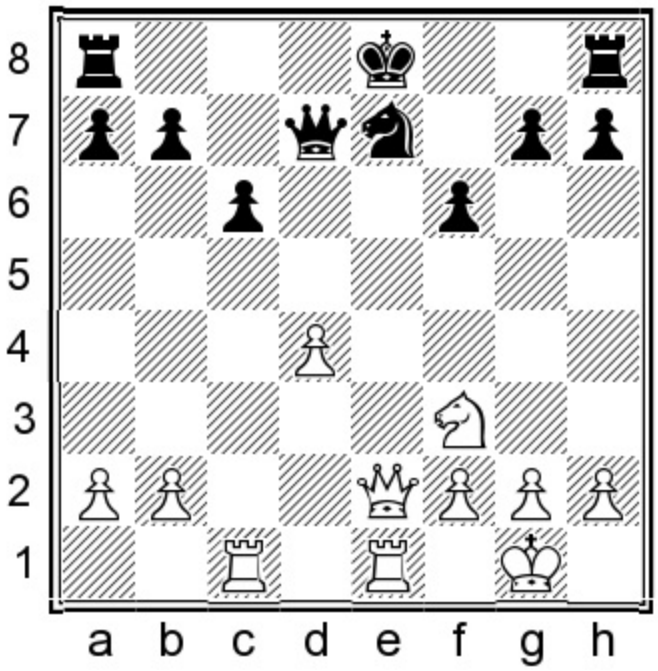
aquele 18 ... fxg5 ?! 19 Q f3 + Q f7 20. Q xd5 dá às brancas um final de jogo vencedor) 18 ... R e8 19. Q f3 c6!

20 Q a3 + K g8 21. N e4 b6 22.b4! g6 23. Q b3 K g7 24.b5 bem-sucedido. Nenhuma das linhas dá às brancas sequer uma chance de obter uma vantagem de vitória.

No final, só conseguimos uma dessas posições de igualdade dinâmica, onde, por seu peão, as brancas mantêm uma pressão definida, mas nada mais.

Mas vamos deixar essa questão de lado por enquanto e continuar nossa progressiva progressão pelo placar desse jogo, prometendo ao leitor que mais tarde ainda conseguiremos "incriminar" nosso primeiro campeão mundial pela perda de sua vantagem inicial.

16 ... c6



Aqui eu gostaria de me distanciar do curso da luta neste jogo para fazer as seguintes observações. Em princípio, cada jogo jogado pode servir como ilustração de uma série de posições estratégicas ao mesmo tempo - ainda mais, porque muitos de seus elementos estão intimamente ligados uns aos outros.

Temos procurado abordagens para elaborar uma nova definição do que é, em nossa opinião, uma combinação de xadrez - que pretendemos apresentar para seu julgamento na conclusão deste capítulo. Aqui, como uma prévia do outro tema que planejamos, "Atacando o Ponto Forte", gostaríamos de postular, de antemão, o que estamos dispostos a chamar de quadrados versus o que chamaremos de pontos.

Um dos teóricos soviéticos mais conhecidos do xadrez, o grande mestre Vladimir Alekseevich Alatortsev, escreveu sobre isso da seguinte forma: "Uma casa que está ocupada, seja por uma peça ou peão - chamaremos de ponto" (VA Alatortsev, "Problemas de Xadrez Contemporâneo Theory, "Fizkultura i Sport, Moscou
1960). Ou seja, se se falasse do mérito, um "ponto" seria um quadrado inacessível, em determinado momento, a qualquer uma de suas peças.

Mas o progresso geral no xadrez deve ser continuamente aprofundado e tornado mais específico. E agora -

depois de seis décadas de eventos de xadrez se passaram desde a publicação deste trabalho - eu arriscaria sugerir uma formulação completamente diferente:

Na minha opinião, *um ponto estratégico no xadrez deve ser considerado qualquer casa ocupada por uma estrutura de peões, ou ao alcance dela como resultado de uma jogada ou captura.* Os pontos criam um espaço, que é a esfera de interesse ativo para a estrutura de peões. A supervisão desses pontos por peças é considerada apenas no contexto: é um ponto forte ou um ponto fraco?

Nós avançamos com esse argumento sobre a terminologia apenas porque um exemplo claramente compreensível ocorre neste momento em nosso jogo.

O quadrado d5, após o avanço c7-c6, acaba de se converter diante de nossos olhos em um ponto forte estratégico para as pretas, o que dá às brancas a base para executar o estratagema de que falaremos mais adiante: d4-d5 !, ou “ atacando o ponto forte. ” E note que, até agora, o quadrado d5 não foi convertido em um ponto estratégico, e o avanço d4-d5 não teria dado às brancas nenhum dividendo particular.

17.d5!

Essa descoberta imediata, “contra um ponto forte”, torna-se o ponto de partida para uma combinação.

17 ... cxd5

Depois de 17 ... K f7 18.dxc6 N xc6 19. Q c4 + K f8 20. Q c5 + K f7 21. R cd1 Q c7 22. Q f5 (com as ameaças de 23 R d7 + e 23. N g5 +), as brancas têm mais do que o suficiente para mostrar sua superioridade.

18 N d4!

Ameaçando o mortal 19. N f5.

18 ... K f7 19. N e6! R hc8

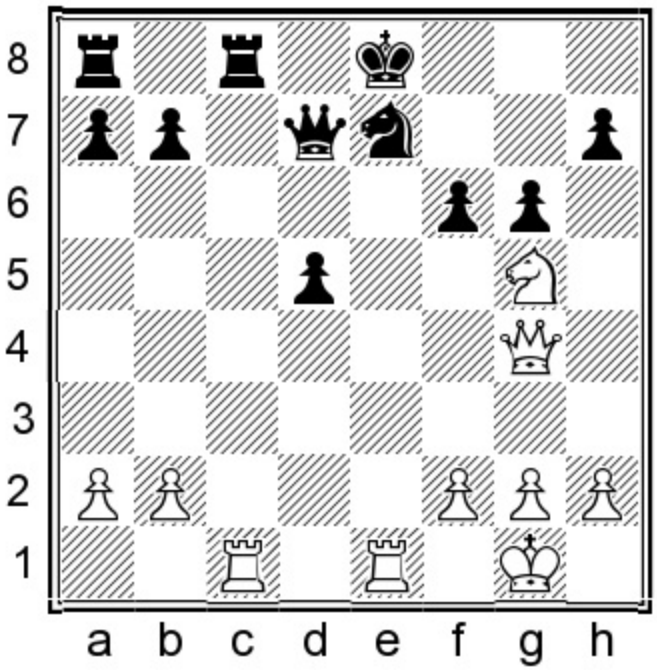
Uma defesa necessária contra a incursão da torre branca em c7.

20 Q g4!

Agora é o ponto g7 que está sob ataque!

20 ... g6 21. N g5 +! K e8

Mais uma vez, forçado.



22 R xe7 + !!

O ponto culminante de todo o plano de White, exibindo as incríveis interconexões, envolvendo todo o reino do tabuleiro de xadrez. (Pontualmente, Hegel escreveu que as idéias geométricas são primárias). Nesta casa - como em todas as casas da sétima linha - a torre das brancas acaba sendo totalmente intocável:
22 ... K xe7 23. R e1 + K d6 (23 ... K d8 24. N e6 +, e as pretas perdem sua rainha) 24. Q b4 + K c7 25. N e6 + K b8
26 Q f4 + R c7 27. N xc7 Q xc7 28. R e8 #; ou 22 ... Q xe7 23. R xc8 +.

22 ... K f8 !?

Agora, inesperadamente, as brancas também têm - em vista do companheiro de defesa que o ameaça - absolutamente todas as suas peças sob ataque. Por um momento, parece que Bardeleben conseguiu enganar seu oponente. Mas ...

23 R f7 + !!

Não, mais uma vez, o mesmo motivo geométrico salva White.

23 ... K g8 24. R g7 + !! K h8

Não há como voltar atrás: se 24 ... K f8, então 25. N xh7 +! e, por fim, a rainha preta cai - com xeque.

25 R xh7 + !!

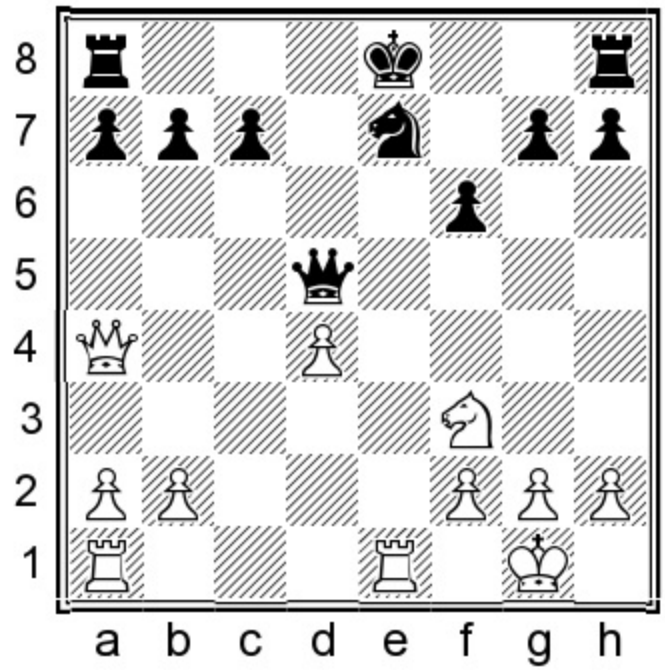
"Minha nossa! Quanto posso aguentar? ” Bardeleben deve ter pensado consigo mesmo. E então, sem dizer uma palavra, ele saiu do salão do torneio, indicando capitulação completa.

Um empolgado Steinitz demonstrou para os espectadores embalando firmemente em torno dele os acordes finais da sinfonia: 25 ... K g8 26. R g7 +! K h8 27. Q h4 + K xg7 28. Q h7 + K f8 29. Q h8 + K e7 30. Q g7 + K e8
31 Q g8 + K e7 32. Q f7 + K d8 33. Q f8 + Q e8 34. N f7 + K d7 35. Q d6 # !. Um verdadeiro planetário de xadrez, dando uma imagem completa da expansão do cosmos do xadrez.

Mas não é sem razão que na seção inicial falamos de um certo inesgotável

ideia, que deve acompanhar todos os tesouros do xadrez. O misterioso desaparecimento da vantagem inicial de alguém - o que não deveria acontecer com um jogo adequado (cf. a nota do 16º lance das pretas) - me trouxe a idéia de reconstruir todo o ataque das brancas.

Não vou descrever em detalhes todo o enorme anel analítico que meus pensamentos tiveram que percorrer antes da ideia de 15. Q a4 + !! nasceu (no lugar do que parece ser o 15 natural. Q e2).



Agora, se Black deve continuar com 15 ... Q d7 (a variação 15 ... c6 16. Q b4 Q d7 17. R xe7 + Q xe7
18 R e1 é muito ruim para ele), depois dos 16. Q b4! K f7 17. Q xb7 R hb8 18. Q e4, ele fica com sérias dificuldades. Duas outras tentativas, (a) 15 ... K d8 16. Q b4 N g6 17. R ac1; e (b) 15 ... K f8 16. Q b4 R e8
17 R ac1! a5 18. Q a3 c6 19. R c5 Q d7 20. R xa5, também permite às brancas uma vantagem significativa.

E assim fica óbvio que 15. Q a4 + !! foi a continuação de ataque mais forte. É sabido que definir o problema significa que você está no meio do caminho para resolvê-lo. Resta apenas terminar o que começamos - tentar lançar dúvidas sobre a única possibilidade restante das pretas, 15 ... K f7!?.

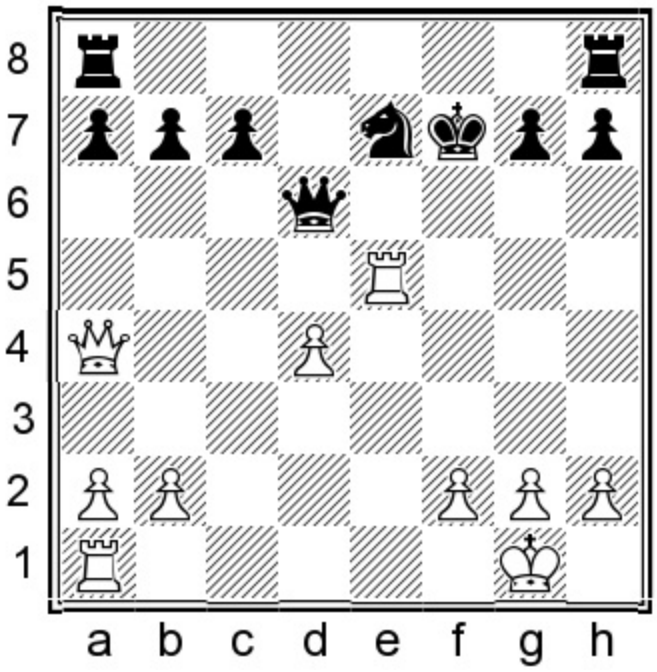
Depois dos 15 ... K f7, comecei a analisar duas continuações, trazendo as seguintes variações (fornecidas aqui de forma consideravelmente reduzida) do meu artigo de 1973:

(a) 16. R ac1 Q d6! (em 16 ... c6 17. R xe7 +! K xe7 18. Q b4 + K f7 19. Q xb7 + ou 18 ... Q d6 19. R e1 + K d7
20 Q xb7 +, quando tudo está surgindo rosas para Branco) 17. Q b3 + N d5 18. R c5 R hd8 19. R ec1 K f8
20 Q xb7 R ab8 21. Q xa7 R a8 22. Q b7 R ab8 23. Q c6 Q xc6 24. R xc6 R xb2 25. R 6c2, e as brancas são um peão do bem. Mas na época - 4 anos atrás - isso não parecia convincente o suficiente para mim, e voltei minha atenção para uma possibilidade combinativa diferente.

(b) 16. N e5 + fxe5 (no futuro, é verdade, os analistas definitivamente terão que encontrar a verdade na variação lateral 16 ... K f8 17. N d3 Q d6, ou 17 ... N g6) 17. R xe5 Q d6 - ao chegar a esta posição, calculei apressadamente (no prazo do jornal) que depois das 18. R ae1 ?! N g8, as pretas seriam capazes de sobreviver.

No entanto, 10 anos depois, Efim Petrovich Geller, durante uma viagem de Moscou a Murmansk, para o

medido click-clack das rodas do trem, encontrou um acabamento brilhante para esta ideia:



18 Q c4 +! K f8 19. R ae1 N g8 (nem 19 ... R e8 salvá-lo: 20. R e6 Q d7 21. R 1e4 !, com um ataque irresistível) 20. R d5! Q c6 21. Q b4 +! (sem dar a Black um momento para preparar sua defesa) 21 ... K f7 22. R c5!
Q d6 23. Q c4 +! K f8 24. R xc7, com posição vencedora para as brancas.

Peças brancas *pelo visto* pareciam despreparados para o ataque, mas demonstraram uma cooperação incrível na execução da combinação.

Continuando o discurso sobre o papel no xadrez desempenhado pelas disposições básicas mais comuns - isto é, um discurso sobre a base de toda a filosofia do xadrez - é claro que não podemos passar silenciosamente pela evolução de nossas atitudes em relação à combinação de xadrez que ocorreu em a década seguinte à saída do primeiro campeão mundial.

Emanuel Lasker

Depois de trocar de lugar com Wilhelm Steinitz no posto de campeão em maio de 1894, Emanuel Lasker tornou-se o segundo campeão mundial. Sem dúvida, ele permanecerá na história do xadrez não apenas o jogador mais forte de seu tempo (Lasker manteve o título oficial de campeão mundial por 27 anos completos!), Mas também um de seus pensadores mais sérios, tendo uma grande influência no desenvolvimento do xadrez. (Adicione a isso a colorida figura de Lasker, que também era conhecido no mundo todo por sua instrução em xadrez. E ele tinha doutorado em matemática e filosofia.)

A inovação de Lasker consistia principalmente em ser o primeiro entre os jogadores talentosos a iniciar o uso extensivo de uma preparação psicológica delicada. Naturalmente, esse lado das preparações especiais de um jogador de xadrez não teria sido anunciado ou revelado aos oponentes.

Mesmo agora, no entanto, existem mais do que alguns defensores de uma abordagem diferente: ou seja, que no xadrez deve-se lutar exclusivamente contra as peças do inimigo, sem demonstrar qualquer desejo de tirar vantagem de suas idiossincrasias pessoais - para sempre e em todas as circunstâncias “ jogue a posição. ”

Devo dizer que tal ponto de vista, procedente dos requisitos de pura habilidade, parece muito

atraente. Mas o xadrez contemporâneo passou muito tempo em desenvolvimento, desprezando a esterilidade das idéias, mas obedecendo às exigências da luta esportiva - e permitindo tudo que não vá contra a observância da ética do esporte.

Analisando o oponente

Teria sido mais meticuloso à luz da moral do final do século 19, até o início do século 20 libertado, manter essas considerações em segredo. No entanto, tudo o que está escondido deve eventualmente ser revelado.

Vamos ver o que Lasker escreveu em 1910 sobre sua partida contra Carl Schlechter:

> *Ele [*Schlechter] *tem um estilo completamente diferente dos meus oponentes de jogo dos quinze anos anteriores - Steinitz, Tarrasch, Marshall ou Janowsky. Esses jogadores sempre se esforçaram pela iniciativa, enquanto o campeão austríaco dá maior peso à segurança. Mesmo a perspectiva de vencer não o tenta. Como vencer alguém que vê com a mesma frieza qualquer aumento em sua vantagem, ou ameaças de ataque intencional - porque sua própria segurança é primordial?*

Parece que essas palavras escondem nada menos do que sua irritação mal disfarçada com a ausência de uma quantidade suficiente de ambição esportiva e criativa (isto é, para alguém que pretende lutar pelo título de jogador mais forte do mundo), que seria tão necessário em tais circunstâncias. Mas alguém estaria seriamente enganado ao considerar as expressões pós-jogo de Lasker como uma mera repreensão ao oponente e uma repreensão moderada por jogo insuficientemente ativo.

Graças a Deus que há pelo menos um século - e talvez ainda mais atrás - o mundo do xadrez percebeu que o que é considerado o nível de classe de um jogador (suas habilidades técnicas, o virtuosismo de sua execução magistral - em suma, tudo que tem a ver com seu nível de conhecimento) em certas circunstâncias pode estar sujeito a críticas legítimas. Mas seu estilo, fluindo exclusivamente de sua compreensão individual da posição e totalmente dependente dos dons naturais do jogador, não está sujeito a discussão ou crítica.

E, claro, o bem-educado, contido e racional Lasker não se permitiu lançar ataques críticos, lançando dúvidas sobre as habilidades criativas de seu oponente recente. Então o que foi?

Talvez agora seja a hora de lembrar que, durante muitos anos de seu campeonato (e dezesseis anos já se passaram), o rei do xadrez se acostumou com suas vitórias repetidas e incondicionais e seus resultados triunfais. No entanto, aqui, de forma bastante inesperada, sua partida com Schlechter terminou em empate (pontuação: + 1 = 8 -1). E na maior parte do tempo, Lasker estava atrás. Foi apenas por um presente do destino - ganhar uma posição claramente inferior (ou talvez até mesmo perdida) no décimo jogo final - que lhe permitiu milagrosamente salvar sua reputação de jogador de melhor classificação do mundo.

A torrente de palavras que deveria ter varrido a dor desse infortúnio relativo, involuntariamente trouxe à tona uma partícula do que nos interessa.

Não, de forma alguma estamos tentando levantar suspeitas sobre o grão-mestre de algum tipo de especial,

falha de personagem oculta. (Em relação às suas ideias pré-jogo, deixe os profissionais modernos que estão preparados para ser absolutamente abertos - que joguem pedras.) Como se costuma dizer, *é a vida* - e tais são as regras da competição esportiva.

E agora, vamos ao básico. O não dito - ao qual não é possível deixar de prestar atenção - está incluído no que é enfatizado no texto principal de Lasker - aquela frase sagrada, “Como alguém derrota seu oponente?” (Observe a conotação: "derrota", não "outplay".) Se alguém tentar regenerar a metade que falta da questão, preenchendo o vazio semântico, só então tudo cairá em seu devido lugar: "Em que estilo deve-se jogar a fim de derrotar um oponente específico, alguém com um perfil de xadrez definido? " Era nisso que pensávamos o nosso segundo campeão mundial.

Acredita-se que Lasker não tenha resolvido sozinho o problema mais urgente naquele momento. Esta foi a primeira vez que ele se deparou com esse tipo de coisa. Na verdade, ele ainda não havia resolvido isso em 1921, quando encontrou quase a mesma maneira de jogar no Capablanca. (Isso, é claro, é algo para se pensar.) Por outro lado, antes da partida contra Schlechter e outros adversários famosos, ele sabia como abordar esse problema, lutando contra ele da mesma forma que fez uma lenda literária semelhante, Sherlock Holmes - com a ajuda do raciocínio dedutivo no silêncio de seu estudo, muito antes do início do jogo.

E eu garanto a você, não havia nada de traiçoeiro ou charlatão nisso, nenhum alemão "três, sete, ás" [uma referência ao conto de Pushkin sobre ganância, *rainha de Espadas* - Tr.], Mas uma cadeia de raciocínio bem construída e lógica, trazendo ao seu criador merecidos sucessos.

Mas para nós, neste caso, o próprio processo ainda é mais importante do que o seu resultado. Pois isso mostra que Lasker atribuiu valor primário à observação cuidadosa do oponente. Então, vez após vez, ele definia o curso da ação vindoura, antecipando a direção e o caráter de seus próximos encontros.

Sem dúvida, este trabalho preliminar também incorporaria a reflexão de linhas de abertura. No entanto, considerando o estado da teoria contemporânea - e especialmente considerando que as derrotas puramente fora da abertura eram uma ocorrência excepcionalmente rara (o que significava que ocupar-se em um estudo especial delas seria completamente inútil) - a importância de seu repertório de abertura não teria sido muito bom.

Conseqüentemente, a maior parte de todos os seus complexos preparativos teria se concentrado na escolha de abordagens e técnicas, que em nossos dias, em todas as formas de esporte, são denominadas resumidamente de método psicológico. Foi o gênio de Lasker, com sua inclinação mental sistemática para a matemática, sempre disciplinar qualquer busca criativa e colocá-la em total conformidade com as regras.

Claro, isso foi uma espécie de exibição de sofisticação e flexibilidade mental. Certamente, se um jogo de xadrez é uma luta entre dois intelectos, então por que não deveríamos levar em consideração todos os atributos do adversário, não apenas aqueles estritamente xadrez? Não deveríamos considerar todos os seus outros atributos e conhecimentos?

No primeiro estágio, as coisas basicamente iam direto para o estudo detalhado da individualidade do oponente no xadrez (para tomar talvez o exemplo do próprio Schlechter), a ser encontrado mais claramente incorporado em

seu estilo. Depois disso, surge imediatamente a questão mais especializada de quão apropriado é jogar contra um mestre em particular em relação a combinações - seja para provocar complicações ou evitá-las. Lasker teve de explicar finalmente em que consistiria a própria combinação, em que condições sua execução favoreceria sua posição e em que condições seria prejudicial.

Como sabemos, os ensinamentos de Steinitz (com os quais Lasker, fiel à sua abordagem pessoal, se familiarizou em detalhes durante sua preparação para sua partida contra o primeiro campeão mundial) lançam alguma luz sobre o princípio de detecção de combinações por meio de indicadores estruturais, e sobre o estabelecimento de uma relação aceitável de jogo entre os elementos posicionais e combinativos.

Lasker ficou impressionado com o início construtivo de Steintz, transformando o micro-caos do xadrez em um microcosmo ordenado. Ele começou a se tornar um divulgador zeloso e, depois, também um pesquisador forte e independente na área da filosofia do xadrez.

Mesmo assim, antes de continuar nossa narrativa, arriscaremos dizer-lhe nosso próprio julgamento. A representação teórica geral do jogo por Wilhelm Steinitz, a despeito de toda sua incompletude e excentricidade, conseguiu, no entanto, vincular-se organicamente com sua práxis. Parece-nos que, ao contrário de seu antecessor, a harmonia ideológica interna de Emanuel Lasker é consideravelmente mais difícil de ouvir. Com teimosia invejável, ele tenta chegar a conclusões que vão muito além desses limites.

O esforço de Lasker para criar uma teoria geral da luta - uma teoria dos jogos - é bem conhecido. Da mesma forma, ele tendia a dar um caráter universal a algumas de suas conclusões, de modo que mais tarde pudesse generalizá-las a outras áreas da vida social. Ao ler suas obras, você se pega pensando que tudo isso é apenas um prelúdio para algo mais importante - que o principal, por uma razão ou outra, está sempre sendo adiado “para mais tarde”. E isso mais tarde, ele sempre tem em mente transferir seus pensamentos para algum assunto consideravelmente mais importante.

Pode-se talvez dizer que Steinitz estava totalmente absorvido no xadrez (completamente nas variações), enquanto Lasker quase ficou a alguma distância dele.

Na última parte de sua carreira, Lasker publicou um notável manual do jogo de xadrez, e mais de uma geração de mestres do xadrez foi criada nele. Ele resumiu nisso mais de meio século de experiência, aplicando a teoria de Steinitz à prática. Uma das seções deste notável trabalho é totalmente dedicada aos problemas de combinações.

Em suas páginas, em sua análise, o campeão mundial lança dúvidas em alguns lugares, enquanto em outros, ao contrário, demonstra a correção na execução das ideias combinatórias neste ou naquele caso particular. Enquanto sua conclusão geral - que você pode ler facilmente nas entrelinhas - parece agora ser tão simples e natural que seu princípio (assim como, por exemplo, a fórmula para a famosa Lei da Gravidade de Newton) pode ser dado por todo verdadeiro discípulo: fato de que toda combinação deve possuir base posicional e motivo.

Embora este axioma dentro das coordenadas da sabedoria do xadrez seja absolutamente verdadeiro, também acontece que esta abordagem psicológica concreta que Lasker freqüentemente faz uso permite mover continuamente os limites do que é permissível - como se dando ao jogo combinativo um vento novo, ou coordenadas completamente novas.

Esse foi um enriquecimento estratégico muito importante das ideias anteriores de combinações. Na maioria

Em sentido simplificado, isso significava que, por exemplo, ao jogar alguém que provavelmente preferiria um jogo claro e lógico, pode-se - e poderia - provocar complexidades combinativas, mesmo ao custo de um certo risco.

Este novo impulso criativo marcou o início de uma nova era, uma nova direção. E talvez o representante mais claro dessa nova direção, que conseguiu - de maneira brilhante - explorar essa inclusão do fator humano, foi o inesquecível Mikhail Tal. Embora, é claro, os resultados alcançados com a ajuda desse método na era Lasker também continuem a impressionar.

O que é mais surpreendente, entretanto, é que a presença em uma combinação de "buracos" ou "cozinheiros" (ou apenas erros) duvidosamente avaliados não reduz, via de regra, seu efeito estético (se você rejeitar o interesse puramente acadêmico ou analítico)

Portanto, na combinação, o que nos impressiona não é tanto a perfeição de seu mecanismo, mas a quantidade de tarefas práticas que são resolvidas com seu auxílio. Os meios pelos quais atinge seus objetivos são provavelmente valiosos para o pesquisador ou para o treinador, mas não para o espectador.

Se alguém analisar os torneios em nossa era do computador, certamente descobrirá que alguns dos maiores títulos agora começam a jogar com muito mais liberdade, permitindo uma virada premeditada na direção de continuações esteticamente complexas, duvidosas e às vezes até temerárias. Eles fazem isso como se estivessem satisfeitos com o fato de que o jogo sem erros é inalcançável, e como se desejassem muito alcançar no xadrez um nicho puramente humano. (Provavelmente, uma máquina jamais poderia ser programada de forma que o lado superior corresse um risco “consciente”.) Tudo isso leva ao aumento do entretenimento esportivo nos jogos, embora sem dúvida reflita negativamente em sua qualidade.

Bem diante de nossos olhos, nossa impressão do que constitui um erro e nossa atitude para com o mesmo estão mudando. Em certo sentido, o que freqüentemente acontece é a busca não de uma vantagem objetiva, mas de posições nas quais nosso oponente terá muito mais dificuldade para descobrir as respostas adequadas. O mundo do xadrez, sob pressão do computador, não retornará à abordagem psicológica, cujo precursor em sua época foi Lasker, esforçando-se para fazer uso da pressão psicológica como uma nova dimensão adicional no jogo combinativo?

Mas voltemos ao nosso tema. Agora, talvez, tenha chegado o momento certo para apresentar meu próprio senso de combinação de xadrez. Em nosso avanço em nossa tarefa, juntos nos tornaremos mais e mais convencidos de que o papel transformador da combinação se resume a converter as formas estáticas (material passivo) em dinâmicas - iniciativa (a cooperação de peças) e ataque (objetivo- cooperação dirigida de peças), dependendo basicamente do tempo, medido por tempos de xadrez. *A combinação é empregada para adquirir atividade prolongada e dinâmica ao custo de material sacrificado, a fim de destruir a estrutura do oponente. Parece-nos que, se todos os esforços posicionais do xadrez são usados para consolidar a própria estrutura, então os esforços combinados têm como objetivo enfraquecer a estrutura do oponente.*

Capítulo dois
Estratégia e Estrutura

Pensar sobre a natureza do xadrez pode ocasionalmente nos levar a considerar o que causou as mudanças nas épocas do xadrez. Então, provavelmente, teremos que nos perguntar simultaneamente: o que realmente consideramos cair neste conceito extraordinariamente amplo de um *época do xadrez?*

Algumas - na verdade muitas - respostas a essa pergunta podem ser oferecidas. Entre eles, no entanto, eu escolheria aquele que define uma época do xadrez (certamente não apenas conectada a seus marcadores cronológicos) como um período significativo na história do xadrez, caracterizado principalmente pela prevalência teimosa e duradoura no mundo do xadrez de certo abordagens e direções criativas, e não de outros.

Ciclo das épocas do xadrez

Concordar em aceitar essa formulação reconhecidamente muito esquemática - e presumivelmente um tanto simplificada - nos permite direcionar o curso de toda a nossa conversa para um canal diferente, que se encaixará mais confortavelmente nas inferências que se seguem. Daqui se segue, fácil e consistentemente, que o estilo contemporâneo de jogo deve então ser baseado na agregação de métodos criativos concretos que se recomendam de forma mais eficaz até os dias atuais.

E é completamente natural que na prática (embora mantendo a panóplia completa do trabalho manual de xadrez de indivíduos), a grande maioria dos profissionais de xadrez também prefira este estilo eficaz (e no momento, tecnicamente bem equipado). Pois, para poder dar vida às nossas impressões mais atuais de todas as nuances da luta do xadrez, teríamos vindo armados com o aparato lógico mais aprimorado.

É precisamente por essa razão que as questões de escolha de métodos e direções criativos permaneceram na frente e no centro ao longo de todo o curso da história do xadrez. A cada turno ao longo de algumas décadas, os grandes representantes da guarda avançada das gerações anteriores de xadrez lentamente começam a desaparecer. Nos espaços que eles desocuparam, entra a talentosa geração mais jovem, cheia de ideias ambiciosas e originais. Mas aí também a solenidade aparentemente predeterminada da nova escola, enriquecida com idéias, torna-se real apenas sujeita à superioridade demonstrável de um estilo ultra-hipermoderno diferente (para usar a expressão de Tartakower). Pois a mudança de eras no xadrez é, de fato, não apenas uma mudança de nome, mas a mudança de abordagens criativas!

Os anos fazem com que até os maiores jogadores se esforcem para ficar no controle das coisas. E a primeira coisa que eles devem pensar em tal situação é como se esforçar mais, objetivamente, para ajustar seu estilo de jogo usual às circunstâncias e exigências de hoje. Notamos que esse destino - uma adaptação forçada aos tempos - não poderia ser evitado nem mesmo por uma de nossas estrelas de longa data.

E assim sempre acontece, de um ciclo de renovação para o próximo. Consequentemente, segue-se da lógica de nosso raciocínio que o culpado óbvio de todas essas mudanças é, antes de mais nada, exatamente o que foi, apenas recentemente, o estilo universalmente aceito: um processo gradual de “amadurecimento”, ocorrendo de acordo com as circunstâncias que fazemos ainda não entendo totalmente. Mas podemos presumir que também impulsionar essa é provavelmente uma razão interna poderosa que também devemos tentar descobrir.

Habilidades versus compreensão

Na verdade, sempre me pareceu que dos dois componentes complementares, diferindo livremente na criatividade de qualquer jogador profissional - “habilidades” e “compreensão” - o primeiro está intimamente ligado à classe do jogador, mas o segundo com seu estilo de jogo. E embora no âmago deles estejam quantidades definidas de conhecimento, no aspecto qualitativo eles diferem consideravelmente.

Via de regra, as “habilidades” baseiam-se em conhecimentos comparativamente acessíveis, mantidos firmemente pela memória - inseridos, como dizem, na carne e no sangue de um jogador e a qualquer momento, tornando-se seu conjunto de habilidades técnicas - praticamente rotineiras. O conhecimento que entra na órbita do “entendimento” é um pouco mais móvel e dinâmico, mas também depende de sua posição geral no mundo do pensamento teórico.

Material prático e pesquisa intensiva e trabalho analítico são as fontes gerais para a reposição contínua dessas avaliações altamente flutuantes de conclusões pessoais instáveis. Se podemos falar sobre isso como algo estabelecido - e se se trata dos gostos, técnicas e “hábitos” favoritos dos jogadores - então há partes do xadrez que se encontram diretamente no território psicológico.

Mas com as primeiras fases do desenvolvimento da história e da filosofia do xadrez, uma ideia completamente diferente começou a tomar forma, visando algo fundamental: uma categoria de conhecimento que até agora se tornou excepcionalmente ampla.

Acontece que a imagem adequada das ações que permitem penetrar profundamente no cerne da posição - e aqui estamos nos aproximando do objetivo principal de nosso raciocínio - está envolvida com o mecanismo passo a passo do planejamento estratégico gradual , exatamente nisso que, por enquanto, um computador não será igual a um humano. Por outro lado, nosso avanço gradual para a meta não é um capricho, mas um processo, ocorrendo sob a influência de causas.

Sendo um jogo antigo, mas com uma filosofia relativamente jovem que está se renovando dinamicamente, o xadrez constantemente mantém seu estratagema básico em mente - o xeque-mate do rei inimigo. No entanto, junto com as melhorias nos métodos de luta, veio a compreensão de que esse objetivo geral só pode ser alcançado quando um dos lados possui uma vantagem considerável. Sob a influência desta lei do tabuleiro de xadrez, todas as obras-primas posicionais são criadas, sem exceção - assim como todos os fogos de artifício combinados vitoriosos.

O Centro em Três Estágios

Mas, uma vez que o processo de acumulação comum de vantagens muitas vezes é de caráter prolongado e ininterrupto, os esforços para teorizar deveriam primeiro concentrar-se em estabelecer a semelhança composicional entre um grande número de jogos de xadrez. Assim, o mundo verá um tríptico estratégico construído de forma lógica: “abertura - meio-jogo - fim de jogo”.

A evolução sem fim de nossa compreensão do que constitui a parte mais importante (do ponto de vista da obtenção da vantagem) da expansão do xadrez é o centro do tabuleiro. Por todos os lados, ouvimos versões da mesma expressão: quem controla o centro também controla o resto do tabuleiro.

A partir disso, a abertura poderia, aforisticamente, definir a mobilização da peça como centrípeta [*ou seja, visando o centro - Tr.].* Um rótulo correspondente também pode ser afixado ao meio-jogo, atribuindo-lhe o papel de luta total pelo controle central. E, finalmente, a fase de conclusão é o final do jogo, em que o

O significado instável do centro é melhor comunicado pelo título do drama de Marcel Honoré Gabriel, *Roma não é mais Roma.*

Antigamente, lançando-se na busca da vantagem abstrata (e na verdade desaparecendo), um profissional se lembrava de que precisava prestar atenção à infalibilidade de suas ações ao longo do jogo. Infelizmente, agora, quando ele quebrou a incorporação da tarefa maior em suas três partes componentes, acrescenta-se também o entendimento de que cada uma dessas partes, tendo suas próprias regras e seu próprio ritmo interno, merece um estudo separado.

O estilo contemporâneo, na medida em que supera o resto, por definição deve colocar à disposição do jogador o aparato lógico moderno mais eficaz, a fim de executar suas operações multiestágios planejadas. E se ele não puder garantir isso, então, como resultado de resultados insatisfatórios na prática, a abordagem atual será inevitavelmente jogada para o meio-fio, em favor de outra ideologia do xadrez que lida com mais sucesso com as tarefas de planejamento estratégico.

E aí você tem o pano de fundo interno da mudança nas prioridades históricas do xadrez que chamamos *estratégia.* No xadrez, essa é a única coisa eterna, pré-histórica. Portanto, por tudo que já cumpriu sua missão temporária e agora está apenas atrasando o desenvolvimento de outras representações mais refinadas da estratégia, a práxis do xadrez impiedosamente reserva um lugar em sua lata de lixo.

Planejamento estratégico

A enciclopédia de xadrez dá um tratamento muito amplo do conceito de "estratégia de xadrez", colocando dentro dele os "princípios e meios de realizar um jogo de xadrez, incluindo preparação e execução sistemática, desenvolvendo impactos consistentemente sobre a posição do inimigo."

Embora não coloque esta definição clássica em dúvida, gostaríamos de restringi-la um pouco, direcionando nossa atenção neste momento particular para *planejamento estratégico.* O planejamento estratégico é um bolso cheio de operações consistentes, todos os elos das quais estão unidos por um objetivo - conseguir no jogo (ou então na análise) um fortalecimento da própria estrutura ou um enfraquecimento da do oponente.

A propósito, esta palavra precisa “ou” na afirmação anterior nos aponta para a existência de dois meios de atividade estratégica completamente diferentes. O primeiro caso é a melhoria posicional às custas do acúmulo de valores estáticos. Por outro lado, o segundo é o crescimento da atividade e a concentração da dinâmica, trazendo consigo a ameaça potencial de destruição do oponente.

A diretriz pode soar assim: Elabore um plano e, executando-o passo a passo, altere a situação geral do tabuleiro de modo que seja favorável a si mesmo.

Estratégia como jogo de peão

A estratégia está mais diretamente conectada com a estrutura de peões e é principalmente orientada para ela. Estratégia, falando figurativamente, é na verdade apenas um jogo de peão. Toda alteração nos peões, seja por captura ou por avanço, tem indubitavelmente um caráter estratégico. Quando o último dos peões sai do tabuleiro, embora ainda possa haver cálculo e planejamento, não há mais estratégia - apenas táticas.

Somente os peões, com sua pequena mobilidade ou inércia (ou se preferir, fraqueza), são capazes de delinear a carcaça básica da posição - a estrutura estratégica. A durabilidade de toda a posição depende da elasticidade da estrutura do peão, a partir do sistema circulatório de um organismo. Se tornou

óbvio que não há exagero no famoso aforismo de Philidor de que "Os peões são a alma do xadrez".

À luz de tudo o que foi mencionado acima, a estratégia nada mais é do que tentar alterar a estrutura de peões de forma vantajosa. Dado um jogo idealmente perfeito, quando a avaliação subjetiva de um jogador coincide com as verdades embutidas na posição, pode-se dizer algo ainda mais significativo - a estratégia é direcionar a evolução da estrutura de peões.

É verdade que, junto com o evolucionário, temos também o revolucionário - traduzido para a linguagem do xadrez, que significa métodos posicionais de renovação da estrutura. Nesse caso, é preciso aprender a ter clarividência, pois a partir do momento em que a combinação começa, os eventos no tabuleiro se desenvolverão de forma forçada, meio que por si mesmos, e não dependerão mais da vontade dos jogadores.

Estrutura transformada por meios posicionais ou combinativos

E assim estabelecemos que, em nossa opinião, a estrutura do xadrez pode ser transformada de duas maneiras - por meios posicionais ou combinativos. É importante ressaltar que se a transformação é de caráter posicional, então a estrutura muda, via de regra, com o auxílio de peão *avanços;* enquanto se for combinativa - então as mudanças são feitas por peão *captura.*

Eu também gostaria de chamar a atenção do leitor para o fato de que *a alteração da estrutura do peão e sua migração coletiva ocorrem sempre na direção da metade do tabuleiro do oponente.* Se você pensar sobre isso, você pode chegar à seguinte conclusão simples, mas suficientemente interessante: *O lado defensor, conduzido de volta à classificação final e se entrincheirando lá, freqüentemente se encontrará menos interessado na evolução posterior de sua estrutura de peões.*

Claro, o planejamento estratégico deve ter marcos concretos e compreensíveis, como a ocupação do centro, quebrando e enfraquecendo a estrutura de peões do oponente e muitas, muitas outras coisas - das quais nosso leitor suficientemente hábil já deve ter ouvido falar.

Jogo estratégico e jogo posicional não são o mesmo

Sem entrar em muitos detalhes, gostaria de observar que as pessoas freqüentemente confundem jogo estratégico com jogo posicional. Às vezes, eles até identificam um com o outro. Boris Spassky (provavelmente sob a influência de seu “pai” do xadrez, o famoso treinador / grande mestre Igor Zaharovich Bondarevsky) foi, em minha opinião, o primeiro campeão mundial a prestar atenção à principal diferença entre os dois. Em algum lugar da década de 1960, fornecendo uma avaliação em uma conversa de um certo jogador de xadrez muito famoso, ele resumiu o resumo deste último com o seguinte paradoxo: “'N” era um gênio no jogo posicional; mas relativamente falando, ele era um estrategista fraco! ” Conhecendo o estado de alerta raro do décimo campeão mundial e alguns dos buracos no estilo do Grande Mestre “N”, hoje em dia eu interpretaria essa passagem de Spassky da seguinte maneira:

Mas nunca pense que a lógica de nosso raciocínio impediria qualquer conclusão inesperada, como se um estrategista impecável fosse assediar seu oponente puramente "massageando". Dificilmente! Como qualquer jogador faria, ele busca acumular pontos pelo jogo estático - mas não se abstém de quaisquer trunfos dinâmicos que lhe dêem o direito de deslizar para a abordagem combinativa, “cirúrgica”.

A superioridade absoluta de um lado significa que ele supera seu oponente tanto no nível estático quanto no dinâmico. Precisamente nessas situações, os comentaristas às vezes se permitem um comentário sarcástico, talvez algo como: "Bem, as brancas são um peão - mas olhe, ele tem a posição mais ativa!"

Obviamente, em tais situações, o resultado é predestinado. Muito mais comum é a situação em que o tipo de vantagem estática favorece um lado, enquanto a dinâmica é superior do outro. Então o confronto entre o ataque e a defesa torna-se inevitável, e o jogo do defensor, tentando resistir (no modo defensivo), pode mudar para o contra-ataque.

Superioridade dinâmica é conversível

Parece-me que a energia dinâmica que surge da base da cooperação de peças, “animando” todo o exército de xadrez, não é imortal e sempre se esforça para reencarnar em algo completo e tangível, seja um ataque de acasalamento para coroar um estratégia ou o acúmulo de propriedades estáticas. Mas é precisamente essa dinâmica, como o verdadeiro instrumento de conversão, que é mais necessária no tabuleiro de xadrez.

Aceita-se, dependendo do caráter da época ou do ponto de vista pessoal, que consideremos o xadrez segundo o modelo de guerra ou algum outro protótipo de vida. Mas me parece que assim se perde de vista que existe também o fator tempo. No xadrez, tanto as brancas quanto as pretas fazem o que precisa ser feito estritamente em turnos; enquanto em operações militares reais, tudo pode acontecer simultaneamente. Os exércitos no campo não se revezam em suas ações, mas fazem vários “movimentos” consecutivos.

Precisamente: a conclusão dos movimentos de xadrez “por turnos” permite que o Time entre no xadrez como uma medida básica de vantagem dinâmica em todas as fases do jogo - mas isso é visto especialmente na abertura.

Aqui, acho difícil resistir a mostrar a você uma miniatura de minha própria concepção.

Gaister - Zaitsev
Moscou 1960
Hennig-Schara Gambit

1.d4 d5 2.c4 e6 3. N c3 c5 4.cxd5 cxd4 !? 5 Q xd4

Para seu peão sacrificado, as pretas esperam obter alguns tempi adicionais para uma rápida mobilização de suas peças. Então, quando ele superou seu oponente em dinâmica, ele seria capaz de ir da defesa ao ataque. É outra questão se a iniciativa que ele obtém por meio de medidas tão drásticas será sólida e duradoura.

Além dessa recaptura, 5. Q a4 + B d7 6. Q xd4 pode ser jogado aqui, embora, se as pretas quiserem, elas podem transpor para a mesma variação por 6 ... exd5 7. Q xd5 N c6, etc.

5 ... N c6

Ganhando seu primeiro tempo extra.

6 Q d1 exd5 7. Q xd5 B d7

Aqueles que empregam esse truque fascinante geralmente tentam iniciar as operações ativas o mais rápido possível.

Enquanto isso, entrando em um final de jogo com 7 ... B e6 8. Q xd8 + R xd8 9.e3 a6 !? (um ataque imediato, por 9 ... N b4 10. B b5 + K e7 é considerado, pelos manuais de abertura, a favor das Brancas, graças à jogada de Smyslov, 11. K f1!) foi mostrado na prática para permitir que as pretas mantivessem sua iniciativa.

8 B g5

Este movimento e 8.e3 são os mais empregados.

8 ... N f6

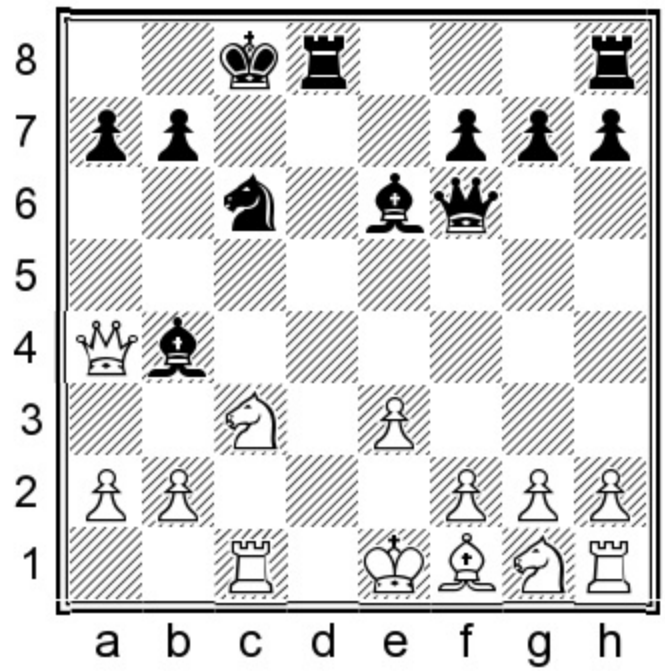
Aqui, depois das 9. Q d2 h6 10. B h4 (considerado o mais forte), as pretas pegariam ainda outro tempo. Mas as brancas decidem jogar de forma diferente.

9 B xf6 ?!

Um erro típico. Não é tanto que as brancas ajudem seu oponente a trazer suas peças para o jogo mais rapidamente. Não, o que é ainda mais lamentável é que, a nosso ver, ele ignora uma das regras básicas de abertura, que formulamos a seguir: Tente dar a ambas as asas um desenvolvimento justo e equilibrado.

É exatamente por reter de forma semelhante um setor da frente de xadrez dos eventos “à frente” que o contra-jogo às vezes é estimulado em sistemas como o Ataque Marshall, a Defesa de Bird, o Jaenisch Gambit, bem como em muitos outros sistemas bem conhecidos.

9 ... Q xf6 10.e3 0-0-0 11. Q b3 B e6 12. Q a4 B b4 13. R c1



Mais uma vez, White ignora o bom senso, demonstrando clara indiferença às suas peças nas asas dos reis. É verdade, não está claro se ele poderia ter resistido à pressão de Black após 13. N e2 B c4, mas isso sem dúvida teria durado mais tempo.

As peças pretas estão prontas para um meio-jogo ativo. As peças da ala da rainha das brancas também são mobilizadas para o meio-jogo - mais ou menos. Mas, infelizmente, no lado do rei existe apenas a paz e a tranquilidade primordial do começo. Claro, com tal diferença “em fase” - o estabelecimento tardio de White da coordenação das peças - bem, seu trabalho será excepcionalmente ingrato. E, portanto, é bastante lógico que

O preto já tem uma combinação decisiva.

13 ... R d2 !! 14 K xd2 Q xf2 + 15. N e2 B f5 !!

Em meus cálculos preliminares, era necessário prever precisamente esse movimento, interrompendo a retirada do rei branco. NowWhite está indefeso para enfrentar o teste da torre assassina.

16 Q xb4 R d8 +

White resignou-se. Em 17. N d5 (17. Q d4 N xd4 18. N e4 + N c6 +) 17 ... R xd5 + 18. Q d4 R xd4 + 19.exd4, ele ainda estaria condenado.

Não é menos perigoso quando a “região dormente” é o lado da rainha, cujas peças bem preservadas não podem vir em auxílio de seu rei sofredor.

Zaitsev - Spassky
Rostov-on-Don 1960
Gambito da Rainha aceito

1.d4 d5 2.c4 dxc4 3. N f3 N f6 4.e3 B g4

Naquela época, essa variação estava apenas começando a se tornar popular, então não havia teoria para falar - tudo tinha que ser tocado *ex tempore.*

5 B xc4 e6 6. Q b3

Hoje em dia, 6.h3 ou 6. N c3 é o preferido.

6 ... B xf3 7.gxf3 b6

Muito mais tarde, este sistema começou a aparecer com o sacrifício de peão 7 ... N bd7.

8 N c3 B e7 9.d5!

Com a dupla de bispos, as brancas se esforçam para dar ao jogo um caráter aberto.

9 ... exd5 10. N xd5 0-0 11. N xe7 +

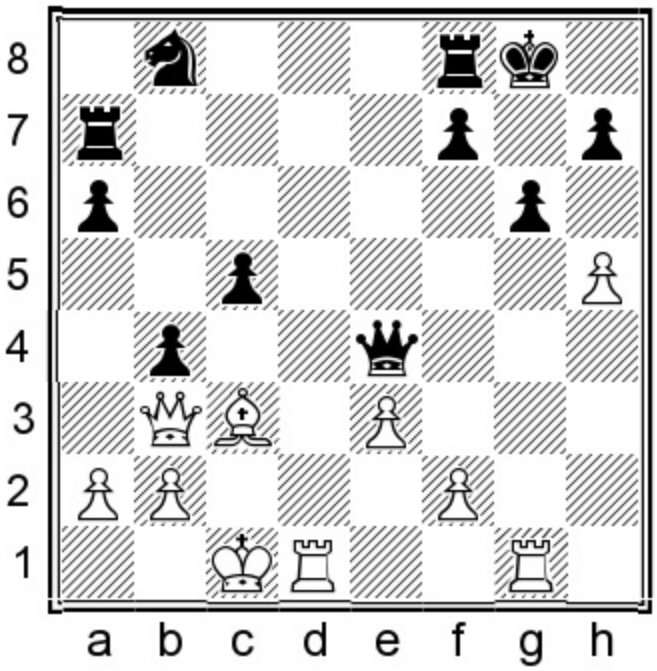
Uma troca oportuna. Em um jogo posterior, Kolarov-Spassky, URSS 1965, White hesitou com 11. B d2
N bd7 12.0-0-0 N c5 13. Q c2 c6 !. A essa altura, a vantagem já era de Black.

11 ... Q xe7 12. B d2 a6 13. R g1 b5 14. B d5! R a7

Apesar de todos os esforços de Black, ele ainda não consegue colocar a asa de sua rainha adormecida em ação. Depois de
14 ... c6 15. B b4 ou 14 ... N xd5 15. Q xd5 c6 16. B c3! g6 17. Q d4 f6 18. B b4, as pretas perdem a troca.

15 B c3 g6 16.h4 c6 17. B e4 N xe4 18.fxe4 Q xe4 19.h5 c5 20.0-0-0 b4

20 ... c4 seria o mal menor. As pretas estão tentando conter o bispo ativo de seu oponente. Mas essas medidas já são tarde demais, pois as brancas têm mais peças no ataque, em um nível de coordenação muito superior.



21.hxg6! hxg6 22. R d6!

Foi isso *Zwischenzug* que Black subestimou em seus cálculos. A ameaça de enfrentar g6 força o rei preto a ir para a fileira mais distante.

22 ... K h7

Mas agora um sacrifício de rainha diversionário força a renúncia instantânea de Black.

23 Q c4! Black renunciou (23 ... Q xc4 24. R h1 +).

Espaço de Xadrez

Muitas gerações de jogadores de xadrez há muito observam a formulação simplista “três tempi equivalem a um peão” - testemunhando uma tentativa de estabelecer uma equivalência entre duas formas diferentes de vantagem, entre o tempo e o material. Mas, na verdade, existe também um terceiro elemento, e ainda mais misterioso - o espaço. Para que se possa estar em condições de "sentir", pelo menos um pouco, é preciso reconhecer, *a priori,* a natureza misteriosa de *espaço de xadrez,* e o valor desigual das casas no tabuleiro de xadrez.

O material vencedor por um lado - pode ser tão pequeno quanto um peão - encontra reflexo imediato na avaliação da posição. Mas, a nosso ver, por algum motivo ninguém deu atenção a uma das consequências mais importantes de qualquer combinação: o surgimento do chamado “espaço extra”, que é o aumento do número de quadrados vazios.

Aumentar a quantidade de espaço livre e acelerar o pulso do “tempo-tempo do xadrez” são dois verdadeiros sinais de como, ao entrar na zona de combinações, a posição começa a viver de acordo com as regras da dinâmica em vez da estática.

Estratégia é o guia programado para garantir a viabilidade segura de uma posição. Se aceitarmos a verdade da comparação, todos sabem - que “o xadrez é um modelo para a vida” - então só a estratégia pode reivindicar refletir o lado místico. Tudo o que é secreto e inexplicável na arte do xadrez é, na verdade,

concentrada no campo da estratégia. As táticas mais engenhosas, combinações impressionantes, manobras, *Zugzwangs,* e jogo posicional delicado - todos esses são apenas meios auxiliares, ou infraestrutura, chamados para ajudar a realizar planos estratégicos objetivos.

Vamos examinar mais de perto o ambiente do xadrez. A singularidade deste quadrante 8x8 consiste no fato de que, na posição inicial de 32 quadrados ocupados por peças, há também um número igual de quadrados não ocupados - 32.

Por um lado, esta é uma indicação clara do princípio de uma ordem mundial; que para cada objeto material, em algum lugar existe um paraíso espacial de emergência. Isso é para aqueles que estão inclinados a perceber e interpretar esse quadrante mágico precisamente desse ângulo. Mas um olhar diferente e mais pragmático veria, neste depoimento, um equilíbrio definitivo de todo o espaço do xadrez.

Imagine por um momento que, na posição inicial, todas as peças brancas e pretas e peões tenham o direito de se mover simultaneamente - mas com a condição de que se movam para as casas que estão desocupadas no início.

Depois de um eventual a4, b4, c4 ... h4 e R a3, Q b3, N c3, B d3, B e3, N f3, R h3, e ações semelhantes das pretas, notamos que apenas os reis ficaram para trás de seus anfitriões. E, novamente, se quisermos, podemos ver um subtexto cósmico nisso, sublinhando um tipo particular de status extratemporal e atemporal dessa peça, como se sintetizando um Poder Superior no xadrez. Mas há também um atributo mais específico, exibindo g3 / g4 e g6 / g5 como potencialmente os mais livres e mais disponíveis na abertura (já que os peões branco e preto podem mirar, não apenas para g4 e g5, mas também para g3 e g6) Na última variação, esse seria um sinal ainda mais exato, ressaltando a elevada disponibilidade mútua apenas daqueles quadrados: g5 e g4.

E acredite em mim, isso dificilmente é o produto de uma fantasia desenfreada. Na minha época, introduzi no jogo espanhol este moderno sistema de jogo: 1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 a6 4. B a4 N f6 5,0-0 B e7
6 R e1 b5 7. B b3 0-0 8.c3 d6 9.h3 B b7 10.d4 R e8, baseado em repelir o ataque 11. N g5 por 11 ... R f8
12.f4 exf4 13. B xf4, com 13 ... N a5 14. B c2 N d5.

Então eu vim com um ataque impetuoso na “Variação Aberta”: 1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 a6
4 - B a4 N f6 5,0-0 N xe4 6.d4 b5 7. B b3 d5 8.dxe5 B e6 9. N bd2 N c5 10.c3 d4, começando com um salto tipo gambito sobre o mesmo quadrado - 11. N g5 !!. Agora, se o “presente grego” for levado por 11 ... Q xg5, então as brancas obtêm uma iniciativa poderosa, recebendo de volta tudo que ele sacrificou, com juros: 12. Q f3 0-0-0
13 B xe6 + fxe6 14. Q xc6, etc.

Isso não é tudo. Na partida Karpov-Korchnoi em Merano, em 1981, pensei em um novo esquema de desenvolvimento contra a Defesa Caro-Kann: 1.e4 c6 2.d4 d5 3. N c3 dxe4 4. N xe4 N d7 5. B d3 N gf6. Como o leitor provavelmente deve ter adivinhado, ele apresentava o mesmo ataque cavalheiro - 6. N g5 !? (será muito difícil “fumar para fora” daqui: 6 ... h6? 7. N e6!).

E isso é apenas um pouco do que posso fazer, no calor do momento, por experiência própria. Basta pegar as muitas, muitas dezenas de sistemas de abertura - da Defesa dos Dois Cavaleiros à Abertura Inglesa e o Ataque Trompowsky, onde White explora a disponibilidade de abertura do quadrado g5! Em suma, esse é um fator em que valeria a pena pensar.

É bastante óbvio que o lado que controla mais espaço também tem uma maior possibilidade de escolha de manobras para suas peças, e que via de regra também possui um maior número de pontos de apoio. Tudo isso,

entretanto, entra em jogo apenas quando (e se) o controle harmonioso correspondente é estabelecido sobre essas casas e áreas do tabuleiro. Trataremos disso um pouco mais tarde. Mas, por enquanto, podemos ver que os lados opostos no xadrez entram na batalha com total igualdade material e com paridade espacial (mas apenas aparentemente). A batalha começa precisamente com o conflito pelo controle das casas mais valiosas que compõem o centro geométrico do tabuleiro. Portanto, as brancas, as primeiras a começar a ocupar o centro, terão mais sucesso, estatisticamente falando, no jogo.

A dominação no centro, obviamente, é uma das formas mais lucrativas e estáveis de manter a vantagem posicional de alguém - esta é a base para a criação de uma estrutura central sustentável, conducente à realização dos planos estratégicos de longo prazo.

Deixe-me lembrá-lo de que há cerca de três décadas, eu me encontrei, no início de meus trabalhos analíticos, no próprio cerne dos encontros históricos entre Anatoly Karpov e Garry Kasparov. Observando “por dentro” a luta entre duas ideologias do xadrez tão diferentes uma da outra, muitas vezes me afastei para recorrer aos meus leitores. Nas páginas de um diário, comecei uma discussão muito intrigante (do meu ponto de vista, pelo menos) sobre os diferentes aspectos do conhecimento do xadrez e os meios existentes para passá-lo de uma geração para a seguinte.

No entanto, como resultado de uma série de circunstâncias em minha vida, não pude, então ou por alguns anos depois, adquirir o espírito para abordar este assunto mais de perto, relacionado como é por sua própria natureza à discussão de uma série de problemas filosóficos - transformados, é claro, nas necessidades do xadrez.

Tudo provavelmente teria continuado no lugar. Mas a situação mudou, em princípio, quando no final de 2003, Hugh Verrier, um proeminente advogado e grande fã de xadrez, gentilmente me ofereceu a oportunidade de escrever um livro no qual eu pudesse expressar alguns de meus pontos de vista sobre a essência do jogo de xadrez. Acho difícil responder por que fui escolhido para isso em particular. Talvez o Sr. Verrier tenha lido um ou alguns de meus artigos analíticos de xadrez, nos quais sempre me esforço para dar uma coloração filosófica. Ou talvez ele tenha tido uma impressão favorável na sessão de jogo simultâneo com os olhos vendados que fiz em 2002 no Petrosian Club. É onde nos conhecemos.

Enfim, a oferta foi feita. Tive a rara oportunidade de levantar questões dentro da esfera da filosofia do xadrez, e não aproveitar essa chance seria, para mim, irracional.

E, finalmente, mais uma explicação importante. Desejando alcançar um melhor entendimento mútuo com meus leitores, gostaria de apresentá-lo, não tanto para mim, mas para o grande mestre praticante - cuja era de jogar xadrez praticamente chegou ao fim - mas, antes de mais nada, ao seu autor como um pesquisador de xadrez.

A primeira de minhas análises sérias, ainda citada em muitas edições enciclopédicas, apareceu na imprensa de xadrez há cerca de 64 anos (isso é uma piada, não é?), Enquanto eu ainda estava na escola. Era sobre a seguinte batalha sensacional:

Smyslov - Pachman

Olimpíada de Moscou 1956

Jogo da Rainha recusado

1.d4 d5 2.c4 e6 3. N c3 N f6 4.cxd5 exd5 5. B g5 c6 6.e3 h6 7. B h4 B f5 !?

Tentando, da forma mais natural, lidar com um dos principais problemas desta Variação de Carlsbad.

- a saber, como colocar o bispo de sua rainha no jogo. No entanto, em breve veremos como resolver esse problema sem complicações - assim mesmo! - não vai acontecer.

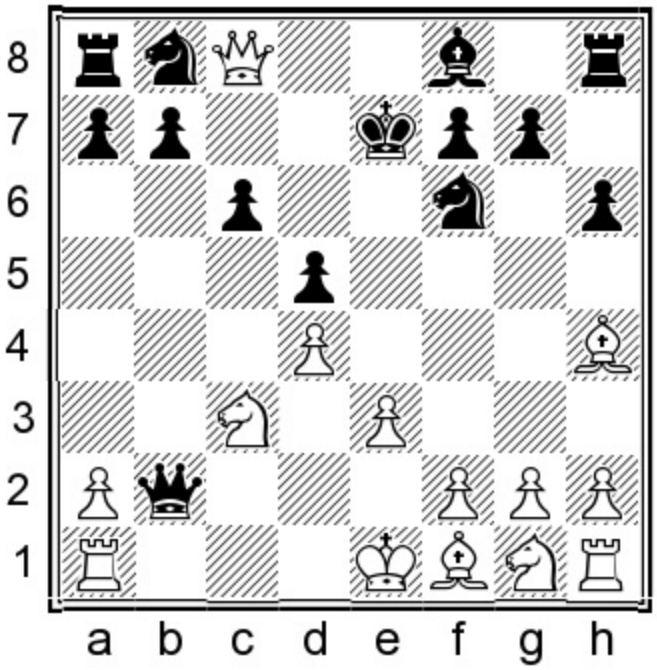
8 Q f3!

Se não fosse por essa réplica, Black não estaria tão mal. Mas Black - que na altura era o mais forte dos jogadores checos - tinha, claro, previsto isso na preparação em casa.

8 ... Q b6 !?

Procurando evitar uma duplicação indesejável de seus peões, o preto, no jogo, no estilo romântico, traz complicações ferozes.

9 Q xf5 Q xb2 10. Q c8 + K e7



O futuro campeão mundial, ao se deparar com a preparação caseira de seu oponente, decide se limitar a uma variação sólida e segura.

11 N xd5 + cxd5 12. Q c1 Q b4 + 13. K e2

E agora Pachman começa a jogar de forma imprudente:

13 ... Q b5 +? 14 K f3! Q d7 15. B xf6 + K xf6 16.g3 Q f5 + 17. K g2 B d6

Ele permite que seu adversário formidável tome a iniciativa para sempre.

18 Q d1! g6 19. B d3 Q e6 20. R b1 N c6

Em 20 ... b6 21. Q f3 +! [seguido por 21 ... K g7 22.e4 - Ed.].

21 R xb7

e White logo tirou proveito de sua vantagem.

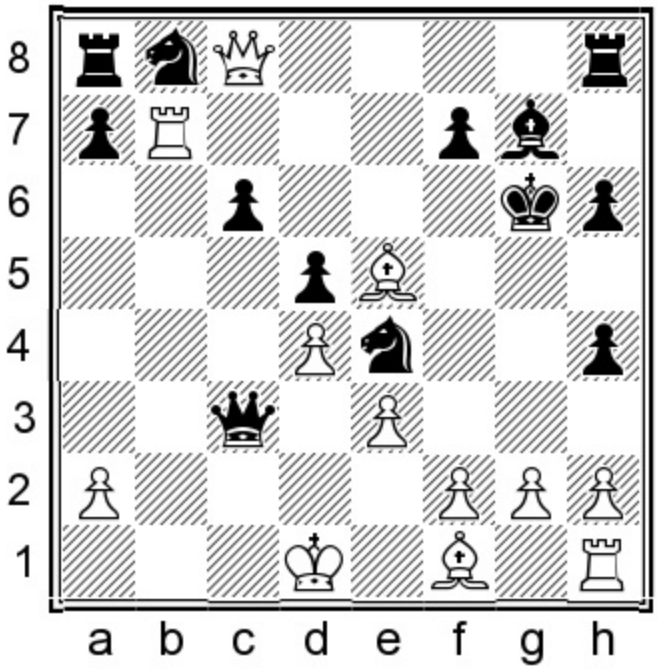
No entanto, como Smyslov mais tarde apontou em suas notas do jogo, se as pretas tivessem respondido 13 ... g5 em vez disso, então provavelmente ele poderia ter mantido a posição. Trinta anos depois, isso foi confirmado no jogo Laureiro-Teixeira (Brasília, 1986): 13 ... g5 14. B g3 N e4 15.f3 Q b5 + 16. K e1 Q a5 + - empate.

Nesses mesmos comentários, Vassily Vassilyevich apresentou as variações 11. N d1 e 11. R b1, intuitivamente - ou seja, sem apresentar quaisquer variações para apoiá-los.

No início da minha própria análise, rejeitei rapidamente a primeira delas, levando apenas a um empate. Mas 11 R b1 na verdade contém alguns belos acabamentos vencedores. A análise acabou sendo bastante volumosa, uma vez que ambos os lados tinham muitas possibilidades diferentes. Mas agora, talvez, uma vez que não há necessidade de repetir todos os detalhes, mostrarei de forma concisa - literalmente de uma só vez - apenas as duas ideias combinativas centrais.

Portanto: 11. R b1 !! Q xc3 + 12. K d1 g5 13. B g3. Primeiro, as pretas tentam diretamente salvar a torre de sua rainha (praticamente condenada) por 13 ... B g7, mas isso encontra uma refutação bastante elegante - 14 Q c7 +! N bd7 (nem 14 ... K e8 mudar coisas - 15. B d6! ameaça companheiro) 15. B d6 +! K e8 16. B b4 !, e a rainha preta é inesperadamente presa.

Em seguida, o defensor muda sua tática defensiva, colocando suas esperanças em 13 ... N e4. Após 14. N f3 (praticamente forçado), as pretas novamente tenta trazer seus dois flancos juntos por 14 ... B g7. No entanto, agora a irresistível tempestade de ataque cobre seu rei: 15. R xb7 + K f6 16. B e5 + K g6 17. N h4 +! gxh4



18 Q e6 + !! (o leitor pode ver facilmente que o jogo de ambos os lados é forçado) 18 ... fxe6 19. R xg7 + K f5 (ou 19 ... K h5 20. B e2 #) 20.g4 +! hxg3 21. B h3 # !.

Isso foi bem no início de minha jornada analítica. Depois dessa primeira publicação, seguiram-se centenas de outros artigos analíticos, a maioria dos quais não passou despercebida no mundo do xadrez. Em estágios analíticos, seu autor foi, com a ajuda de Deus, capaz de descobrir uma série de sistemas de abertura completamente novos em algumas linhas dos Jogos Espanhóis e Russos, as Defesas Francesa e Caro-Kann, Grünfeld e Volga [*ou seja, Benko - Tr.]* Gambitos, e para introduzir na teoria muitos

correções e novidades.

Como consequência lógica de tudo isso, tive um período de 20 anos trabalhando como vice-chefe em sete finais de campeonatos mundiais (sem contar 12 partidas de candidatos, olimpíadas, etc.).

É precisamente com base nesse tipo de empilhamento analítico enorme que meu sistema bem definido de visões sobre o xadrez foi construído. E é isso que tentarei explicar gradualmente para você.

É verdade que, com o passar dos anos, começa-se a buscar, não tanto novidades concretas neste ou aquele arranjo inicial, mas ideias de ordem geral, refletindo a essência da luta do xadrez. E assim, é útil olhar para a totalidade da oposição no tabuleiro de xadrez através das lentes da estratégia, envolvida por sua vez pela evolução da estrutura de peões.

Alterando a Estrutura do Peão

Considerações envolvendo a decisão de alterar a estrutura de peões por um meio ou outro carregam consigo um significado primordial, mesmo no final do jogo.

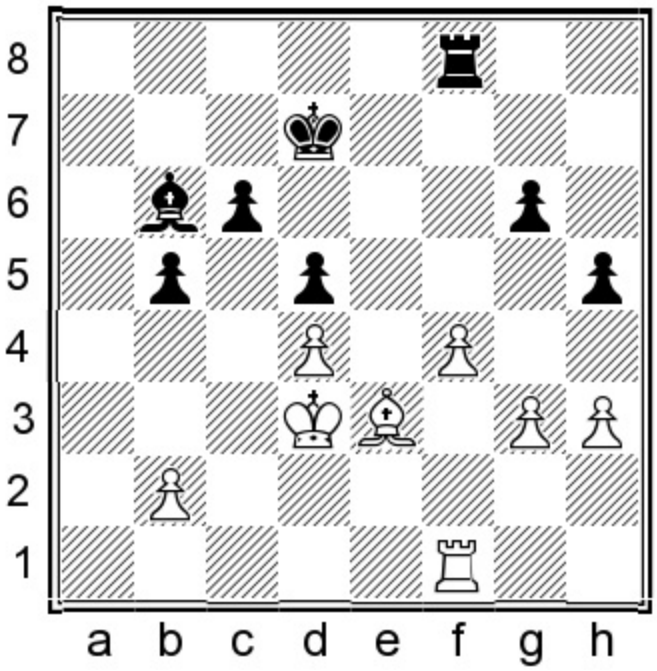
Em algum lugar em meados da década de 1960, um dia na redação da revista *Shakhmaty v SSSR,* Acontece que eu estava analisando, junto com Isaak Yefremovich Boleslavsky, a Variação Chigorin de Ruy Lopez (1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 a6 4. B a4 N f6 5,0-0 B e7 6. R e1 b5 7. B b3 d6 8.c3 0-0 9.h3
N a5 10. B c2 c5 11.d4 Q c7 12. N bd2 R e8 13.b4 cxb4 14.cxb4 N c4 15. N xc4 bxc4), no decorrer da qual o maestro soltou uma frase que na época me parecia bastante misteriosa: “Quando há peões passados no tabuleiro, deve-se ter um cuidado especial ao abrir as pastas ao lado deles!”

Com o passar dos anos, com base em minha experiência analítica acumulada, comecei a gravitar em torno da descoberta de novos paradigmas do xadrez, pois tanto na análise quanto na práxis eles ajudam muito mais efetivamente do que muitas novidades iniciais.

Por exemplo. aqui estão dois finais clássicos nos quais, graças a considerações gerais, o caminho certo foi escolhido.

Lasker - Rubinstein

São Petersburgo, 1914



Esse final, que foi incluído em todos os manuais de final de jogo, não recebeu iluminação adequada até hoje. Muitas análises falharam em compreender as peculiaridades estruturais dessa posição.

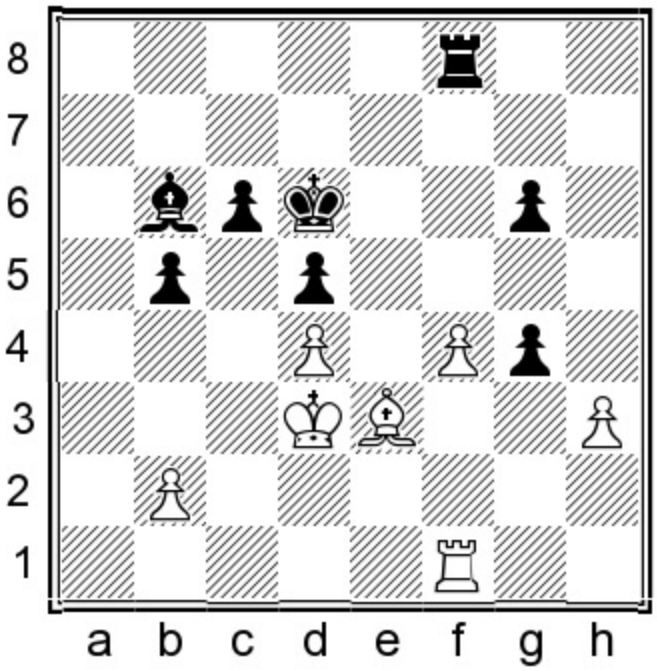
52 ... K d6 !?

Até muito recentemente, essa continuação era considerada virtualmente o movimento perdedor. Como alternativa, Garry Kasparov ofereceu o seguinte: “52 ... K e6! 53.g4 B c7 !. As brancas fizeram todos os movimentos úteis - o que ele vai fazer agora? O computador 'examina' o afiado 54.f5 +! gxf5 55. B h6! (55.gxh5? F4!) 55 ... R f7 56.g5. No entanto, após 56 ... R h7 (56 ... f4? 57.g6 R f6 58. R e1 + K f5 59.g7 R g6
60 R e8, e o peão salta para a rainha) 57. R g1 R h8 58.g6 R g8 59.g7 B d6 60. R g6 + K e7
61 K e3 c5 62. B g5 + K d7 63. B f6 K e8 64.dxc5 K f7 65. R h6 B xc5 + 66. K f4 d4 67. R xh5 K xf6 68. R xf5 +
K xg7 69. R xc5 R d8 70. R xb5 d3 71. R g5 + K f6 72. R g1 R h8, as pretas empatam. ”

É verdade, depois consegui melhorar no computador, mostrando que em vez de 65. R h6, as brancas decidem o jogo por meio de um sacrifício de troca: 65.cxd6! K xg6 66. B d4 K f7 67. K f4 K e6 (em 67 ... R d8
68 K e5 K xg7, o mais simples é 69. B b6 + -) 68. K g5 R d8 (68 ... h4 69. K g6; 68 ... f4 69. K xf4) 69. K g6 f4
70 B b6 R a8 71. B c5! + -.

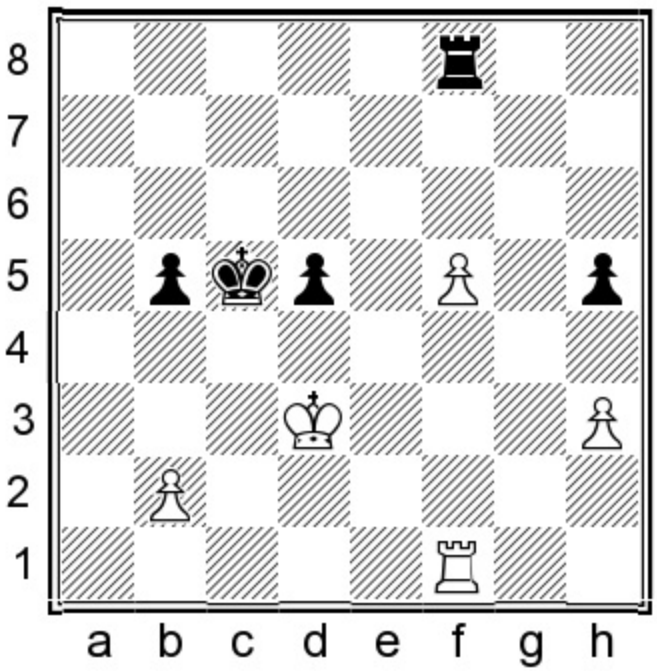
Mas desde o início, a avaliação do 13º campeão mundial de 52 ... K e6! como ser mais seguro é, sem dúvida, certo. Na verdade, as pretas permanecem em pé de igualdade - exceto que em 53.g4, ele tem que lançar uma troca preliminar, 53 ... hxg4! (mais uma vez, uma decisão envolvendo uma alteração na estrutura)
54.hxg4, e somente agora 54 ... B c7, por exemplo: 55. R e1 R f7 56. R e2 B d6, etc.

52 ... K d6 !? 53.g4 !? hxg4?



Aqui está! [Esta é realmente uma expressão russa um tanto grosseira: “Aqui é onde o cachorro está enterrado!” - Tr.] Ao analisar este final de jogo clássico, de repente percebi que foi apenas essa troca impulsiva (estrutura de peões, de novo!) Que levou as pretas à perda. Em antecipação ao final do peão, as pretas tiveram que manter seu peão-h como contrapeso.

O 53 ... c5 imediato! foi necessário. E esta variação, 54.dxc5 B xc5 55. B xc5 + K xc5 56.f5 gxf5
57 R xf5 ?! R xf5 58.gxf5 K d6 59. K d4 b4! 60.h4 b3 61.f6 K e6 62.f7 K xf7 63. K xd5 K f6 =, mostra a correção desta ideia. 57.gxf5 daria às brancas uma chance melhor de sucesso.



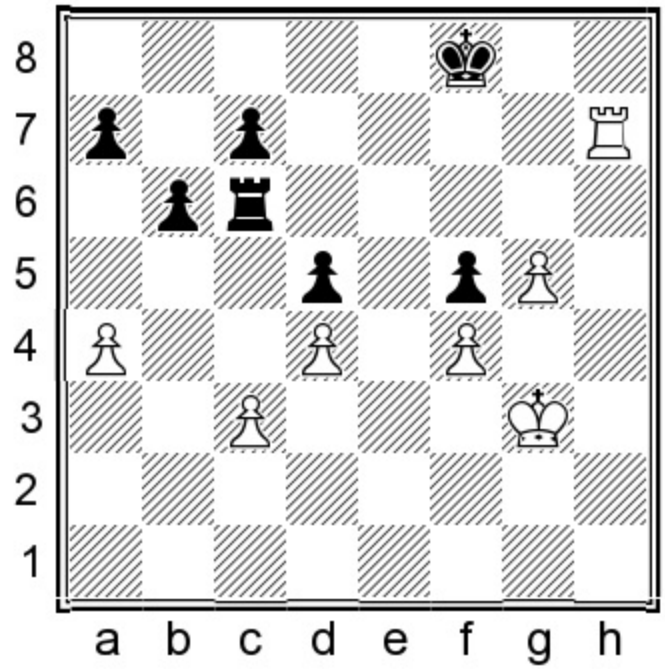
Se ele joga 57 ... R f6 agora, depois 58. R f4 K d6 59. K d4 b4 60.h4 R f7 61.f6 K e6 iria deixá-lo sem nada. Vamos tentar um remédio forte: 58.b4 !? K d6! (mas não 58 ... K xb4? 59. K d4 K a3 60. K xd5 b4
61 K e5 R f8 62.f6 b3 63.f7 b2 64. K f6 K a2 65. K g7 + -) 59. K d4 e no 59 ... h4 ?! 60 R f4! R f7 61.f6!

(61. R xh4 ?! R xf5 62. R h6 + K c7 63. K c5 d4 +! 64 K xd4 R f4 + 65. K c3 R f3 +, com empate) 61 ... K e6 (61 ... R c7? 62 R f5!) 62. R x
63. K c5, as brancas mantêm a vantagem. Portanto, 59 ... R f7 é mais exato: 60. R f3 R f6 61. R f4 (61. R f2 R f7 62.f6 K e6 63. K c5 R x
64. R e2 + K d7) 61 ... R f7 62.f6 K e6
63 R h4 R c7 =, ou 60.h4 R f6 61. R f4 R f7 62.f6 K e6 63. K c5 R xf6 =.

Parece 57 ... R f6 enfrentaria mais problemas com a manobra de contorno 58. K e3! Mas Black pode contornar até mesmo essas complicações jogando 57 ... K d6! 58 K d4 b4 =, transpondo para a posição desenhada que já vimos. Assim, vemos que o erro fatal de Black não foi tático (52 ... K d6) mas estratégico (53 ... hxg4?).

Para convencê-lo, temos mais um exemplo de livro didático no qual uma feroz batalha analítica está ocorrendo - o famoso jogo final de torre Capablanca-Tartakower [de New York 1924 - Ed.]. Parece que consegui mostrar que, mesmo com a melhor defesa de Black, Capablanca teria mantido boas chances de vitória. (Estou evitando deliberadamente um julgamento mais categórico, já que meio século de experiência analítica definitivamente me ensinou a ser contido em meus julgamentos).

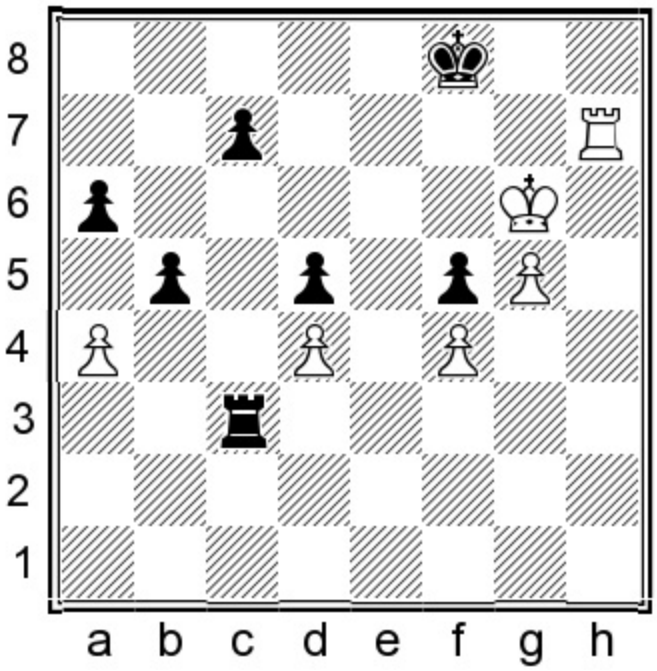
Começamos muito atrás, com a posição que surge depois dos 35 brancos. K f3-g3! (35. K g3!)



Meu plano foi formulado há alguns anos, bem na época da polêmica feroz mencionada acima (quando a avaliação desse final oscilava repetidamente entre “vencer” e “nivelar”) e pendurado por duas idéias descomplicadas de natureza geral.

Primeiro, depois dos 35 ... R xc3 + (nada é alterado em 35 ... a6 36. K h4 !, quando ele ainda tem que assumir c3)
36 K h4 a6 !, Branco abstém-se deliberadamente de 37.g6, preferindo 37. K h5! - um movimento mais lento, mas ainda mais completo, uma vez que em g6, o peão perde suporte e pode se tornar - e como descobrimos repetidamente, de fato se torna - um alvo maduro para contra-ataque.

Mas a principal inferência - já, depois de 37 ... b5! - consiste no fato de que as brancas não gastam um lance em a2-a4; nem troca em b5, mas invade a sexta linha com seu rei imediatamente -
38 K g6 !!

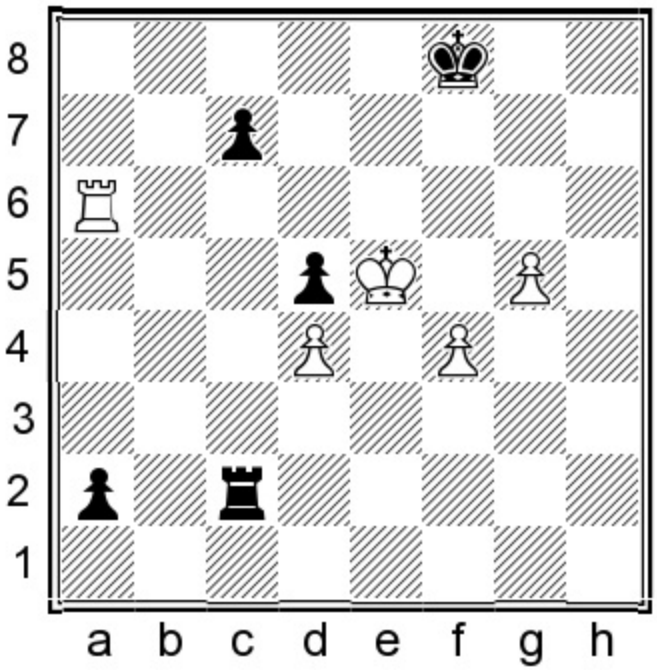


Você pode perguntar - qual é a diferença? Por que não trocar de uma vez? Bem, se as brancas entrarem e jogarem 38.axb5 ?! axb5 39. K g6 K g8! 40 R g7 + K f8 (não 40 ... K h8? 41 K f7! e 42.g6 + -) 41 R f7 + K g8 42 R f6 (42. R xf5 ?! R c6 +! e ... b5-b4 =), todos os esforços das brancas seriam neutralizados pelo simples 42 ... b4 43. R a6 R a3 44. R c6 R c3 =. Mas agora, depois de 38 ... K g8, essa diferença aparece de forma bastante nítida: 39 R g7 +! K f8 40. R f7 +! K g8 41. R f6! e a torre das brancas, agora na sexta linha, pode produzir ameaças de acasalamento. Nem 41 ... R c4 42.a5 + - ou 41 ... R a3 42. R e6 K f8 43. K f6 bxa4 44.g6 R g3 45. R xa6 + - ajuda preto.

Portanto, as pretas precisam criar algumas configurações defensivas diferentes:

(1) 38 ... b4 39. R h8 + K e7 40. K xf5 b3 41. R b8 K f7 42.a5 R g3 (e3) 43. R b7 R c3 44. K g4, e não se encontra uma defesa satisfatória;

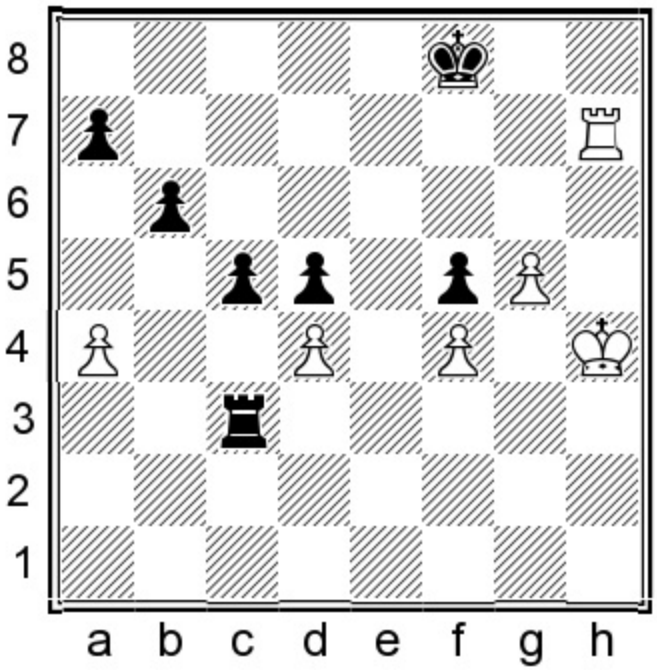
(2) 38 ... bxa4 39. K xf5! (é precisamente este movimento que conclui logicamente a invasão do troféu do rei nas profundezas do território inimigo: K f3-g3-h4-h5-g6xf5) 39 ... a3 (39 ... R c6 40. K e5 a3 41. R h3 a2 42. R a3 R c2 43 R xa6 transpõe) 40. R h6 a2 41. R xa6 R c2 42. K e5



(a) 42 ... R f2 43.f5 K f7 44. R a7 R e2 + 45. K xd5 R c2 46. K e4 K e7 47.d5 + -; (b) 42 ... K f7 43. K xd5 R f2 44. K e5 R e2 + 45. K f5 R f2

46. R a7, e as brancas também estão ganhando. Tentei então, em vez de 36 ... a6, uma abordagem relativamente nova, 36 ...

c5 !?



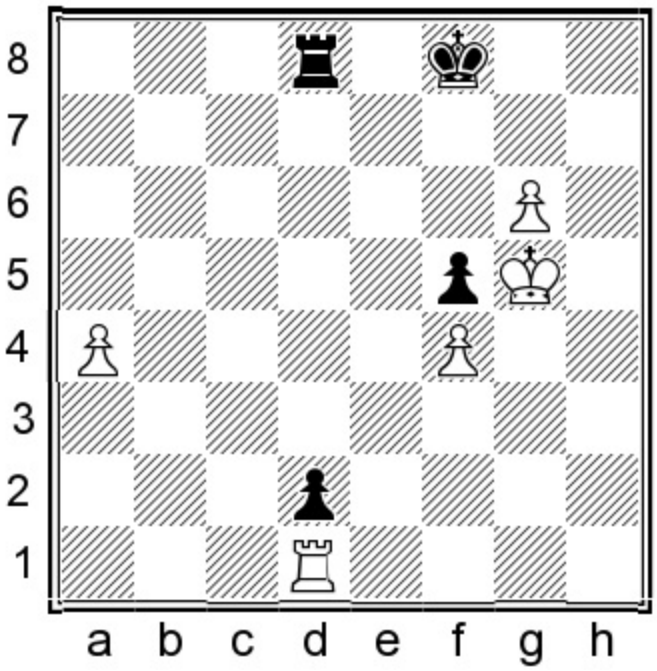
37.dxc5! R xc5 !? 38.g6 R c6 39. K g5 R d6 40. R xa7 R d8

Uma retirada forçada. Se 40 ... K g8 então não 41. R a6?!, em vista de 41 ... d4 42.a5 d3 43.axb6 d2 44.b7 d1 = Q

45.b8 = Q + R d8, mas 41. K xf5 !, salvando um tempo: 41 ... d4 42. K g5 d3 43. K h6 R d8 44.f5 d2 45.f6 d1 = Q

46.f7 + K f8 47.g7 #.

41 R a6 d4 42. R xb6 d3 43. R b1 d2 44. R d1



(1) 44 ... K g7 45. K xf5 K h6 46.a5! R a8 47. R h1 +! K g7 48. R h7 + K f8 49. R d7, e está tudo acabado.

(2) 44 ... K e7 45. K xf5 R d5 + 46. K e4 R d6 47. K e3! (47.a5? K f6 48. K e3 R a6 49. R xd2 R xa5 50. R d6 +
K f5 51.g7 R a8 52. R d5 + K f6 53. R g5 K f7 permite que Black se desvencilhe.) 47 ... R a6 48.f5 R xa4
49. R xd2, e não há esperança de salvar o jogo.

Resumindo, eu gostaria de oferecer minha opinião de que o final dessa torre foi de fato vencido pelas brancas.

Mas o mais surpreendente não foi o fato de que em 1998, observando as vicissitudes da discussão analítica que se desenrolava diante dos meus olhos em torno desse final, eu já sabia de fato - com base nas impressões gerais de que falei antes - onde nós deve procurar uma melhora no jogo das brancas. Ainda mais impressionante foi o fato de eu saber que deveríamos analisar a manobra
K h4-h5-g6, mas sem trocar em b5 primeiro!

Mas na história cativante da análise deste famoso final de jogo, parece-me que é muito cedo para parar com isso. No último momento - literalmente, um dia antes de enviar este manuscrito

- Descobri que Alexander Goldin, um MI e analista conhecido que já havia encontrado uma série de ideias defensivas interessantes para Tartakower nesta posição, havia feito mais uma tentativa de defender a posição das pretas (a partir do diagrama da posição inicial, após a de Capablanca mover 35. K f3-g3!).

Desta vez, estamos falando da manobra preparatória 35 ... K g8 !? 36 R d7 (não tem mais nada), e só agora 36 ... R xc3 + 37. K h4 R f3. Goldin examina ainda duas continuações básicas, 38.g6 e

38 K h5, acrescentando variações nas quais ele se esforça para mostrar que as pretas podem manter a posição. Não tenho espaço para reproduzir sua análise interessante na íntegra. Mas devo observar que também aqui as brancas mantêm chances de vitória definidas.

Vou abordar apenas a linha principal de sua análise: 38. K h5! R xf4 39. K g6 K f8 40. K f6 R e4 41. R f7 +
K g8 42. R xc7 R e8 43. K xf5 R e4 44. K f6! R f4 + 45. K e5 R g4 46. R xa7 R xg5 + 47. K d6 R g6 +.

Até este ponto, a variação se desenvolve de forma bastante lógica. Mas aqui, por algum motivo, Goldin olha apenas para 48. K xd5 K f8, com um empate provável. No entanto, em minha opinião, 48. K c7 !! é muito mais forte, colocando todos

Esperanças de White em seu passador. As pretas têm duas maneiras de conduzir a defesa:

(1) 48 ... R g4 49. K xb6 R xd4 50.a5 R b4 + 51. K c5 R c4 + 52. K b5 (52. K xd5 R g4! =) 52 ... R c1 53. R d7
R b1 + 54. K c6 R c1 + 55. K b6 R b1 56. K c7! R c1 + 57. K d8! R a1 58. R xd5, e as brancas ganham;

(2) 48 ... K f8 49. R b7 R g4 50. R xb6 (50. K xb6 também é suficiente) 50 ... R xd4 51.a5 e as pretas não podem evitar uma perda.

Peões Dobrados

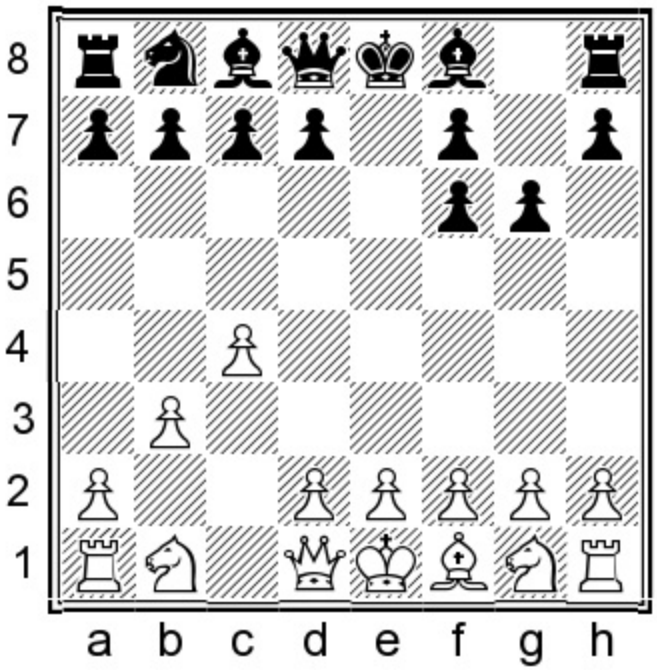
Em princípio, cada jogo jogado e cada análise séria deve produzir uma ressonância interna distinta, corrigindo nossas impressões filosóficas de xadrez. Em particular, durante o trabalho em uma variação do jogo Smyslov-Pachman, fiquei intrigado com o fato de Black ter empreendido esforços vertiginosos, recorrendo a tipos de contra-jogo extremamente perigosos, o que acabou resultando em sua derrota no jogo. E enquanto ele estava fazendo isso, sua peça mais importante, seu rei, correndo o risco de sua própria cabeça, fez uma investida no centro. Tudo isso era - imagine! - apenas para evitar o que parecia ser um defeito cosmético minúsculo e insignificante, os peões duplicados surgindo em sua estrutura de peões após, por exemplo, 8 ... B h7

9 B xf6 Q xf6 10. Q xf6 gxf6. E isso (para minha surpresa) continuou até que eu - então um jovem whippersnapper de um jogador - cheguei à conclusão independente de que os buracos estratégicos na posição das pretas não teriam a reserva de viabilidade necessária e poderiam enviar todo o seu jogo para um beco sem saída. Assim, os peões duplos (e também os peões atrasados e isolados) freqüentemente têm uma influência negativa sobre a elasticidade estática geral da estrutura de alguém.

É claro que às vezes, pesando todos os “prós” e “contras”, ainda é preciso concordar com tal deterioração da estrutura de peões. Para que o sentimento de algum tipo de inevitabilidade fatal não apareça nessas posições, apresentarei mais alguns exemplos sobre esse tema.

Motivos estratégicos de criação de peões duplos no campo inimigo ressoam em muitos sistemas de abertura - da clássica Defesa Nimzo-Indiana a raridades como, digamos, 1.b3 N f6 2. B b2 g6
3 - B xf6 !? exf6 4.c4. E em todos esses casos, podemos ver uma tentativa de explorar a redução parcial da mobilidade na estrutura de peões oposta - isto é, em sua elasticidade.

Mas vamos fazer uma pausa por um minuto (literalmente!) Sobre a última parte - o bloqueio modificado, que uma série de edições transformam em uma conquista direta para White.



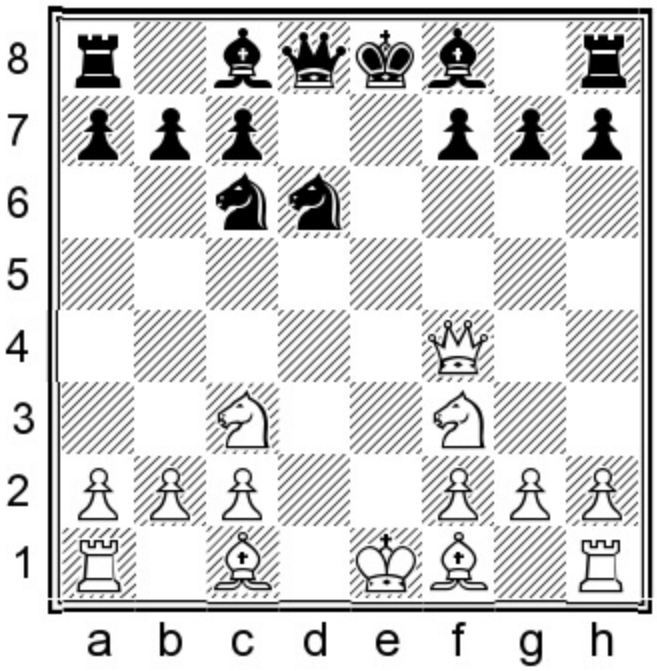
Parece-me que, por enquanto, White não tem o suficiente para justificar qualquer triunfalismo prematuro. A estrutura de seu oponente ainda é capaz de cumprir quase todos os caprichos estratégicos da fantasia que qualquer pessoa que joga as pretas possa inventar. Certamente, 4 ... d5 e 4 ... f5 se sugerem. Ele também deve considerar o expansivo 4 ... a5 (uma novidade, embora não muito significativa). Alguém provavelmente terá a ideia de outras continuações sólidas, como 4 ... b6 ou 4 ... c5. Em particular, não estamos dando atenção especial a todas as outras respostas de movimentação de peças, uma vez que elas não teriam qualquer relação com o ambiente estratégico.

Mas, considerando o leve deslocamento de sua estrutura, Black deveria, em minha opinião, primeiro tentar fortalecer o componente dinâmico da posição. Porém, a dinâmica também deve ter sua própria consistência, sua própria validade. Não se deve perder a cabeça, por exemplo, e se lançar em complicações, inventando apressadamente algum tipo de gambito de asa - por exemplo, o Volga Gambit-like 4 ... b5 !?
5.cxb5 a6.

Há outro movimento que me parece compatível e aceitável, a saber: 4 ... c6!?, Preparando-se para ... d7-d5, movendo-se em direção a montagens com um peão central isolado: 5. N c3 d5 6.e3 B b4 7.cxd5 cxd5, quando o contra-jogo das pretas deveria começar a entrar em foco (Lorvik-Bistrik, 2001). O resto deve depender de quem será o primeiro a conseguir a coordenação de suas peças.

Há um velho ditado: "Nada de ruim vem sem o bem." [Ou, “Cada nuvem tem seu forro prateado”. - Tr.] O que nos traz a ideia de que devemos examinar o Jogo Russo (conhecido no Ocidente como a Defesa Petroff) para encontrar as situações prometidas naquela abertura em que chegaremos ao lado bom dos peões dobrados!

Trinta anos atrás, eu tive a seguinte novidade interessante em uma das partidas de Karpov-Kasparov: 1.e4 e5 2. N f3 N f6 3.d4 exd4 4.e5 N e4 5. Q xd4 d5 6.exd6 ep 6 ... N xd6 7. N c3 N c6 8. Q f4



Por pelo menos 100 anos, todo mundo jogou 8 ... B f5. Mas por que, pensei ao estudar esta posição, não deveríamos reorientar nossa coordenação de peças para ganhar o controle de d4? E além disso, depois
8 ... N f5!?, surge a possibilidade de trazer o bispo da quadratura escura, com tempo, para uma posição ativa (... B f8-d6). Como você pode ver, na fonte de novas idéias estão considerações simples e saudáveis de natureza geral.

Foi assim que nasceu um novo sistema - testado pela primeira vez na partida do campeonato mundial de Nova York de 1990 entre Kasparov e Karpov. Uma semana depois, foi recolhido pelos participantes do campeonato da Tchecoslováquia. No dia seguinte, meu banco de dados mostrou cerca de 50 desses jogos.

Mas, de passagem - como analista estou preocupado que, por algum motivo que não entendo, em monografias dedicadas ao Jogo Russo, meu nome seja mencionado cada vez menos em conexão com este novo sistema, 8 ... N f5, que foi claramente inventado por mim. Ao mesmo tempo, os autores das monografias nunca se esquecem de adicionar uma nota de rodapé, listando suas próprias contribuições para a monografia, nas variações laterais e nas linhas secundárias.

Lembro que quando comecei a mostrar esse esquema de mobilização de desenvolvimento a Anatoly Karpov, uma vez que ele se familiarizou com as variações, ele trouxe sua própria opinião, que queria considerar uma ordem diferente de movimentos, envolvendo um desenvolvimento anterior do bispo do quadrado luminoso, 7. B d3. Esse movimento traria uma peça adicional para a casa f5. Portanto, meu novo plano não seria mais viável.

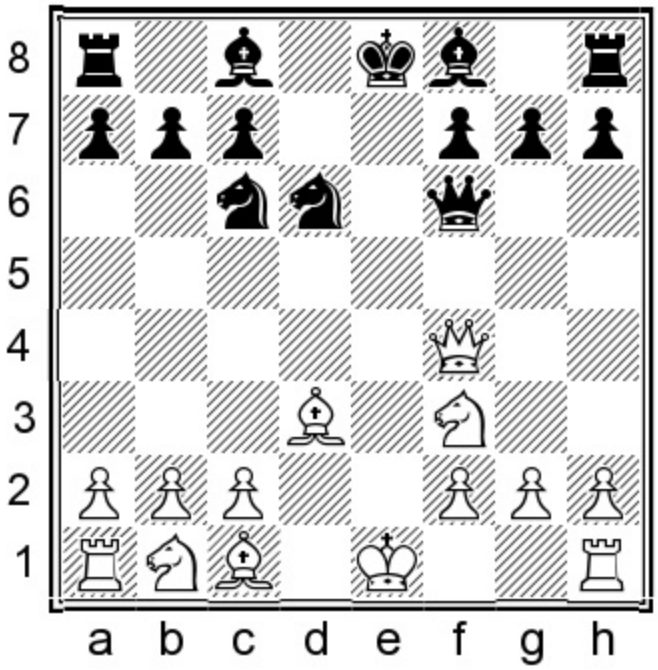
É verdade, na prática, 7. N c3 é usado com muito mais frequência do que 7. B d3 (naquela época, o último era usado regularmente apenas por Gyula Sax e alguns outros jogadores bem conhecidos). Mesmo assim, era preciso ter um antídoto para isso.

Depois de estudar o problema que nos incomodava, um dia depois me ocorreu um “remédio para dor de cabeça”: 7. B d3 N c6 8. Q f4 Q f6 !?

No jogo Karpov-Kasparov, a variação com 7. B d3 nunca apareceu. Mais tarde, eu empregaria com sucesso 8 ... Q Eu mesmo f6 em torneios.

Amonatov - Zaitsev

Moscou 2002



9 Q xf6

Em um jogo de treinamento diferente, meu oponente, um jovem grande mestre de Moscou, escolheu 9. N c3. Mas aqui

9 ... Q xf4 10. B xf4 B g4 11. N d5 0-0-0 12,0-0-0 B xf3 13.gxf3 g6 deu às pretas um jogo confortável. E uma tentativa infeliz de White de assumir a iniciativa pela força sofreu pesadas consequências:

14 B g5 R e8 15. N f6 R e6 16. R he1 B e7! 17 R xe6 fxe6 18.f4 h6 19. B h4 N d4, quando as brancas não podiam mais evitar perdas materiais graves.

9 Q xf6 gxf6

Agora, White tem que ficar de olho em surtidas como ... B g4, ... N b4 e ... R g8.

10 B d2 B g4 11. B e2 0-0-0

Agora, ninguém poderia duvidar de que as pretas têm um jogo totalmente igual. Em princípio, quando as coisas se resumem à exploração das fraquezas dos peões, as brancas devem, no mínimo, tomar a iniciativa em suas próprias mãos. Por enquanto, está firmemente nas mãos de seu oponente.

12 N c3 B xf3 13.gxf3

Em qualquer caso, ele não pode salvar os dois bispos da troca: 13. B xf3 N d4 14. B d1 N c4 15. B c1 R e8 + (ou apenas 15 ... B b4).

13 ... N d4 14,0-0-0 N xe2 + 15. N xe2 N c4 16. B c3 B h6 + 17. K b1 R xd1 + 18. R xd1 R e8

Apesar da simplificação, as pretas retêm chances realistas de sucesso no final do jogo.

19 N g3 N e5 20. N e4 N xf3 21. N xf6 R e2 22.a3 B d2 23. B xd2 N xd2 + 24. K c1 N e4 ?!

O último movimento das pretas, acompanhado por uma oferta de empate e aceitação, merecia um ponto de interrogação. Por um lado, após o convidativo 24 ... N f3 !, as brancas teriam, aparentemente, acabado com um peão a menos:

25 N xh7 R xf2 26.h3 R h2.

Mas por outro lado, o movimento também merece um ponto de exclamação, pois conseguiu “mascar” uma emboscada escondida: 24 ... R xf2? 25 N g8 !! (seria mais exato do que 25. N d5 c6 26. N e7 + K d7
27 N g8! K e6 28. R xd2 R f1 + 29. R d1 R xd1 + 30. K xd1 f5 31. K e2 K f7 32. K f3! K xg8 33. K f4, desde então as brancas teriam que descobrir o fim da rainha surgindo após o 33 forçado ... K g7 34. K xf5 K h6
35 K e5 K g5 36. K d6 K g4 37. K c7 K h3 38. K xb7 K xh2 39. K xa7! K g3 40. K b6 h5 41.a4 h4 42.a5 h3
43.a6 h2 44.a7 h1 = Q 45.a8 = QQ g1 + 46. K c7, embora aqui também, é claro, as brancas provavelmente teriam uma vitória) 25 ... R g2 (claramente o cavalo preto não poderia escapar, porque então as brancas teriam um companheiro em dois) 26. N e7 + K d7 27. N d5 e as pretas perdem uma peça.

Vemos que no decorrer desse encontro, os peões dobrados não causaram nenhum problema às pretas. Pelo contrário, era como se tivessem um papel positivo. E estamos praticamente prontos para dar um veredicto positivo sobre eles.

Não, este tandem estratégico de aparência estranha (uma falange vertical?) Realmente ainda tem muitas propriedades misteriosas e não escritas. Para enfatizar, o grande mestre David Bronstein certa vez respondeu à pergunta: “Qual é a sua peça favorita?” dizendo, com toda a seriedade, "Peões dobrados!"

E, portanto, ao que parece, teremos que acrescentar rapidamente um acréscimo necessário à nossa conclusão anterior. Os peões duplos (e eu enfatizo que esses são peões isolados, como em ambos os exemplos apresentados) são, sem dúvida, uma deficiência de posição óbvia no sentido estático. Mas, em nosso segundo exemplo, esta desvantagem significativa foi compensada por alguns pontos positivos dinâmicos recém-adquiridos - o arquivo g semiaberto, seu maior controle central do ponto e5 e (mais importante) superação de todos os problemas relacionados ao seu desenvolvimento da peça.

Uma pirueta estratégica semelhante pode ser observada hoje em dia na bem conhecida variação contemporânea do Scotch Game:
1.e4 e5 2. N f3 N c6 3.d4 exd4 4. N xd4 B c5 5. N xc6 Q f6 6. Q d2 dxc6 7. N c3 N e7
8 Q f4 B e6 9. Q xf6 gxf6.

A prática atesta o fato de que o lado que primeiro desenvolve suas peças tem melhores chances de chegar a um nível de cooperação mais alto e ativo, conseguindo assim impedir a ativação de suas peças pelo adversário.

Lembro-me da forte impressão que deixou nos jogadores que testemunharam o jogo seguinte (não o resultado do jogo, nem mesmo a bela jogada, mas precisamente a ideia estratégica incomum) - o tipo experimental de jogo de Mikhail Tal aqui, em seu primeiro encontro com Mikhail Botvinnik ele mesmo, jogando pelo campeonato mundial - e eu mesmo estava presente para ver isso.

Tal - Botvinnik
Moscou 1960
Defesa Caro-Kann

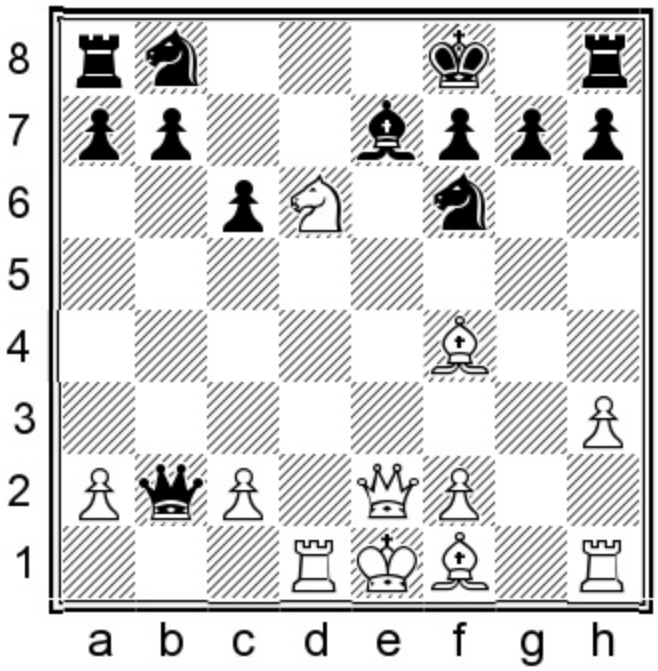
1.e4 c6 2. N c3 d5 3. N f3 B g4 4.h3 B xf3 5.gxf3 !?

Jogado ao contrário de todas as regras - deu a todos os espectadores um verdadeiro começo. Em busca de alguma forma de

Para aumentar o impacto dinâmico de sua posição (fortalecer seu centro e explorar a coluna entreaberta), o grande mestre de Riga deu a si mesmo peões duplos.

Sabemos agora que, de acordo com nosso banco de dados, não muito antes deste jogo, Tal jogou esta variação, um pequeno mini-vaudeville, em um jogo contra seu treinador de longa data Koblents, da seguinte forma: 5 ... e5 6.f4 dxe4

7.fxe5 Q d4 8. Q e2 Q xe5 9.d4! Q xd4 10. N xe4 B e7 11. B f4 Q xb2 12. R d1 N f6 13. N d6 + K f8



14 Q xe7 +! K xe7 15. N f5 + K e8 16. N xg7 + K f8 17. B d6 +! K xg7

Se 17 ... K g8, então 18. R g1 Q c3 + 19. R d2, e Black teria que correr para o final do jogo:

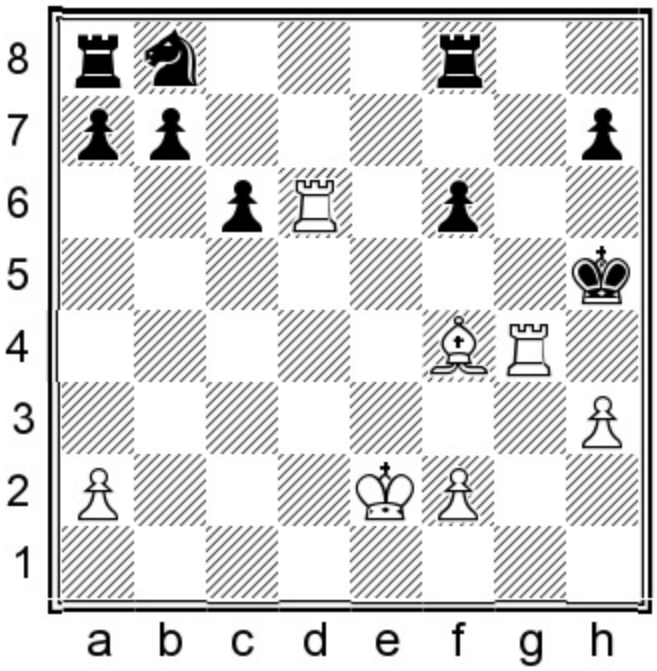
19 ... N g4 20. R xg4 Q a1 +! 21 K e2 Q xg7 22. B e5 Q xg4 + 23.hxg4 N a6 24. B xh8 K xh8 25. R d7 N c5

26 R xf7, quando as chances das brancas pelo menos não seriam piores.

18 R g1 + N g4! 19 R xg4 + K f6 20. R f4 + K g7 - empate.

É possível que tenha sido uma boa maneira de pedir a todos que quisessem, “bicar” a tentadora variação 20 ... K g5 21. R g4 + K h5 22. B e2 Q xc2, prometendo às pretas um par de peões extras, bem no final do jogo.

Mas, em uma inspeção mais detalhada, descobrimos um truque simples: provavelmente já é hora de as pretas pararem com isso e começarem a pensar em se salvar por volta dos 23 anos. B f4! Q xe2 + 24. K xe2 f6 25. R d6 R f8.



Parece que as brancas têm várias possibilidades de provar sua vantagem aqui. Do meu ponto de vista, a seguinte forma de desenvolver a sua iniciativa parece bastante convincente: 26. R g7 b6 (depois de uma tentativa diferente de animar as peças pretas no lado da rainha, 26 ... N a6, o final é triste para ele:
27 R xb7 N c5 28. R xh7 + K g6 29. R h6 + K g7 30. B e3) 27. R d4 N a6 28. B g3 K h6 29. R dg4 R ae8 + 30. K f3
R e4 31. B f4 + R xf4 32. K xf4, e a grande superioridade das brancas é óbvia.

26 K f1 parece tentador: 26 ... N a6 27. R d7 R h8 (se 27 ... h6, então 28. R dg7, com a terrível ameaça de
29 B g3. Se então 28 ... f5, 29. B g3! fxg4 30.hxg4 # também não salva as pretas) 28. R dg7 N c5 29. B g5 !! (29. B g3 K h6) 29 ... fxg5 30. R 7xg5 + K h6 31.f4! e, mais uma vez, o mate não pode ser interrompido.

Também depois de 26 ... b6 (pretendendo fechar a sétima fila com ... a7-a5 e ... R a7) 27. R e6 N a6 28. R e7
R h8 29. R por exemplo 7 R af8 (as pretas devem prevenir a ameaça revelada na variação 29 ... N c5 30. B g5 !! fxg5
31 R 7xg5 + K h6 32.f4 !, e o mate é forçado) 30. B g3 K h6! 31 B f4 + K h5, e o ataque das brancas com uma pequena força acaba sendo apenas bom o suficiente para atrair: 32. B d6! e, mais uma vez, o ataque com força mínima acaba sendo vitorioso.

Seja como for, esse amigável piquenique de xadrez evidentemente demonstrou as possibilidades dinâmicas definidas pelas brancas.

No jogo real, Botvinnik teve sucesso em acalmar a quase explosiva tempestade de xadrez e conduziu esta batalha em um caminho estritamente posicional.

5 ... e6 6.d4 N d7 7. B f4 B b4 8.h4 N gf6 9.e5 N h5 10. B g5 Q a5 11. B d2 Q b6 12.a3 B e7 13. B e3 g6!

Com o decorrer do jogo, esse encontro tenso acabou empatando.

Gostaria de salientar que, embora inicialmente “esterilizado”, no que diz respeito a tais experimentos estratégicos, um computador é, na verdade, consideravelmente mais “monótono” em suas decisões do que um ser humano seria.

Estático versus Dinâmico

Podemos observar continuamente uma oposição semelhante entre o estático e o dinâmico no processo de

transição da abertura em situações típicas com um peão isolado no centro, quando um lado usa todo seu arsenal de tentativas estáticas para manter seu bloqueio. Enquanto isso, seu adversário, contando com a totalidade de seus fatores dinâmicos, tenta romper o bloqueio. O jogador que supera o adversário em desenvolvimento - ou seja, cujo nível de cooperação das peças é maior no momento culminante - prevalecerá nessa batalha estratégica.

Não é por acaso que Capablanca, o terceiro campeão mundial, considerava a lei da cooperação da peça a pedra angular do xadrez. Devemos ter 100 por cento de fé nos grandes clássicos - mas, então, como devemos entender a tese de Philidor sobre a superioridade da estrutura, com a qual o autor deste livro concorda totalmente? Philidor não discorda claramente aqui de Capablanca?

Acho que tudo ficaria explicado se concordássemos em aceitar o fato de que o nível de cooperação das peças
é tão importante para a avaliação da dinâmica de uma posição quanto os padrões estruturais são para sua composição estática. Mesmo assim - por que a primeira coisa com que começamos são os peões de plástico? Parece-nos que isso decorre do fato de que, na maioria dos casos, nossa avaliação da posição procede de uma avaliação dos elementos estáticos de ambos os lados. Mudando para a dinâmica, mergulhamos de cabeça no cálculo de variações concretas. Para dinâmica, ao contrário de estatísticas, não pode ser avaliada - apenas calculada.

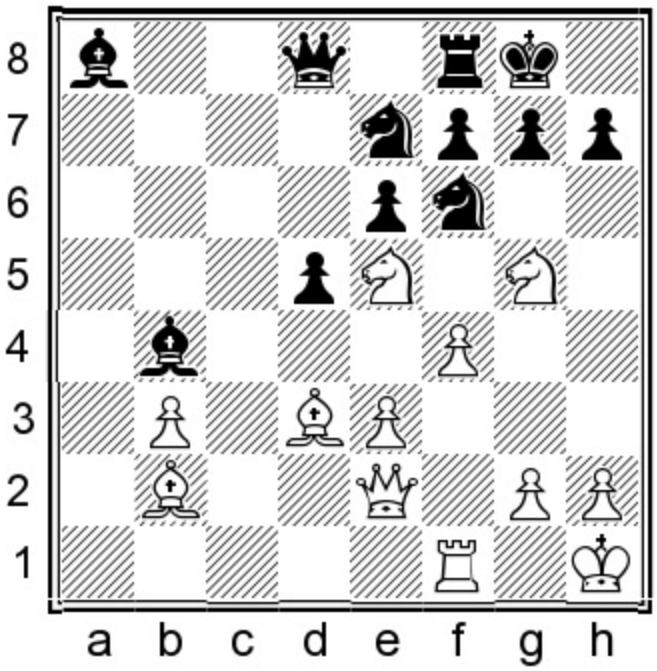
Mas, assim como não pode haver regras sem exceções, também entre os mestres do xadrez ocasionalmente aparece uma pessoa que difere das outras por sua natureza intuitiva, que como sabemos é uma das ferramentas fundamentais de cognição.

A filosofia do xadrez (se a entendermos como a junção de elementos coordenadores de peças) já tem sua própria história de dois séculos. Essa história se desenvolve, como a maioria dos outros processos neste mundo, de acordo com o esquema da lei-espiral: As etapas de sua evolução se repetem, mas em níveis diferentes e qualitativamente mais elevados.

Para nos convencermos de que as coisas são precisamente assim, basta recorrer à galeria criativa dos campeões mundiais, onde algumas das diferenças não serão menos marcantes do que as semelhanças. Todo aquele que conquistou o maior título de xadrez tornou-se, em seu tempo, não apenas uma espécie de costureiro, ditando a moda externa no xadrez (aberturas, estilo de jogo) - mas, mais importante, o porta-voz de visões filosóficas definidas. Ele aparece como portador de um tipo de conhecimento totalmente novo, o distinguindo de seus antecessores. Assim, nem Steinitz nem Lasker sabiam intuitivamente que eram a força dominante de suas criações. Mas essa lacuna foi mais do que preenchida pelo terceiro campeão mundial, sobre cuja intuição de xadrez surgiu uma série de lendas.

Capablanca - Illa

Buenos Aires 1911



21 N g4!

A jogada natural, e incondicionalmente melhor - mas seu autor ficou até satisfeito por poder descobrir algumas novas belezas nesta posição. Acontece que também se pode testar um inesperado sacrifício de rainha, 21. Q h5!?, antecipando 21 ... N xh5 (Branco não tem medo das complicações depois dos 21 ... N f5
22 Q h3 h6 23. N exf7 R xf7 24. N xe6. E 21 ... N g6 22. B xg6 hxg6 23. Q h4 ou 22 ... fxg6 23. Q h3 são bastante desfavoráveis para as pretas) 22. B xh7 + K h8 23. N exf7 + R xf7 24. N xf7 + K xh7 25. N xd8 - quando as brancas têm compensação mais do que suficiente, torre e três peões contra duas peças menores. Será que essa possibilidade passou despercebida de Capablanca? Ou ele percebeu, intuitivamente, que as coisas não teriam necessariamente corrido tão bem aqui?

E, de fato, aprofundando a análise, podemos ver que após 25 ... d4 26. B xd4 B d5 27.e4 B xe4
28 N xe6 B F5, Black pode reunir uma boa cooperação por peças - algo que o gênio cubano sempre poderia prever.

21 N g4! N g6 22. B xf6

Pergunta número dois: A seguinte variação também não foi mencionada por ninguém e representou uma tentação bastante forte: 22. N xf6 + !? gxf6 23. Q h5 fxg5 24. Q h6! d4 25. B xd4 e5!
26 B xe5 f6 27. B xg6. Agora, o 27 natural ... hxg6 28. Q xg6 + K h8 29. B d4 não deixaria Black praticamente sem chance de salvação. Mais uma vez, como no caso anterior, temos dúvidas quanto ao acerto da decisão do grande jogador. Mas, como você deve se lembrar de algumas linhas atrás, quase tropeçamos, supondo que Capablanca tivesse esquecido uma vitória fácil. E desta vez vamos ser um pouco mais cuidadosos.

Bem, e se em vez do atraente 27 ... hxg6, Black responder 27 ... Q e7 !? 28.fxg5, e somente agora
28 ... hxg6 29. Q xg6 + Q g7 30. Q xg7 + K xg7 31.gxf6 + K f7 - a avaliação dessa posição seria tão clara? Apesar de sua compensação única - cinco peões para o bispo! - O branco vai achar difícil

para converter sua vantagem em vitória, tendo em vista suas peças dispersas. E as pretas também podiam jogar o ainda mais preciso 28 ... Q g7 29. Q xh7 + Q xh7 30. B xh7 + K xh7 31.gxf6, e aqui ele tem contra-jogo definido, com boas chances de salvar o jogo.

Claro, essas explicações não esgotam as possibilidades para ambos os lados - longe disso. Mas a engenhosa intuição de Capablanca, absorvendo as miríades de variações (sem se perder nos detalhes), encontra imediatamente o único caminho verdadeiro, como o fio de Ariadne no grande labirinto. [Zaitsev refere-se ao conto mitológico da princesa Ariadne, filha de Minos de Creta. Apaixonada por Teseu, ela lhe dá uma espada para matar o Minotauro e uma bola de linha para encontrar o caminho de volta para fora do labirinto. - Ed.]

A continuação do jogo foi:

22 ... gxf6 23. N h6 + K g7 24. N hxf7! Q e8 25. Q h5! fxg5 26. Q h6 +! K g8 27. N xg5

Black renunciou (27 ... Q e7 28. B xg6 hxg6 29. Q xg6 + Q g7 30. Q xg7 + K xg7 31. N xe6 +).

Xadrez Intuição

Agora seria mais relevante encontrar uma resposta para a pergunta: o que é essa "intuição do xadrez?" E faríamos isso de bom grado, se a escala do problema não fosse tão significativa. Do nosso ponto de vista, seria completamente presunçoso fingir que poderíamos dar uma definição precisa desse aspecto do talento natural. Mas, uma vez que o impacto desse fenômeno na força prática de um jogador é grande e benéfico, então é necessário que busquemos isso.

Quando usamos o pensamento intuitivo, contornamos os canais lógicos para estabelecer a verdade diretamente, sem recorrer a cálculos ou computações intermediários. Esse insight, essa previsão - se preferir, uma espécie de profetização - é uma presciência não calculista do desenvolvimento de eventos em um subespaço do tabuleiro de xadrez.

Mas mesmo durante essa criação meio mística, a intuição subconsciente deve se manter ancorada em uma base totalmente realista, profissional e informativa. Sem essa conexão, mesmo o pesquisador mais brilhante é rebaixado ao nível de um jogo de adivinhação para diletantes. Mas quando o subconsciente se conecta com a informação, o dom nativo é fortalecido. Quanto mais amplo e “categórico” for o seu conhecimento básico, mais aquele que tem essa intuição será capaz de ver o futuro.

O caráter da estrutura central pode prever todo o conteúdo da batalha estratégica que se aproxima. Lembro-me de como um dia, durante o Campeonato por equipes de Moscou, descobri que estava escalado para sentar na mesa de ninguém menos que Mikhail Botvinnik! Como esse tipo de sorte só aconteceria com um jovem jogador uma vez na vida, na minha ansiedade decidi pedir um conselho sobre meu próximo teste de um dos grandes mestres de lá que tinha algum conhecimento de Botvinnik.

O primeiro que cruzei, no vestíbulo do Central Chess Club, foi Bronstein. David Ionovich me ouviu. Então, em sua maneira amada, sorrindo docemente - de forma que era impossível dizer se ele estava brincando ou falando sério - ele imediatamente respondeu com um de seus paradoxos. Devo jogar o jogo dando a Botvinnik uma luta em todas as três (!?) Frentes - no lado do rei, no lado da rainha e no centro!

Intrigado, disse adeus ao Mestre do Coro e vaguei pelo Boulevard Gogolevsky - onde quase imediatamente encontrei Simagin, caminhando sem pressa. Ajustando meu passo ao dele, fiz a Vladimir Pavlovich a mesma pergunta que estava me incomodando: O que jogo com as pretas contra o Botvinnik?

E então - o que você acha? - um segundo depois, recebi dele esta resposta fleumática e não menos intrigante, acompanhada por um sorriso gentil “Simaginiano”: “Deixe seu centro vazio!”

Não é por acaso que tenho me demorado em tantos detalhes nesse episódio aparentemente sem sentido e estritamente pessoal. Só anos depois eu entendi claramente que esses dois personagens de xadrez de pensamento profundo haviam expressado instintivamente um e o mesmo sentimento, cada um a sua maneira, afirmando no mesmo momento, cerca de cinquenta anos atrás, o único curso estratégico correto em minha situação - procuram uma prevalência de fatores dinâmicos, mais plenamente realizados com um centro aberto ou móvel. Na verdade, esse conselho fala a uma notável obstinação de estratégia neste ambiente particular do xadrez.

Capítulo três

O papel da razão e do julgamento

Mas agora vou me permitir mais uma vez voltar ao período em que trabalhava ativamente como treinador de xadrez. Por um momento fiquei indeciso, sem saber como administraria todos os meus anos de experiência. O tempo avançou irresistivelmente, levando e levando para o interior da memória do xadrez as impressões que surgiram em minha imaginação e um dia me pareceram tão distintas e inesquecíveis. Mas os efeitos do tempo não abalaram minha segurança interna sobre a correção de minhas conclusões, que eu havia formulado com base em minha prática analítica ativa - e que foram apoiadas, afinal, por minhas numerosas descobertas e descobertas iniciais.

No entanto, agora que finalmente decidi concentrar-me nesses problemas, sou forçado a demonstrar prudência - totalmente apropriada para esta ocasião.

Acrescento também que, devido ao significado do objetivo que escolhi, me pareceu extremamente importante não me amarrar a nenhum tipo de obrigação, mantendo para mim total liberdade de ação ao longo de toda a minha apresentação.

Em suma, uma daquelas considerações introdutórias pode ser expressa da seguinte forma: Junto com o conhecimento usual contido nas informações básicas - informações elaboradas e sistematizadas, submetidas a análises criativas e de alguma forma resumidas - pode-se prever que junto com tudo isso, nas profundezas do xadrez, também deve existir Conhecimento com “K” maiúsculo. Pois o modelo de jogo de xadrez é fundamentalmente cognoscível, e milhares de anos de sabedoria nos ensinam que não há nada escondido que não será finalmente revelado!

Tudo isso não significa que um jogador jamais esteja livre da necessidade de realizar, jogada a jogada, um cálculo profundo e cuidadoso das variações.

Parece-me que a estratégia do xadrez se reduz ao estudo das formações e da evolução da estrutura dos peões. Portanto, tal Conhecimento, revelando o histórico da coordenação de peças e - o que é mais importante - esclarecendo os fundamentos da estratégia do xadrez, pode ser a ajuda mais significativa para resolver o problema central de escolher e elaborar um plano de jogo correto e consistente.

Aqui é importante ressaltar que ao longo do curso da história do xadrez, começando com seus primeiros tempos e até os dias atuais, alguns entusiastas e pesquisadores do xadrez têm pensado constantemente em resolver, da forma mais geral, esses tipos de problemas teóricos problemas.

Via de regra, para jogadores com tendência analítica, esse entendimento inicial serviu como ponto de partida para um processo elementar. Em seguida, é desenvolvido em uma descrição aprimorada de sensações indefinidas e aproximadas, acumulando-se em nossa consciência à medida que se enche de informações sobre o xadrez. Esse processo pode ajudar na criação de um solo fértil para a assimilação consciente de problemas estratégicos essenciais, com os quais podemos agora ter a chance de lidar, transferindo-os para o campo dos marcos filosóficos gerais do xadrez.

Embora tenha havido progresso definitivo nessa direção nos últimos anos, devemos reconhecer que os resultados de tais deduções hoje ainda são bastante modestos. O xadrez, como objeto de tal pesquisa, desenvolveu-se em uma proporção de aproximadamente 1: 100 em comparação com o xadrez competitivo.

Por outro lado, não devemos esperar por saltos qualitativos repentinos para encontrar soluções para os problemas subjacentes. A filosofia do xadrez, se pretende, nesta nova fase, tornar-se um organismo vivo e em crescimento e não um esquema artificial e pensado, deve antes de tudo ter passado por todos os passos evolutivos necessários.

E os passos neste caminho se resumem ao seguinte: De acordo com Immanuel Kant:

> *Todo o nosso conhecimento começa com os sentidos, prossegue para o entendimento e termina com a razão. Não há nada mais elevado em nós do que a razão para elaborar o material da contemplação e para resumir tudo sob a mais alta unidade de pensamento.*

Por sua vez, Hegel, desenvolvendo essa posição, delimita e contrapõe a razão como *Pensamento "infinito"* e julgamento como *Pensamento "completo".* Definição, estabilidade e finalidade do julgamento, na opinião de Hegel, estão na base do pensamento sistematizado. Por outro lado, tendo alcançado o passo da razão, o pensamento atua como uma atividade livre do espírito, livre de qualquer tipo de restrição externa.

E depois ele acrescenta o que estará especialmente em sintonia com nossa apresentação:

> *No palco da razão, o pensamento faz suas próprias formas. As atuais definições de pensamento, seu objeto, e superando sua abstração e unilateralidade, desenvolve um conceito "razoável" ou "concreto".*

A totalidade de tais conceitos, indiscutivelmente retratando um sistema completo de novas ideias sobre o assunto em estudo, poderia ser considerada ensino. Com o tempo, qualquer sistema envelhecerá e se tornará inadequado para a realidade prática. Em seguida, vem a próxima etapa: a mudança inevitável de conceitos, começando - como tentaremos convencer nossos leitores - com o desdobramento de um pano de fundo ideológico diferente, tecido artificialmente com uma inteligência humana enganosamente astuta.

Assim, ao longo do caminho, tomamos notas para nós mesmos sobre a primeira de nossas suposições. Tentando estudar situações frequentes do jogo de xadrez, provavelmente usaremos principalmente a razão em nosso trabalho para um cálculo específico.

Ao mesmo tempo, tateando ao longo de uma linha interminável dos pontos gerais de contato desses casos e começando a pensar sobre a natureza da semelhança desses exemplos aparentemente bastante diferentes, somos forçados a direcionar nosso raciocínio à compreensão criativa. E, claro, o acréscimo da razão é indispensável quando se pesquisa em um plano teórico-filosófico os fenômenos do xadrez como um objeto que controla seus próprios padrões interiores.

Na prática, um se fundirá com o outro. Quem entre nós não viveu repetidamente (no decorrer do jogo ou na análise) momentos em que a mente, guiada pela razão e bloqueada por algum labirinto insondável, experimentou repentinamente, em um momento de quase desespero, um impulso iluminador de um general natureza, exatamente quando precisava ser encontrada, enquanto a razão mudava de marcha? Apresentaremos alguns exemplos para ilustrar a ação desse "mecanismo de sussurro".

Este caso clássico do nono jogo da partida Botvinnik-Tal é quase exatamente testemunha disso. Aqui, Botvinnik rebateu com sucesso o cálculo racional de variações inteligentes de Tal com uma das diretrizes simples, porém profundas de seu raciocínio - negocie torres, mas mantenha as rainhas!

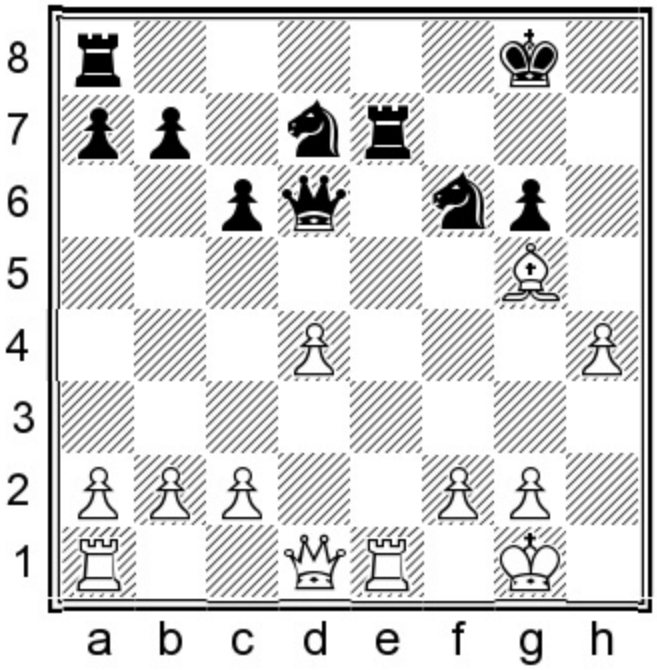
Aqui está o que Tal escreveu, * em suas anotações sobre a posição que surgiu após o 19º lance das pretas, ... R h7- e7:

* *Tal-Botvinnik 1960* por Mikhail Tal (Russell Enterprises 2016, 7ª ed.)

Tal - Botvinnik

Nona partida

Moscou 1960



No decorrer de um jogo de xadrez, os oponentes desenvolvem suas ideias de maneira completa. Muitos jogadores de xadrez (especialmente na geração mais jovem) no decorrer de um jogo de cinco horas estudarão os cálculos básicos, e seu trabalho consistirá aproximadamente em "se eu for lá, ele vai lá" conforme a posição o justifique.

Os jogadores de xadrez mais experientes, que estudam os segredos da arte mais profundamente, freqüentemente não se preocupam com essas questões fatigantes e planejam seu jogo adicional de acordo com princípios básicos, geralmente inabaláveis. Para ilustrar, gostaria de citar o diálogo que ocorreu após o final do nono jogo entre Botvinnik e eu.

Quando eu, em rápida sucessão, comecei a mostrar a Botvinnik as diferentes variações nas quais as pretas conseguem um bom jogo, ele disse: "No início, pensei que essa posição fosse melhor para as brancas, mas depois encontrei o plano correto: eu tinha para trocar torres e manter as rainhas no tabuleiro. "

A princípio, essa avaliação da posição me pareceu um tanto abstrata, mas quando comecei a repassar as mesmas inúmeras variações, cheguei à conclusão de que Botvinnik estava absolutamente correto: em um final sem rainhas, as brancas são bem formadas corrente de peão com o apoio do bispo ativo garante a ele um

borda definitiva. Com as rainhas no tabuleiro, as pretas podem contar com um ataque forte em vista da fraqueza de g4.

Acho que qualquer jogador de xadrez, vasculhando sua memória, pode trazer à tona algumas situações semelhantes em que uma decisão concreta foi tomada sob a influência de considerações gerais. A este respeito, recordo, entre outros, um encontro com um certo mestre finlandês.

Zaitsev - Keskisarja

Jyvaskila 1997

Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 d6 3. B b5 + B d7 4. B xd7 + Q xd7 5.0-0 N c6 6.c3 N f6 7. R e1 e6 8.d4 cxd4 9.cxd4 d5 10.e5 N e4 11. N bd2 N xd2 12. B xd2 B e7 13. R c1 0-0 14. R c3

Do meu ponto de vista, trata-se de uma manobra muito lógica, que coloquei em circulação em 1992. Explorando o fato de que 14 ... B b4? falha contra 15. R xc6! B xd2 16. R d6, as brancas elevam a torre à terceira classificação, onde um futuro definido aguarda nas operações do lado do rei.

14 ... R ac8 15.a3 R c7

No jogo Zaitsev-Shneider, Moscou 1992, Black escolheu 15 ... N b8 16. R d3! Q d8?!, Mas depois das 17.h4 !? Q c7 18. B c3 h6 19. N h2! B xh4 20. Q h5 B g5 21. N g4 Q d8 22. B b4 g6 23. N xh6 + K h7 24. Q H2 B xh6 25 B d2, Black se viu em uma posição extremamente desconfortável.

Devo observar que a cunha de peão d4-e5, em muitas configurações iniciais, muitas vezes leva a ataques do lado do rei pelas brancas. Portanto, a resposta mais baseada em princípios aqui seria o avanço 15 ... f7-f5 !? (Zaitsev-Lerner, São Petersburgo 1997). O objetivo de seu movimento, antes de mais nada, é restaurar a comunicação entre as alas. Enquanto isso, depois de (15 ... f5 !?) 16.exf6 R xf6 !, Branco, não tendo a retorta 17. B g5? por causa de 17 ... R xf3 !, é praticamente forçado a ir para uma simplificação adicional com

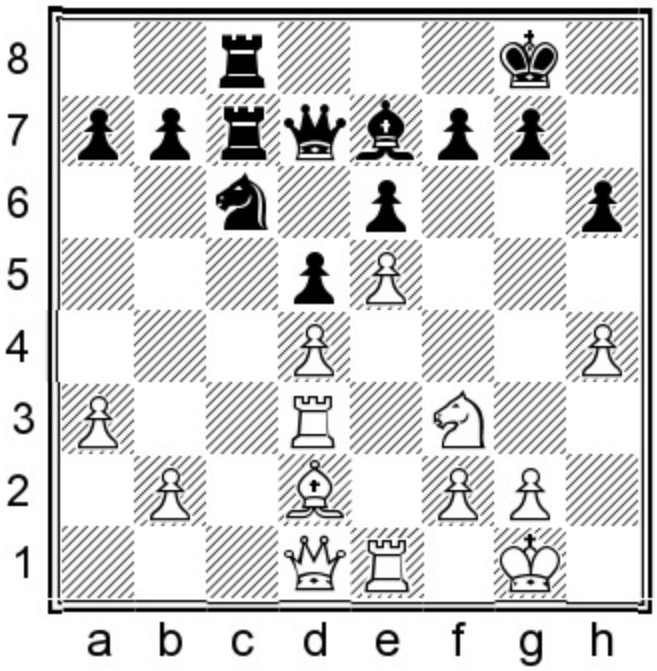
18 N e5.

16 R d3 !?

Enquanto se preparava para o próximo ataque ao lado do rei, seria uma boa coisa salvar esta torre da troca.

16 ... R fc8 17.h4 h6 ?!

Não há absolutamente nenhuma necessidade para essa mudança. Ao fazer isso, as pretas quebraram uma das regras mais básicas de defesa - sempre que possível, evite criar fraquezas no setor onde você está sob ataque.



18 N h2! B f8

Em 18 ... B xh4 19. Q h5, todo o rebanho de peças brancas cairia instantaneamente sobre a posição de rei das pretas.

19 N g4

No início, eu estava olhando para 19. B xh6 ?! gxh6 20. N g4, e por algum tempo me pareceu que o ataque iria se desenvolver com mais ou menos sucesso: 20 ... B g7 21. N f6 + B xf6 22.exf6 Q d6 23. Q h5 K f8
24 Q xh6 + K e8 25. Q g7 Q f8 26.h5 K d7 27.h6 R e8 28.h7 R cc8 29. R h3. Mas então comecei a calcular a linha 20 ... Q d8! 21 N f6 + K
22. R g3 B g7 - e começou a ver que isso iria sufocar o ataque. E foi assim que, no decorrer do meu ataque, passei muito tempo vagando, verificando (e verificando novamente) minhas variações para encontrar a resposta certa. Ao mesmo tempo, entendi que não seria capaz de chegar a lugar nenhum sem um sacrifício no altar do ataque.

De repente, descobri, dentro de mim, um impulso ou indício de um plano geral. Devo sacrificar o material em uma ordem completamente diferente: primeiro o cavaleiro, e *então* o bispo! As variações começaram a se instalar. Em alguns movimentos, chegamos a uma situação em que a nova ordem de movimento se justifica completamente.

19 ... Q d8 20. R g3

A ofensiva se desenrola! As pretas não podem pegar o peão-h agora por causa de 21. N f6 + K h8 22. R g4, prendendo a rainha.

20 ... K h8 21. N f6!

Assim, a “previsão” da mente começa a se tornar realidade. E a razão apóia essa decisão com o seguinte cálculo: 21 ... gxf6 22. Q g4 N e7 23.exf6 N g6 24.h5 Q xf6 25.hxg6 Q xg6 (em 25 ... fxg6, uma possibilidade adicional aparece - 26. B f4) 26. Q h4 (ou então as brancas teriam um final altamente favorável com 26. Q xg6 fxg6 27. R xg6) 26 ... Q h7 27. B f4, e as brancas têm uma posição vencedora.

21 ... N xd4

21 ... g6 22.h5 g5 23. Q b1 também seria ruim.

22 B xh6!

E aqui está, o prometido *desfecho* - um sacrifício de bispo!

22 ... N f5

Agora é uma posição semelhante a um estudo: as brancas se movem e acasalam em três.

23 Q h5!

O resto é simples: 23 ... N xh6 24. Q xh6 + gxh6 25. R g8 mate, ou 23 ... Q xf6 24. B xg7 + K g8 25. Q h8 companheiro. Black renunciou.

Outro exemplo de considerações gerais que levam a uma inspiração concreta é meu adiamento contra Balashov, do Campeonato de Moscou de 1970. Eu encontrei o caminho para a salvação durante uma análise tensa e extensa, quando de repente me dei conta de que apenas quando a rainha negra foi capaz de se estabelecer no quadrado central d4 ela conseguiu completar seu ataque com sucesso.

Em princípio, é também nessas generalizações que se cria a ponte para encontrar um plano muito maior. Mas por quais sinais, de uma infinidade de pontos de apoio formando a matriz de uma posição, você decifra o que é mais importante - se os quadrados-chave ou outras informações salientes?

Passei muitos anos em análises quase ininterruptas. Naquela época, exausto sob uma carga de inúmeros jogos adiados e sem a ajuda de um computador, um analista se tornaria um quando chamado a sê-lo. Retirei desse trabalho fascinante a convicção de que só se deve tentar montar o resultado final do estudo de uma posição depois que as múltiplas variações encontradas começarem a aparecer. Estas são as primeiras idéias de uma ordem geral, totalmente aplicável não apenas a uma posição concreta, mas também a muitas outras posições estrategicamente semelhantes. Esses sinais e dicas exatos, brotando das profundezas da imaginação, vêm em auxílio de nosso raciocínio.

Há, infelizmente, um círculo de pesquisadores insatisfeitos em obter resultados práticos de tal investigação. Mas aqueles que mostram curiosidade e gradualmente se aprofundam no problema se encorajam a continuar o processo de aprendizagem. Eles serão capazes, extraindo do particular (e em um momento particular distanciando-se dele) com base neste estudo de apenas alguns casos, chegar a conclusões de uma ordem um tanto mais geral.

À luz de tudo o que foi dito, acho que para muitos de vocês o perigo de confiar excessivamente na análise de computador será compreensível. E, como qualquer outro jogador de xadrez, tentei controlar esses problemas. Inesperadamente, descobri finalmente que toda a questão consiste no fato de que a humanidade conseguiu criar uma prótese super rápida daquela parte do nosso intelecto que estamos acostumados a chamar de razão, mas é principalmente incapaz de simular o comportamento absolutamente imprevisível do mente, submersa como está no subconsciente.

A imersão excessivamente profunda em programas de computador, transferindo o trabalho árduo analítico para seus “ombros”, confirma aquele próprio estereótipo da busca, onde você se acostuma a apenas calcular variações, em vez de formular um conceito final inteligente. (Ou seja, todo o processo evita o subconsciente incompreensível).

E assim devemos refletir sobre o seguinte. Em primeiro lugar, quando raciocinamos, contamos com o conhecimento geralmente aceito armazenado na memória da mente.

Em segundo lugar, quando pensamos sobre algo, entramos em um mundo abstrato e ideal, um presente concedido apenas à humanidade, de todas as criaturas vivas do planeta. E somos guiados por ele pelas inferências e conclusões de nossa própria razão.

Encontrando-nos em um estado de associação livre, podemos nos surpreender pensando que nossas reflexões sempre significam uma viagem a novas ilhas de conhecimento, em navios de construção incomum e frágil que pareceriam se manter flutuando apenas por algum tipo de milagre. Mas se formos apenas marinheiros teimosos e pacientes, estaremos condenados a ... ter sucesso! Isso não testemunha o fato de que nossa razão irá, *a priori,* levar-nos a tomar de assalto apenas as tarefas que têm soluções?

Por outro lado, teríamos que suspeitar que nosso cérebro é capaz de juntar as costuras do tempo, transformando a ilusão em realidade (neste caso, a Realidade Primária), e vice-versa. Isso pressupõe que, desde o nascimento, alguém teria que possuir uma máquina do tempo proverbial - mas até o último momento, não saberia como funcionava, ou não se atreveria a usá-la.

Eis o que está escrito no Evangelho não canônico de Foma: “Se a carne vem do espírito, isso é um milagre; se o espírito do corpo, então este é o milagre dos milagres. Mas estou surpreso que tal piedade esteja encerrada em um vaso tão pobre. " [A citação é do romance de Maxim Gorky de 1899 *Foma Gordyeff: o homem que estava com medo* - Ed.]

Para mostrar mais claramente a distinção entre os aspectos das atividades da mente e da razão, vamos voltar mais uma vez à história da ciência sábia, já experiente na solução de tipos semelhantes de problemas.

No século 20, foi demonstrado que o mundo físico usual era, de fato, consideravelmente mais complicado do que os amantes da natureza pensaram no passado, agindo sob o conhecido axioma newtoniano: “Hypotheses non fingo” (eu não finjo hipóteses) E assim, um processo preliminar de desenterrar novos conceitos começou a desempenhar um papel de importância primária no desenvolvimento da teoria fundamental.

Isso é o que Albert Einstein tinha a dizer sobre o assunto:

> *Hoje em dia, sabemos que a ciência não pode crescer com base apenas na experiência e que, ao construir a ciência, temos de confiar em conceitos criados livremente, cuja adequação no futuro pode ser testada experimentalmente. Essas circunstâncias escaparam à atenção das gerações anteriores, para as quais parecia que a teoria poderia ser construída de forma puramente indutiva, sem recorrer à montagem livre e criativa de conceitos.*

Se colocarmos essa testemunha de maior autoridade no púlpito, então, por analogia, ele nos dá o direito de afirmar que no xadrez a generalização do conhecimento está localizada em um dos níveis mais primários (inatos). Essa percepção contrasta com o aumento e o crescimento dos elementos separados do jogo, que procederam basicamente em uma direção empírica improdutiva, da qual toda a chamada teoria é uma escolha contínua entre um enorme número de casos especiais.

Pois naquele mesmo século 20, quase "em sincronia" com os físicos, os enxadristas (é claro, cada um à sua maneira) explicaram a si mesmos que a natureza do xadrez também era muito mais complexa e que muitas de suas visões anteriores começaram a parecem insuficientes, ou mesmo equivocados, em relação à aplicação prática. Assim, surgiu toda uma corrente de hipermodernos, defendendo com uma crítica justificável certas posições gerais dos princípios de abertura clássicos relativos à batalha pelo centro.

E assim é que, com o objetivo de avançar ainda mais o pensamento teórico, a necessidade está periodicamente se infiltrando no xadrez para um repensar qualitativo e aprofundamento de certas considerações posicionais pelas quais os jogadores geralmente raciocinam. Esses elementos separados se fundem no mosaico estratégico geral. Claro, esse processo não se limita a revisar situações pontuais.

Crises semelhantes surgem com a necessidade de ampliar e aperfeiçoar métodos antigos e unificar tudo o que melhorou sob os arcos da fortificação que é nossa teoria geral. Um diálogo interno do pesquisador (neste caso, do jogador) adquire importância primordial quando se trabalha as posições estratégicas adequadas no decorrer do jogo, à medida que se tenta influenciar seu segundo “eu” em direção a esta ou aquela solução.

Mais uma vez, uma decisão pode parecer correta se a mente chegar a uma conclusão geral elegante e adequada com as informações disponíveis.

Portanto, para realizar todo esse trabalho - superando as contradições internas - a mente deve comandar a ferramenta mais completa e contemporânea para argumentos verbais. Observe que quanto mais detalhado e pitoresco for o diálogo interior, mais profundas e esteticamente ricas serão as soluções quando surgirem. Os comentários escritos pelo vencedor e pelo perdedor, logo após a conclusão do jogo, irão apoiar este fato. Junte os dois e muito ficará claro.

Nova teoria requer nova terminologia

É por isso que é tão importante que a renovação gradual da teoria geral seja sempre precedida pela criação de um anel de proteção de novos termos, introduzidos intensamente por pesquisadores na consciência da grande massa de enxadristas - tudo o que forma o mesmo anel virtual, segundo Einstein, de “conceitos livremente criados”, que primeiro deveriam ser propostos pelos pesquisadores, para depois entrar em uso comum no pensamento da maioria dos enxadristas.

No entanto, como nosso grupo de xadrez está 95% “jogando” e não inclinado a se ocupar com a filosofia etérea, esse trabalho preparatório necessário sempre será concluído muito lentamente. Por mais paradoxal que possa parecer - uma overdose de jogo impede o desenvolvimento das bases mais ideais.

Vamos tentar definir quais fatores foram um obstáculo para a rápida mudança das visões anteriores. Além do fator inibidor básico que surgiria do desenvolvimento sério, mas unilateral, do xadrez principalmente como um jogo, não me parece que houvesse outras razões objetivas. Mas havia, de fato, alguns subjetivos.

Grandes grandes mestres são praticantes, não filósofos

Novamente, vamos reexaminar mentalmente toda a história da filosofia do xadrez. Quais nomes o público em geral ouve agora? Claro, esses seriam basicamente os campeões, ou pelo menos os candidatos a esse título. E isso certamente se justificaria, pois o público escuta com atenção especial qualquer julgamento que saia da boca de um jogador forte - e por muito tempo assim.

No entanto, seria muito mais justo se aqueles qualificados para expor seus pontos de vista sobre o xadrez - os supergrão-mestres - não tivessem o monopólio dele. Não vamos esquecer que eles provaram ser principalmente praticantes brilhantes. Não nego que muitos deles poderiam vir a ser filósofos de tal profundidade como dizem Lasker, mas eles terão que provar sua afirmação sobre isso em um trabalho correspondente.

Não é por acaso que o século 20 totalmente fora do comum - ao contrário de seus predecessores, os séculos de erudição - declarou-se antes de tudo a era do especialista estreito. O próprio autor fictício de Tolstói, Kozma Prutkov, certa vez observou sarcasticamente que um especialista pode ser comparado a um gumboil [no sentido de que cresce em apenas uma direção - Tr.]. O surgimento de uma gigantesca inundação desses profissionais unilaterais corresponde absolutamente ao dispositivo pragmático básico da época - que cada um se concentre em sua especialidade.

Isso era, à sua maneira, uma ordenação do tempo. No final da era anterior, esse processo acelerou todas as fases da vida, à custa de ficarmos saturados de acontecimentos.

Da mesma forma, a frequência de participações em torneios e partidas dos jogadores líderes aumentou muito. Somado a tudo isso, ao mesmo tempo, está a carga fantasticamente trabalhosa das aberturas atuais. Embora os grandes mestres tenham conseguido treinadores, segundos e outros ajudantes, eles ainda acham difícil aparecer em vários disfarces ao mesmo tempo.

Infelizmente, é verdade: um campeão mundial não pode ser tudo de uma vez! Em vista das demandas de sua profissão, é mais natural que a maioria de nossos melhores jogadores tenha se tornado claramente incapaz de sequer pensar sobre essas "questões filosóficas".

Aparentemente, esse atraso ainda poderia ter sido compensado. Mas o computador “sem cerimônia”, esmagando tudo em seu caminho, espalhou as cartas completamente ao entrar no mundo do xadrez. Então, começou a parecer para muitos que a filosofia não teria mais valor para o xadrez. E realmente, por que a filosofia deveria ser necessária para um jogador, se um clique do mouse - e o agregador eletrônico, baseando suas decisões na lógica de contagem - ambos mostram *e obriga* ele para jogar o movimento necessário?

Nesse contexto, no limiar do nosso terceiro milênio, todo o propósito de descobrir por que algumas técnicas de jogo são melhores do que outras está perdido, já que um computador atual pode calcular uma posição quase completamente. Em breve, não chegará tudo isso a que lado pode calcular as variações mais longas, quando o próprio conceito de “estratégia” significará apenas um truque humano, permitindo ao jogador escapar de posições quando está jogando contra um computador ? O xadrez já alcançou o ponto em que o esforço criativo de um grande mestre mediano se esvai quando comparado ao poder de cálculo inquebrável do Kempelen eletrônico? [O húngaro Wolfgang von Kempelen construiu o famoso autômato de xadrez falso do século 18 "O Turco". - Ed.]

Ou estamos certos em ignorar, por enquanto, as nuvens ameaçadoras que se acumulam em nosso horizonte de xadrez? Apesar do fato de que um dos últimos confrontos sérios entre o homem e a máquina no nível mais alto terminou inesperadamente em uma perda para o humano, esse empreendedorismo ocidental ainda não se arriscará a instalar seus autômatos de xadrez nos corredores para competir por dinheiro. [Uma referência ao famoso segundo jogo Kasparov-IBM Deep Blue de 1997 - Ed.]

E é uma pena, de verdade: a base - leia os jogadores necessitados - pode ter uma sorte inesperada, já que

muitos dos estratagemas e posições finais não seriam solucionáveis para um "Kempelen".

No entanto, mudando para o caminho das considerações puramente esportivas, o xadrez está afundando cada vez mais no atoleiro das formalidades de nosso campeonato, enquanto perde os dons vivificantes de sua espiritualidade e se separa cada vez mais da arte genuína. Mas deixe-me perguntar a você: o computador é tão forte a ponto de ser o padrão em hipermetropia (ao mesmo tempo, devemos admitir que ele tem muito poucos iguais em uma batalha curta e bem marcada)?

Vou me limitar a apenas um exemplo (embora eu tenha acumulado algumas centenas deles).

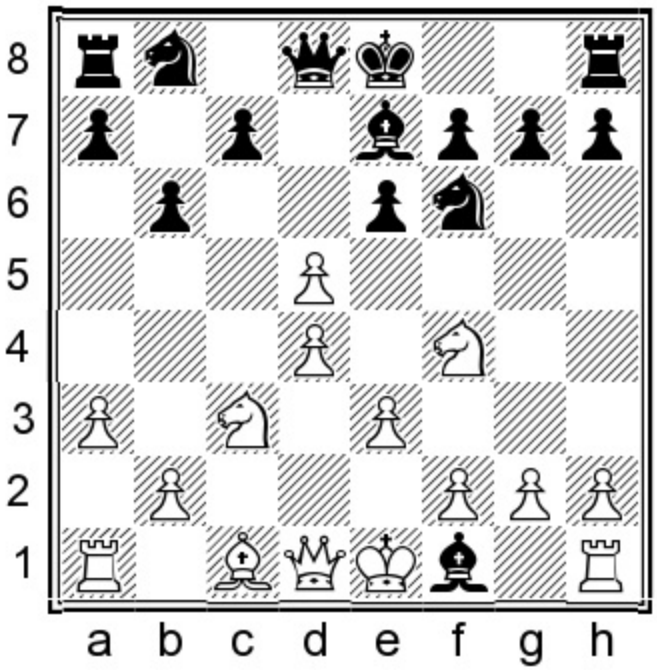
Zaitsev - Deep Fritz

Moscou 2003

Defesa Nimzo-Indiana

1.d4 N f6 2.c4 e6 3. N c3 B b4 4.e3 b6 5. N e2 B a6 6.a3 B e7 7. N f4 d5 8.cxd5 B xf1

Uma posição bem conhecida que aparece na teoria sob o título [E45], que chamou atenção especial para si mesma após a segunda partida do campeonato mundial de 1954 entre Botvinnik e Smyslov. Nesta posição, junto com o normal 9. K xf1 exd5 (ou 9 ... N xd5) 10.g4 g5 11. N d3, o branco às vezes se joga no redemoinho de complicações de dois gumes com 9.dxe6! ??. Mas contra um programa de computador que já tinha todos os encontros após esta variação programados em sua memória, eu me propus a meta (e aqui é onde viver, a fantasia humana é uma vantagem indiscutível) de "confundi-lo" com algum tipo de imprevisto continuação - e forçando aquele agregador eletrônico a resolver sozinho seus problemas de abertura. Foi assim que nasceu a seguinte ideia de abertura.



9 Q f3 !?

O branco não tem pressa em recuperar a peça. Primeiro, ele deseja aumentar a pressão na diagonal longa criando ameaças adicionais (a principal sendo d5-d6).

Apresso-me agora em compartilhar essa novidade com meus leitores. E faço isso propositalmente, já que a onda de formalismo superficial que varreu muitas esferas da atividade humana nas últimas décadas também varreu o xadrez. Os livros de xadrez, quando reimpressos, apagam seletivamente a autoria de certos sistemas. Foi assim que apresentei há alguns anos, na revista *64,* a ideia de uma continuação de gambito em [D43], a Variação de Moscou [do QGD Semi-Slav - Ed.]. Mas, por algum motivo, o prêmio por essa ideia foi para algum outro grande mestre. E não é a primeira vez que isso acontece.

9 ... B c4 10.d6 c6 11.dxe7 Q xe7 12.b3 !? B xb3 13.a4 B d5 14.e4 B c4

Agora ficou claro que o programa (com um controle de tempo definido em uma hora para todo o jogo) não dirigiu muito bem o exército das peças pretas. Nem lidou muito bem com seus problemas iniciais.

15 B a3 Q d8 16.e5 g5 17.exf6 gxf4 18. Q xf4 R g8 19. N e4 Q d5 20. N d6 + K d7 21. N xf7 Q a5 + 22. Q d2 Q xd2 + 23. K xd2

O resto era óbvio. Outras perdas materiais para Black eram inevitáveis. Era hora de renunciar.

Capítulo quatro

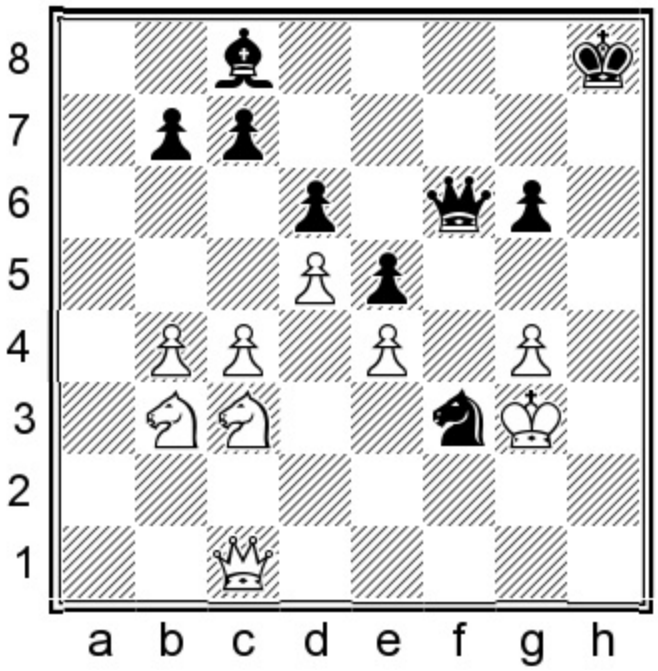
Atacando o Ponto Forte

O estudo nos mostra que em praticamente todos os jogos, um lado recorre diretamente, seja no próprio jogo ou nos cálculos, a explorar um elemento estratégico muito comum - atacar o ponto forte. Basta referir-se ao tema da *interferência* - amplamente conhecido no campo da composição de estudo, segundo o qual o golpe decisivo é dado quando uma das peças fica em um quadrado sob fogo cruzado simultâneo de peças inimigas - para nos convencermos de que esta técnica poderosa e ativa não é uma fantasia, mas existe no mundo real.

Aqui está um episódio comum de um dos muitos encontros entre os dois protagonistas no final do século XX.

Karpov - Kasparov

Skelleftea 1989



As pretas, que provavelmente têm uma vantagem considerável, jogaram com menos energia aqui:

35 ... g5 ?!

Permitir que seu oponente construa uma defesa:

36 N e2! K g7 37. Q h1

37 Q f1? seria um erro: 37 ... B xg4! 38 Q h1 N h2! e as pretas vencem.

37 ... N d4 (37 ... N h4 não altera as coisas significativamente) **38 N bxd4 exd4 39. Q d1! Q e5 + 40. K f3 Q f6 +**

41 K g3 Q e5 + 42. K f3 Q f6 + Desenhar

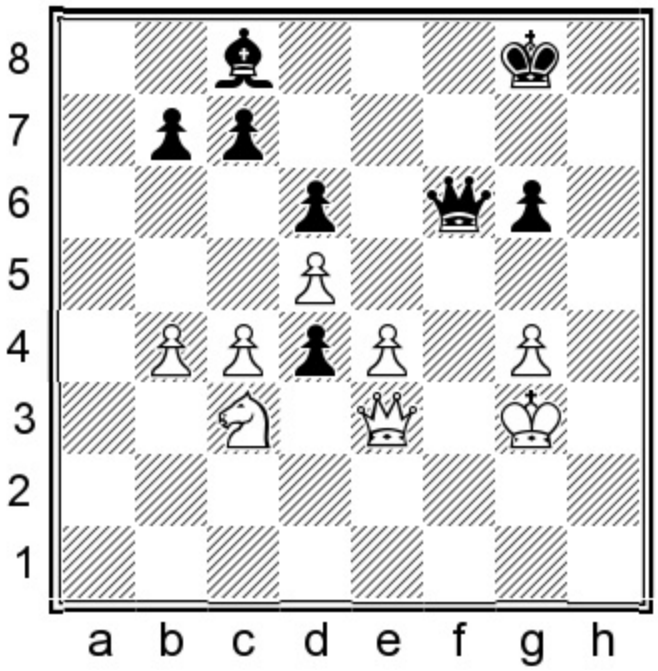
Porém, na posição do diagrama, pensava-se que as pretas poderiam ter vencido com 35 ... K g8! (o final que surge após 35 ... K g7 36. Q e3 N d4 37.g5! Q f4 + 38. Q xf4 exf4 + 39. K xf4 N xb3

40 N b5 provavelmente acabará desenhado, porque não há material suficiente restante)

35 ... K g8! 36 Q e3 N d4.

E, de fato, as variações 37.g5 Q h8 !! ou 37. N e2 N xe2 38. Q xe2 Q f4 + 39. K h4 K g7! vitória para as pretas.

Mas neste momento culminante, vamos tentar voltar à nossa temática técnica para a defesa. Então:
37 N xd4 exd4

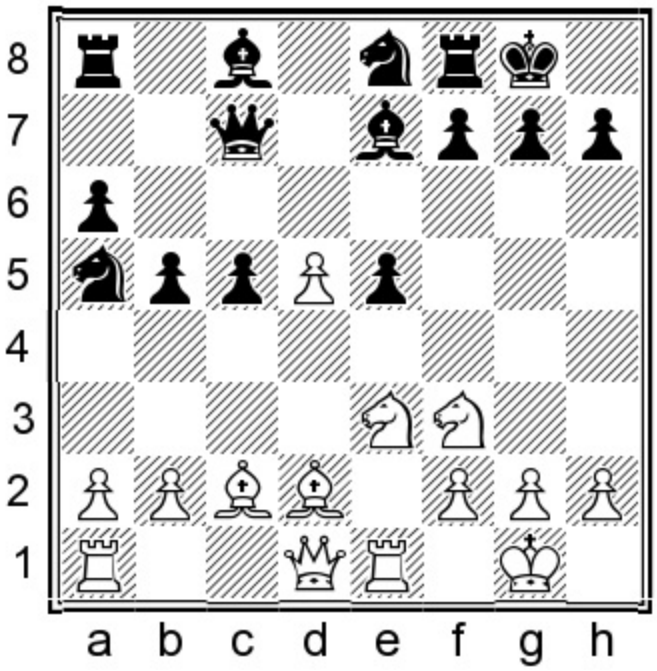


E agora, 38.e4-e5!?, (38.e5 !?) rompendo o ponto forte inimigo, combinado com o desbloqueio de um quadrado central. Como veremos, é precisamente isso que dá às brancas chances reais de salvar o jogo.

38 ... Q xe5 + (capturar com o peão leva à igualdade: 38 ... dxe5 39. N e4 Q f1 40. Q g5 - embora ele também pudesse jogar 40. Q f2, forçando o jogo de volta para a variação principal, porque se desviar daquela com 40 ... Q d3 + 41. Q f3 Q xc4 42. N f6 + garante o teste perpétuo do branco) 39. Q xe5 dxe5 40. N e4 (se
40 N b5 B d7 41. N xc7 e4 42. K f4 e3, as brancas teriam dificuldade em salvar esse final) 40 ... K f8.

Aqui, as brancas têm duas escolhas satisfatórias: a primeira é 41. K h4; e a segunda envolve a construção de uma fortaleza por K f3, c5, g5 e N f6.

Agora, aqui está outro exemplo - este do xadrez por correspondência:



As brancas têm a vantagem, pois têm compensação mais do que suficiente para o peão sacrificado em suas belas e bem coordenadas peças. Mas como fazer com que essa iniciativa juntasse em um ataque? Meu computador (Deep Fritz, rodando a 60 minutos / jogo) diz, sem constrangimento, para jogar

1 N xe5 B d6 2. N f3 f5 3. Q b1 g6 4.a4 f4 5. B xa5 Q xa5 6.axb5, atribuindo à posição das brancas um valor de aproximadamente 0,6 ².

No entanto, se você olhar para a posição, verá que as brancas podem conseguir muito mais executando o dispositivo estratégico que conhecemos como - atacar o ponto forte. E entao:

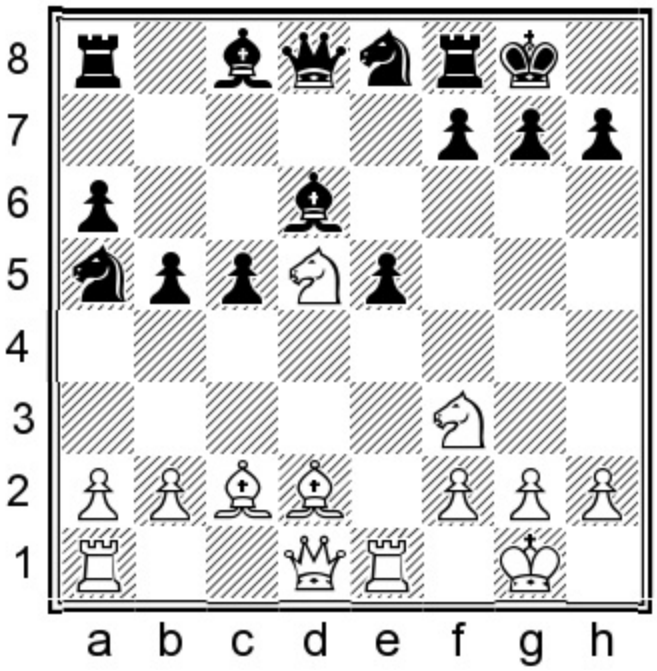
1.d6!

O objetivo ainda é o mesmo - desbloquear o quadrado central, transformando-o em um poderoso quadrado de salto para a penetração de um cavaleiro.

1 ... B xd6

Não é difícil perceber que todas as outras escolhas levam à perda de uma peça.

2 N d5 Q d8



Agora, o branco deve evitar uma forte tentação. Aqui está:

3 - B xa5 Q xa5 4. N xe5

Ameaçando capturar a rainha - mas desta forma, as pretas podem configurar uma defesa administrável, movimento a movimento.

4 ... Q d8!

Certo - 4 ... B b7 perde para 5. Q h5.

5 B xh7 + K xh7 6. Q h5 + K g8 7. N c6 N f6!

A primeira decepção para White, que já se preparava para gozar os frutos da vitória.

8 Q h4

No dia 8. Q g5, o contra-golpe 8 ... B xh2 + seria desagradável.

8 ... B e6!

É fácil perder uma réplica como essa, especialmente do passado.

9 R xe6

Forçado: após 9. N xd8 B xd5 10. R e3 R fxd8 11. R h3 K f8, Black não teria nada com que se preocupar.

9 ... fxe6

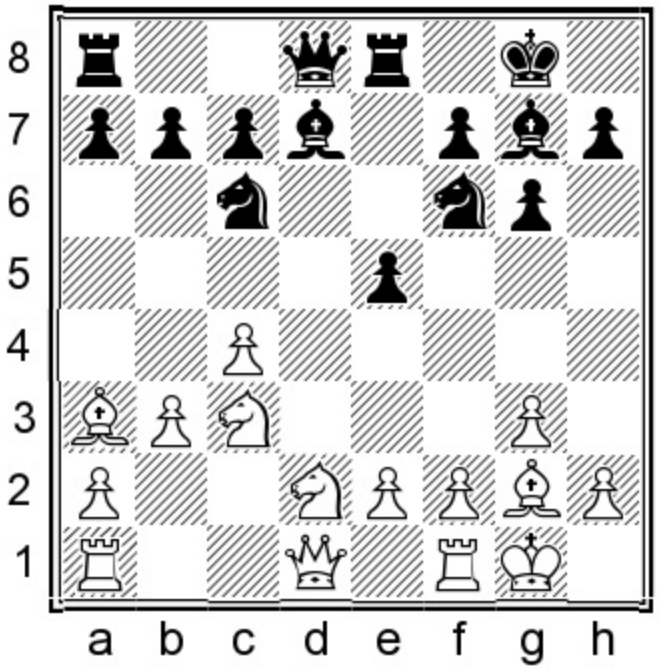
Agora, depois das 10. N xd8 R axd8, as brancas mantêm sua vantagem, é claro, mas as pretas então teriam chances reais de salvamento.

Portanto, teria sido mais energético para as brancas jogar 3. N xe5 b4 (3 ... N b7 4. Q h5! g6 5. Q h6 B e6 6 B g5 ou 5 ... N f6 6. N c6) 4.a3 R b8 5.axb4 B xe5 6. R xe5 N c6 7. B g5 f6 8. N e7 + Q xe7 9. R xe7 N xe7 10 B e3, e aqui, sua vantagem começa a parecer decisiva.

Às vezes, faz-se uma ruptura no ponto forte para aumentar o “poder de ataque” dos bispos.

Burmakin - Zaitsev

São Petersburgo 1997



As brancas tiveram uma abertura modesta. Explorando a liberdade de ação que lhe foi oferecida, Black invade o ponto forte do inimigo, tentando tomar a iniciativa.

11 ... e4!

As brancas têm apenas alguns lugares onde estão fortemente no controle (as casas b3, f3, c4, e4 e d5); mas é precisamente em um deles que as Pretas quebram a barreira.

12 N dxe4!

Isso é forçado: Se 12.e3, então 12 ... B f5 e as pretas ficam melhores. O sacrifício de retorno da troca que White compromete não engana ninguém.

12 ... N xe4 13. N xe4 B g4!

E 13 ... B f5 !? 14 N c5 B xa1 15. Q xa1 Q d4 também não parece tão ruim.

14 R e1 !?

Após a continuação mais natural, 14.f3 B f5! 15 Q xd8 R axd8 16. R ad1 B xe4 17.fxe4 B d4 + 18. K h1

N e5, preto, ao controlar o quadrado de base e5, será capaz de encontrar qualquer coisa inesperada.

14 ... Q d4 !? 15 Q xd4 ?!

Após esta resposta - embora evite a ameaça de ... R xe4 - A posição das brancas torna-se crítica. A única maneira de manter a igualdade reside no movimento de ataque paradoxal 15. B c5! Q xa1 (15 ... Q e5 não me dá nada, por causa da réplica inteligente 16. Q d5! B f5 17. N g5) 16. Q xa1 B xa1 17. R xa1 R e6 (17 ... K g7

18 B a3, e o bispo retorna à diagonal exigida, em circunstâncias honrosas) 18.f3 B f5
19 N c3! R e5 - As brancas têm excelente compensação pela troca, seja pelo desenvolvimento pacífico dos eventos, com 20. B f2 R d8 21.e4 B c8 22. N d5, ou por complicações combinativas, com
20.b4 a5 21.f4 axb4 22.fxe5 bxc3 23. R c1 R xa2 24. B xc6 bxc6 25. R xc3.

15 ... N xd4 16.f3 N c2

Aqui, o caminho mais simples seria consolidar minha vantagem considerável: 16 ... R xe4 17.fxg4 (17.fxe4 N c2) 17 ... R ee8! (durante o jogo, fiquei olhando para 17 ... R xe2 ?, mas então 18. K f1! dá às brancas um empate) 18. B xb7 R ab8.

17.fxg4 N xa1 18. R c1 a5 19.e3 a4 20.b4 N b3

20 ... R a6 teria sido mais convincente (ou 20 ... R e6, com a mesma ideia): 21. N c3 (21. N c5 R xe3; em 21.g5 ou 21. K f2, é 21 ... R ae6) 21 ... R xe3 22. B b2 N b3! 23.axb3 a3! 24 B a1 B xc3! 25 B xc3
R xc3! 26 R xc3 a2. Por outro lado, após a jogada real do jogo, também é óbvio que o emprego das pretas em nossa quebra temática contra o ponto forte das brancas resultou em um resultado favorável.

Pontos de junção

Diferentes autores tratam os conceitos de quadrado e ponto à sua maneira. Do meu próprio ponto de vista, deixe-me repetir minha sugestão de que consideremos um ponto como, antes de tudo, qualquer casa no tabuleiro de xadrez ocupada por uma estrutura de peões. E em segundo lugar, é qualquer quadrado em que uma estrutura possa ocupá-lo em um movimento. Em suma, os pontos são o habitat da estrutura de peões, bem como sua zona de interesse.

Partindo daqui, podemos ver que na posição inicial, a segunda e a terceira fileiras contêm os pontos das brancas. (Mais tarde, no decorrer do jogo, esse design se torna mais complicado e mais inequívoco.) A sexta e a sétima fileiras são os pontos das pretas. Por outro lado, na primeira e na oitava fileiras, não há pontos - apenas quadrados. E apenas quando o peão (o mais fraco, mas ao mesmo tempo o habitante mais promissor do espaço do xadrez) chega a essas casas, ele pode se converter na mais poderosa das peças. (A propósito, notamos que, em nossa visão, os reis não são peças, mas objetos particulares no tabuleiro de xadrez, indicando a presença de uma ideia de acasalamento.)

É totalmente natural que pontos de importância estratégica especial se encontrem, via de regra, sob o controle de mais de uma peça. Assim, numa posição obtemos pontos fortes - ou, como vou chamá-los, pontos de junção.

Parece-me que a presença em uma posição de vários desses pontos de junção ao mesmo tempo está longe de ser um benefício para a posição, uma vez que reduz a elasticidade de toda a estrutura, que idealmente deveria ser controlada igualmente. (Deve-se dizer que meu ponto de vista contradiz um dos postulados de Nimzovich *Sistema,* que exige a superproteção de quadrados-chave.) A práxis mostra que se, nessas circunstâncias, nosso oponente conseguir montar um ataque precisamente em um local superprotegido, então as coisas podem acabar em um fiasco estratégico completo.

Qualquer um que seguiu o clássico encontro de Steinitz-von Bardeleben na primeira parte do livro de perto, teve que notar que White estava tentando o tempo todo para fazer seu oponente jogar ... c7-c6. Quando finalmente aconteceu - e o d5-quadrado foi colocado sob controle do peão, tornando-se um ponto forte - então, e somente então, veio a quebra estratégica.

Já que no xadrez muito se pode aprender com a experiência, devo lembrar que a primeira vez que prestei atenção ao que parecia o significado paradoxal de casas aparentemente inacessíveis foi depois de uma das vitórias que fiz no campeonato de juniores da capital.

Zaitsev - Makarov

Moscou 1956

Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 d6 3.d4 cxd4 4. N xd4 N f6 5. N c3 a6 6. B g5 e6 7. Q d2 ?!

Naquela época, para nós, jogadores da primeira categoria, a Variação Najdorf estava apenas entrando na moda e permanecia em segredo, sob sete selos.

7 ... B e7 ?!

Aqui é aceito que se deve começar a perseguir o bispo com 7 ... h6. Depois dessa jogada, as possibilidades de continuar um jogo de dois gumes ainda são mais do que suficientes. Mas objetivamente, a vantagem das brancas já desapareceu.

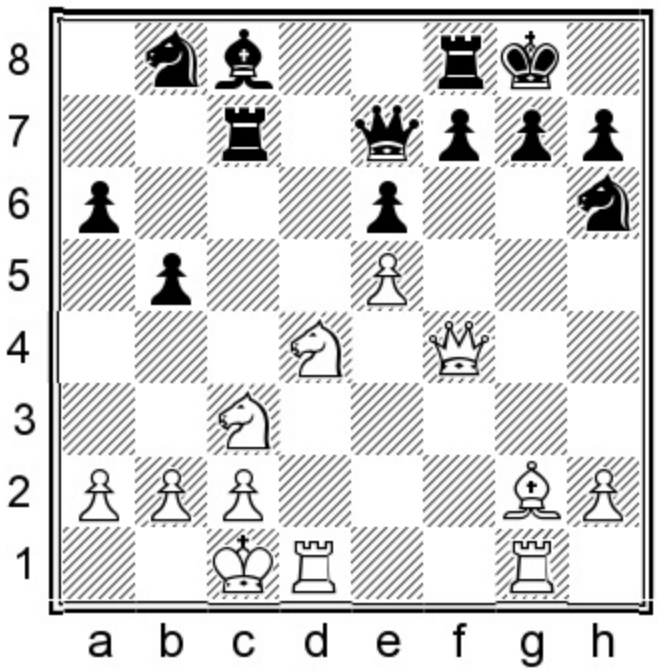
8.0-0-0 0-0 9.f4 Q c7 10.g4 b5 11. B g2 R a7 12.e5 dxe5 13.fxe5 N xg4 14. B xe7 Q xe7

O branco sacrifica um peão. Em troca, ele obtém chances de superar seu oponente ao desenvolver uma iniciativa no lado do rei.

15 Q f4!

É importante não permitir ... f7-f5, estabelecendo a comunicação entre as duas alas.

15 ... N h6 16. R hg1 R c7



Agora estou planejando desenvolver um ataque ao lado do rei negro. Portanto, está claro: o bispo de White agora terá que abandonar seu posto atual. Mas pense por que a ideia vencedora deve ser combinada com o lançamento dessa peça contra o ponto aparentemente mais inacessível para as brancas.

17 B d5 !!

Acontece que a posição contém uma ideia de acasalamento, e que o bispo das brancas, através da espessa pilha de peças pretas, está olhando para o g8!

17 ... K h8 18. R xg7! K xg7 19. R g1 + K h8 20. Q xh6

Agora as pretas estão indefesas - a ideia das brancas, de abrir a diagonal, está funcionando sem problemas: 20 ... f6 (em 20 ... f5, as brancas vencem, prosaicamente, com 21. B xe6) 21. N f5! exf5 22.exf6! Q xf6 (22 ... Q d8 23. Q g7 +!
R xg7 24.fxg7! #) 23. Q xf6 + R xf6 24. R g8! #.

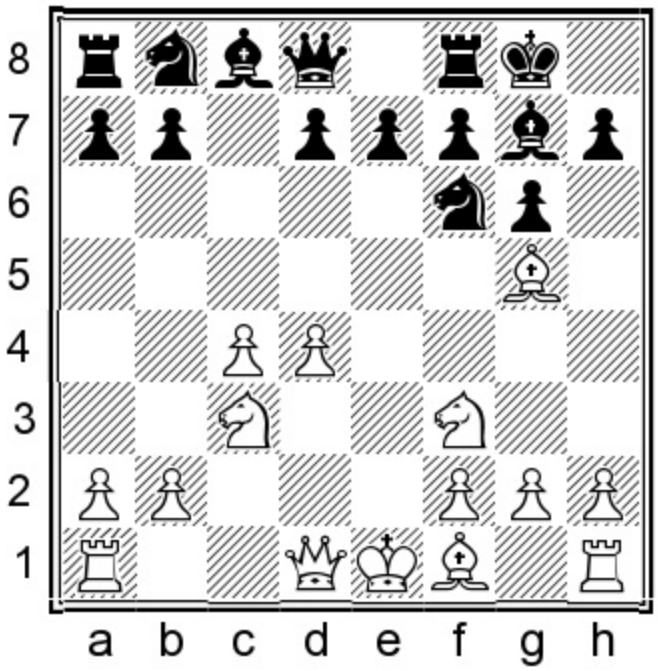
Então, vemos que o lado fixando seu controle sobre uma fileira de seus quadrados importantes deve - lembrando o conhecido ditado sobre a criança com sete babás fofoqueiras [“Sete babás tagarelas - e ninguém está cuidando do bebê!” - Tr.] - observe a situação dinâmica com atenção especial.

Como já havia chegado à convicção íntima, em meados da década de 1960, de que um avanço bem planejado de um ponto forte é um dos instrumentos ativos básicos da estratégia, esforcei-me na prática para fazer uso dele tanto quanto pudesse.

Às vezes, com sua ajuda, conseguia fazer pequenas descobertas direto no quadro, mesmo em áreas tão conhecidas como a abertura.

Polugaevsky - Zaitsev
Moscou 1967
King's Indian Defense

1.d4 N f6 2.c4 g6 3. N c3 B g7 4. B g5 c5 5.e3 0-0 6. N f3 cxd4 7.exd4



Parece-me que a grande maioria dos nossos jogadores profissionais contemporâneos, enquanto continuam a luta no meio-jogo e terminando com todo o vigor, procuram reduzir ao mínimo a luta criativa no tabuleiro na fase de abertura. Mas não tiramos algo de nós dessa maneira? Que tipo de sentido faz ter autocontenção consciente nessa fase de um jogo de xadrez que

está literalmente rastejando com as mais variadas possibilidades, e onde você pode tirar vantagem, não nas minas, mas entre os lingotes! [Significa algo como “Você pode ganhar uma vantagem pronta, sem trabalhar para isso!” - Tr.]

7 ... d5 !?

Uma nova ideia de abertura na época, se encaixando muito bem no meu conceito de atacar o ponto forte.
Em 2004, encontrei cerca de 100 exemplos dessa continuação de gambito. E as estatísticas saem a favor do Black!

8 B xf6 exf6 !?

Indiretamente mostrando que inventei a ideia por completo. E embora o movimento 8 ... exf6 tenha adquirido seguidores, conforme fui ficando mais velho 8 ... B xf6 parece mais seguro para mim. Mas nos meus primeiros anos - em comparação com os tempos modernos - eu não estava muito confiante quanto ao meu jogo em finais como 9. N xd5 B g7
10 N e3 N c6 11.d5 Q a5 + 12. Q d2. E, a propósito, Botvinnik, por mais sábio e experiente que fosse, considerou que saber como segurar um final de jogo inferior era o indicador básico de um grande mestre forte! Baseando-se neste comentário do “patriarca” do xadrez, pode-se considerar que os computadores de hoje, jogando de forma incerta em posições com interação fraca (por exemplo, nos finais), realmente não alcançaram esse nível ainda.

9 N xd5

Outra continuação seria 9.cxd5, resultando em uma alteração completa da situação estratégica no centro.

9 ... B g4 10. B e2 N c6 11,0-0 f5 12. R e1 B xf3 13. B xf3 N xd4 14. R b1 Q d6 15.b4 R ad8 16. R e3 b6

e as brancas empataram, que foram aceitas.

Poderíamos dizer que essa quebra aparentemente arriscada no principal ponto forte estratégico de meu oponente permitiu às pretas, por meio do desenvolvimento proposital de suas peças, resolver o problema da abertura de forma satisfatória.

Nesse mesmo ano, executei uma modificação de uma pausa de abertura semelhante.

Razuvaev - Zaitsev
Moscou 1967
King's Indian Defense

1.d4 N f6 2.c4 g6 3. N c3 B g7 4.g3 0-0 5. B g2 c5 6.e3 Q c7 7.b3 d5!

O objetivo é o mesmo - tirar White de seu ritmo normal de desenvolvimento por meio de um golpe combinatório no próprio “plexo solar” de sua posição.

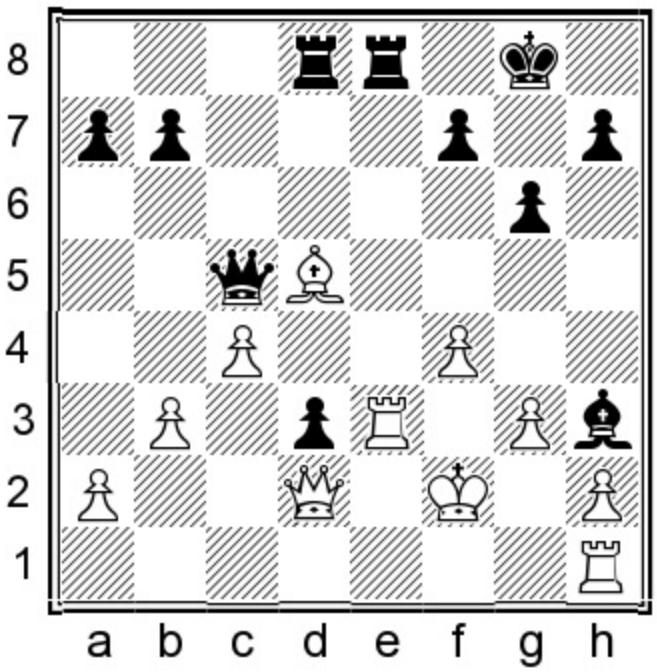
8 N xd5

Dois anos depois deste jogo, Nilsson tentou 8.cxd5 contra Johanessen, mas também sofreu uma derrota esmagadora: 8 ... cxd4! 9 N ce2 N xd5! 10.exd4 N b4 11. B f4 e5! 12 R c1 Q a5 13. B d2 N d3 + 14. K f1 Q a6
15 R c2 exd4 16. B e4 N c6 17. K g2 B e6 18. N f4 N xf4 + 19. B xf4 N b4 20. R c7 N d5 21. R c5 N c3 22. R xc3 dxc3 e assim por diante.

8 ... N xd5 9. B xd5 N c6 10. N e2 B h3!

O rei branco agora vai passar muito tempo no meio do tabuleiro. As pretas terão a oportunidade de estabelecer um fogo cruzado direcionado no centro, com todas as conveniências.

11 B b2 R ad8 12. Q d2 e6 13. B e4 cxd4 14.exd4 N xd4 15. N xd4 B xd4 16. B xd4 e5 17. B d5 exd4 18.f4 R fe8 + 19. K f2 d3 20. R ae1 Q c5 + 21. R e3



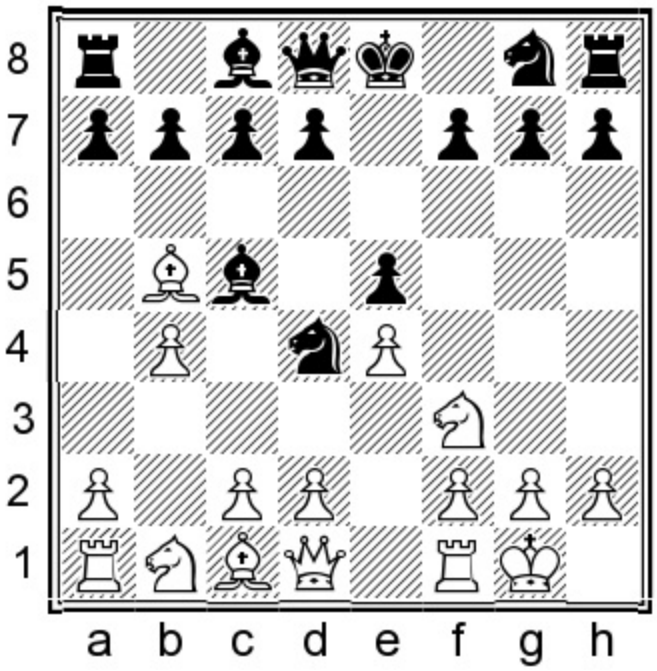
21 ... R xd5! 22.cxd5 R xe3 23. Q xe3 Q c2 +

Branco desiste (24. K e1 d2 +! 25 Q xd2 Q e4 +).

No início da década de 1960, não tínhamos praticamente nenhum material de referência sério sobre as inaugurações - para não falar dos computadores. Edições tão respeitáveis como a Iugoslava *Informante* e *Enciclopédia* apareceu em grande circulação consideravelmente mais tarde e, portanto, tivemos que chegar a muitas coisas por conta própria.

Por exemplo, no Ruy Lopez, já que na época o lendário Robert Fischer estava usando a variação 1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 B c5, eu inventei alguns novos sistemas como contrapeso a ele.

Em primeiro lugar, havia este gambito original: 4.0-0 N d4 5.b4 !?



Não vou entrar em detalhes analíticos aqui. (Aqueles que desejarem podem sempre procurar nos jogos em seus bancos de dados e avaliar os prós e os contras dessa solução forçadora.) Eu apenas apontarei para você que, por design, a variação principal termina com um ataque ao ponto forte do oponente:

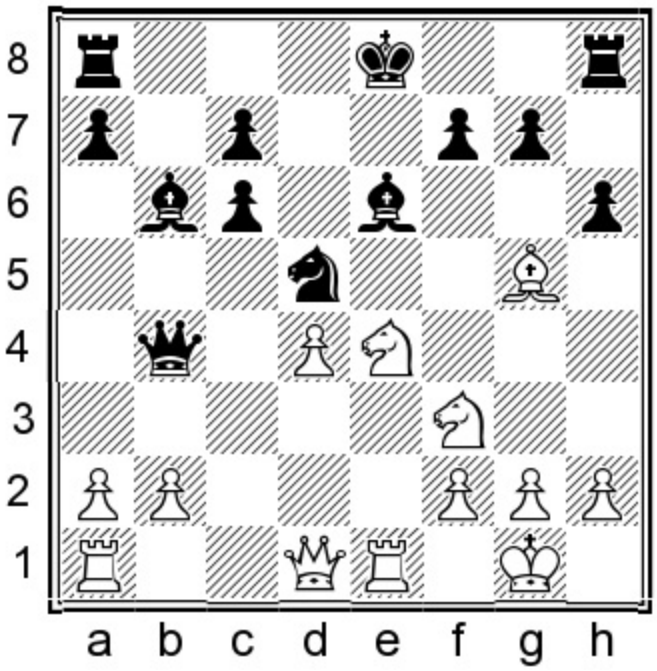
5 ... B xb4 6. N xd4 exd4 7. B b2 Q f6 8.c3 B c5 9. Q h5 B b6 (em 9 ... Q b6, o *Zwischenschach* 10 Q e5 + é desagradável) 10.cxd4 B xc

11.e5 Q b6. E agora, uma simples - mas, você admitirá, eficaz - nota final (à qual me referi acima) - 12.e6 !!.

"Para o meu segundo" (truque) nesta variação, em meados dos anos 60 "preparei" para o leitor este prato - com um enfeite complexo.

4.c3 N ge7 5.0-0 B b6 6.d4 exd4 7.cxd4 d5 8.exd5 N xd5 9. R e1 + B e6 10. B g5 Q d6 11. N bd2 (parece mais preciso do que 11. N c3 já que no dia 11 ... 0-0 é bom ter 12. N e4!) 11 ... h6 12. N e4 Q b4

13 B xc6 + bxc6



14 Q c1 !!. A principal reviravolta de todo esse empreendimento. Agora, em 14 ... hxg5 15. Q xc6 + K e7 16. N fxg5, as pretas ficam desamparadas diante das muitas ameaças das brancas - por exemplo, 16 ... Q xd4 17. N c5! (agora esse salto, que não é um ataque ao ponto forte do inimigo, mas puramente tático, não tem um pouco de estratégia) 17 ... Q xc5 18. R xe6 +. O único obstáculo diante desse sacrifício vencedor seria entrar em um jogo final com um peão a menos. 17 ... N f4 18. N gxe6 fxe6 19. R xe6 K f7! 20 R e4 N e2 +! 21 R xe2

B xc5 22. Q f3 + K g6 23. R e6 + K h7 24. R e4 Q xf2 + 25. Q xf2 B xf2 + 26. K xf2, mas aqui também, Black não é invejado.

Claramente, a manobra oportuna 14. Q c1 !! é um movimento de duplo propósito. Caso o rei preto pretenda se esconder na ala com 14 ... 0-0, então imediatamente (ou melhor ainda, após lançar no lance intermediário 15.a3) segue-se B g5xh6 - um sacrifício padrão em tais casos - dando às brancas um ataque muito forte.

Todas essas idéias ajudaram de forma significativa a desmascarar os 3 de Black ... B variação c5 em sua encarnação anterior. Mas o mais picante é que, de vez em quando, alguns jogadores bastante fortes ainda conseguiam se empalar no ponto oculto de minha análise de meio século. Em 1997, o GM encontrou Ulybin-Gretarsson, aos 14 anos. Q c1 o jogo continuou 14 ... hxg5 15. Q xc6 + K e7 16.a3 !? Q xb2
17 N exg5 N f4 18. Q e4 N e2 + 19. Q xe2 Q xe2 20. R xe2 R ad8 21. R ae1 R d6 22. N e5 e em vista da perda inevitável de um segundo peão, as pretas reconheceram que haviam sido derrotadas.

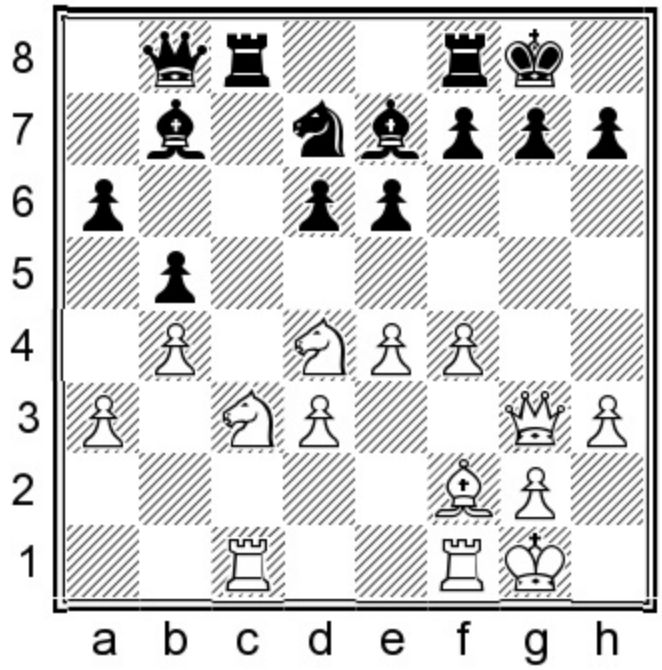
No que diz respeito à estratégia, muitos jogos abertos jogados com tais variações nos lembram jogos de um ato. Eles são sempre atraentes para os espectadores precisamente porque não se sufocam com os planos de vários níveis de um gênio como Paul Morphy.

Com avanços estratégicos, que às vezes têm um caráter gambit, podemos falar também do desbloqueio de uma estação ativa para uma de nossas peças dentro dos limites do chamado “espaço expandido” - um conceito que foi introduzido já em Nimzovich .

A título de ilustração, deixe-me apresentar o seguinte fragmento:

Zaitsev - Akopian

Moscou 1992



19.f5 e5 20.f6 !?

Rompendo o ponto forte do oponente, as brancas abrem caminho para suas peças até f5, que em muitos casos provará ser a chave para travar operações ativas do lado do rei.

20 ... B xf6 21. N f5 K h8 22. B e3

A fim de atender favoravelmente a tentativa de expulsar o cavalo - 22 ... g6 - com 23. N h6 K g7 24. N g4.

22 ... R g8

No dia 22 ... R c7, Akopian não gostou da variação 23. B g5 B xg5 24. Q xg5 g6 25. N xd6 R xc3 26. Q e7 !.

23 Q f2!

As brancas pretendem amarrar seu oponente à defesa do peão-d: em 23 ... B d8, 24. B a7 Q c7 25. N d5
Q xc1, 26. N xd6 é desagradável.

23 ... R c6 24. Q a2 R f8

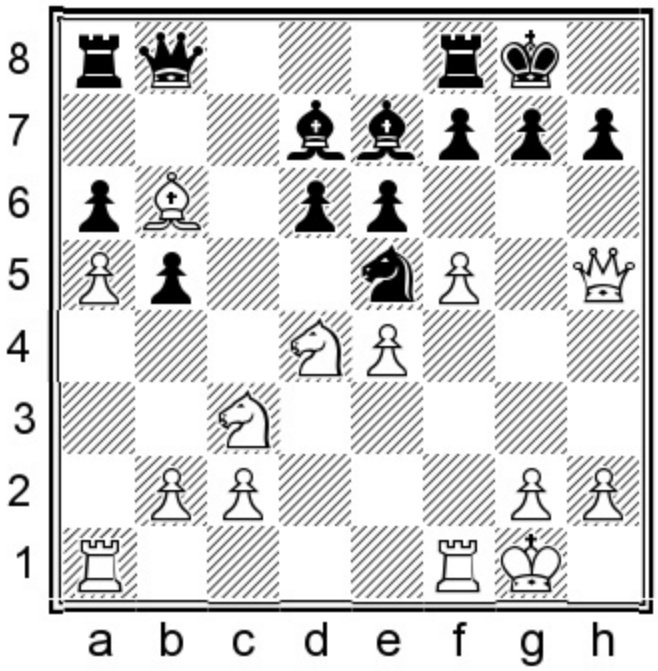
Em 24 ... Q e8, as brancas ganham por 25. N xb5 axb5 26. R xc6 B xc6 27. N xd6.

25 N d5

Na opinião de Akopian, 25.g4 !? Q d8 26. Q d2 também valeu a pena examinar. No entanto, já está claro que as brancas obtiveram uma iniciativa totalmente suficiente no jogo para o sacrifício do peão que ele executou aqui para realizar a quebra contra o ponto forte das pretas. Essa mesma técnica frequentemente repetida, acompanhada por rupturas centrais, pode se tornar uma estrela guia para a execução de qualquer tipo de ataque.

Há cerca de vinte anos, junto com o mestre Eduard Shekhtman, participamos de trabalhos na casa de Kasparov

academia, na cidade francesa de Metz. Durante nosso trabalho, treinando no cálculo de variações, jogamos uns jogos de 15 minutos com os olhos vendados. Em um deles, chegamos à seguinte situação interessante:



1.f6 !?

Este deve ser um avanço familiar agora - não é?

1 ... B xf6 2. R xf6 gxf6 3. N f5

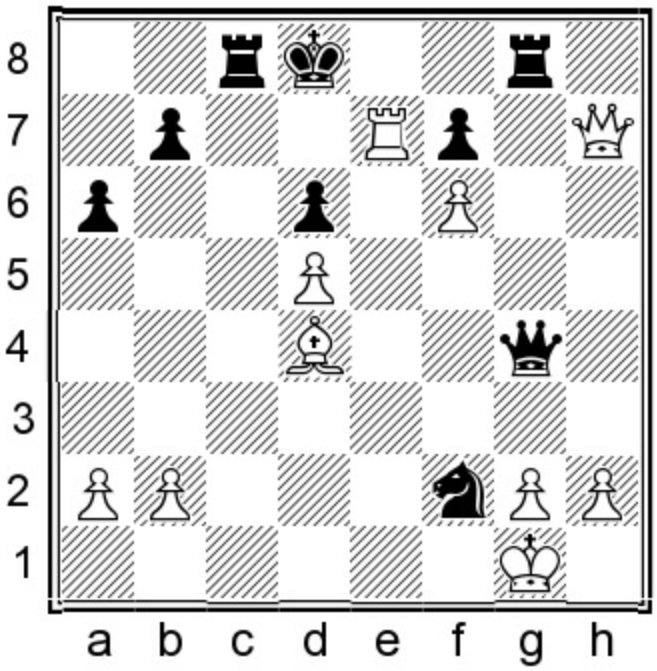
Ou as brancas podem se aproximar do rei preto imediatamente - 3. Q h6.

3 ... exf5 4. N d5 e as brancas têm um ataque poderoso (4 ... K g7 5. Q h4 N g4 6. N xf6 ou 6. B d4).

Uma vantagem dinâmica vale muito. Portanto, um jogador não deve trocá-lo por qualquer "pão de gengibre".

Uma vez eu estava analisando um jogo com alguns jornalistas. Um deles, Evgeny Khramov, era um poeta conhecido. Seu oponente, Aleksander Roshal, era um mestre e editor-chefe da revista *64 - Pesquisa de xadrez.*

Khramov - Roshal



As brancas têm uma iniciativa forte, mas são uma torre abaixo. Portanto, sua primeira tarefa é restaurar o equilíbrio material.

1 B b6 + R c7 2. R d7 +! K c8 3. R xc7 + K b8 4. Q xg8 +? Q xg8 5. R d7 N h3 + 6. K f1

Aqui, Black errou: depois de 6 ... N f4? 7 R d8 + Q xd8 8. B xd8, sua posição era desesperadora. Mais tarde, Roshal demonstrou que ao continuar 6 ... K c8! 7 R d8 + Q xd8 8. B xd8 K xd8 9.gxh3 b6 em vez disso, ele poderia ter estabelecido uma fortaleza inexpugnável.

No entanto, na posição diagramada, a atividade das brancas é tão grande que ele poderia ter vencido facilmente com o 1 imediato. R d7 + !! Q xd7 (forçado, para evitar o mate) 2. B b6 + R c7 3. Q xg8 + Q e8 4. B xc7 + K d7 5. Q xe8 +
K xe8 6. K xf2, etc.

Na preparação caseira para um jogo, recomendo a quem gosta de estudar os conselhos iniciais que gaste muito tempo examinando criticamente o estado dos pontos mais fortificados das defesas, tanto no seu próprio campo quanto no do seu oponente.

O desenvolvimento meticuloso de elementos individuais da estratégia serve ao processo de melhoria em certos tipos de cargos. Essas são tentativas de delinear um algoritmo de ação, adequado para toda uma série de posições semelhantes.

Mas antes disso, talvez devêssemos concordar sobre qual é a nossa ideia de posições semelhantes. Parece-me correto colocar no topo dessa característica o que parece à primeira vista um signo externo - sua semelhança estrutural. E, a partir daqui, consideraremos as posições semelhantes quando tiverem configurações de peões semelhantes. Tal abordagem não deve de forma alguma ser considerada superficial ou formal, porque o corpo de peões em cada posição define seu conteúdo, bem como seu futuro evolutivo e combinacional.

Posições indefinidas e definidas

Para explicar certas questões de estratégia, será útil introduzir um novo conceito de categorização de posições: Haverá posições indefinidas e posições definidas - nestas últimas, o nível de concretude é marcadamente superior. Tendo convenientemente classificado dessa forma todos os seus grandes números em duas categorias gigantes, podemos entender melhor as particularidades do jogo estratégico em cada um desses grupos por meio de uma simples comparação.

É curioso que as posições sem peões no tabuleiro sejam as mais específicas, levadas (se assim se pode dizer) à definição absoluta. (No campo das composições, esses cargos são chamados de “aristocratas”.) Tais situações, privadas da perspectiva de batalha estratégica, na prática quase sempre têm uma avaliação final acurada.

Por outro lado, uma posição com muitos peões no tabuleiro é um dos exemplos mais claros de indefinição. A fase de abertura costuma ser uma ilustração. Por isso, orientar-se nelas totalmente por si mesmo, sem depender de nenhuma preparação preliminar em casa, só pode ser feito por jogadores extremamente hábeis na estratégia. E essa habilidade se deve em grande parte à sua bússola interior, alcançada por uma intuição nativa bem desenvolvida, formada com base em uma filosofia objetiva do xadrez. Este último pode lidar com sucesso com o caos na abertura, transformando-o lentamente, através da rede de cooperação entre as peças em um cosmos bem organizado do meio-jogo.

Essa semelhança estrutural também significa uma semelhança estratégica - ou seja, uma reserva semelhante de ações. Isso ocorre porque os peões, como a massa mais inerte e construtora de estruturas sobre o tabuleiro, servem praticamente como a única base para a realização de um jogo estratégico. E assim, a estrutura de peões está na base de qualquer linha estratégica.

Estratégia versus jogo posicional; Combinativo versus Tático

Já observamos que, em sua essência, o jogo estratégico nada mais é do que buscar realizar, com o auxílio de uma cadeia de operações sucessivas e lógicas, uma alteração na estrutura de peões na direção desejada. É importante explicar tudo isso, de modo a evitar confusão subsequente de estratégia com jogo posicional e jogo combinado com tática.

Escolhendo livremente a partir de exemplos da práxis de seu autor, tentaremos mostrar as conclusões favoráveis que o jogador prático pode chegar seguindo estruturas semelhantes.

Selecionamos uma antiga variação de defesa francesa, que geralmente é associada aos nomes de Steinitz e Nimzovich. Na década de 1960, comecei a trabalhar esta velha linha da Defesa Francesa:

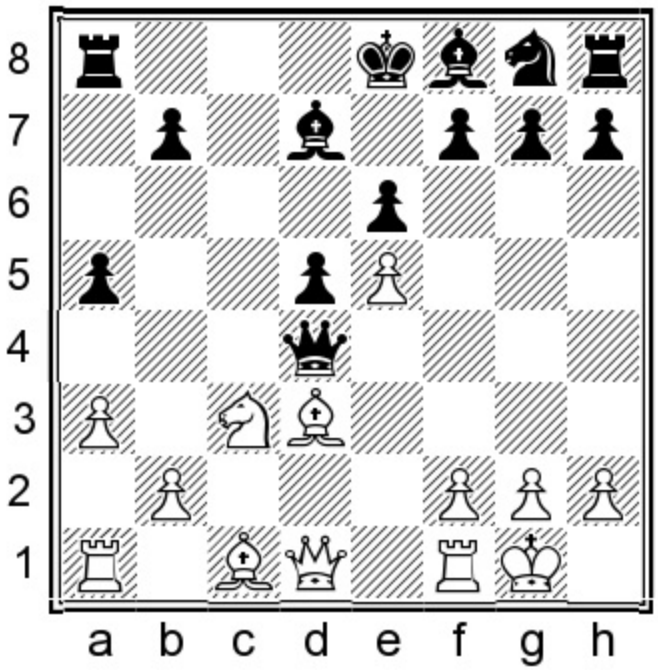
1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5 c5 4.c3 Q b6 5. N f3

Eu estava tentando ressuscitá-lo com a ideia de um avanço estratégico. Mas é claro que isso não aconteceu em apenas uma hora.

Ao jogar com as brancas, eu começaria o jogo nove em dez vezes jogando 1.e2-e4. Portanto, na maioria das vezes, em um jogo ou em análise, tive que considerar e4-e5 - o empurrão de peão fortificado - de acordo com o programa que àquela altura já tinha o nome de avanço estratégico. Mais cedo ou mais tarde, esse peão teria que ser considerado por meu oponente como os antigos romanos faziam com Cartago: “Ele deve ser destruído!”

A primeira coisa que chamou minha atenção foi a seguinte linha de gambito:

5 ... N c6 6.a3 a5 7. B d3 B d7 8.0-0 cxd4 9.cxd4 N xd4 10. N xd4 Q xd4 11. N c3



Naquela época, os manuais de abertura lidavam com este segundo sacrifício de peão de forma bastante superficial: 11 ... Q xe5

12 R e1 Q d6 13. N b5 B xb5 14. B xb5 + K d8, considerando que Black tinha superado o pior. Contudo,

15 Q h5 !, como descobri na época, daria às brancas uma forte iniciativa - por exemplo, 15 ... Q c7

16 Q xd5 +! (16 R xe6! também é muito forte). Ou 15 ... g6 16. Q f3 f6 (16 ... N h6? 17 B g5 +) 17. B f4 Q b6

18 Q xd5 +. Isso deixa apenas 15 ... K e7. No entanto, não há muitas pessoas que gostariam de ver seu rei partindo em uma longa jornada pelo meio do tabuleiro: 16. B e3 g6 17. Q h4 + f6

18 R ac1.

Muitas vezes, as pretas vão escolher a retirada imediata, 11 ... Q b6. O jogo de dois gumes que surge depois do 12. Q e2! ou 12. Q g4 !? g6 (12 ... N e7 é visto com mais frequência) 13. B e3 B c5 também não é desfavorável às brancas, já que agora, segundo GM Ftacnik, por 14. Q f4! (a ideia é refutar 14 ... d4 com o contra-ataque 15.b4!), as brancas mantêm uma posição de ataque poderosa (Shirov-Anand, Teheran 2000). Então, hoje em dia, a linha principal é **11 ... N e7.**

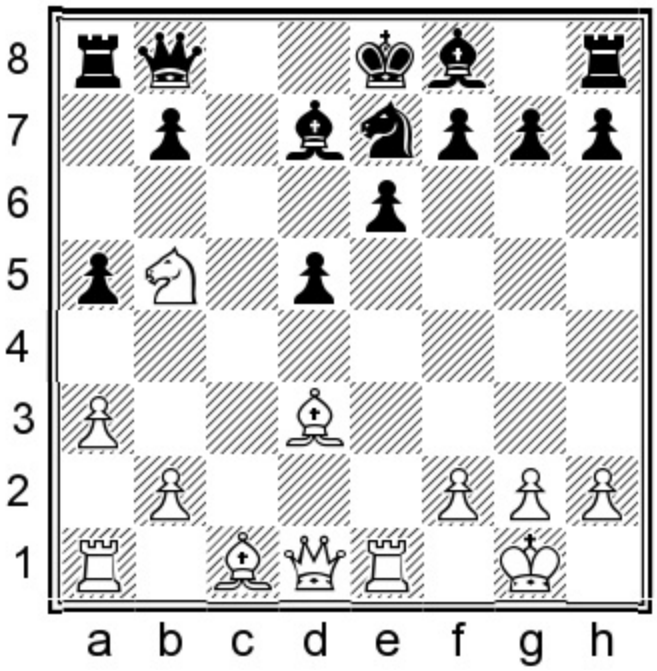
Em um jogo I. Zaitsev-E. Geller (Moscou 1982), Black enviou seu cavaleiro por um caminho diferente com

11 ... N h6. A continuação foi: 12. N b5 Q xe5 13. R e1 Q b8 14. Q f3 B d6 15. N xd6 + Q xd6 16. B f4 Q e7

17 Q g3! e as pretas tiveram dificuldade em evitar que a torre das brancas invadisse via c7: 17 ... f6 18. B d6! Q f7

19 R ac1 B c6 20.b4 axb4 21.axb4.

12 N b5 Q xe5 13. R e1 Q b8



White geralmente continuou 14. Q f3, mas agora eu queria jogar algo diferente:

14.g3 !?

Aqui está uma análise condensada dessa continuação: Para todas as aparências, as pretas são forçadas a pegar o cavalo em b5. Se

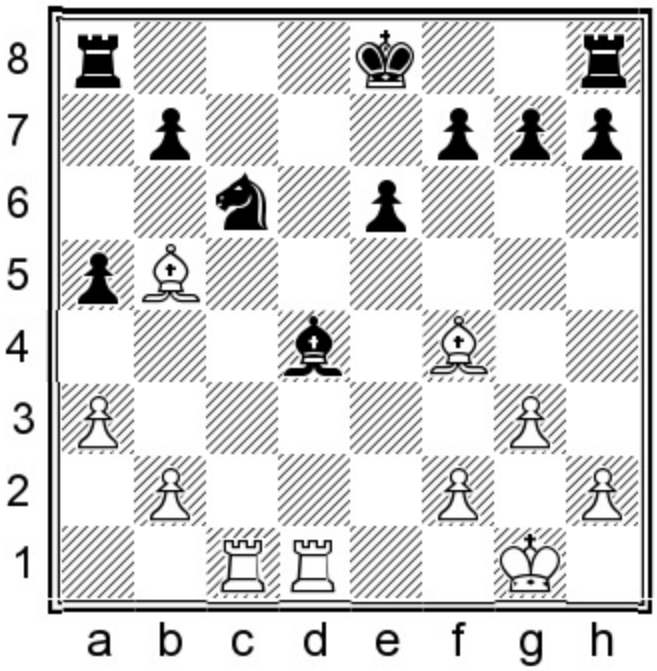
14 ... e5, então 15. R xe5! Q xe5 16. B f4, e em 14 ... N c6, a variação 15. B f4 e5

16 Q h5! é desagradável. Isso deixa apenas 14 ... N g6. Mas então, depois dos 15. B xg6 B xb5 16. Q xd5 hxg6

17 Q xb5 + K e7 18. B g5 + f6 19. R xe6 +! K xe6 20. R e1 + Q e5, as brancas ganhariam facilmente.

14 ... B xb5 15. B xb5 + N c6 16. Q xd5 Q d6 17. Q c4 B e7 18. B f4 Q c5 19. Q xc5 (19 Q a4 é outra possibilidade) **19 ... B xc5 20. R ac**

B d4 21. R ed1



Em todas as variações de final de jogo que podem surgir aqui, o movimento g2-g3 é muito útil para as brancas, pois

você pode ver facilmente. Além disso, ao longo do caminho, ele pode armar uma armadilha bem disfarçada para seu oponente.

21 ... B xb2? 22 R xc6! bxc6 23. B xc6 + K e7 24. B g5 +! e de repente vemos que o preto sofre perdas materiais graves: 24 ... f6 (se 24 ... B f6, então 25. R d7 + K f8 26. B xf6 R c8 27. B e5! e as pretas estão mal) 25. R d7 + K f8 26. B xa8, e as brancas devem vencer facilmente.

Verdadeiro - depois da resposta mais sólida **21 ... e5 (** ou 21 ... R d8 22. B c7 R c8 23. B xc6 + bxc6 24. R xd4 R xc7

25 R c5, e as brancas ficam um pouco melhor) **22 B xc6 + bxc6 23. B xe5 B xe5 24. R e1,** a luta entra em um final de jogo de torre aproximadamente igual.

Eu sugiro que você compare a nova ideia, na posição do penúltimo diagrama, com este volátil:

14.b4 !?

A título de ilustração, deixe-me apresentar a seguinte linha geral:

14 ... axb4 15. B b2

Você também deve ter em mente as continuações 15.g3 e 15. Q f3.

15 ... N c6 16.axb4 R xa1 17. Q xa1 f6 18. B xf6 gxf6 19. Q xf6 R g8 20. R xe6 + B e7 21. R xe7 + N xe7

22 N d6 + K d8 23. N f7 + - e parece que acabará em um cheque perpétuo.

Enquanto jogava várias configurações da Defesa Francesa, mantive meu olho o tempo todo no status daquele “punho” de peão central para que pudesse aproveitar minha primeira oportunidade de tentar quebrar a estrutura estratégica das pretas.

E aqui, cerca de 55 anos depois, é como foi uma partida contra meu velho amigo de xadrez:

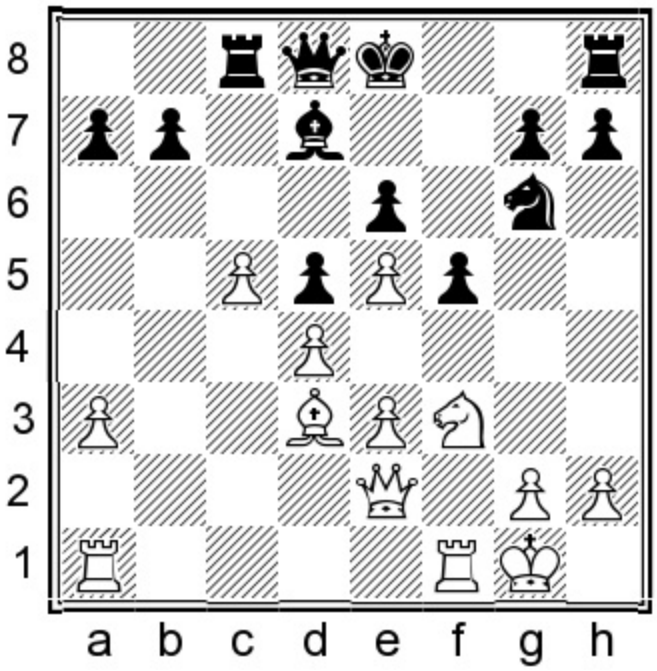
Zaitsev - Lepeshkin

Moscou 1964

Defesa francesa

1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5 c5 4.c3 N c6 5. N f3 Q b6 6.a3 B d7 7.b4 cxd4 8.cxd4 R c8 9. B e3 N ge7 10. B d3

N f5 11,0-0 N ce7 12. Q e2 f6 13. N bd2 N xe3 14.fxe3 f5 15. N b3 N g6 16. N c5 B xc5 17.bxc5 Q d8



Claro, as brancas têm uma vantagem de espaço, além de uma liderança no desenvolvimento. Mas, para fazer uso eficaz de ambos, tive que agir com muita energia. Ou seja, agora seria exatamente o momento certo para quebrar a defesa do meu adversário, no ponto estratégico da fortaleza.

18.g4! fxg4 19. B xg6 +! hxg6 20. Q g2!

Acontece que tirar o cavalo perde imediatamente: 20 ... gxf3 21. Q xg6 + K f8 (21 ... K e7 22. Q xg7 +, etc.) 22. R xf3 + K g8 23. Q f7 + K h7 24. R h3 +. Então, Black busca a salvação em contra-ataque.

20 ... B b5! 21 Q xg4 0-0 22. N g5! B xf1 23. Q h4

As ameaças ao rei preto são claramente mais pesadas.

23 ... Q xg5 + (Não há mais nada) **24 Q xg5 B h3 25. Q g3 B f5 26.h4** e as brancas gradualmente converteram sua vantagem.

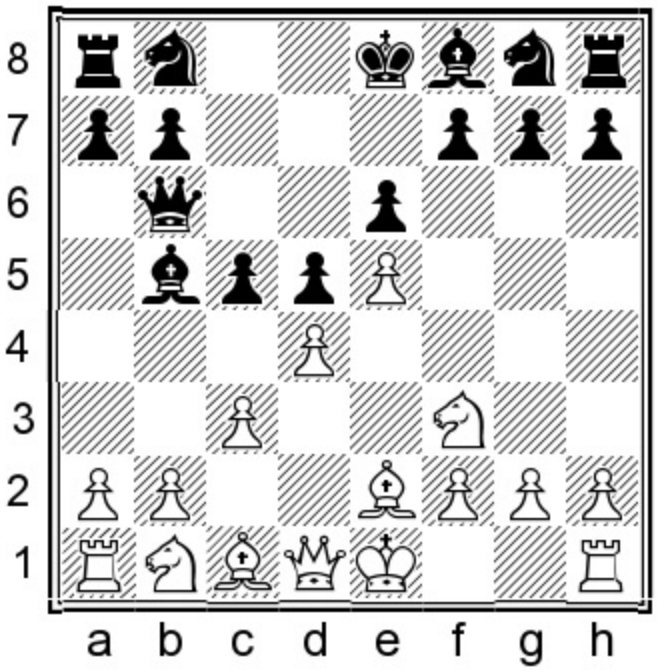
Bons e maus bispos

Naqueles dias (anos atrás, anos 60), a concepção moderna de “bispos maus e bons bispos” literalmente nos enchia de admiração. Tentamos nos exibir, usando-o sempre que podíamos - e às vezes onde não deveríamos. E um dos esquemas centrais dessa defesa francesa baseava-se precisamente nessas considerações.

Estou falando sobre este sistema: **1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5 c5 4.c3 Q b6 5. N f3 B d7.** Então se preparando para

. . .B d7-b5 e trocar o bispo “mau” das pretas pelo “bom” das brancas foi considerado uma conquista posicional definitiva para as pretas. Acho que isso foi praticamente uma falácia aceita por todos. Se alguém pudesse falar sobre esta peça ou aquela peça nesta estrutura estratégica, então, de todo o rebanho do bispo, eu sem hesitar daria preferência ao da casa escura em c1! E se a nossa geração de enxadristas já passou por essa “catapora”, agora é possível ver algum mérito nesse novo plano envolvendo a ideia de uma ruptura no centro que comecei a empregar com sucesso em meados dos anos 60.

Então, **6 B e2 B b5**



7.c4! B xc4 8. B xc4 dxc4 9.d5! exd5 10. Q xd5 N e7 11. Q e4 Q c6 12. Q xc4 Q a6 13. N a3 Q xc4 14. N xc4 N g6

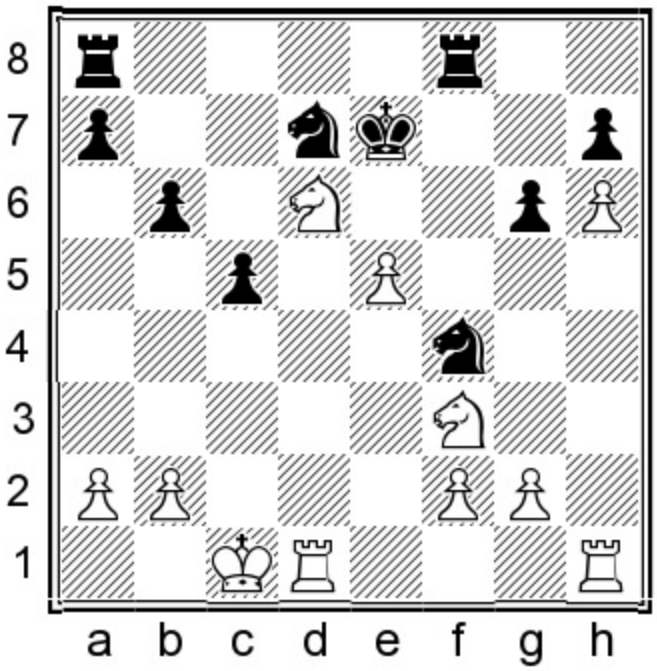
14 ... N f5 é preferível, apontando seus cavalos para d4.

15.h4! B e7 16.h5 N f8 17.h6! g6 18. B g5! (removendo o último dos protetores do d6-square) **18 ... N bd7 19,0-0-0 N e6 20. B xe7 K xe7 21. N d6**

A invasão está aqui - dois dos peões pretos agora são atacados simultaneamente.

21 ... b6 22. N xf7 R hf8 23. N d6 N f4

As pretas agora têm algum contra-jogo realista ao longo da coluna f, e parece que o pior já passou. Mas, ao ir para esta posição, as brancas previram em seus cálculos que ele poderia executar um avanço de peão.



24.e6 !! N xe6 25. R he1 R fd8 26. N b5 K f6 ?!

Seria mais cauteloso jogar 26 ... N df8. Embora neste caso também, jogando 27. R xd8 R xd8
28 N e5, as brancas manteriam a vantagem, segundo Shereshevsky. Agora chega uma conclusão rápida:

27 N c7! N xc7 28. R d6 + K f5

28 ... K f7 não ajuda mais em vista de 29. N g5 + K g8 30. R e7.

29 R e7 N e8 30. R dxd7 R xd7 31. R xd7 N f6 32. R f7 e as Pretas pedem demissão, visto que não pode evitar perder uma peça para 33.g4 +.

Visto que em posições estruturalmente semelhantes o curso de ação - isto é, a estratégia em si - é bastante semelhante, não é surpresa que melodias conhecidas soassem no encontro seguinte também.

Zaitsev - Doda

Riga 1969

Defesa Francesa, Variação Avançada

1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5 c5 4.c3 Q b6 5. N f3 B d7 6. B e2 B b5 7.c4 B xc4 8. B xc4 dxc4 9.d5 exd5 10. Q xd5
N e7 11. Q e4 N d7 12,0-0 Q c6 13. Q xc4 N b6 14. Q e2 N ed5 15.a4!

Ao contrário do jogo anterior, aqui é o outro peão da asa que desempenha o papel de líder das operações ativas.

15 ... B e7 16.a5 N d7 17. R d1 N f8 18.a6! b6 19. B g5

Como você pode ver, há muita coisa que coincide com o exemplo anterior, nos mínimos detalhes - a luta por uma quadratura para efeito de invasão é travada da mesma forma.

19 ... N g6 20. N c3 N xc3 21.bxc3 0-0 22. B xe7 N xe7 23. R d6 Q c8 24. R ad1 N f5 25. R 6d2 Q c6 26. Q d3

g6 27. N g5!

White começa o ataque decisivo.

27 ... R fe8 28.f4 K g7 29. Q d7! Q xd7 30. R xd7 R e7 31. R xe7 N xe7 32. R d7 h6 33. N e6 +! fxe6 34. R xe7 +

e as brancas logo venceram o jogo final da torre.

Outras descobertas de pontos fortes na França

Uma das rotas básicas que o jogo pode seguir para as pretas na defesa francesa, após **1.e4 e6 2.d4 d5 3.e5 c5 4.c3 N c6 5. N f3 Q b6 6.a3,** é o sistema envolvendo o **6 ... c4** empurrar. Os esforços estratégicos de NowWhite mudam um pouco.

Zaitsev - Savon

Dubna 1976

Defesa francesa

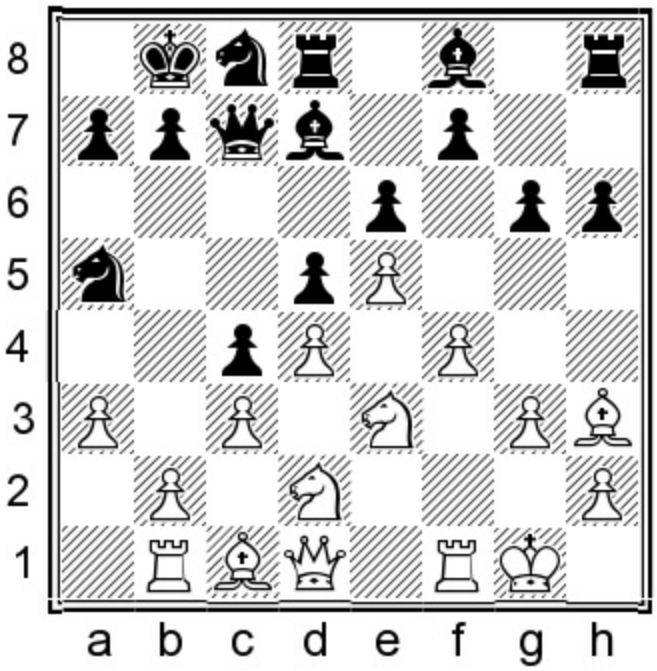
7 N bd2 N a5 8.g3 B d7 9. B h3 N e7

No jogo Zaitsev-Pokojowczyk (Chigorin Memorial, 1976), Black não estava tão alerta: 9 ... f6 10.exf6 gxf6 11.0-0 0-0-0 12. R e1 B g7
13. R b1! K b8 14.b4! cxb3 15. N xb3 N xb3 (15 ... B a4 16. R xe6 B xb3 não é satisfatório para Preto: 17. Q f1 B c4 18. B f4 + K a8 19. Q e1
e as brancas ganham.) 16. R xb3 B a4, e ele pagou rapidamente o preço: 17. R xb6! B xd1 18. R bxe6 B xf3 19. B f4 + K a8 20. B c7! N h6
(ou 20 ... R c8
21 R e8) 21. B xd8 R xd8 22. R e8, e Black renunciou.

Em um jogo diferente (simultâneo), meu oponente foi muito apressado com seus 9 ... N b3. Depois do forçar
10 N xb3 B a4 11. N g5! B xb3 12. Q h5 g6 13. Q f3 N h6 (se 13 ... Q c7, obtemos a sequência "estilo xadrez",
14 B xe6! fxe6 15. Q xf8 +!) 14. Q f6 R g8 15. N xh7 B e7, selei com sucesso minha vantagem de vitória com 16. B g5!

10,0-0 h6 11. N h4 0-0-0 12. N g2 K b8 13. R b1 Q c7 14. N e3 N c8 15.f4 g6

Para extrair benefícios de sua vantagem espacial no lado do rei, as brancas devem tomar a decisão estrategicamente apropriada. E aqui, como veremos agora, essa decisão envolve um ataque enérgico ao ponto mais forte de seu oponente!



16.f5 !! gxf5 17.g4! fxg4 18. N xg4

No lado do rei, o jogo se abre completamente. As peças brancas podem vazar sem obstáculos no acampamento traseiro do inimigo. Claro, moderação e paciência ainda serão necessárias, mas, de modo geral, as coisas estão indo bem.

18 ... B e8 19. N f6 B c6 20. R f2 N e7 21. N f1 N b3 22. B e3 N g8 23. N h5! B e8 24. N fg3 N e7 25. N f6 B a4 26 Q h5 N c8 27. R bf1 N a5 28. Q e2 B e7 29. N fh5 B e8 30. N g7 B g5 31. N 3h5 Q b6 32. B xg5 hxg5 33 R g2 N c6 34. R xg5 N 8e7 35. B g4 N f5 36. B xf5 exf5 37. N f6 N xd4 38.cxd4 Q xd4 + 39. Q f2 Q xf2 + 40 R xf2 B c6 41. N xf5, Black pede demissão.

Há trinta anos, ao analisar uma das variações da Defesa Francesa, descobri uma nova ideia combinativa, que permaneceu pouco conhecida até hoje. No entanto, houve uma vez em que o usei em um jogo postal.

1.e4 e6 2.d4 d5 3. N c3 B b4 4.e5 c5 5.a3 B xc3 + 6.bxc3 N e7 7. Q g4 Q c7 8. Q xg7 R g8 9. Q xh7 cxd4 10 N e2 N bc6 11.f4 B d7 12. Q d3 dxc3 13. Q xc3 N f5 14. R b1 R c8 15. B d2 a6 16. N g3 !?

De acordo com *Enciclopédia,* os únicos movimentos que foram vistos aqui foram 16.g3 ou 16. R g1. No meu banco de dados, pelo menos por enquanto, esse movimento não aparece.

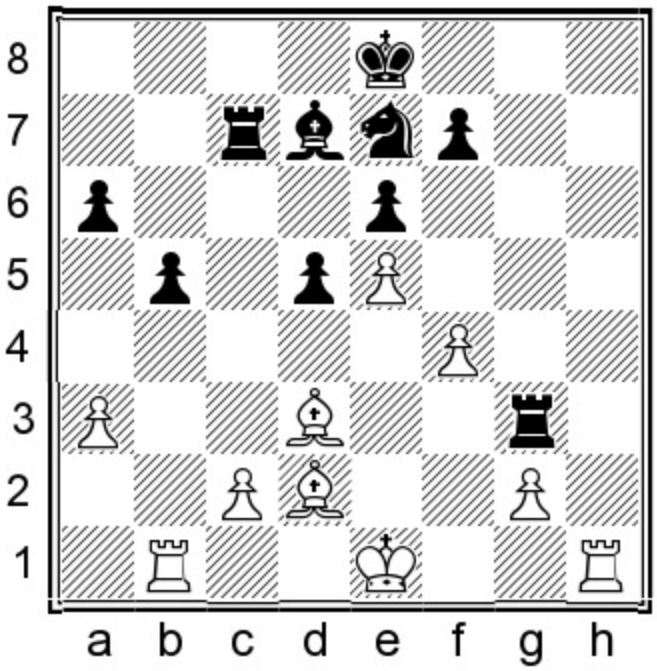
16 ... N xg3 17.hxg3 b5

Isso parece totalmente lógico - as pretas prudentemente afastam o peão do ataque.

18 Q c5! N e7

O preto é consistente em seu desejo de restaurar o equilíbrio material. Branco está disposto a ir junto com ele - por um pouco.

19 Q xc7 R xc7 20. B d3! R xg3



Neste momento, quando Black desfruta de felicidade relativa na posição, um raio atinge uma das partes mais fortificadas de toda a sua estrutura.

21.f5 !!

E, a propósito, a maioria dos programas de computador nem mesmo vê esse avanço.

21 ... R g8

O preto enfrenta grandes perdas de material após 21 ... exf5 (21 ... N xf5 22. R h8 + K e7 23. B b4 +) 22. B f4! R g4 23.e6! R xf4 24. R h8 +. 21 ... R xg2 também perde: 22.f6 (22. R h8 + R g8 23. R xg8 + N xg8 24.f6 também é suficiente) 22 ... N g8 (22 ... N g6 23. B xg6 fxg6 24. R h8 + K f7 25. R h7 + K g8 26.f7 +) 23. R h8. Mas também aqui o caminho para a vitória não é complicado.

22.f6 N c6 23. B f4 B c8 24. K f2 B b7 25. R h7 N d8 26. R bh1 d4 27. R g7 R f8 28. R hh7 e o preto é impotente para evitar a ameaça direta das brancas de avançar o peão-g.

Avanços em várias aberturas

Legky - Zaitsev

Orel 1994

Abertura de Trompowsky

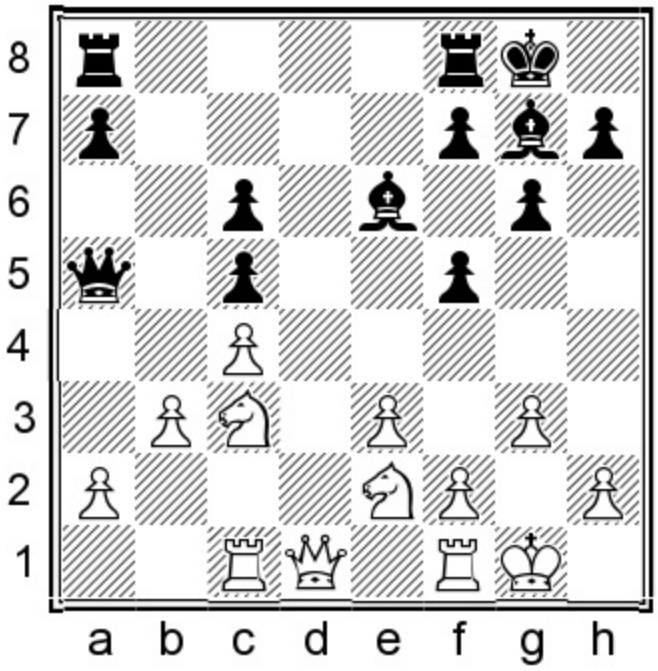
1.d4 N f6 2. B g5 d6 3. B xf6 exf6 4.e3 f5 5.c4 g6 6. N c3 B g7 7.g3 0-0 8. B g2 c5

Entendendo que, com essa estrutura se formando, o simples 8 ... N d7 9. N ge2 N f6 10,0-0 deixaria as brancas com uma vantagem estável, as pretas se esforçam para trabalhar de alguma forma no centro adversário.

9 N ge2 N c6 10.dxc5 B e6 !? 11.b3

Depois das 11. B xc6 bxc6 12. Q xd6 B xc4 13. Q xd8 R fxd8 14. R d1 R xd1 + 15. K xd1, Black não corre nenhum risco particular.

11 ... Q a5 !? 12 R c1 dxc5 13. B xc6 bxc6 14.0-0



Tendo comprometido seriamente a estrutura de seu oponente, as brancas esperam explorar as fraquezas estáticas do peão no campo das pretas. Após a descoberta do ponto forte que a Black agora projeta, entretanto, a dinâmica vem para o primeiro plano.

14 ... f4 !! 15.gxf4

Se 15.exf4, então as pretas têm uma escolha agradável entre 15 ... R ad8 !? 16 Q c2 B f5 17. N e4 B xe4 18. Q xe4
R fe8 ou 15 ... B h3 16. R e1 B g4 17. Q c2 R ad8, com a ideia de continuar ... h5-h4, tentando as brancas a cair na armadilha 18. K g2 B f5! 19 N e4 R d2 !!.

15 ... B h3

Os 15 imediatos ... R ad8 !? vale a pena considerar: 16. Q c2 B f5 17. N e4 B xe4 18. Q xe4 Q xa2.

16 R e1 R ad8 17. Q c2 B f5 18.e4 B g4 19. K g2 B xe2!

Essa troca permite que as pretas tenham um controle firme da iniciativa.

20 R xe2

Parece que 20.b4 (de modo a atender 20 ... Q xb4 com a oportunidade de trocar rainhas com
21 N xe2 R d2 22. Q b3) mantém o equilíbrio. Mas Black tem uma resposta desagradável em 20 ... B f3 +! 21 K xf3 cxb4 e 22 ... Q h5 +. E se 20. N xe2, então 20 ... R d2 21.b4 também é insatisfatório, por causa de
21 ... Q d8! 22 Q a4 Q h4 23. Q xc6 B d4.

20 ... B h6! 21 R d1 B xf4

A posição se estabelece. O preto leva o melhor. Eventualmente, ele conseguiu trazer para casa o ponto completo. Este resultado significa que nosso avanço temático ... f5-f4! foi mais oportuna e eficaz; e, neste caso, manteve sua reputação.

Zaitsev - Kholmov

Dubna 1976

Defesa Indiana da Rainha

1.d4 N f6 2.c4 e6 3. N f3 b6 4.g3 B b7 5. B g2 B e7 6,0-0 0-0 7. N c3 N e4 8. Q c2 N xc3 9. Q xc3 c5

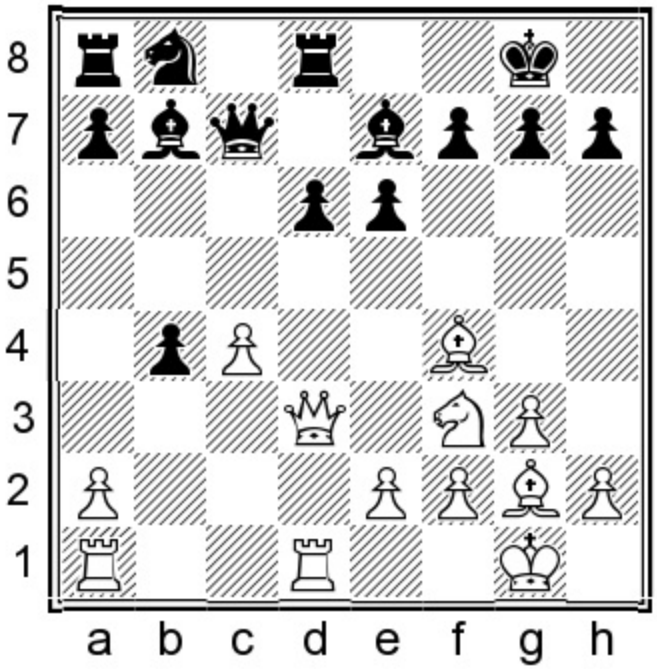
10 R d1 d6 11. B f4 !?

Esse sistema de desenvolvimento era novo na época. Sendo o treinador de Petrosian na época, eu tinha trabalhado para ele usar na Partida dos Candidatos de 1974 com Portisch em Mallorca. No entanto, as coisas nunca chegaram ao ponto em que ele pudesse usá-lo ali.

11 ... Q c7 12.dxc5 bxc5 13. Q d3 R d8 14.b4!

A primeira quebra contra um ponto forte.

14 ... cxb4



15.c5!

A segunda quebra contra um ponto forte. É verdade que sua motivação tática é bastante transparente: 15 ... Q xc5?

16 N g5.

15 ... N c6 16.cxd6 Q b6 17. R ac1 h6 18. B e3 Q a5 19. N d4

Quebras estratégicas levaram à ativação significativa das peças brancas. Não vejo como Black pode evitar perdas consideráveis de material agora.

19 ... R xd6 20. B xc6 B a6 21. Q e4 R c8 22. B b7! R xc1 23. R xc1 Q xa2 24. N f5! exf5 25. Q xe7 Q e6

26 Q xe6 R xe6 27. B c8! B xc8 28. R xc8 + K h7 29. B xa7 e White lucrou com sua vantagem material.

Chepukaitis - Zaitsev

Tula 2003

Abertura de Trompowsky

1.d4 N f6 2. B g5 d5 3. N d2 e6 4.e3 c5 5.c3 N c6 6.f4

Uma continuação relativamente rara e definitivamente comprometida. As brancas pretendem controlar totalmente o ponto e5. No entanto, esse plano um tanto unilateral também aumenta as contra-chances das pretas.

6 ... Q b6! 7 R b1

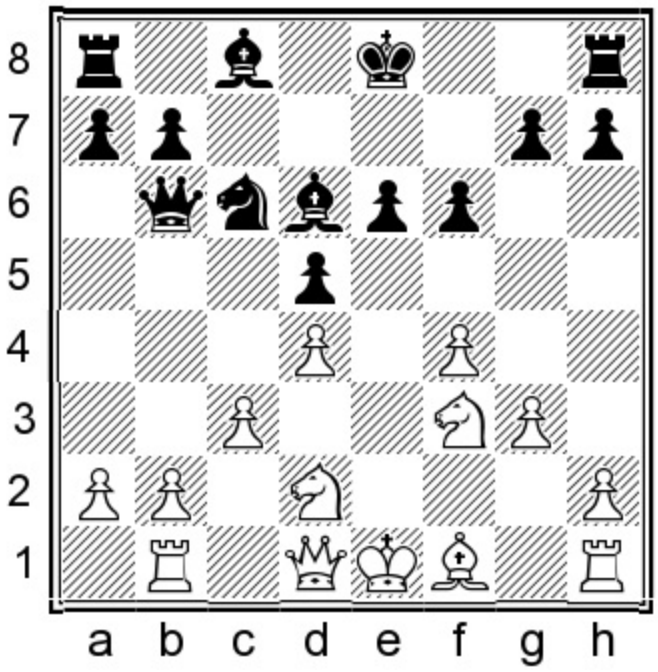
7 Q c2 já pode ser atendido por 7 ... N g4.

7 ... N e4 8. N gf3

Depois das 8. N xe4 dxe4, completar o desenvolvimento das brancas não seria mais simples, mas esse era o mal menor.

8 ... N xg5 9. N xg5 f6 10. N gf3 cxd4! 11.exd4 B d6 12.g3

Ambos os jogadores pretendiam chegar a esta posição. As pretas enxergam mais longe em suas expectativas apenas porque colocou todas as suas esperanças em um avanço no ponto forte.



12 ... e5! 13.fxe5 fxe5 14.dxe5 B xe5! 15 N xe5

As brancas estão claramente contando em poder, depois dos 15 ... N xe5, para sair com sucesso com a ajuda de um *Zwischenschach* pela rainha em h5. Mas uma decepção o aguarda!

15 ... 0-0 !!

Inesperadamente, as pretas desenvolverão um ataque irresistível para a peça sacrificada.

16 Q h5

16 N ef3 também não ajuda: 16 ... B g4 17. B e2 (17. B g2 R ae8 + 18. K f1 N e5 19. Q b3 N xf3 20. N xf3 R xf3 + 21. B xf3 B h3 + 22. B g2 R f8 + 23. K e2 Q f2 + 24. K d1 B g4 + 25. K c1 Q e3 + 26. K c2 R f2 #) 17 ... R ae8 18. R f1 N e5 19. Q b3 N xf3 + 20. N xf3 B xf3 é esmagador.

16 ... N xe5 17. Q xe5 B g4!

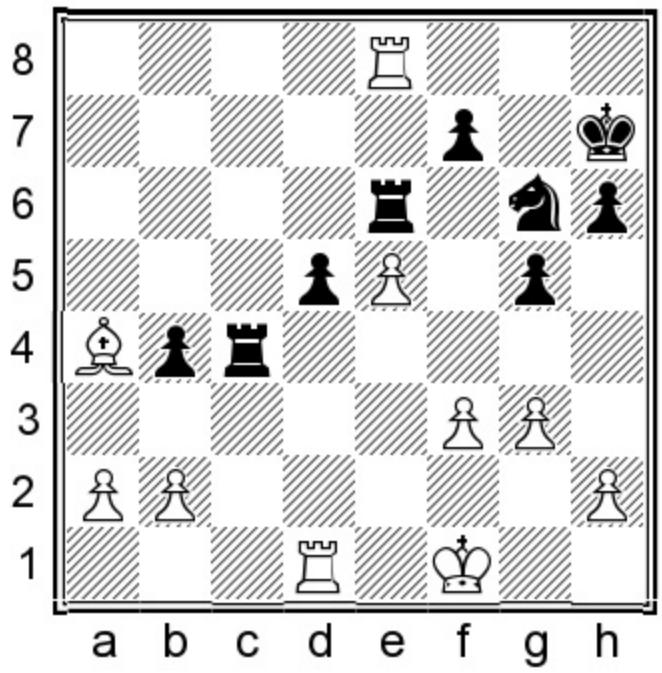
O rei branco é exposto a um fogo cruzado de todas as peças inimigas.

18 Q xd5 + K h8 19. Q d4 R ae8 + 20. N e4 R xe4 +! White resignou-se (21. Q xe4 Q f2 #).

Quando você está estudando livros de xadrez, deve verificar continuamente a qualidade das recomendações sobre o assunto das descobertas. Algumas monografias de abertura sobre a Variação Carlsbad fornecem, por exemplo, um interessante encontro de grande mestre sobre este tema. É um encontro longo, disputado sob pressão posicional das brancas, terminando em um final de jogo em que as brancas são um peão. Após o 58º lance das pretas, temos a seguinte posição no tabuleiro:

Noguieras - Inkjov

St. John 1988



Aqui, o grande mestre cubano jogou com um pouco de cautela: **59. R e1 ?!** e depois **59 ... K g7 60. R xe6 fxe6,**
os jogadores logo concordaram com o empate. No entanto, o breve comentário que acompanhou o jogo insiste que continuando 59. R xd5 As brancas poderiam ter obtido uma vantagem decisiva.

Mas essa conclusão está claramente errada. Não leva em conta as nuances combinativas da posição e só pode levar o leitor a um caminho errado. Na verdade, a inocência externa dessa posição rapidamente se evapora após a resposta inteligente de Black ao 59. R captura xd5: 59 ... b3 !!.

Um exame das variações de força nos convence de que um golpe de grande e esmagador poder foi desferido. A previsão dos comentaristas era injustificada, e agora é White quem terá que gastar suas energias na busca pela salvação.

(a) 60. R xe6 (60. R a8 R c1 + 61. K g2 bxa2; ou 60. R a5 bxa2; ou 60. B xb3 R c1 + e 61 ... R xe8) 60 ... R c1 + (as pretas também ganham com 60 ... R xa4 61.axb3 R a1 + 62. K g2 fxe6) 61. K g2 bxa2, e o aparecimento de uma nova rainha preta no tabuleiro não pode ser evitado;

(b) 60. R d7 R xe8 (60 ... R xa4? 61 R f7 #) 61. R xf7 + K g8 62. B xe8 R c8 (em 62 ... bxa2? 63. R a7 R c1 +

64 K g2 a1 = Q 65 R xa1 R xa1 66. B xg6, e as brancas não estão arriscando nada) 63. R f6 N xe5, e as pretas vencem sem dificuldade.

(c) O mais forte é 60.axb3! R xa4 61.bxa4 (61. R xe6 R a1 + 62. K g2 fxe6 é, mais uma vez, sem esperança para as brancas) 61 ... R xe8 62.b4 N xe5 (62 ... R b8 63.b5 R a8 64.e6 fxe6 65. R d7 + K g8 66.b6 dificilmente poderia ser recomendado - agora é o branco que tem as chances) 63.b5 N c4 64. R c5 N d2 + 65. K f2 N b3 66. R c3
N a5 67.b6, e as brancas, ao que tudo indica, serão capazes de segurar isso.

Portanto, o melhor cenário para as brancas após 59. R xd5? b3 !! é que ele terá uma tarefa difícil de desenhar.

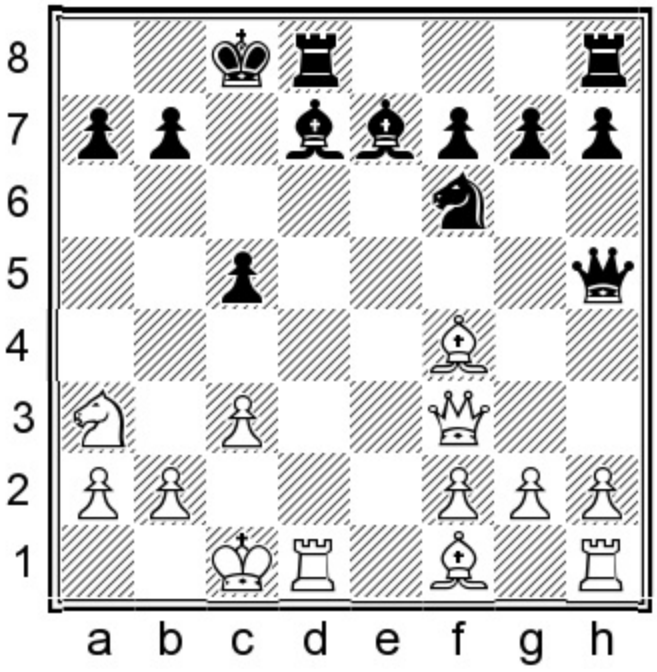
Ao mesmo tempo, na posição diagramada, nossa opinião é que as brancas conseguem excelentes chances de vitória com o despretensioso 59. R b8! N xe5 60. B b3.

E aqui está um episódio ainda mais claro, de uma partida de dois “pesos-pesados” do xadrez.

Kramnik - J. Polgar

Paris 1994

O jogo foi disputado na fase final do playoff do Campeonato de Xadrez Ativo. Depois de **12 ...** Q **e5-h5,** os jogadores chegaram à seguinte posição:



Nesta posição, Vladimir Kramnik jogou: **13 N b5.** O acompanhamento foi **13 ... B xb5 14. B xb5 Q xf3 15.gxf3 N d5 16. B g3 N b6 17. B d3 g6** e o jogo entrou em um final complexo, com melhores chances para as brancas. No entanto, a disputa teve um final pacífico na 56ª jogada.

Por outro lado, como descobri, na posição diagramada, as brancas estavam literalmente a um lance da vitória - e oh !, que jogada “saborosa” teria sido! - 13.g2-g4 !!. (13.g4 !!)

O que primeiro chama a atenção é que 13 ... N xg4 não funciona; porque agora, quando a rainha branca não é *em prêmio,* 14 B a6! decide. E 13 ... B xg4 também é impossível, em vista do mate em dois: 14. Q c6 +! bxc6

15 B a6 #.

E a resposta 13 ... Q xg4 ilustra ainda outra possibilidade: 14. N b5! (ameaçando companheiro em a7), para o qual Black tem apenas uma resposta: 14 ... B xb5. Aqui, 15. B h3 decide, vencendo a rainha e o jogo. Se você precisa de convencimento, podemos avançar um pouco: 15 ... B d7 16. B xg4 B xg4 17. Q e3 !, e fica claro que os problemas das pretas continuam (em vista das ameaças de Q xe7 e Q e5), e ela sofrerá perdas materiais decisivas.

E então, a única coisa que restou para Black seria retirar sua rainha. Mas onde? Em 13 ... Q h4, 14. B a6! é novamente esmagador. Portanto, ela teria que recuar com 13 ... Q g6, na esperança de se cobrir no e4-quadrado. Mas então vem outro sacrifício de rainha: 14. B g2! B c6 15. N b5 !, decidindo o resultado (o acabamento mais técnico, após 15 ... B d6, seria 16. N xa7 + K c7 17. N xc6, com uma vantagem esmagadora em material).

Variações curtas e convincentes! Acho que um virtuoso como Kramnik certamente seria capaz de encontrar esse tipo de possibilidade em apenas alguns segundos. (E por falar nisso, em suas notas para este jogo, Kramnik aponta que após 13. B e2 B g4 ?, ele poderia jogar 14. Q c6 +! bxc6 15. B a6 #, o que nos mostra que a ideia do ataque de acasalamento em si estava alojada em sua imaginação.)

No entanto, no xadrez “rápido”, um grande mestre é estritamente programado internamente para um jogo rápido e tem que se controlar a cada passo do caminho. Portanto, se ele vir a possibilidade de transpor para um final de jogo um tanto superior, então, sem pensar, ele seguirá o princípio de que "um pássaro na mão vale dois voando". O tempo dedicado ao pensamento não permite distração, perseguindo qualquer tipo de beleza. E essa é a desvantagem do xadrez de hoje.

Acho que toda a variação de Black era duvidosa de qualquer maneira, para depois das 12. B f4 Q e4 (em qualquer outra casa, a rainha pode ser afastada com o tempo) 13. Q xe4 N xe4 14. R e1 N xf2 15. R xe7 N xh1 16. N c4 (outra linha interessante era 16. R xf7 R df8 17. N c4, com a ideia de 17 ... R xf7 18. N d6 +) 16 ... B e6
17 N d6 + (17. R c7 + K b8 não tem um acompanhamento claro) 17 ... R xd6 18. B xd6 R d8 19. R c7 + K b8
20 R d7 + K c8 21. R xd8 + K xd8 22. B xc5 b6 23. B d4 f6 (23 ... B xa2 24.c4 B b3 25.g4, e o cavalo não pode ser salvo) 24.c4, e a vantagem das brancas é óbvia.

Emanuel Lasker observou que um exército de peças de xadrez, assim como um raio, sempre se move ao longo do caminho de menor resistência. É difícil não concordar com isso. Mas gostaria de acrescentar que o sucesso de qualquer exército, ou brigada de xadrez, será sempre decidido em batalhas por posições fortificadas!

Capítulo Cinco

A regra de manter a vantagem

A velha regra, transmitida pelos clássicos, afirma que de posições iguais, com jogo adequado de ambos os lados, obteremos novamente posições iguais.

Na verdade, essa é a lei de conservação de energia do xadrez, já que a vantagem no xadrez, seja ela apresentada de forma estática ou dinâmica, é a energia daquele mundo virtual que o pensamento humano reconstruiu.

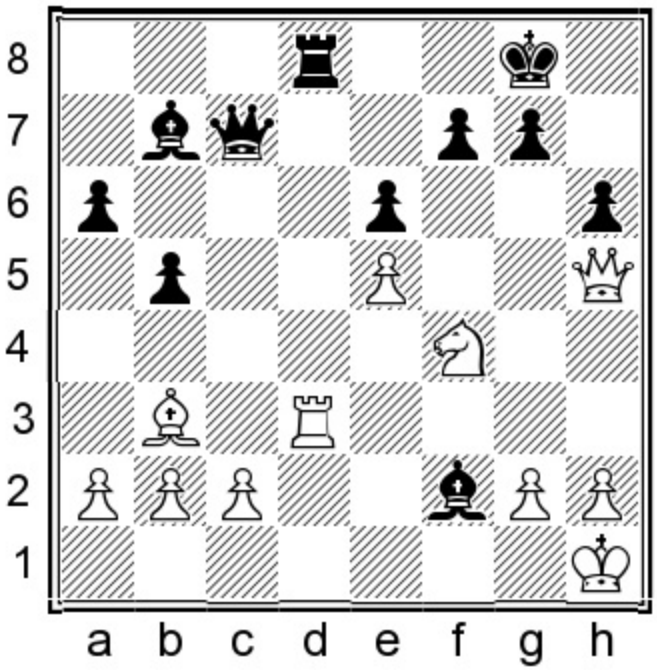
Na posição inicial, é claro que os níveis de vantagem estática são absolutamente iguais. No entanto, quanto ao nível de diferenças dinâmicas, White lidera, por um único tempo. Mais adiante, nossa imagem de eventos pode ser representada de forma simplificada como segue: Usando sua diferença dinâmica de tempo para completar um movimento (digamos, 1.e4 ou 1.d4), as brancas trocam seu privilégio do primeiro movimento por uma vantagem de espaço no centro. Esta vantagem de espaço o ajudará a criar uma estrutura superior, desempenhando a partir desse momento o papel de fiador de sua vantagem posicional estática. Contando com esta estrutura favorável, as peças brancas vão ocupar posições mais ativas, alcançando um nível de cooperação superior ao do adversário. Isso, por sua vez, permitirá que o branco também alcance uma vantagem posicional dinâmica, cujo tamanho pode ser aumentado conforme necessário pelo uso de sacrifício, empregando o mecanismo da combinação. A carga dinâmica acumulada é então descarregada, via de regra, para a destruição da estrutura do inimigo.

Os mais impacientes de nós, que abreviam esse caminho gradual empregando sistemas de gambito, exploram as formas dinâmicas de vantagem já no estágio inicial de abertura. A prática nos mostra, entretanto, que tudo deve seguir este curso: estrutura central, vantagem estática, cooperação e, finalmente, dinâmica.

A vantagem no xadrez muda para um lado e destrói o outro - o lado que cometeu o último erro - em proporções iguais. No início do jogo, esta vantagem - condicionalmente designada como “ ² ”- deve então, após um erro das Pretas, tornar-se“ + -. ”Essas oscilações na vantagem posicional podem ser rastreadas com bastante facilidade em qualquer exemplo prático.

Kuzmin - Ermenkov

Bulgária 1976



O preto tem a vantagem. Depois de 24 ... R xd3 25. N xd3 Q c6, ele teria retido todas as chances de vitória.

Tendo pouco tempo, no entanto, o GM búlgaro jogou **24 ... B e4?**

As brancas não perdem tempo explorando a omissão de seu oponente:

25 N xe6! fxe6 26. B xe6 + K h8 27. Q f7!

27 R d7 teria sido apenas um tiro no escuro, em vista de 27 ... Q b8 28. R xg7 B e3 !.

27 ... B b6 28. R d7! Q xd7 29. B xd7 B c5 30.h4 R f8 31. Q e6 R f2 32. B c6 e as brancas venceram rapidamente.

Tudo isso não trouxe nenhuma contradição dos comentaristas, que consideraram 24 ... B e4? o erro decisivo (*Shakhmaty v SSSR,* 12/1976). Mas você e eu agora podemos propor que se a posição inicial aqui estava a favor de Black, e seu infeliz movimento custou-lhe apenas um tempo, segue-se que *uma vantagem, que geralmente é gasta de forma incremental, não pode passar inteiramente para o oponente de uma vez, enquanto se desvia de mais um nível intermediário, mas deve primeiro passar pelo ponto de equalização.*

E, de fato, uma análise simples nos convencerá da exatidão de nossa conclusão. Se Black não tivesse se despedaçado após 27. Q f7! (e sua confiança pode ter sido reforçada pelo conhecimento da hipótese que expusemos sobre o caráter discreto de uma vantagem no xadrez), então ele sem dúvida teria encontrado a variação salvadora 27 ... Q b8 (mais seguro do que 27 ... R c8 !? 28 R d7 Q xe5

29 R e7 B xg2 + 30. K xg2 Q g5 +, embora aqui também as questões provavelmente terminem em cheque perpétuo)

27 ... Q b8 28. R xd8 + Q xd8 29. Q xf2 Q d1 + 30. Q g1 Q e2! (um pouco mais forte que 30 ... Q xc2) 31. B h3 B xc2 (as pretas têm um empate seguro com 31 ... g5 32.e6 K g8 33. Q d4 Q e1 + 34. Q g1 Q e2) 32.e6 B h7 - o peão e6- está condenado e as brancas ficam com apenas uma vantagem simbólica.

E isso significa que o motivo da perda de Black acaba sendo seu segundo erro (um não mencionado pelos comentaristas), 27 ... B b6 ?. E foi tocado no momento em que estávamos entrando em uma combinação

ao invés de um jogo posicional, no qual a escala de punição é dobrada para quaisquer erros cometidos.

É curioso que, na posição diagramada, se fossem as brancas a se mover (ou seja, se as pretas simplesmente dessem uma jogada às brancas), as brancas, com a mesma combinação, forçariam seu oponente a buscar a salvação em um jogo de dois peões. para baixo bispos de cor oposta terminando: 25. N xe6 fxe6 26. B xe6 + K h8 27. Q f7! (27. R d7? é recebido com 27 ... Q c8!) 27 ... Q b8 28. Q xb7! (se 28. Q xf2 ?, então 28 ... R f8!) 28 29. R xd8 + K h7

30 B f5 + g6 31. R d7 + Q xd7 32. B xd7 K g7 33.c3.

No entanto, acredito que seja bem possível desenhar aqui. Aos interessados, recomendo examinar os finais dos jogos Walther-Fischer (Zurique 1959) e Fishbein-Zaitsev (Moscou,
1989), nos quais exemplos práticos de como tal resultado é alcançado podem ser encontrados. Isso nos leva a algumas conclusões.

Primeiro: na posição diagramada, as pretas realmente têm apenas a vantagem de um tempo e, quando o usam, diferente do que deveria, sua vantagem desaparece.

Segundo: O lado confrontado com o fato de que a vantagem estaticamente posicional do oponente aumentará deve imediatamente colocar seus trunfos dinâmicos na mesa, a fim de colocar o jogo na pista combinativa (ou de poder), enquanto simultaneamente corta o desenvolvimento desfavorável de eventos.

Quando iniciar as operações combinativas

Questões envolvendo a oportunidade de iniciar ações combinativas devem representar interesses de primeira ordem para os jogadores.

Zaitsev - Nagy

Kalimanesti 1993

Simul de olhos vendados para candidatos a mestres

Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 e6 3. N c3 a6 4.g3 N c6 5. B g2 Q c7 6.0-0 N f6 7.d4 cxd4 8. N xd4 B e7 9. R e1 d6
10 N xc6 bxc6 11.e5 dxe5 12. R xe5 0-0 13. B f4 Q b7

13 ... B d6 é arriscado por causa de 14. R xe6 B xf4 15. R xc6.

14 N a4 N d5 15. B d2 R d8

Uma rara continuação - talvez até uma nova. Esta posição foi freqüentemente vista na prática. Aqui, como regra, as pretas preferiram 15 ... B f6 ou 15 ... R b8.

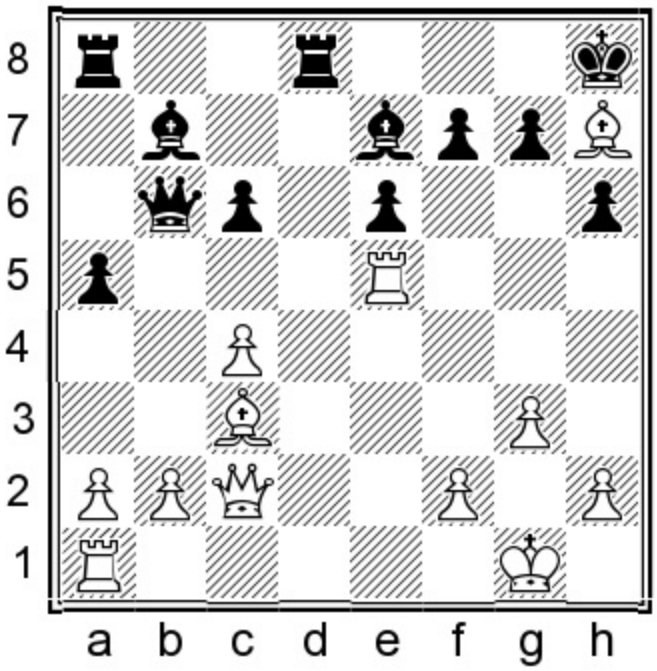
16.c4 N b6 17. N xb6 Q xb6 18. Q c2 a5 (defendendo-se contra a ameaça de B a5) **19 B c3 B b7**

Em 19 ... B f6 ?, a resposta 20. R h5 seria muito desagradável.

20 B e4! h6!

Apesar de todos os seus esforços para ativar suas peças, as brancas ainda têm apenas uma vantagem mínima e uma iniciativa temporária do seu lado. Portanto, o resultado que se segue parece ainda mais surpreendente e um tanto inadequado.

21 B h7 + K h8



22 R xe6! fxe6 23. B xg7 + K xg7 24. Q g6 + K h8 25. B g8! O acorde final de um ataque mínimo

forças. As pretas desistem, pois não podem impedir o mate em alguns movimentos.

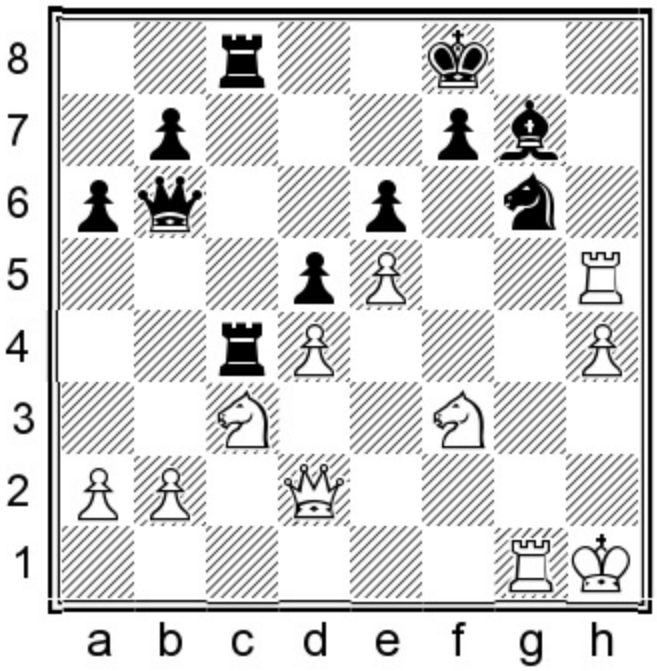
No entanto, a introdução vitoriosa de todo o ataque poderia ter sido muito questionada se as pretas, em sua jogada, tivessem jogado 21

... K f8 !. Eu tinha planejado responder a isso continuando com 22. R xe6 fxe6

23 Q g6 (23. B xg7? K e8!), esperando a vitória. Mas na verdade, depois dos 23 ... B f6 24. B xf6 R d7! 25 R e1! c5, as brancas podem ter que controlar seu apetite em vista do fato de que seu próprio rei pode se encontrar em perigo, e se contentar com xeque perpétuo: 26. B xg7 + !? R xg7 27. Q f6 + R f7 28. Q xh6 + K e7 29. Q g5 +

K d7 30. R d1 + K c7 31. Q e5 + K c8 32. Q h8 + K c7 33. Q e5 +, etc.

E isso não seria surpreendente, já que no momento em que White começou sua combinação, ele não tinha nenhuma vantagem séria para falar.



Agora, essa nova posição surgiu no decorrer de uma de minhas análises. Depois de **36 R h7,** Black continua com **36 ... K g8 37. R h5 K f8,** e White se depara com um problema maior do que a tarefa usual de encontrar a melhor continuação - na verdade, mais um dilema. Pois agora estamos diante de um subtexto psicológico: aceitamos um resultado empatado permitindo uma repetição ou tentamos continuar, com base em nossa avaliação objetiva da posição?

Essa avaliação será tanto mais precisa quanto mais for matematicamente - isto é, com base nas consequências das variações concretas. (Não é em vão que se diz que toda ciência é apenas ciência na medida em que é matemática.)

Por exemplo, na posição diagramada, uma avaliação criada apenas em considerações gerais não parece dar às brancas motivos sérios para recusar o empate: ele não é o jogador ativo no centro, nem é especialmente ativo no lado da dama. Fortalecer a pressão no lado do rei, onde ele está atacando, também pode resultar em contrapressão definitiva: 38. R h7 K g8 39.h5 !? (claro que não 39. R xg7 +
K xg7 40.h5 R h8) 39 ... K xh7 40.hxg6 + K g8 (40 ... fxg6 perde para 41. N g5 + K g8 42. Q h2) 41.gxf7 + (em
41 N g5 Q xd4 42.gxf7 + K h8, as pretas rapidamente provocam contra-ataque) 41 ... K xf7 42. Q f4 + K g8 43. Q f6 (43. N g5 venceria) 43 ... Q c7 (você pode ver facilmente que isso é forçado) 44. Q xe6 + Q f7 45. Q xd5.

O final de jogo à frente deve ser empatado se as pretas observarem a técnica e o estado de alerta usuais.

Até este ponto, deixamos a outra continuação, 38. R hg5, nas sombras. Isso foi por uma razão completamente natural - 38 ... B h6. No entanto, mergulhando nas peculiaridades da posição, não é muito difícil ver que há um golpe combinacional eficaz, baseado simultaneamente na situação instável do rei preto e no estado indefeso da rainha preta: 39. R xg6 !? B xd2 40. N xd5 !, e ambas as peças principais das pretas estão sob ataque, o companheiro é ameaçado, assim como captura a rainha. Portanto, tirar o cavalo se sugere: 40 ... exd5 41. R xb6; e agora, depois do quase obrigatório 41 ... B e3 42. R d1

R 8c7 43. R d3 B f2 44. K g2 R c2 45. K h3, as brancas conseguem um final tecnicamente ganho.

Mas esse sucesso temporário também pode ser apenas uma bolha de sabão. Porque em vez de 40 ... exd5,

O preto tem algo muito mais forte: 40 ... fxg6! 41 N xb6 B e3, e as coisas estão novamente empatadas. E assim, mais uma vez, nos deparamos com uma escolha difícil: qual caminho combinativo que examinamos é o mais promissor para White?

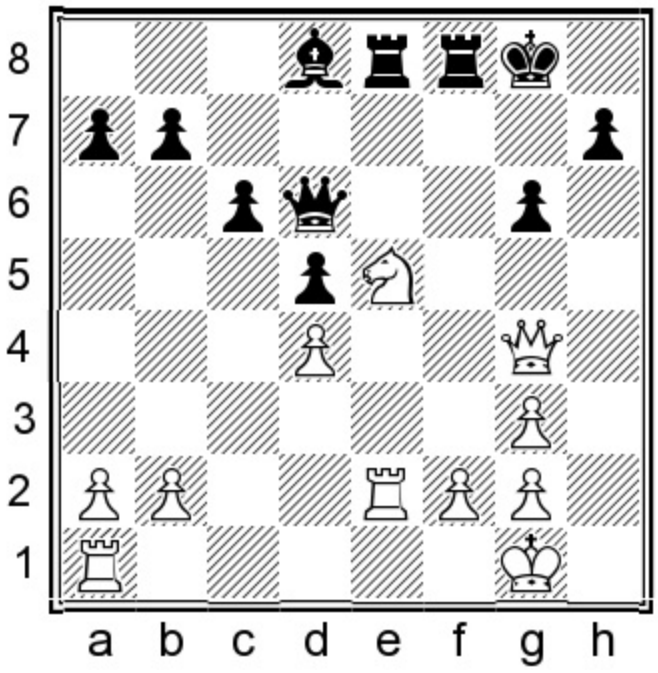
Parando neste primeiro nível de penetração na posição, as brancas podem se limitar ao empate, com uma grande e acumuladora porção dessa probabilidade. Só consegui descobrir possibilidades depois de mergulhar no conteúdo do jogo. Mas o que eu encontrei pode enviar um sinal para as Brancas de que ele provavelmente está à beira de uma vantagem real - ou talvez até mesmo grande - e que por essa razão ele teria que jogar pela vitória.

Não vamos atormentar nossos leitores em vão - não estamos falando em examinar possibilidades tão insignificantes (que escaparam à nossa atenção) como 38.a3 !? ou 38. Q f2 !. O ponto principal não está em tais movimentos concretos, mas no fato de que em nossa abordagem para encontrar uma solução, ocorre uma virada principal, que sempre chega a um jogador com grande dificuldade: Nós nos recusamos a explorar imediatamente as ameaças combinadas que temos, voltando-se para fortalecer ainda mais a posição.

Acontece que as brancas não estão tão interessadas em executar um jogo puramente combinativo por enquanto, mas em aumentar a pressão posicional. *Iniciar a execução de uma combinação só é útil sob certas condições: Quando seu oponente começa a superá-lo em termos de taxa constante de crescimento de sua vantagem posicional estática.*

Zaitsev - Gorbatov

Orel 1993



O preto tem a melhor estrutura - duas ilhas de peões contra três. Assim que conseguir consolidar a sua posição, não haverá mais vestígios da iniciativa de abertura do adversário. Portanto, as brancas devem se apressar para agir no espírito daquele ditado napoleônico: “Primeiro, você se lança à batalha - e então você verá o que acontece!”

Nesta posição, as brancas jogaram **21 R ae1.**

As brancas melhoram sua coordenação de peças, configurando a ameaça combinativa extremamente desagradável de

N e5xg6. Depois de pensar um pouco, meu oponente engenhoso encontra a melhor defesa.

21 ... R e7!

Aqui, Black tinha algumas outras possibilidades, mas como as variações demonstram, todas elas se revelariam insuficientes no final:

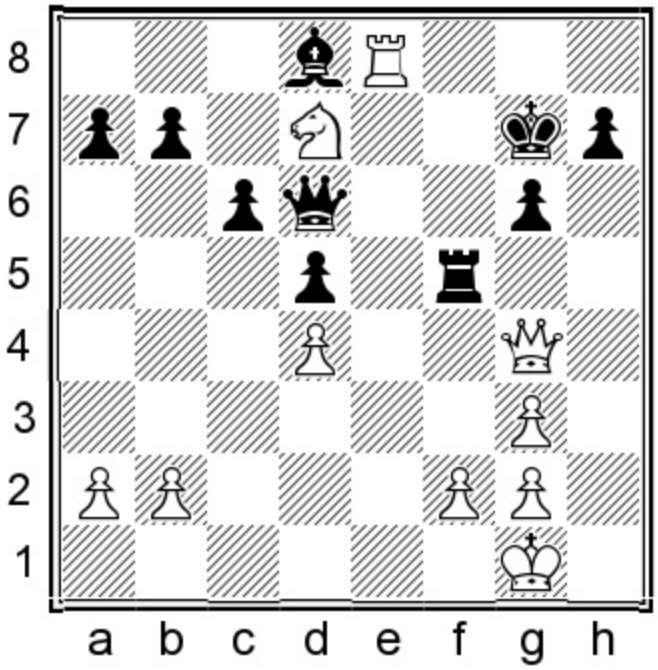
(a) 21 ... Q e6 ?! 22 Q xe6 + R xe6 23. N d7! R xe2 24. R xe2, quando grandes perdas não podem ser evitadas: 24 ... R f5
25 R e8 + K f7 26. R xd8 K e7 27. R b8, etc .;

(b) 21 ... B a5? 22 N xg6! Q xg6 (22 ... B xe1 23. N xf8 + K xf8 24. Q f5 +; após 22 ... hxg6 23. R xe8 B xe1, as brancas precisam apenas evitar cair na armadilha 24. R e6?!, após o qual 24 ... B xf2 + 25. K h1 Q xe6!
26 Q xe6 + K g7 27. Q e7 + R f7 permite que as pretas estabeleçam uma fortaleza posicional; mas continuando 24. R xe1, as brancas podem ficar satisfeitas com um final de jogo vencedor) 23. Q xg6 + hxg6 24. R xe8 B xe1 25. R xe1, e as brancas têm uma grande vantagem;

(c) 21 ... Q f6 ?! 22 N xg6 Q xf2 +, e agora o caminho mais claro para a vitória é 23. K h2 !; 23 R xf2 é quase tão bom;

(d) 21 ... Q b4 22.a3! (22. N xg6? Q xe1 + 23. R xe1 R xe1 + 24. K h2 hxg6); e

(e) 21 ... R e6 !? (uma das melhores defesas das pretas nesta posição) 22. N d7 R xe2 23. R xe2 R f5! (As pretas estão preparando um contra-ataque; o intermediário 23 ... h5 é uma má ideia, tendo em vista o 24. Q e6 +! Q xe6 25. R xe6, e novamente, perdas materiais graves não podem ser evitadas) 24. R e8 + K g7.



Agora temos um período de golpes táticos mútuos. Se as brancas jogarem simplesmente 25. R xd8, então depois
25 ... Q e7 !, ele deve imediatamente pensar em se defender diante do parceiro ameaçado - embora deva ser apontado que existe um caminho elegante para sua salvação, viz., 26. Q h4!
Q e1 + (seria um erro jogar 26 ... g5 por causa de 27. Q g4) 27. K H2 R h5 28. R g8 + K h6 (a torre

é intocável; e se 28 ... K f7, então fica mais intrusivo: 29. R f8 +, e a saída mais razoável é se contentar com uma repetição) 29. N e5 R xh4 + (a ameaça era 30. N g4 #) 30.gxh4 Q d2 (acho que esta é a única resposta, caso contrário, o branco rapidamente tece uma rede de acasalamento apertada - por exemplo, 30 ... K h5 ?? leva, após 31.g4 +, ao acasalamento ou à perda da rainha) 31. K h3 (os problemas de Black seriam mais simples após 31. K g3 Q xd4 32. N g4 + K h5 33.f3 Q xb2 34. K h3 Q a1 35. N f6 + !!, e uma vez que o cavalo está indiretamente protegido, 35 ... Q xf6? 36.g4 + K h6 37.g5 +, o jogo terminaria em cheque perpétuo)

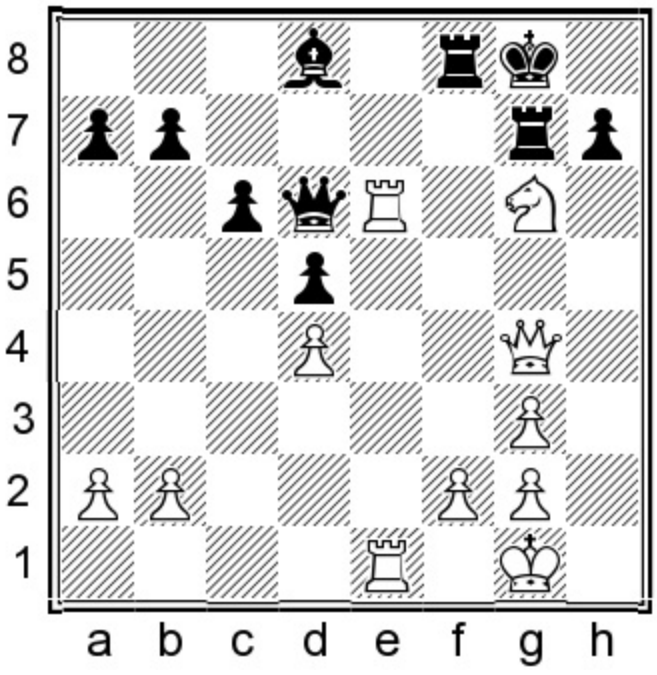
31 ... Q d1 32. N g4 + K h5 33. N f6 +, com empate.

Mas vamos voltar ao último diagrama. A continuação mais correta seria 25. N c5. Agora, as coisas podem proceder da seguinte forma: 25 ... B e7 (25 ... h5? 26. R xd8) 26. Q e2 R f7 (após 26 ... K f7 27. R h8 K g7
28 R a8 !, as pretas perderiam seus peões, um após o outro. No dia 26 ... B f6, 27.g4! tornaria as coisas desconfortáveis. A torre das pretas não pode evitar cair em uma forquilha).

As brancas têm uma vantagem indiscutível, além da iniciativa do seu lado. Mas como ele vai levar isso em conta? Continuemos nosso ataque o mais agressivamente possível: 27. N e6! + K f6 28.g4 g5 29.f4 gxf4
30 R g8. Agora ambos 30 ... Q xe6 31.g5 K f5 32. Q d3 Q e4 33. Q h3 # e o espetacular 30 ... h6 31. R g6 !!
K xg6 32. Q d3 +, apontado por Stockfish, leva ao mate.

Vamos voltar ao jogo. Depois dos 21 ... R e7, o preto pretende consolidar a posição por ... R f8-e8. Portanto, as brancas não podem atrasar as coisas. Mas o que ele vai fazer? O último movimento das pretas parece eliminar a oportunidade das brancas de enfrentar g6. E ainda…

22 N xg6 !? R g7! 23 R e6



Mais uma vez, as pretas estão em uma encruzilhada: qual retirada da rainha funciona melhor? Durante o jogo, pensei que 23 ... Q c7 era a linha principal e, em resposta, preparou um sacrifício de rainha: 24. N xf8! (em
24 N e7 + ?, a ingênua resposta 24 ... B xe7? levaria à vitória para as brancas após 25. Q xg7 +! K xg7
26 R xe7 +; mas 24 ... Q xe7! leva ao resultado oposto) 24 ... R xg4 25. R e8 (agora é fácil ver que
25 ... Q d6 26. N e6 + K f7 27. N xd8 + K g7 28. R 1e7 + K h6 29. N f7 + perde rapidamente) 25 ... K f7 26. N e6! (isto é

já é tarde demais para desviar da estrada principal) 26 ... K xe8 27. N xc7 + K d7 28. N e6 B b6 29. K h2! (em
29 K f1 K d6, seria difícil para as brancas se desvencilharem, e 29. N f8 + K d8 30. N xh7 B xd4 também fornece contra-jogo suficiente para as pretas) 29 ... B xd4 30. K h3 (30.f3 B f2! 31 N c5! B c5! 32.fxg4 B e7 leva a um empate posicional e igualdade total). 27 ... K f7 não altera a avaliação da combinação ou suas consequências.

No jogo, as pretas jogaram **23 ... Q b4.** Agora, tudo o que as brancas precisam fazer é encontrar uma maneira de desbloquear a casa e6 para sua rainha.

24.a3!

Acontece que 24 ... Q xb2 é respondido por 25. R 6e2. Claro, Black poderia aguentar mais tempo com
25 ... R xg6 26. Q xg6 + hxg6 27. R xb2 B b6, quando as brancas ainda teriam que mexer um pouco para perceber sua vantagem óbvia. Então as pretas jogam **24 ... Q b6**

Mas então o movimento preciso **25 R e8!** levou à rendição imediata de Black, já que depois de 25 ... R xg6 26. R xf8 +
K xf8 27. Q d7 ou 25 ... hxg6 26. Q e6 + R f7 27. Q xg6 + K h8 28. Q xf7, as pretas estão indefesas.

A posição inicial de nossa análise dá uma impressão completamente normal. A estrutura de peões das pretas é boa e todas as suas peças ocupam boas posições. Então qual é o problema? Como já observamos, uma regra fundamental de manter a vantagem no xadrez estabelece que de posições iguais, com o melhor jogo (e a análise é projetada precisamente para demonstrar o melhor jogo para ambos os lados), posições iguais devem resultar novamente, o que finalmente foi provado durante a análise do movimento defensivo 23 ... Q d6-c7.

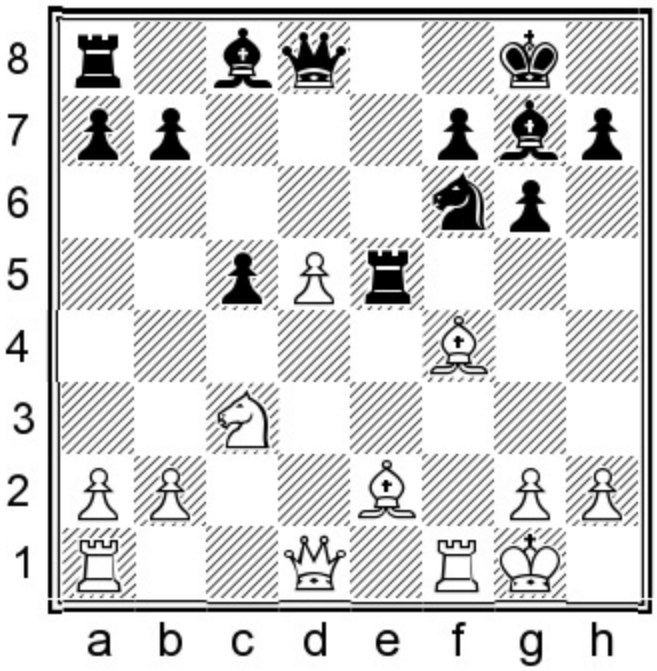
E assim também, desta vez, o método de comparar avaliações desde os pontos inicial e final da análise mostrou-se mais eficaz, com a ajuda da lição fundamental de Steinitz-Lasker.

Mantendo a vantagem durante ataques violentos

A execução da regra de manutenção da vantagem pode ser facilmente observada no exemplo dos chamados ataques repentinos.

Nada pode alterar o caráter de um jogo de xadrez como um ataque violento. Como um furacão, ele remove várias peças do tabuleiro e força os sobreviventes a encontrarem um novo abrigo. Alguns pontos se desvalorizam acentuadamente, enquanto o valor de outros dispara. Em muito pouco tempo, a face de uma posição de xadrez torna-se irreconhecível.

Khudiakov-Zaitsev
Voronezh 1973



Uma posição típica para a variação brusca do Benoni (1.d4 N f6 2.c4 c5 3.d5 e6 4. N c3 exd5 5.cxd5, etc.). Cada lado luta pela iniciativa. Para este fim, as brancas acabaram de sacrificar um peão, mas a “contra-oferta” das pretas parece mais pesada.

14 ... R xd5!

Ainda não é uma chamada de trombeta para o ataque, mas apenas um pequeno prelúdio para ele.

15 N xd5 N xd5 16. B c4 B e6 17. Q b3 b5 !?

E aqui está o início paradoxal do ataque propriamente dito. Como 18. Q xb5 é ruim por causa de 18 ... B d4 +
19 K h1 N xf4 20. R xf4 R b8 21. Q a6 R b6, as brancas não têm muitas opções.

18 B xd5 B xd5!

Depois dos 18 ... Q xd5 19. Q xb5 !, nem 19 ... B d4 + 20. R f2 nem 19 ... B d4 + 20. K h1 B h3 21. Q e2 é perigoso para as brancas.

19 Q xb5

O bispo em f4 controla a casa b8 solidamente, e os desenvolvimentos atuais no tabuleiro ainda não são muito claros.

19 ... B d4 + 20. K h1 g5!

Essa análise, assim como a grande maioria das minhas outras, foi realizada naqueles dias em que ninguém sequer sonhava em fazê-lo com o auxílio de um computador. Curiosamente, os programas de computador modernos normalmente não aceitam o movimento mais recente de Black no início, e só depois de uma segunda olhada é que a eletrônica começa a dar uma avaliação positiva.

O impulso do peão faz o bispo recuar para g3. Se ele for para c1, o rei branco de repente se encontrará sob uma saraivada de golpes: 21. B c1 B xg2 + 22. K xg2 Q d5 + 23. K g3 Q e5 + 24. K h3 (ambos 24. K g2
Q e4 + 25. K h3 Q h4 + 26. K g2 Q g4 + 27. K h1 Q e4 + e 24. B f4 gxf4 + 25. R xf4 R b8 claramente não são

o suficiente para White. No entanto, 24. K g4 h5 +! seguido de colocar a torre em jogo serve apenas para acelerar o resultado que é iminente na linha principal) 24 ... Q e6 + (24 ... h5 com a ameaça de
25 ... Q e6 + não é muito claro por causa de 25. Q c6) 25. K g3 h5!

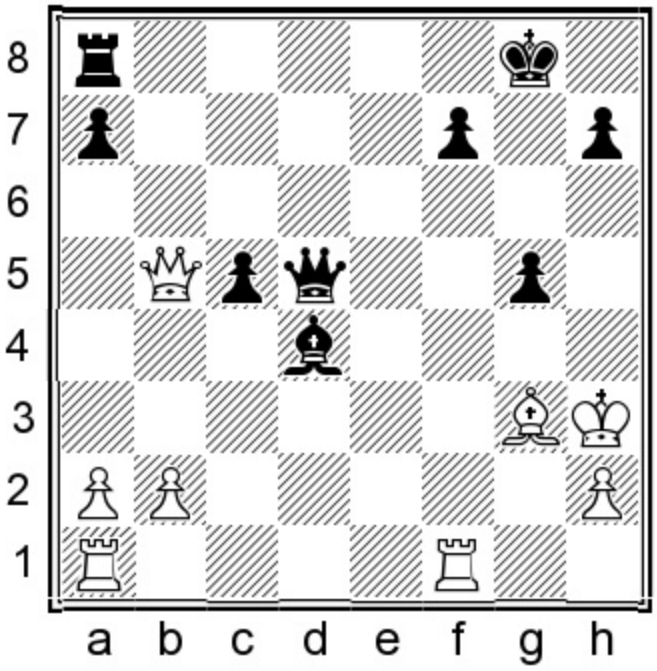
Agora, a ameaça de mate em g4 empurra as brancas para a seguinte continuação forçada: 26.h3 h4 + 27. K f3
Q f5 + 28. K g2 (28. K e2 Q e4 + 29. K d1 R d8, evitando que o rei branco se esconda das ameaças)
28 ... Q e4 + 29. K h2 (29. R f3 g4 30.hxg4 Q xg4 +) 29 ... Q c2 + 30. K h1 B e5, e as pretas vencem.

21 B g3 B xg2 +!

Ambos 21 ... h5 22. R f5, 22 ... h4 23. B c7 h3! 24 B xd8 hxg2 # e 22. Q d3 h4 23. B f2 B xf2 24. R xf2 B xg2 + parece tentador. No entanto, 22. ad1! h4 23. R xd4 cxd4 24. B c7! Q xc7 25. Q xd5 permite que as brancas tomem a iniciativa.

22 K xg2 Q d5 + 23. K h3

Como antes, 23. R f3 g4 prepara as brancas para um final de jogo sem alegria.



23 ... f5!

Isso implica uma ameaça direta ao rei inimigo (24 .-- 24 ... g4 + 25. K h4 B f6 + 26. K h5 Q f7 + 27. K h6
Q g6 #) e explica por que as pretas se abstiveram de transferir sua rainha para e4.

24 B b8!

Esta é a melhor defesa. Após 24. B c7, a escolha das opções ofensivas das pretas é maior, e 24. Q b3? c4 é definitivamente ruim.

24 ... Q e4

Os tentadores 24 ... K g7 25 .-- (com a ideia de ganhar a rainha com 25 ... R xb8 26. Q xb8 g4 + 27. K h4
B f6 + 28. K g3 B e5 +) é executado em uma refutação simples, 25. R ae1, e em 24 ... Q d8, 25. Q c6 R xb8 26. Q e6 +
K g7 27. Q xf5 é mais do que adequado.

25 B f4

As pretas mantêm boas chances se as brancas decidirem se defender contra o companheiro com 25. Q c4 + K g7 26. B e5 +
Q xe5 27. R ae1 B e3.

25 ... gxf4 26. Q c4 + K h8

Um erro que destrói todo o ataque. Também pobre é 26 ... K f8 27. R ae1, e as pretas não podem jogar
27 ... B e3 como o bispo será perdido. Consideravelmente mais forte é 26 ... K g7 27. R ae1 B e3 28. Q c3 + K f7 (28 ... Q d4 29. R d1! Q xc3 30.bxc3 K f6 31. K g2 leva a um final aproximadamente igual). Colocando seu rei em um canto, Black pretendia desferir um golpe tático elegante, mas calculou mal.

27 R ae1 Q b7

Branco não tem problemas depois de 27 ... Q c6 28. R e6 e 27 ... B e3 28. Q c3 + Q d4 29. R d1.

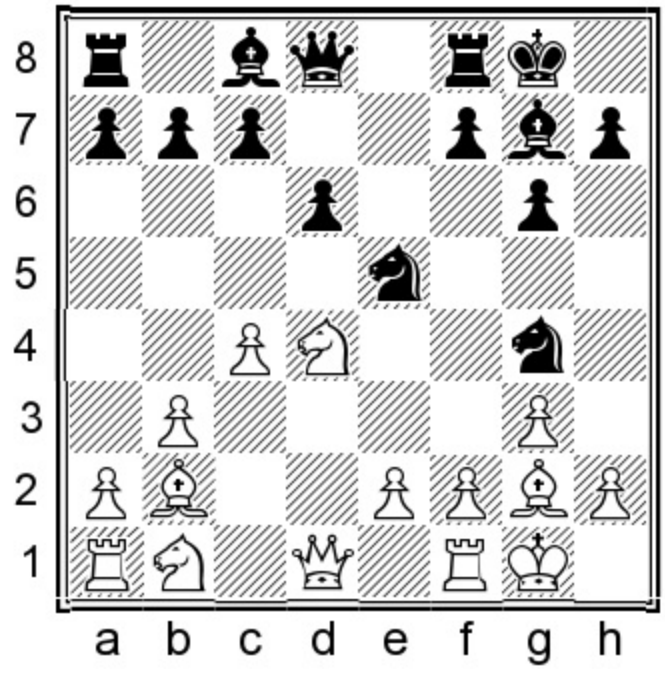
28 R xf4 R g8 29. Q e2 Q g7 (29 ... B e3? 30 Q f3!) **30 Q f3**

Triste, mas é verdade: enquanto recuava com seu rei para h8, as pretas contaram com 30. R xf5 aqui e estava pronto para enfrentar essa mudança com um contador semelhante a um estudo, 30 ... B f2 !, que vence em todas as linhas, ambas após 31. Q xf2
Q g4 # e 31. R xf2 Q h6 +. A fascinante batalha tática continuou, mas já estava claro que o ataque direto contra o rei havia falhado. Seguiu-se:

30 ... B xb2 31. R xf5 c4 32. R e2 c3 33. Q h5 Q d7 34. Q f7 Q d3 + 35. R f3 Q d6 36. R g3 Q h6 + 37. K g2 R f8 38 Q d5 Q f6 39. R f3 Q g6 + 40. R g3 c2 41. R xg6

Um empate em vista de 41 ... c1 = Q 42 Q f7! (ambos 42. Q f3 e 42. Q f5 perde para 42 ... B g7) 42 ... Q c8 43. Q b3
Q a8 + 44. K g3 B d4 45. R g4 Q h1 46. R xd4 Q g1 + 47. K h3 Q xd4 48. Q b2 **½-½**

Grigorian - Zaitsev
Voronezh 1973



As brancas só podem sonhar em ter o lance passado para ele. Então ele poderia expulsar os terríveis cavaleiros de Black, garantindo uma forma estável para sua vantagem posicional e espacial. E assim, a principal tarefa de Black será manter a chama moribunda de sua atividade expirando, com todos os recursos dinâmicos que ele puder reunir.

10 ... N xh2 !? 11 K xh2 c5 12. K g1 cxd4 13. B xd4

As pretas são obrigadas a continuar atacando. Caso contrário, a vantagem das brancas no centro seria decisiva. Mas como irei iniciar meu ataque, já que as brancas ameaçam f2-f4, simplificando o jogo favoravelmente para elas? A solução é a mesma de antes: tenho que encontrar uma maneira de ignorar essa ameaça!

13 ... h5! 14.f4! h4! 15.gxh4!

Direito. No caso de 15.fxe5 hxg3 16. N d2 (caso contrário, seria difícil evitar 16 ... Q h4)
16 ... dxe5 17. B e3 (17. B b2 e4! 18 B xg7 Q h4 19. R e1 Q h2 + 20. K f1 B h3 é perigoso) 17 ... e4, qualquer captura do peão em e4 seria ruim por causa de 18 ... Q h4, enquanto 18. R f4 f5 concederia às pretas uma iniciativa muito poderosa.

15 ... N g4 16. B xg7 Q xh4 17. R f3 K xg7 18. Q d4 + f6

O preto pode não ter mais ameaças de ataque; restam apenas pequenos truques táticos para ele: 19 .--
19 ... N e5 ou 19 ... Q h2 + 20. K f1 Q h4 21. K g1 com uma repetição. Mas é claro que é a jogada das brancas.

19 R h3 Q e1 + 20. B f1 Q a5 21. N c3 N h6 22. R d3 Q h5

A infatigável rainha negra mais uma vez acelera para a asa do rei - desta vez, tendo tomado um caminho tortuoso para chegar lá.

23 B g2 N f5 24. Q f2 R h8

Black conseguiu montar uma nova onda de ataque e agora ameaça 25 ... Q h2 + 26. K f1 N h4.

25 R h3 Q xh3! 26 B xh3 R xh3 27. N d5 B d7 28.e4

Até aqui, tudo tem sido simples: nenhum comentário necessário. Mas agora, ao que parece, as pretas devem escolher um de dois caminhos. No entanto, não importa o quão tentador seja 28 ... N h4 pode aparecer, as pretas têm que renunciar, porque as brancas têm 29. R f1 N f3 30. Q xf3 R xf3 31. R xf3.

28 ... R ah8 29.exf5 R h1 + 30. K g2 Desenhar

A correção dessa decisão pacífica é demonstrada na seguinte variação: 30 ... R 1h2 + (30 ... R 8h2 + 31. K g3 R xf2 32. R xh1 R xa2 33. R e1) 31. K g1 R xf2 32. K xf2 B xf5 33. R e1 R f8 34. N c7!
K f7 35. N b5 R d8 36. R d1 K e7 37. R e1 + K d7 38. R d1.

Esse inesperado respingo de iniciativa de Black se mostrou suficiente apenas para preservar a igualdade. Todas as normas para equilibrar a vantagem também foram evidentemente observadas desta vez. Nas últimas jogadas os dois lados atuaram quase da melhor maneira, o que foi confirmado pelos motores modernos ... Mas essa luta foi disputada há 47 anos! O jogo foi premiado com o prêmio especial do torneio “por jogo com recursos”. Portanto, no devido tempo, também comemos bem - e sem computadores!

Conclusão

Vamos tentar resumir todas as coisas sobre as quais falamos até agora nesta seção sobre como manter a vantagem. Já falamos sobre como, no xadrez, a vantagem pode assumir várias formas. O primeiro é um

vantagem posicional estática, conectada com categorias permanentes como estrutura e / ou material do peão - falando figurativamente, uma vantagem baseada no que há no xadrez que é imóvel. Outra forma de vantagem é dinâmica, dependente do tempo-tempo, do nível de coordenação das peças e de sua atividade. A combinação do xadrez atua como uma ponte, conectando essas diferentes formas de energia do xadrez. A combinação faz uso do mecanismo de sacrifício material para aumentar uma dessas formas de vantagem, especificamente a dinâmica.

Também destacamos o grande significado de algo que escapou à atenção dos pesquisadores - as consequências óbvias de uma combinação, o aparecimento de “espaço extra”. Como resultado do sacrifício de material, o aparecimento de novos quadrados (vazios) freqüentemente se torna o ponto de partida mais valioso para uma luta posterior.

A questão da qualidade discreta da vantagem no xadrez ocupa um lugar importante em nossas considerações. Partindo do fato de seu parcelamento proporcional, o jogador prático pode corrigir sua avaliação em conformidade. *Lembrando que o xadrez é um jogo objetivo e justo, e que de uma posição melhor sem forçar linhas, felizmente não se pode cair repentinamente em uma inferior e pular para além do ponto de igualdade - pode-se, em vez disso, começar a buscar sua chance de salvar!*

Você pode responder dizendo: “Bem, eu poderia citar vários exemplos de boas posições que foram arruinadas por um único movimento solitário.” Mas isso quase certamente perde de vista o fato de que esse tipo de desagrado geralmente não procede do posicional, mas de meios combinatórios ou táticos de desenvolver eventos. Na verdade, assim que a combinação começa, os erros de ambos os lados começam a ser avaliados em uma escala diferente e muito mais restrita.

Fizemos uma distinção entre uma operação tática e uma operação combinativa. As táticas não afetam a própria estrutura de peões nem a do oponente. Esta é uma operação que envolve apenas peças. Compare isso com o jogo combinativo, que está diretamente envolvido com alterações na estrutura do peão (e, como regra, com alterações na parte principal, o centro). A evolução desta própria estrutura pode ser realizada por meios combinativos, ao custo de capturas de peões, ou posicionalmente, com a ajuda de seu avanço.

Finalmente, o problema mais importante é determinar quando iniciar o jogo combinativo. Por um lado é lucrativo, mas por outro é contra-indicado. O lado que se distancia do outro na construção de uma vantagem estática não se interessará pelo jogo combinativo. Entretanto, para o seu adversário, esta será a única forma de abrandar, por um tempo, o que vai aumentando com o tempo.

Parece-me que trocar combinações são as únicas combinações do tipo que, para as brancas ou para as pretas, representam um aumento da vantagem estática. Como regra, uma troca favorece o lado *não*
interessado em uma forma forçada de fazer as coisas se desenvolverem. Pode ser tomado como uma espécie de combinação posicional, profilaxia contra a execução de combinações dinâmicas.

A partir dos exemplos apresentados, torna-se suficientemente óbvio que atacar o ponto forte é parte integrante do nosso repertório estratégico. Você não pode se contentar em ocupar espaço no tabuleiro de xadrez; você tem que derrotar seu oponente nos elos mais fortificados de sua estrutura.

Suponho que os futuros pesquisadores não serão capazes de evitar uma conversa significativa sobre as várias formas de vantagem - estática, dinâmica, espacial - e sobre como elas podem ser transformadas a partir de

um tipo em outro. Pois qualquer que seja a forma da vantagem, na prática o lado que tem a vantagem sempre tentará fazer com que ela assuma a forma que, acima de tudo, lhe permita controlar as coisas no tabuleiro.

Talvez pesquisas futuras mostrem que o quadro de confronto estratégico que traçei neste pequeno trabalho é impreciso, apontando que outros vetores de poder existem para agir sobre os espaços do tabuleiro de xadrez. Como indiquei no início: estou apenas expressando minhas próprias opiniões sobre uma série de condições gerais da luta do xadrez, tentando apoiá-las com exemplos, principalmente de minha própria prática e análise. É claro que ficarei feliz se alguém fizer bom uso de alguns desses exemplos, mas ficarei satisfeito se até mesmo uma parte de meus leitores desenvolver uma inclinação para considerar questões de filosofia do xadrez.

Capítulo Seis

A filosofia da estratégia

Parte I

Parece-me que o conhecimento obtido em virtude das características de nosso pensamento - principalmente o método de tentativa e erro - provavelmente também deve ser considerado o produto final pelo qual a humanidade se empenha em qualquer esfera de sua atividade intelectual. Nesse sentido, o mundo virtual do xadrez não é uma exceção. Pois, como também em outras áreas, em cada novo estágio de desenvolvimento, o caminho eterno para o autoconhecimento é igualmente espinhoso, tortuoso e imprevisível.

Conclui-se que, para entender o xadrez, é de crucial importância escolher o ponto de partida e o caminho corretos dentre os muitos caminhos disponíveis para nós. A partir de que ponto de partida nos aproximamos da supertarefa, a fim de desvendar todo o emaranhado complexo? Em que direção seria mais conveniente começar a investigação?

Vou sugerir a ideia de começar com a justaposição do jogo do computador e do jogo humano, a partir do qual se torna suficientemente óbvio que, por enquanto, o humano ainda transcende o computador no planejamento estratégico multinível.

Em minha opinião, a estratégia é exatamente aquele começo abrangente, no qual se consegue colocar todas as conquistas do xadrez moderno, desde sua fase inicial até o final do jogo. E se presta absolutamente ao pensamento filosófico - como os clássicos do xadrez têm mostrado repetidamente em seus trabalhos teóricos. Portanto, o assunto principal de todo o nosso raciocínio que se segue pode ser incluído nesse trio de palavras do nosso título: Filosofia da Estratégia!

Antes de continuarmos com nosso raciocínio, no entanto, devemos primeiro concordar em que significado investimos apenas neste conceito - estratégia. Em conteúdo, um jogo de xadrez sempre consiste em um conflito entre dois lados opostos, guiado por diferentes doutrinas estratégicas. O lado mais forte, usando todos os recursos disponíveis, tenta forçar o oponente a perder; enquanto o lado mais fraco trava uma luta pela sobrevivência. Partindo disso, a estratégia do xadrez é o mais próximo em significado da definição enciclopédica de estratégia de guerra.

Devo dizer que, no ambiente do xadrez, há uma considerável diferença de opinião sobre a questão de como analisar esse mesmo conceito. Alguns confundem esse conceito com uma maneira geral de conduzir o jogo de xadrez, enquanto outros o identificam com métodos posicionais de jogo. Sabemos que no cerne de qualquer confronto está um programa de ação para fortalecer o potencial de ataque ou defesa. No entanto, se a melhoria no posicionamento de peças específicas pode ser alcançada com a ajuda de técnicas táticas ou posicionais, então a estratégia é chamada para resolver as questões da formulação e posterior execução das estruturas de peões (especialmente as centrais) como o base de toda a configuração.

Mas como e com base em que reconhecemos uma estrutura favorável? Para resolver esses problemas, por enquanto, o jogador tem que confiar em sua própria experiência e na experiência de seus antecessores. Não há dúvida de que qualquer profissional do xadrez, ao longo do tempo e com conhecimento técnico, também dominará uma enorme quantidade de informações heterogêneas do xadrez, solidamente preservadas em sua memória. No entanto, se anexarmos

apenas um pensamento associativo a este bloco de memória, então este modo de ação, a nosso ver, não será produtivo o suficiente, e não lhe trará o sucesso esperado. É óbvio que, para aumentar a eficácia, você precisará de uma instrumentação mais universal e delicada, levando a uma compreensão filosófica da essência da estratégia do xadrez.

Dificilmente alguém fará objeções à afirmação de que o crescimento criativo de um jogador de xadrez está diretamente ligado à evolução de suas impressões de uma posição no xadrez. Portanto, no infinito campo da informação, deve-se avançar do particular ao geral, mobilizando totalmente todas as suas observações lógicas. Depois de cada estágio separado desse tipo de trabalho significativo, será possível chegar a conclusões definitivas sobre a ordem geral. E, tendo-os resumido, no futuro um jogador estará em condições de construir sua própria concepção independente. Esse é o caminho bem trilhado que leva à formação dos pontos de vista do xadrez - mas, notamos, durante o último meio século, apenas em um nível individual.

Porém, a partir do mosaico quadriculado dessas opiniões pessoais hoje, por algum motivo, o quadro geral objetivo de alguma forma não quer se desenvolver e unir toda a sua diversidade. Mas parece que todas as condições foram satisfeitas para o nascimento de uma filosofia do xadrez (tão necessária) renovada. Mas uma década dá lugar à outra, e nunca chega a uma batalha decisiva. Paradoxalmente, no passado, quando o escopo da vida no xadrez era muito menor, tudo continuava normalmente, e nunca houve qualquer dificuldade com essa questão. Recordemos as etapas principais: a escola italiana, seguida de Philidor, Steinitz, os hipermodernos. Uma explicação filosófica das realizações da práxis apareceu, em tempo hábil, para substituir a anterior.

O motivo da pausa prolongada de hoje é completamente compreensível, pois é sempre apenas o que os humanos precisam que aparece no mundo. Na sociedade contemporânea, privada de quaisquer ilusões românticas, apenas a cultura do xadrez esportivo-competitivo, contendo em si os elementos de habilidade e jogo, é realmente exigida.

Vamos tentar descobrir quais são as deficiências dessa atitude. O xadrez, como jogo de tipo desportivo, aliado à abordagem científica do seu estudo, permite a um afluxo de profissionais, devido ao surgimento do seu domínio técnico, ganhar o suficiente para viver. No entanto, mesmo um relacionamento tão sério, para eles, de forma alguma garante a popularidade estável e a longa vida do jogo de xadrez em si. Como sabemos, de todas as artes criativas, o que finalmente sobrevive é apenas aquela que tem um componente espiritual. E de muitas encarnações do xadrez que estamos acostumados a ver experimentada - esporte, aprendizado ou arte - apenas a arte tem essa vantagem incomparável. Mas qualquer arte, estando em uma categoria espiritual, precisa da bênção viva da filosofia para florescer, enquanto as questões de jogos podem afundar completamente uma metodologia engenhosamente pensada.

Não obstante o vivo interesse em como nos amarrarmos mais fortemente às raízes da arte, devemos averiguar o seguinte: Em nossos dias, o xadrez, por alguma razão estúpida, se distanciou ainda mais dessas raízes, vestindo-se às vezes como um excessivamente calculando esporte comercial, ou - pior ainda, vestindo uma colagem de todos os tipos de programas. Qualquer um pode chegar a esta conclusão, mesmo pelos fatos de que o controle de tempo foi abreviado e as programações dos torneios foram encurtadas (embora tudo isso esteja de acordo com o Poeta, que “o serviço às Musas não adora barulho!”). Até mesmo as regras foram ajustadas às custas de uma ética elementar.

Portanto, não é de forma alguma um acidente que no Ocidente (curvando-se à minha opinião de que, ao contrário do Oriente, quase tudo não é A Verdade, mas apenas o senso comum), várias formas de auxílio metodológico começaram a gozar de grande popularidade . Eles se esforçam para substituir a filosofia da estratégia do xadrez por uma metodologia simplificada, baseada em atributos puramente externos. Ninguém se irrita se, como resultado de uma argumentação duvidosa, o leitor obtém uma visão distorcida da maneira como uma posição é formulada. Para o editor, é muito mais importante que tal esquema leve seja atraente para o consumidor em geral.

Pelo mesmo motivo, diante da falta de filosofia na estratégia atualizada, muitas vezes temos uma substituição do conceito. Assim, para o conceito de teoria do xadrez, que é chamado para ser o guia universal de nossa atividade, por alguma razão é costume significar o fluxo interminável de várias monografias de abertura. Mas, você concordará, que na realidade, eles devem ser vistos como compilações de respostas a questões de atividade que encontramos durante a prática de posições reais, mas ainda ocasionais. O primeiro a notar esse malabarismo claramente semântico, em meados do século anterior, foi o inesquecível David Bronstein.

De qualquer lado que você abordar essas crises do xadrez contemporâneo, tornou-se óbvio que devemos primeiro buscar a razão na ausência dessa filosofia renovada - e iluminar a natureza interna do xadrez.

No entanto, após nossa escolha correta do objeto - a filosofia da estratégia - surge inevitavelmente a questão concernente à correção contínua de todo o processo de estudo. A Arte do Xadrez é uma sorte, em certo sentido, uma vez que possui sua própria medida interna da confiabilidade de qualquer afirmação do xadrez. A análise do xadrez e a práxis aparecem juntas como um polígrafo imperfeito. Somente esses dois podem estabelecer onde a solução adequada é oferecida e onde uma errada às vezes é aplicada. E talvez isso seja imposto com mais clareza quando se considera as trocas combinatórias, pois o concreto opera sobre fatos óbvios e indiscutíveis. Tal observação parece especialmente verdadeira hoje em dia, com o uso por profissionais de xadrez de programas de computador modernos. As funções táticas desta “sala de contagem” peculiar foram aumentadas muitas vezes.

As coisas se complicaram consideravelmente com a descoberta de lacunas nas avaliações e enunciados de ordem geral, capazes de se tornarem posteriormente a base para postulados posicionais duvidosos. Superar o subjetivismo e alcançar a desejada unidade metódica nessas questões torna-se incomensuravelmente mais complexo. E, no entanto, no caminho do avanço gradual em direção à verdade no xadrez, à medida que melhoramos nossas visões, é necessário limpar o ambiente informacional do xadrez de tais julgamentos falsos, qualquer que seja a autoridade de onde possam ter vindo. Sabemos que o estoque de conhecimentos de xadrez alcançados forma o estilo moderno, caracterizado por uma preponderância de ferramentas técnicas e criativas muito distintas, mais eficazes para esta época do xadrez. E com a ajuda deles,

Mas, ao mesmo tempo, as possibilidades de uma estratégia tão avançada estão longe de ser ilimitadas; eles são estritamente determinados pelo nível de compreensão contemporânea do xadrez. O tempo não adiciona cor a ninguém; portanto, não há dúvida de que, no futuro, descendentes ainda mais instruídos e sofisticados serão capazes de apontar distintos gargalos no raciocínio de nossos contemporâneos. E

por sua vez, as gerações que os seguem irão corrigi-los. Assim, a espiral histórica de desenvolvimento continua.

Não precisamos tornar as coisas difíceis para nós mesmos com longas pesquisas para ver claramente como o tratamento dado a uma mesma posição mudou ao longo dos anos. Para isso, basta selecionar - praticamente por adivinhação - qualquer jogo, jogado em uma das épocas passadas do xadrez, digamos, desde o início ou meados do século 20 - para não falar de encontros cronologicamente anteriores.

Assim, meus leitores provavelmente ainda se lembrarão das alterações nas anotações que ocorreram em algumas décadas em uma variação bem conhecida da Defesa Nimzo-Indiana (E35): 1.d4 N f6 2.c4 e6 3. N c3
B b4 4. Q c2 d5 5.cxd5 exd5 6. B g5 h6 7. B h4 c5. A estrada leva dos primeiros triunfos de Black (Keres-Botvinnik 1941) à sua reabilitação quase total para White, devido a 8.dxc5! (Kasparov-Korchnoi 1989, Kasparov-Spassky 1990 e Kasparov-Short 1993). E em algum estágio, 5 ... exd5 foi tirado da prática pela continuação 5 ... Q xd5. Mas então, mais uma vez, houve uma reavaliação. Então veio uma nova rodada de desenvolvimento. E hoje em dia, Black restaurou novamente o *status quo* nas complicações de dois gumes após 8.dxc5 g5 9. B g3 N e4.

No xadrez, absolutamente todas as variações e sistemas passam por seu círculo de teste e, quando são verificados, às vezes aparecem em uma perspectiva completamente inesperada. Este processo auxilia no aparecimento de descobertas teóricas significativas ao mais alto nível. Todos os itens acima se enquadram no esquema usual de desenvolvimento de conhecimento de abertura e é totalmente explicável como resultado da abertura normal *evolução. (* Estamos falando apenas sobre isso; *revolução* será discutido mais tarde.)

O processo de desenvolvimento de uma evolução medida é organicamente condicionado por aqueles cujos jogos, jogados em uma variação teórica, trazem para o problema uma novidade definitiva. É precisamente por causa desse tipo de fenômeno que podemos falar de uma revisão da interpretação dessa variação popular da Defesa Nimzo-Indiana. Afinal, sua progressão foi alcançada por uma melhoria significativa no desenvolvimento de ideias anteriores, mas não afetou diretamente os fundamentos de como conceitualizamos o xadrez. Então, em que estão as transformações de abertura revolucionárias?

Evolução versus revolução

Proclamaremos um esclarecimento da luta entre essas duas tendências - de um lado, o aumento constante do número de novidades (isso é evolução) - e, de outro, chamá-lo de descredenciamento parcial e paradoxal de paradigmas anteriores (este é a revolução). Seria útil captar, no diferencial entre os dois, o eco daquela dessemelhança que, na arte, é inerente a tendências criativas como o modernismo e o vanguardismo.

A descoberta esporádica de novas idéias estratégicas até então desconhecidas (habitando, via de regra, os primeiros estágios da fase de abertura do jogo) pode servir como solo fértil para o crescimento de algumas alterações de abertura importantes. Apenas esses esquemas e configurações introdutórias de mobilização podem garantir um avanço, fornecendo acesso imediato para nós a uma classe inteira de posições originais inexploradas.

A primeira revolução do xadrez, na minha opinião, não ocorreu de forma alguma por uma estranha coincidência (e quase sincronizada) com a gigantesca revolta socialista no início do século XX. E continuou (como tem

notado mais de uma vez em muitas publicações) sob o lema da estratégia alternativa, na luta pelo controle do centro.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo, como que para apoiar a correção de tal reexame, que das profundezas de nossa práxis nasceu uma série de exemplos. Estes mostraram a aplicação imperceptível, mas onipresente, das novas idéias.

Então, à antiga sabedoria - que aquele que controla o centro, também controla o resto do mundo (também bastante adequado para uma estratégia fundamental do xadrez) - propomos fazer o que, à primeira vista, parece ser um acréscimo muito pequeno. Em suma, após as palavras "controla o centro", adicionamos "ou é capaz de agir efetivamente sobre esse centro". Como vemos, a revolução também não rejeita inteiramente os velhos axiomas; apenas lhes dá um duplo sentido, levando o dogma ao nível de um paliativo liberado.

Claro, o mundo do xadrez precisou de tempo para aceitar e avaliar adequadamente essa ideia predominante. Levaria anos até que fosse rubricado e depois ratificado com entusiasmo pelas pessoas mais influentes no mundo do xadrez. Ao longo das décadas, desde o momento em que apareceu, essa super ideia cresceu rapidamente, transformando-se, dentro do xadrez, em uma poderosa ideologia estratégica.

E agora descobre-se que, apesar de toda a aparente aleatoriedade de como os pesquisadores conseguem encontrar novos fenômenos teóricos, tais revelações ocorrem em um terreno intitulado para sua descoberta. Sua aparição é sempre precedida por enxadristas (uma espécie de intelectualidade do xadrez filosófica) pensando criativamente em um complexo de novas abordagens fundamentais.

A primeira revolução de abertura

As coisas continuaram exatamente assim, na época do nascimento do hipermodernismo (a forma de xadrez do neo-romantismo), quando uma Plêiades de novos sistemas resplandeceu no horizonte do xadrez: a Defesa Nimzo-índia, a Abertura de Réti, o Grünfeld Indiano, e talvez a ilustração mais clara da nova abordagem, a Defesa de Alekhine. A aparência foi em grande parte inspirada por publicações teóricas introdutórias, escritas pelos autores e introdutores dessas configurações principalmente novas: Aron Nimzovich em 1913, com seu “O 'Jogo de Xadrez Contemporâneo' Realmente Existe?”; e Richard Réti em 1922, com sua brochura, *Novas ideias no xadrez,* etc.

Tudo isso coincide também com os estágios de desenvolvimento do pensamento teórico na ciência moderna. Aqui está o que Albert Einstein tinha a dizer sobre o assunto:

> *Hoje em dia, sabemos que a ciência não pode crescer com base apenas na experiência e que, ao construir a ciência, temos de confiar em conceitos criados livremente, cuja adequação no futuro pode ser testada experimentalmente. Essas circunstâncias escaparam à atenção das gerações anteriores, para as quais parecia que a teoria poderia ser construída de forma puramente indutiva, sem recorrer à montagem livre e criativa de conceitos.*

Desse modo, amarrando um anel protetor dos conceitos mais novos, necessários para uma reflexão precisa da posição da estratégia de vanguarda, a filosofia do xadrez permeia a consciência dos principais mestres. Eles começam a usar esses novos conceitos gradualmente em seus hábitos de xadrez. E é especialmente importante quando eles ouvem a terminologia das novas ideias, muitas vezes, no processo de seu intenso diálogo subconsciente - como no decorrer da luta, o jogador convence

ele próprio da correção da decisão que tomou.

Não é por puro acaso que na década de 1920 toda uma cascata de novas idéias iniciais, compartilhando uma plataforma conceitual comum, emergiu!

É claro que essas novas visões, passando pelo cadinho da análise do xadrez e da longa práxis, mais tarde também passariam para as fileiras dos conceitos ortodoxos e, com o tempo, também poderiam se tornar estáticas, tornando-se um freio no caminho do progresso. Pois há mais de um esquema especulativo que não reflete o verdadeiro estado das coisas, assim como não se pode inventar, de uma vez por todas, um modelo teórico que pronuncie a sentença final sobre todos os problemas que surgem no tabuleiro. Pois isso acabaria com a arte do xadrez.

Mas a Providência Divina que nos deu esta arte, concebeu-a como eterna, prevendo a possibilidade da renovação e revivificação sem fim do jogo por constantes esforços criativos, que seriam sempre coroados pelo nascimento de novas ideias. Possivelmente é precisamente que o motivo de qualquer crise (mesmo no xadrez) é sempre devido a um déficit de novas idéias estratégicas.

Capítulo Sete
A filosofia da estratégia

parte II

Durante o último século e meio, o processo de melhoria qualitativa do lado do conteúdo do xadrez seguiu constantemente um caminho ascendente. E hoje podemos não ser mais capazes de encontrar um único exemplo, no arsenal de clássicos, que possa satisfazer completamente os requisitos atuais em todas as fases. Isso não é surpreendente. O cosmos do xadrez é tão ilimitado quanto ecumênico. Na década de 1950, Mikhail Tal previu prescientemente que um jogo de xadrez sem erros estava tão longe de nós no tempo quanto um vôo tripulado para a lua.

Por exemplo, vejamos o início de um encontro entre duas eminências históricas, a partir do qual podemos estabelecer uma impressão definitiva da velocidade das mudanças que ocorrem na área de estratégia.

Alekhine - Rubinstein
Haia 1921
Jogo da Rainha recusado

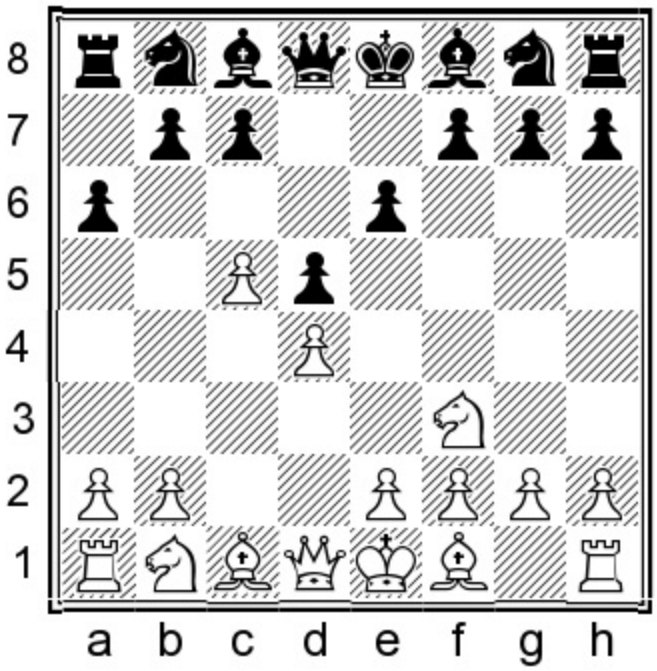
1.d4 d5 2. N f3 e6 3.c4 a6

Uma variação bastante rara em nossos dias. Foi apresentado pela primeira vez por David Janowsky. Oldrich Duras também começou a usar esta continuação em resposta a 3. N f3. Esta variação, por um lado, oferece às brancas amplas possibilidades de transposição para as linhas Carlsbad, Meran ou Catalã. Por outro lado, a ameaça de uma captura imediata, 4 ... dxc4, impede as brancas de entrar em um Gambito da Rainha Ortodoxa em sua forma usual.

Claro, sempre se pode fantasiar: você não poderia jogar pela “refutação” dessa variação? -
4 - B g5 !? f6 (após 4 ... N f6, as brancas iriam para as linhas não lucrativas do Gambito da Rainha recusado) 5. B h4 dxc4 6.e3 b5 7. N e5 B b4 + 8. N c3 Q d5 9. Q g4 g6 10. N xg6 hxg6 (em 10 ... N h6 11. Q g3 hxg6 12. Q xg6 + N f7 13. B xf6 R f8 14. B g7, até o computador es preparado para admitir seu próprio infortúnio)
11 Q xg6 + K f8 12. B xf6 N xf6 13. Q xf6 + K g8, quando as brancas podem decidir sobre um xeque perpétuo ou adiar o empate continuando com 14. B e2.

A única razão para apresentar toda essa variação tão condicional foi mostrar que o jogador contemporâneo, crítico dos padrões estabelecidos, trabalhando na posição de abertura e sentindo, com o apoio do computador, seu poder analítico, é capaz de modificar as mais diversas linhas.

4.c5



Aqui está seu primeiro exercício, para se exibir diante dos clássicos em uma discussão de estratégia. De acordo com as impressões gerais, o lado ativo voluntariamente entrega quase o trunfo mais importante em sua mão, removendo a tensão no centro em um estágio inicial. De acordo com a estratégia moderna, isso abriria mão de chances de manter a vantagem se as brancas tivessem os pré-requisitos para realizar operações em uma das asas. E isso explica por que tal linha polêmica não sobreviveu em teoria, e sua relevância para os nossos dias é mínima. Afinal, essa posição sem dúvida foi objeto de dissecação do futuro quarto campeão mundial, sem dúvida o melhor analista de sua época. No entanto, tal decisão estratégica dificilmente seria aceitável hoje, mesmo para um jogador de xadrez médio qualificado. Isso não o convence de que as mudanças radicais que ocorrem em nossa compreensão das posições do xadrez estão principalmente relacionadas ao campo da estratégia? (Como já observei, culpar nossos antecessores seria o mesmo que insultar Estrabão por deixar o Canal de Suez fora de sua antiga *Geografia.)*

Se isso não o convence, então eu recomendaria mais uma recaída, um retorno a uma estratégia semelhante, ocorrendo em um momento posterior, na práxis de outro campeão mundial.

Provavelmente todos se lembram do jogo Botvinnik-Ilivitsky, do 22º Campeonato da URSS:
1.d4 1 ... N f6 2.c4 g6 3. B g5 d5 4. N c3 N e4 5. B f4 N xc3 6.bxc3 B g7 7. N f3 0-0, quando, para espanto geral, Botvinnik jogou 8.c4-c5?!. (8.c5 ?!) O mundo do xadrez sempre guarda, com especial agudeza, os axiomas estratégicos e suas violações, porque esses tipos de erros têm as consequências mais terríveis. Como estão comprometidos no nível dos princípios gerais para o futuro, eles programam uma estratégia incorreta. Os colegas de um futuro campeão mundial deveriam ter sido mais tolerantes com uma experiência de xadrez infeliz, já que ele usava um merecido manto de autoridade e gozava do maior respeito.

No entanto, foi precisamente essa continuação estrategicamente impensada (hoje em dia, é simplesmente impossível supor que também foi fruto da análise doméstica) que encontrou quase (mesmo naquela época, em 1955!) Condenação total. Aqui está o que Pyotr Romanovsky escreveu sobre o assunto, como ele era

somando os resultados do torneio: “É possível que Botvinnik pensasse que, após 8 ... b6 9.cxb6 axb6, sua posição melhoraria? Por que as brancas simplesmente não jogaram 8.e3? Quaisquer que fossem os motivos do campeão mundial neste caso, seria difícil adivinhar. ” Acontece que, meio século atrás, o país vivia em condições de absoluto “politicamente correto” estratégico! Mas voltando a Alekhine- Rubenstein:

4 ... N c6

Jogando nesta mesma posição mais tarde - com as peças pretas desta vez - o quarto campeão mundial tentou "cortar o nó górdio" de uma vez, por

4 ... b6 5.cxb6 c5 6. N c3 N d7 7. N a4. Apesar de ter vencido aquele jogo, não alcançou a igualdade de chances na abertura que desejava (Bogoljubow-Alekhine, Match 1934).

5 B f4 N ge7

Claro, ele poderia resolver seus problemas iniciais sem fazer esse lance (que Alekhine considerou um tanto excêntrico). Mas mesmo na Defesa Nimzo-Índio, sabemos da predileção de Rubinstein por esta colocação do cavaleiro.

6 N c3 N g6 (Por que não jogar pelo centro? - com 6 ... g6 7.e3 B g7 8. B d3 f6!?.) **7 B e3 !?**

Até este ponto, as brancas estavam se limitando ao jogo Janowsky-Duras, no qual vimos 7. B g3, levando à igualdade. Mas aqui Alekhine diverge, jogando uma novidade, que vale a pena dar uma olhada. Ainda assim, acho que há muitos jogadores hoje que preferem a rotina 7.e3.

7 ... b6

7 ... B e7 parece mais seguro. 7 ... N a5 também é interessante.

8.cxb6 cxb6

Aqui, podemos parar um pouco para considerar um sacrifício de peão interessante com 8 ... N a5!?. Claro, não esperamos que ele jogue 9. Q a4 +? B d7! 10 Q xa5 cxb6, quando a rainha ficaria presa, mas

9.bxc7 Q xc7. Dessa forma, as pretas ganham alguns tempos para o desenvolvimento e, na dinâmica, como diz Tal, o tempo é mais importante do que qualquer outra coisa. O cálculo das variações mostra que, para o peão, as pretas realmente têm uma compensação significativa.

9.h4! B d6 10.h5 N ge7 11.h6! g6 12. B g5!

Os pontos de exclamação que acrescentei apenas falam do fato de que as brancas consistentemente seguem sua linha de jogo, explorando o enfraquecimento do complexo da praça escura do lado do rei. Este encontro é frequentemente apresentado como uma espécie de exemplo de jogo concreto fora do padrão. Na verdade, White está atuando mais originalmente. No entanto, ele de fato executou algo duvidoso - abstendo-se completamente de uma ação estratégica contra a estrutura central de seu oponente - e isso deveria levar à perda da vantagem de primeiro movimento. Uma análise objetiva mostra que o jogo das brancas seria exposto se as pretas jogassem aqui, em nossa opinião, apenas um lance preciso: 12 ... f5. Para crédito de Alekhine, deve-se dizer que ele mesmo reconheceu que nesse jogo ele não era ele mesmo. E embora ele logo tenha obtido uma grande vantagem, e a trouxe de forma brilhante para a vitória,

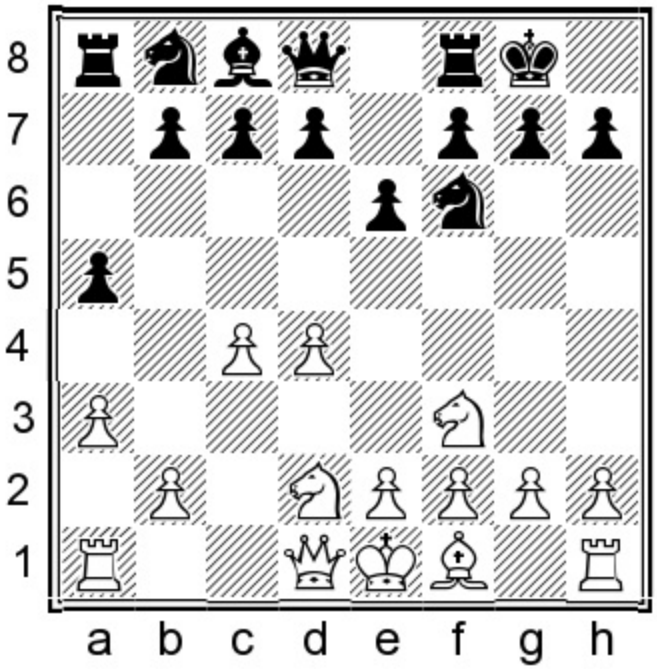
Mas não pense que o avanço estratégico c4-c5 em todos os casos seria inadequado. Para cumprir uma ideia definida, pode ser. A título de ilustração, arrisco apresentar a meus leitores um exemplo meu.

Zaitsev - Taimanov

Memorial Furman, São Petersburgo 1995

Defesa Bogo-Índio

1.d4 N f6 2.c4 e6 3. N f3 B b4 + 4. B d2 a5 5.a3 B xd2 + 6. N bxd2 0-0



7.c5 !?

Uma pequena novidade de abertura que descobri durante o jogo. Como o lado da rainha das pretas foi enfraquecido por ... a7-a5, esta continuação leva a uma vantagem espacial para as brancas.

7 ... b6 8.cxb6 cxb6 9.e4 d5 10.e5 N fd7 11. R c1 B a6 12. B xa6 N xa6 13. Q e2 Q b8 14,0-0 R c8 15. N b1 Q b7 16. N c3 N c7, e aqui, continuando 17. R c2, seguido por R fc1, teria dado às brancas uma vantagem posicional.

É justamente essa espécie de novidade estratégica, que rompe os limites usuais, o que por si só é sempre revolucionário, pois está vinculado à derrubada de concepções canônicas definidas. Esta não é uma sensação de curta duração, mas algo maior. Em essência, é um pequeno milagre do xadrez - voltado para o direito de extraterritorialidade - no sentido de que muitas regras posicionais geralmente aceitas não se aplicam. Mas no final, isso leva não à negação (que despreza o passado, uma vez que não tem futuro), mas apenas a uma compreensão mais profunda do próprio princípio.

Em meados do século passado, todos sabiam bem que no xadrez, a “época das grandes descobertas geográficas” havia ficado muito para trás. No baralho de cartas de abertura, todos os principais continentes e arquipélagos foram distribuídos. E se fosse predestinado que mais uma revolução do xadrez ocorresse, então em quais bases sua energia estaria - não necessariamente

destrutivo, mas crítico - ser dirigido? Obviamente, isso teria que abrir caminho para a acumulação implícita, mas ainda não formalizada, de novas ideias.

No paradoxo do “ouriço”, agora aprendemos a ver, não a negligência de uma vantagem espacial, mas a levar em conta seu tratamento mais refinado e exato. Percebemos que seu foco não está na quantidade de território “blefe”, mas no espaço estruturalmente organizado, caracterizado pelo controle harmonioso das praças e pontos de vital importância.

O significado dado à fraqueza posicional no início do século anterior, seja ela quadrada, ponto ou peão, mudou e gradualmente foi aperfeiçoado. Tornou-se óbvio que cada objeto no tabuleiro de xadrez - entre os quais estão os peões prontos para serem arrancados - além de seu valor estatístico, tem um componente dinâmico frequentemente subestimado. Em muitas das defesas modernas, o jogo é construído em torno da negação de uma fraqueza “fatal” ou, em certo sentido, de sua ilusão.

Na medicina há um século, em busca de curas, os praticantes implantaram pedaços de barbatanas de tubarão no corpo humano. Considerava-se que, ao morrer, esses tecidos secretariam uma enorme quantidade de bioenergia útil. No xadrez, o contra-jogo do lado defensor é baseado, ao perder material, neste tipo de onda puramente externa na atividade vital; e não apenas em gambitos, onde um peão é desistido imediatamente e de boa vontade, mas também em muitos sistemas contemporâneos, onde o material é perdido gradualmente e sem vontade.

Um exemplo claro disso parece ser a Variação Chelyabinsk do Siciliano [conhecida como Sveshnikov Siciliana no Ocidente - Ed], que parece estar repleta de defeitos posicionais. Dificilmente teria recebido a aprovação dos especialistas se tivesse começado a aparecer regularmente no palco do xadrez antes de meados do século XX. Mas a variação, como podemos dizer agora, veio na hora certa e no lugar certo. (Parece que o primeiro jogo que foi disputado com esta variação, na sua forma atual, foi na URSS em 1965).

A segunda revolução de abertura

Por esta altura, a segunda revolução de abertura, caracterizada por um aumento acentuado no papel desempenhado pelos meios dinâmicos e técnicos, tinha começado a sua corrida. A famosa partida de rádio do pós-guerra entre a URSS e os EUA, quando a seleção soviética derrubou sua oposição com um novo exemplo de preparação inicial (nos jogos Denker-Botvinnik e Reshevsky-Smyslov), poderia claramente ser considerada a fonte deste poderoso transformação do pós-guerra.

Então, vieram três décadas de um número cada vez maior de torneios disputados e, como resultado, um aumento de muitas vezes no número de grandes mestres. Isso testemunhou o fato de que o círculo de pessoas ocupadas profissionalmente com xadrez havia aumentado substancialmente. Houve um processo de globalização de compartilhamento de informações de xadrez (um sistema acabado de índices, jogos de torneios publicados continuamente, *Informantes* e enciclopédias, etc.). Teóricos de todo o mundo aceitaram unanimemente como algo natural a regra não escrita de que no xadrez a vantagem muda de acordo com parâmetros estritamente definidos; e isso se refletiria positivamente na objetividade e na qualidade das análises iniciais. Eles começaram a se expandir em largura e profundidade, espalhando seu efeito por uma área maior, o que inevitavelmente levou ao apagamento das linhas entre a abertura e outras seções do jogo.

Tudo isso não poderia deixar de levar, finalmente, a um reexame de muitos dos exemplos de estratégia existente. Mas um final digno - os resultados filosoficamente resumidos de todo esse processo de renovação
- não estava disponível. Há uma impressão de que com o surgimento em cena de poderosos programas de computador de xadrez, a revolução ideológica do xadrez (principalmente na abertura) não teve tempo de justificar teoricamente os princípios da estratégia contemporânea, como se congelada no meio de uma frase e inacabada . É por isso que tantas lacunas permanecem na teoria de abertura da era anterior. E o número de problemas de abertura não resolvidos só está aumentando agora. Olhando para o nosso computador, agora queremos gritar: “Quem abriu esta caixa de Pandora ?!”

É possível voltar a uma época em que a preparação para um jogo importante não exigia um esforço tão louco? Por outro lado, qualquer nostalgia e reforma nessas questões seria contraproducente e nunca seria sustentada pela nova geração, que é sempre mais rápida e segura para dominar uma crescente enxurrada de informações. Mas - desculpe-me, isso fica circular - não precisamos codificar as novas idéias estratégicas? Caso contrário, o jogo se transforma em servidão penal monótona. As coisas já chegaram a um ponto em que, em torneios de alto escalão, o Ruy Lopez é cada vez mais jogado com d2-d3. Isso não é um sinal de problemas estratégicos não resolvidos nas numerosas ramificações desta abertura, principalmente como resultado de mais de uma década de visões filosóficas cansadas que exigem revisão?

A ausência de uma nova filosofia suficientemente desenvolvida desempenhou um papel negativo no estágio final dessas transformações, uma vez que o velho tipo de filosofia do xadrez há muito capitulou à práxis atual. E a práxis, sem pensamento filosófico, não pode elevar-se além do nível do jogo. Uma overdose de prática de jogo sozinha não deixou tempo ou lugar para o surgimento de um prólogo filosófico oportuno, anunciando o apoio de formas futuras de desenvolvimento do xadrez, como observamos em períodos de crise de transição anteriores. E assim, a revolução, reconhecendo o significado crescente da dinâmica, não recebeu a bênção ideológica necessária sob pressão.

O computador logo assumiu um caráter de gênio tecnológico. Com o aprimoramento e a implementação generalizada da análise por computador, essa tendência de ceder a criatividade ao computador cresceu aos trancos e barrancos. Tornou-se óbvio que, neste ponto da revolução tecnogênica, os próprios jogadores, como entidades criativas, se encontram em uma perda considerável. Absorvendo o caos do mundo do xadrez, o computador o transforma em um cosmos ordenado. Parece que não há nada de ruim nisso. Mas, na verdade, isso restringe a liberdade de expressão criativa do xadrez. Uma tese muito conhecida é sublinhada: Sem caos, não pode haver criatividade!

O xadrez, ao se tornar mais exato, um modelo quase matemático, começa a irromper na arte intuitiva; e, a partir de nossas explicações anteriores, espero que o leitor entenda que isso é ameaçador para ele. Anteriormente, uma injeção única de ideias novas poderia ser suficiente para mais de uma década de controvérsia do torneio, proporcionando satisfação estética e criativa a um grande número de jogadores de diferentes qualidades, todos envolvidos no processo de descoberta. Agora, infelizmente, o período de ciclo de ideias, obtido instantaneamente e digerido em um computador, começou a ser calculado em meses, às vezes em semanas. (Praticamente todos estão trabalhando como se estivessem enchendo um computador muito grande!) Em seguida, os praticantes devem seguir as rotas prescritas pelo computador,

É como se o jogador de xadrez comum fosse exilado do oceano ilimitado de variações e colocado em uma espécie de aquário de xadrez. Como sabemos, a fantasia daqueles que estão tão confinados começa a encolher na imaginação sem limites dos habitantes de espaços infinitos. Com o tempo, sua imaginação se torna tão limitada quanto seus arredores.

Sobre o desenvolvimento de um conceito inteligente à luz da filosofia *

Igor Zaitsev

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.8 / 2006

A revolução técnica, essa eterna companheira da sociedade humana, já aboliu casualmente muitas profissões que antes eram importantes e prestigiosas (por exemplo, relíquias como escribas, mensageiros etc.). Depois de alguns séculos, chegou a hora de começar a lidar com pessoas de outra ocupação rara que já lutam para sobreviver de qualquer maneira, ou seja, analistas de xadrez.

Desnecessário dizer que, tendo percebido tardiamente toda a precariedade de sua situação atual, a maioria dos meus colegas sente mais ou menos a mesma coisa sobre a completa informatização do xadrez que os luditas britânicos em meados do século XVIII, após o surgimento das primeiras máquinas de tricô. A única diferença é que, no mundo do xadrez, ainda não chegou a hora de destruir aparelhos eletrônicos caros.

No entanto, novos desenvolvimentos fazem as pessoas se adaptarem, seja voluntária ou involuntariamente. A realidade de hoje é tal que nada menos que 90 por cento das análises de xadrez, incluindo aquela que o autor submete aos leitores agora, são realizadas com auxílio de computador. É outra questão que muitos anotadores parecem ver essa assistência como algo vergonhoso e freqüentemente tentam minimizar seu envolvimento com os motores. Para evitar tais comprometimentos com sua autoestima, seus apelos para legitimar esse tipo de simbiose criativa com o computador, já existente *de fato,* agora fica mais alto e mais insistente.

De fato, nas condições atuais, tal combinação de esforços (que na verdade também significa uma transição de um método manual de escrever comentários para um de fabricação), embora resulte em uma certa deterioração na qualidade, aumentaria a produtividade do autor de forma mais dramática. De certa forma, será uma maneira de escapar das circunstâncias, mas apenas ao defender o *sine qua non* que um conjunto de pesquisa homem-máquina deve sempre trabalhar sob o seguinte mandato estrito: *Um ser humano é responsável pela gestão geral e interpretação intelectual dos conteúdos, enquanto o computador se encarrega da verificação final das variações!*

No entanto, muitos analistas são incapazes de resistir à tentação enquanto resolvem problemas relacionados ao xadrez. Eles tomam o caminho de menor resistência e transferem inteiramente as rédeas do poder para von Kempelen [uma referência a Johann Wolfgang Ritter von Kempelen, que construiu o autômato do jogo de xadrez fraudulento The Turk por volta de 1760 - Ed.]. Essa abordagem impensada pode ser encontrada nas páginas de certos livros de xadrez que estão abarrotados de colunas compactas de informações de máquina, difíceis para os leitores entenderem.

Mais do que isso, os enxadristas que estão cientes das desvantagens de seus assistentes eletrônicos devem estar preparados não apenas para a cooperação consciente, mas também para o confronto com eles. Uma política de não resistência ao Moloch eletrônico [o deus cananeu exigindo sacrifício de crianças - Ed.] Significaria praticamente a rejeição do formato do jogo atual. Isso porque um programa de xadrez que durante

a preparação para um jogo futuro do seu oponente torna-se um por padrão. É preciso aprender a se opor a isso, e isso significa que, a essa altura, qualquer parceria está completamente fora de questão!

Já é notório que uma overdose de comunicação com um motor resulta no amolecimento dos músculos do próprio jogador de xadrez. Em muitas ocasiões, até mesmo os grandes mestres de elite passaram a confiar mais nas instruções do computador do que em seus próprios cérebros. Na verdade, quem gostaria de memorizar as tabuadas de multiplicação quando tem uma calculadora pronta o tempo todo?

É por isso que nas atuais circunstâncias, quando sinais alarmantes de estagnação criativa são evidentes, dificilmente podemos esperar que uma galáxia de novas estrelas comparáveis aos titãs das últimas seis décadas vá se erguer no firmamento do xadrez. Essas partidas mal concebidas contra poderosos programas de xadrez, jogadas sem preparação adequada e substantiva por parte dos jogadores de elite, foram também um golpe considerável para a reputação dos grandes mestres modernos. Parece-me que, para o bem da causa, a FIDE deve aprovar candidatos e dar permissão para a realização de tais jogos sem ser tentada por lucros comerciais de curto prazo.

Mas a travessura tecnocrática não termina aqui. Um computador não invade apenas nosso presente e nosso futuro. O mais perigoso é o seu ataque até ao nosso passado, já bem formado e bem estabelecido nas nossas memórias. É por isso que os clássicos do xadrez são uma espécie de “parque nacional”, onde todo analista de xadrez faz uma viagem de fim de semana de vez em quando. Sem sua aura protetora, ele é coberto por uma rede de fraturas e depois se desintegra. Bem na frente de nossos olhos, ele se transforma em um alvo padrão onde todos e seu tio podem vir para experimentar suas armas de xadrez eletrônico.

Talvez seja a hora dos jogadores de xadrez adotarem uma emenda protegendo as antiguidades do xadrez. É imperativo entender de uma vez por todas, que no xadrez, como em qualquer outra forma de arte, “mais forte” nem sempre significa “melhor” - mesmo uma cópia perfeitamente retocada (ou editada) nunca é tão valiosa quanto o original.

No entanto, tudo isso não significa que nossa gloriosa herança de xadrez deva ser mantida inteiramente intacta e que seja inútil reexaminá-la. Longe disso. Os clássicos certamente devem ser revisitados e reinterpretados mais profundamente, mas todas as vezes devemos ter amplos fundamentos para tal invasão. Sob nenhuma circunstância a crítica deve cair na autolisonja vazia de pegar insetos insignificantes que estão emaranhados na web eletrônica, ou começa a parecer a vingança mórbida de um perdedor do xadrez.

Na minha opinião, a atratividade de um bom material analítico reside principalmente em seus acordes finais de conclusões e generalizações - ou como é conhecido na filosofia, no desenvolvimento de um “conceito inteligente”. É exatamente aí que as especificidades do pensamento estratégico humano, que nem hoje nem no futuro previsível podem ser modelados no nível do computador, se manifestam.

Enquanto desenvolvia essas idéias nas páginas da primeira edição deste livro publicada em 2004, adverti meus leitores contra os perigos do excesso de confiança na análise de computador. Eu avisei contra "a imersão excessiva em programas de computador, transferindo o trabalho penoso analítico para seus 'ombros', onde você se acostuma apenas a calcular as variações em vez de formular um conceito final inteligente."

Apesar de tudo isso, não podemos deixar de ver que no xadrez moderno o computador desempenha o papel de gênio mau e útil. Sob o violento ataque do mecanismo de xadrez, as pessoas começam a ficar mais sábias e perceber

quão salutar para sua arte é o fato de que o papel das considerações gerais no xadrez permanece primordial.

A estratégia perspicaz é um refúgio de inteligência puramente humana; é um nicho que apenas um ser humano deve preencher na era da eletrônica. Por isso, é necessário lembrar constantemente aos jogadores a maior importância dos princípios estratégicos, dando ênfase ao seu papel. A esse respeito, o ponto já comum sobre as inúmeras vantagens que um estrategista (alerta?) Tem sobre um estrategista (lento?) Não tem tanto a ser refutado quanto explicado. A prática mostra que essas coisas acontecem em um jogo específico. Se compararmos esses dois tipos de personagens de xadrez em geral, descobriremos que, via de regra, visão estratégica e conhecimento (em minha opinião, essas qualidades são sempre adquiridas pela própria pessoa e não inatas, ao contrário de outros méritos de um jogador de xadrez!) têm historicamente garantido um lugar mais alto e mais sólido no mundo do xadrez para seu possuidor. (Aqui eu tenho que alertar meus leitores: Enquanto estiver pensando sobre este problema, não compare de forma alguma *estratégico* brincar com *posicional*

Toque!)

Às vezes é extremamente frustrante ver muitos jogadores, especialmente os mais jovens, literalmente deleitando-se em exibir inter-relações isoladas no tabuleiro de xadrez, sem dar a devida atenção às verdades clássicas apresentadas em obras clássicas ou modernas de uma forma filosoficamente sólida. São exatamente e somente essas declarações que podem ser usadas como tijolos para construir convicções de xadrez posteriores. Não existe arte real sem filosofia; pela mesma razão, a transformação interna de um *Spieler* em um artista maestro só é possível através da obtenção de um sistema de convicções filosoficamente baseadas em princípios.

Os jovens que ainda não têm experiência de vida suficiente costumam ficar extasiados com a capacidade de exibição e eloqüência de seu professor, sua capacidade de se apresentar. Em si, é maravilhoso quando um treinador de xadrez possui esses talentos, mas eles não devem ofuscar o problema principal. É óbvio que, em tais casos, apenas uma minoria dos alunos tenta questionar o material apresentado (embora bastante sólido, mas principalmente derivado). O sucesso público de um palestrante é principalmente o sucesso de um palestrante perspicaz, enquanto o conteúdo de seu discurso deve ser avaliado de acordo com critérios bem diferentes. Essa dicotomia é típica de todos os tempos: é amplamente conhecido que as palestras de Albert Einstein não eram populares entre seus alunos. (Graças a Deus pelas exceções!) No entanto, não sejamos muito duros com os treinadores, como sua principal tarefa é uma metodologia correta de transferência de conhecimento. É o analista de xadrez que, para se passar por pesquisador, deve buscar integridade filosófica em uma série de posições de xadrez que examina.

E embora o xadrez, por sua natureza, não possa reclamar da falta de problemas fundamentais, tente lembrar quem, entre os profissionais, ao executar brilhantes combinações de muitos movimentos em sua imaginação quase todos os dias, jamais pensa na oportunidade de lançar seus mecanismos. Em outras palavras, quem poderia compartilhar suas idéias sobre quando uma combinação é benéfica e quando, por exemplo, uma manobra de consolidação deve ser preferida? Claramente, existem relações bastante precisas aqui, e seu autor toca em vários aspectos dessa questão em outras partes deste livro.

Parece-me que agora o tempo no mostrador da história do xadrez é o certo para um período de meditação, de concentração em nossos objetivos internos no interesse de um maior desenvolvimento de nossa arte. Para resolver essas tarefas sucessivamente, é necessário atingir uma profundidade e qualidade adequadas de conhecimento geral, para o qual se pode ter, pelo menos parcialmente, que renunciar a maciçidade de escala e metas quantitativas. o

A diversidade de tarefas enfrentadas pelo xadrez moderno é uma manifestação clara do fato de que nosso jogo atingiu um período de outra reinterpretação filosófica.

Mas voltemos ao nosso assunto temático principal deste capítulo, a formulação complexa de um conceito inteligente, que é o resultado principal da análise do xadrez.

Eu gostaria de ter a liberdade de demonstrar este processo esquematicamente com o exemplo de trabalhar em um jogo clássico. (Não posso descartar que algum outro autor seja capaz de fazer isso de uma forma mais animada e fácil de entender.)

Em 11 de novembro de 1937, em Rotterdam, o jogo 16 da revanche de Alexander Alekhine contra Max Euwe começa diante de uma vasta assembléia de espectadores, com Alekhine liderando por 9 a 6. Sabemos agora que este duelo, assim como qualquer partida pelo campeonato mundial, será agradável um destino adequado de se tornar historicamente famoso.

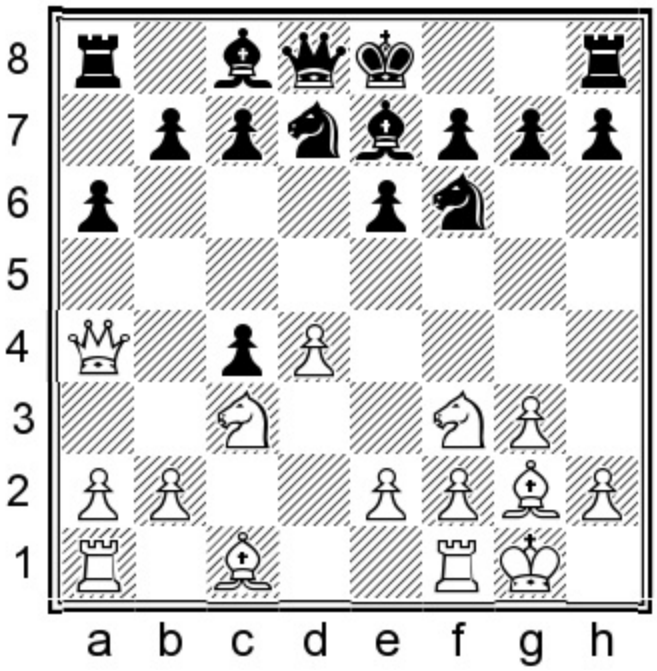
Os adversários escolhem uma das variações de uma sólida abertura catalã, movendo-se bastante rápido.

Alekhine-Euwe

Campeonato Mundial de 1937 (16)

Abertura catalã [E02]

1.d4 N f6 2.c4 e6 3.g3 d5 4. B g2 dxc4 5. Q a4 + N bd7 6. N f3 a6 7. N c3 B e7 8,0-0



É sabido que esta partida foi rica em linhas de abertura preparadas de ambas as partes, mas principalmente de Alekhine. Suponho que seja apropriado aqui lembrá-lo de um impressionante sacrifício de cavaleiro que o russo *Weltmeister* realizado logo no lance cinco do sexto game da partida. Nesse sentido, eu presumiria que, na posição diagramada, Euwe, que sempre teve uma propensão para soluções táticas ativas, felizmente evitou outra armadilha. Um jogador criativo certamente veria a seguinte oportunidade aqui:

8 ... b5 ?! 9 N xb5 N b6 10. N c7 + K f8 11. Q c6 R b8. Agora, para salvar sua rainha, as brancas precisam continuar

12 N e5. Depois disso, pode-se ter a impressão superficial de que as pretas serão capazes de igualar, explorando a posição infeliz do cavalo branco perdido em c7. No entanto, a realidade dissipa essas ilusões fantasmas: (a) 12 ... B b7 (12 ... B d6 13. B f4!) 13. Q xb6 B xg2 14. N xe6 fxe6 15. Q xd8 R xd8

16 K xg2; (b) 12 ... Q xd4 13. B f4 B b7 14. Q xe6! fxe6 15. N xe6 + K g8 16. N xd4. O mais teimoso

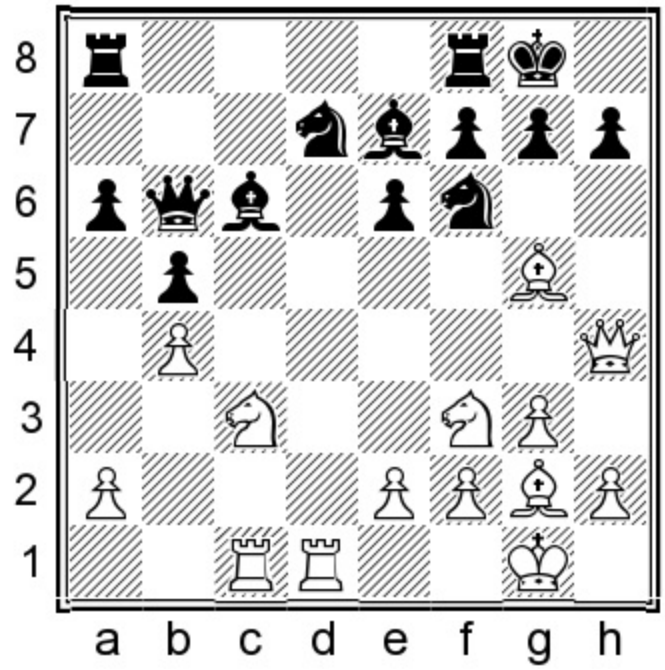
12 ... K g8 13. B f4 N h5 também não retém água.

Isso mais uma vez (embora indiretamente) confirma a correção da caracterização de Alekhine sobre seu oponente: "... toda vez que Euwe tem a oportunidade de desferir um golpe tático, seu cálculo é perfeito".

8 ... c5 9.dxc5 B xc5 10. Q xc4 b5 11. Q h4 B b7 12. B g5 0-0 13. R ad1 Q c7 14. R c1

É interessante que na continuação jogável 14. R d3, o que não parece alterar em nada a avaliação desta posição como sendo igual, o motor impõe à força 14 ... e5?!. No entanto, esta é apenas uma rara ocasião de miopia tática de um programa de computador, uma vez que ele descobre tarde demais depois dos 15. B h3 e4 16. B xd7 exd3 17. B f5, as pretas estão sob um ataque esmagador.

14 ... Q b6 15.b4 B e7 16. R fd1 B c6



Antes de passarmos ao exame da posição principal, que serve como ponto de partida tanto para uma combinação memorável quanto para nossa pesquisa, vamos tentar avaliar a posição.

Já mencionei em meus artigos anteriores que é exatamente a ordem dos movimentos em um jogo de xadrez que permite que o próprio tempo desempenhe o papel de principal critério de vantagem dinâmica. Nesse caso, a avaliação do equilíbrio ao longo do tempo é óbvia - as brancas estão claramente à frente de seu oponente na mobilização de suas forças.

Tigran Petrosian (eu fui seu treinador de 1972 a 1978) uma vez me contou a seguinte história divertida. Durante uma das Olimpíadas Mundiais de Xadrez, Robert Hübner, ao conduzir uma autópsia junto com seu oponente de um jogo de conteúdo semelhante a este, não conseguiu convencê-lo de que as brancas tinham uma clara vantagem ali. Depois de esgotar todos os argumentos verbais possíveis, como último recurso, ele simplesmente ergueu suas torres já centralizadas e sacudiu-as no ar. Bem, voce sabe, este

demonstração funcionou!

Mas, se for esse o caso, o lado que tem a vantagem dinâmica deve simplesmente colocar a luta em trilhas combinatórias. Espero que Emanuel Lasker tenha pretendido exatamente esse tipo de vantagem quando, de seu trono de exaltado campeão mundial, deu sua famosa ordem: *O lado que tem vantagem deve atacar!*

Mesmo agora, muitos jogadores de xadrez, incluindo os de alto título, têm uma visão obscura de tais postulados, sendo céticos em relação a eles tanto no nível filosófico quanto prático. Esses jogadores estão totalmente cientes do fato de que qualquer procrastinação aqui será fatal para o desenvolvimento de sua iniciativa, mas mesmo quando estão prontos para entrar em complicações, são mais estimulados por alguns ditados do dia-a-dia, como “Golpeie enquanto o ferro está quente ”, ao invés do conselho de seus próprios gurus do xadrez. Na verdade, nenhum homem é profeta em sua própria terra!

No entanto, tudo isso não se aplica à personalidade extraordinária do quarto campeão mundial, cujas obras são verdadeiros tesouros de sabedoria estratégica. É por isso que a decisão de Alekhine de lançar uma ofensiva estratégica não é, sem dúvida, intuitiva. É mais baseado nos princípios gerais da filosofia do xadrez. A realização da própria ideia é precedida de um trabalho preparatório, que começa com
13 R ad1, 14. R c1 e 15.b4!?, projetando os detalhes de uma combinação de encaixe:

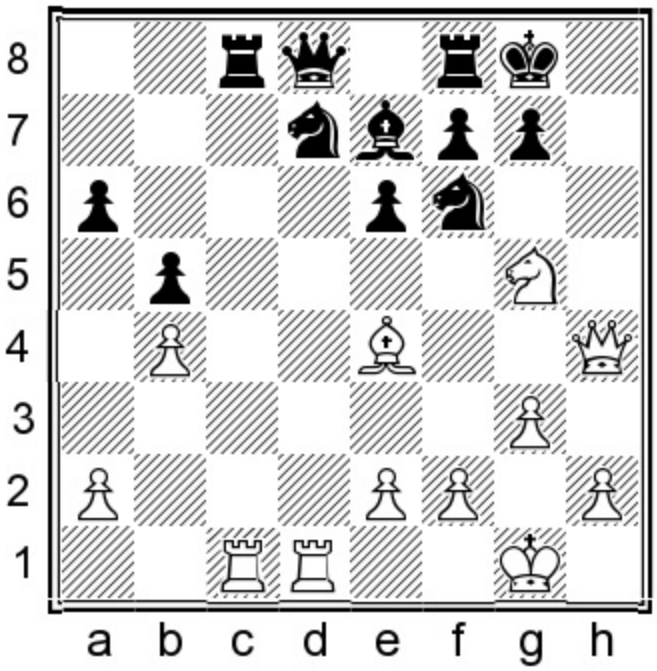
17 B e3 Q b7 ?!

Parece-me que esta é uma imprecisão quase imperceptível, quase formal, uma *Casus Belli* dos tipos, o que dá a White a abertura para começar uma guerra combinatória. Por alguma razão, os analistas anteriores não deram a devida atenção ao fato de que, se Black continuar 17 ... Q d8 !? aqui, ele tem todas as chances de se safar. (Essa manobra me lembra de um tratamento com venenos - para sobreviver, o grupo defensor cai em uma armadilha por sua própria vontade.)

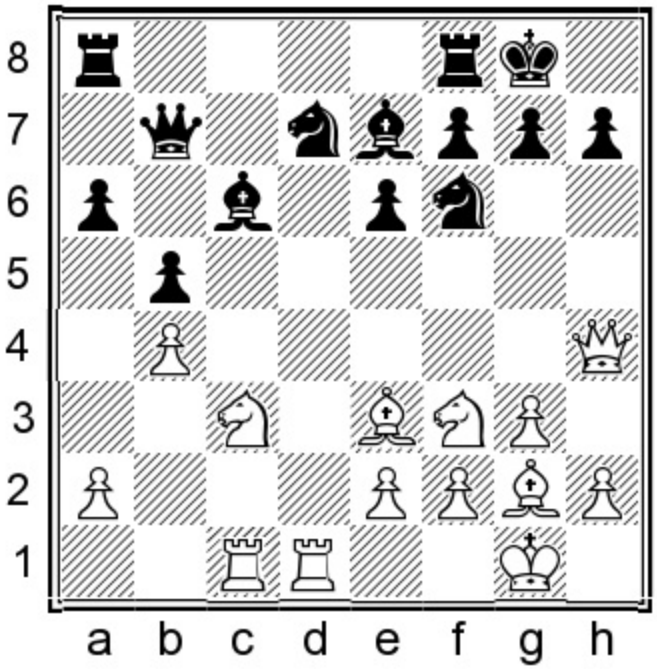
"Mas como pode ser isso?" - o leitor tem o direito de duvidar - “Acabamos de afirmar que as brancas têm uma vantagem dinâmica!” Isso é verdade, mas ao pesar nossas chances no processo de luta, temos que levar em conta a soma de outros fatores também. Neste caso particular, surge uma imagem típica nos moldes de Wilhelm Steinitz, quando a borda de um lado em desenvolvimento é compensada por uma colocação altamente eficiente das peças do oponente (sem fraquezas!). Não consigo encontrar nem mesmo uma sugestão de mais ou vantagem menos séria.

Um idílio completo de equilíbrio surge após 17 ... Q d8 (17 ... Q b8 não resolve nenhum problema, pois pode ser atendido, por exemplo, com 18. N g5 B xg2 19. R xd7) 17 ... Q d8 18. B g5 (mas aqui em 18. B d4, o computador já se defende com sucesso com 18 ... Q b8; é claro, um avanço geralmente saudável 18.a3 não fará mal às brancas, mas tanto os slogans revolucionários quanto os combinacionais concordam que, em posições precisas, *Ele, que hesita, está perdido)* 18 ... Q b6 19. B e3 Q b8, etc.

Outra variação ambiciosa (desta vez por parte de Black), 18 ... h6 19. N e4! hxg5 (19 ... B xe4
20 B xf6 B xf6 21. Q xe4) 20. N fxg5 B xe4 21. B xe4, não pode mudar o equilíbrio para Preto. Aqui, as pretas com certeza se arrependerão de sua intransigência no lance 19, como depois de ambos os 21 ... R a7 e 21 ... R b8, o contador
22 R c6! prepara um sacrifício de torre em e6 que praticamente vence o jogo para as brancas. Mas o mais desagradável aqui é que as brancas têm um cheque perpétuo garantido. Ainda assim, Black encontra uma defesa. Depois dos 21 ... R c8 !, o branco não pode evitar uma verificação perpétua do livro didático.



Voltemos ao jogo depois das 17 ... Q b7 ?!



18 R xd7 !! A combinação explosiva de Alekhine, memorável para gerações de jogadores de xadrez. Diferente de um lugar melhor em d8 (veja o comentário anterior), a rainha negra agora é visada pelo bispo catalão em quadrado claro.

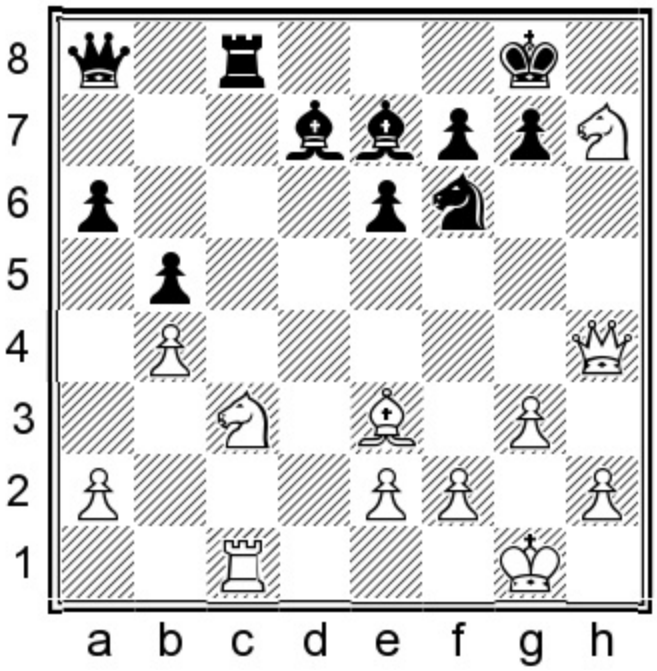
18 ... B xd7 (18 ... Q xd7? perde para 19. N e5) **19 N g5!**

Mesmo os virtuosos modernos de lucrar com vantagens microscópicas seriam incapazes de espremer nada de 19. N e5 Q c7 20. N xd7 Q xd7 21. B xa8 R xa8 22. R d1 Q c7 23. N e4, então o cavaleiro atinge outros alvos mais realistas.

19 ... Q b8 20. B xa8

Claro, se as brancas escolherem, elas podem forçar um empate com 20. B c5 !? B xc5 21. N ce4 B xf2 +! 22 K f1 h6
23 N xf6 + gxf6 24. Q xh6 fxg5 25. Q xg5 +, etc. Mas quem pensa em uma trégua quando um ataque começa!

20 ... Q xa8 21. N xh7 R c8



"Como resultado de uma combinação espetacular, as brancas ganham um peão, mas a luta posterior demonstra que as pretas não ficaram surpresas com isso" (Botvinnik).

O leitor pode se interessar em saber que essa posição, que foi objeto de polêmica durante a partida entre dois campeões mundiais (Alekhine e Euwe), seria posteriormente analisada por mais dois (Botvinnik e Kasparov).

É geralmente reconhecido que aqui o jogo das brancas estava longe de ser exemplar - **22 N g5?!,** que, de acordo com a recomendação de Botvinnik, permite que Euwe iguale rapidamente: 22 ... e5! 23 N ce4
R xc1 + 24. B xc1 B f5! 25 N xf6 B xf6.

Botvinnik pensa que "uma continuação lógica do ataque é 22. B c5 !? B xc5 23. N xf6 + gxf6 24.bxc5
R xc5 25. Q xf6, "embora, para citar sua avaliação, mesmo então depois de" 25 ... Q c8! 26.a3 a5 27. Q d4 e5
28 Q d2 B e6, as pretas têm contra-chances sólidas. " Eu acrescentaria para mim mesmo que a variação 26. R c2 b4
27 N d5 exd5 28. R xc5 Q xc5 29. Q d8 + K g7 30. Q xd7 também não é perigoso para as pretas. Kasparov acredita que, em vez de 24.bxc5, "mais astuto é 24. Q g4 + !? " No entanto, mesmo se seguirmos sua variação - 24 ... K h8 25.bxc5 R xc5 26. Q d4, não vejo razão para Black rejeitar 26 ... Q c8! aqui, trazendo o jogo para a análise de Botvinnik. Então qual é a diferença?

Pode parecer que nosso interesse acadêmico na combinação de Alekhine deva se exaurir aqui, pois, mesmo após o movimento mais forte, 22. B c5!?, as pretas conseguem neutralizar a iniciativa temporária de seu oponente e evitar o pior. Assim, após os eventos turbulentos dos últimos dez lances do jogo, as brancas de alguma forma não conseguiram fazer uma oferta para obter uma vantagem real.

Ainda assim, vamos tentar examinar esse assunto com base apenas nos fatos. Em primeiro lugar, no início do

operação forçada, o grau de mobilização das peças brancas é definitivamente muito maior e, portanto, as brancas possuem uma clara vantagem dinâmica. Em segundo lugar, agora sabemos que no lance 17, Black cometeu uma grave imprecisão e enfrentou problemas adicionais por causa disso.

Considerando tudo isso, podemos afirmar que, no momento de realizar a combinação, as brancas têm uma vantagem nítida. Ao mesmo tempo, a experiência mostra que, ao longo de uma combinação, a vantagem em si não cresce nem diminui; ele apenas se transforma de uma forma para outra. (Em uma analogia matemática, uma combinação torna-se uma espécie de logaritmo.) No entanto, também é amplamente conhecido que a vantagem, que é a energia de uma posição de xadrez, nunca desaparece sem deixar rastros. Quando combinamos todas essas premissas lógicas, não temos escolha a não ser supor que Alekhine, por sua vez, também cometeu uma imprecisão em algum lugar ao longo do caminho.

Não vou descrever o esquema para encontrar esse erro disfarçado; é óbvio que qualquer pesquisador de xadrez, assim como um rabdomante, possui um sexto sentido que, no momento certo, lhe diz onde ele deve cavar mais.

No final, cheguei à conclusão de que movendo 20. B xa8 (em outras palavras, ganhando de volta uma troca muito apressada), as brancas enfraqueceram visivelmente seu poder ofensivo e diminuíram muito a duração da ação combinatória, como se a interrompessem.

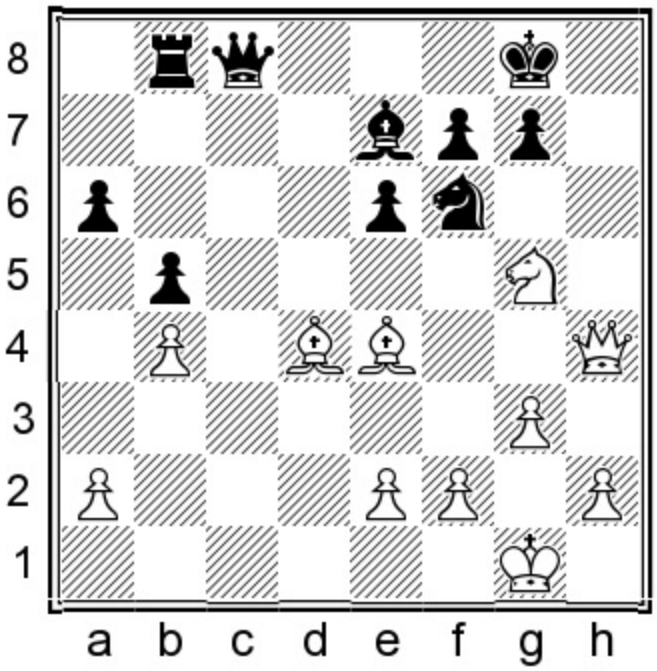
Da maneira mais concisa, gostaria de demonstrar que uma continuação de aparência muito mais agressiva é 20. N xh7 R c8 (após 20 ... N xh7 21. Q xe7, a posição das brancas é tecnicamente ganha)
21 N g5!?, mais uma vez pendurando “uma espada de Dâmocles” sobre o lado do rei e se recusando terminantemente a reconquistar a troca. A máquina desconfiada jamais pensaria nessa ideia por si mesma, e é por isso que é imperativo que o condutor conceitual da análise seja um ser humano.

21 ... B c6 22. N ce4!

Depois das 22. B xc6 R xc6 23. N ce4 R xc1 + 24. B xc1, as pretas conseguem matar o ataque contra h7 por meio de uma transferência oportuna da rainha - 24 ... Q d8 25. B b2 Q d1 +! 26 K g2 Q d5, e se 27.f3, então 27 ... Q f5. Quanto a uma tentativa direta de manter o f5-quadrado sob controle imediatamente (27.g4), ele perde para
27 ... N h5 !.

22 ... B xe4 23. R xc8 + (acredito que esta ordem de movimento é a mais precisa) 23 ... Q xc8 24. B xe4 (bem, o principal oponente que resistiu à pressão ao longo dos quadrados claros foi removido, o que já é uma conquista) 24 ... R b8. É psicologicamente difícil tomar decisões como 24 ... B d6 25. B xa8
Q xa8 26. Q d4 Q c6 (em 26 ... Q d5, há uma réplica desagradável, 27. Q a7) 27.a3 B e7 28. Q d3, quando as pretas concordam imediatamente em terminar com um peão abaixo.

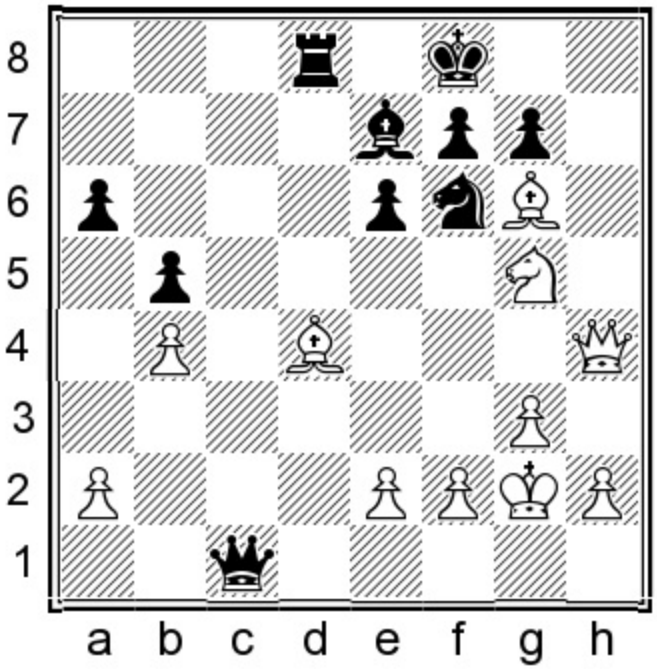
25 B d4! É fácil perceber que o bispo impulsivo verifica 25. B h7 + não tem promessa após 25 ... K f8, então as brancas apontam outra unidade de combate para o lado do rei do oponente.



A jogada seguinte é praticamente forçada para ambos os lados.

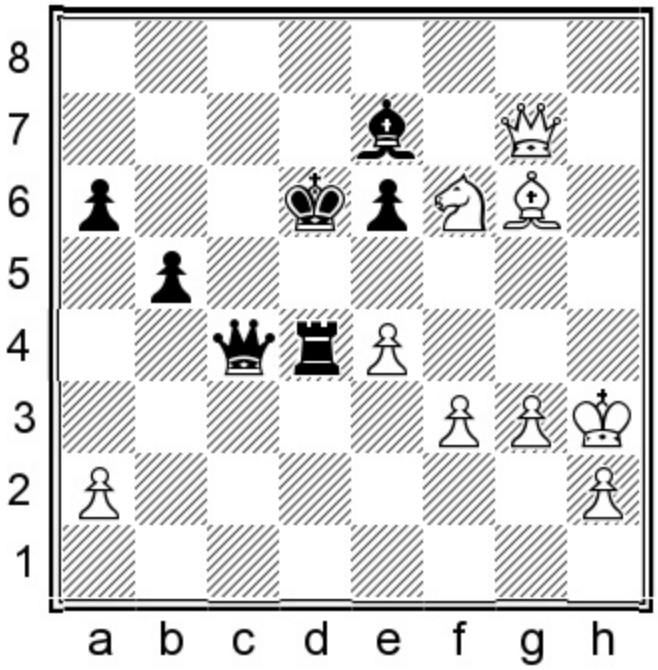
25 ... Q c1 + 26. K g2 R d8 27. B h7 +! Por fim, as brancas colocam em ação seu poderoso carneiro que destrói o lado do rei das pretas.

27 ... K f8 28. B g6!



Apoteose de todo o empreendimento! Essa é a única maneira de abrir buracos nas defesas do oponente. Mais do que isso, se encaixaria perfeitamente nas maneiras características de Alekhine de conduzir uma tempestade. É o que Alexander Alekhine escreveu sobre a semelhança exteriormente típica de seus muitos ataques vitoriosos: “A principal característica desses jogos é um ataque surpreendente que atinge rapidamente seu objetivo ... É interessante notar que um golpe decisivo, que pode ser comparado a um golpe de martelo, geralmente é tratado por um bispo e está sempre relacionado com sacrifícios. ”

28 ... R xd4 29. Q h8 + N g8 30. N h7 + K e8 31. Q xg8 + K d7 32. Q xf7 (é mais preciso do que 32. Q xg7 Q c6 + 33. K h3 R xb4 34. Q xf7 K d6 35.e4 R xe4!) 32 ... K d6 (evitando a ameaça de N f8 +) 33.e4 Q c6 34.f3 Q c3 (34 ... R xb4 perde imediatamente para 35.e5 +) 35. K h3 (e aqui 35.e5 + K xe5 36. Q xe7 é um erro por causa da verificação perpétua: 36 ... Q d2 + 37. K h3 Q h6 +) 35 ... Q xb4 36. Q xg7 Q c4 37. N f6:



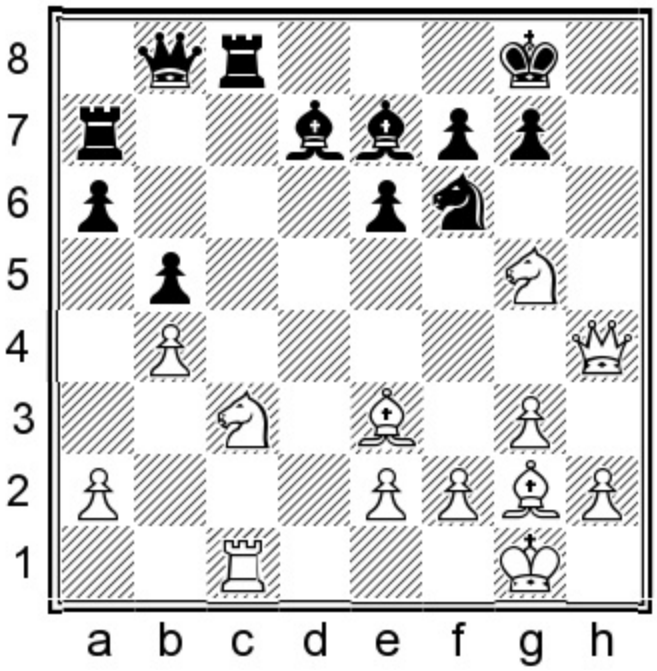
E embora na situação emergente as pretas tenham muitos problemas desagradáveis (seu rei está sob ataque e o equilíbrio material é desfavorável), ainda não posso afirmar categoricamente que sua posição está irrevogavelmente perdida. Além disso, você deve concordar que a apresentação de um julgamento final não é uma de nossas tarefas. Mas, mesmo assim, está bastante claro para nós que o desenvolvimento mais correto e baseado em princípios da iniciativa de White não é 20. B xa8, mas 20. N xh7 !?

Agora, nessa base específica (já que é impossível rastrear todas as particularidades), tentaremos criar uma conclusão integrada que seria operativa em outros casos também e poderia ser estendida até mesmo a toda a diversidade de ataques. Sua formulação pode ser variada, mas a questão é que, *ao escolher entre continuações alternativas durante uma ofensiva combinatória, não se deve diminuir o potencial dinâmico cumulativo (exatamente, dinâmico!) prematuramente, mesmo por trocas. Essas trocas podem ser tentadoras em relação ao valor estático das peças, mas os principais doadores para a formação desse potencial são as peças mais ativas de uma parte atacante.* Nosso exemplo demonstra que a omissão de abster-se de tais trocas pode resultar em perda prematura de iniciativa porque as negociações privam os elementos de ataque da quantidade necessária de energia dinâmica.

Assim, esta conclusão final é exatamente a *conceito inteligente* que conseguimos resolver no processo de exame aprofundado de um dos exemplos clássicos: O conceito afirma ser apenas uma regra de apoio, o que torna mais fácil para um jogador se orientar durante ataques combinacionais.

PS

Eu estava pronto para encerrar minha história quando, durante a verificação final das variações, o computador sugeriu uma nova linha de defesa no lance 21 que nunca me ocorreu antes - 21 ... R a7?!?



Mais uma vez, as brancas enfrentam a mesma escolha alternativa de alguns movimentos anteriores. Ele deve reconquistar a troca trocando um de seus bispos ativos pela torre um tanto estática do oponente (e como sabemos, ao fazer isso, as brancas diminuem substancialmente seu potencial dinâmico cumulativo)? Ou ele deve evitar essa captura, que é favorável para as brancas em seu valor estático, mas não em termos de energia, e continuar jogando pelo desenvolvimento de sua iniciativa?

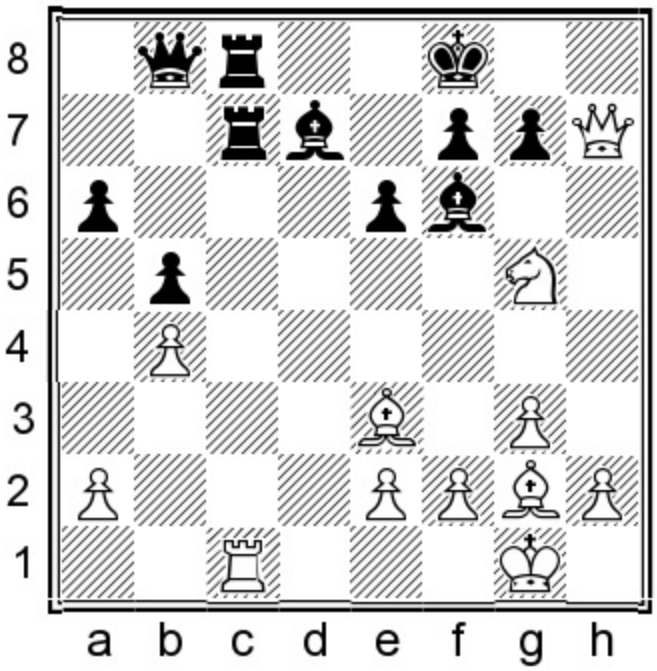
Como de costume, o critério deve permanecer o mesmo: a linha que se mostra mais promissora na luta pela vantagem é a correta.

Em suma, temos uma excelente oportunidade de verificar a qualidade da nossa conclusão final anterior.

Não precisamos de nenhum esforço especial para garantir que após o dia 22. B xa7 Q xa7, já são as brancas que precisam se preocupar com o resultado do jogo. Ainda assim, isso não prova nada em termos de lógica - talvez as coisas vão ficar tão ruins para as brancas se ele se recusar a reconquistar a troca? Nesse caso, a regra que postulamos como um conceito inteligente acaba sendo inventada.

Oh não, não faz! Os detalhes estão do nosso lado!

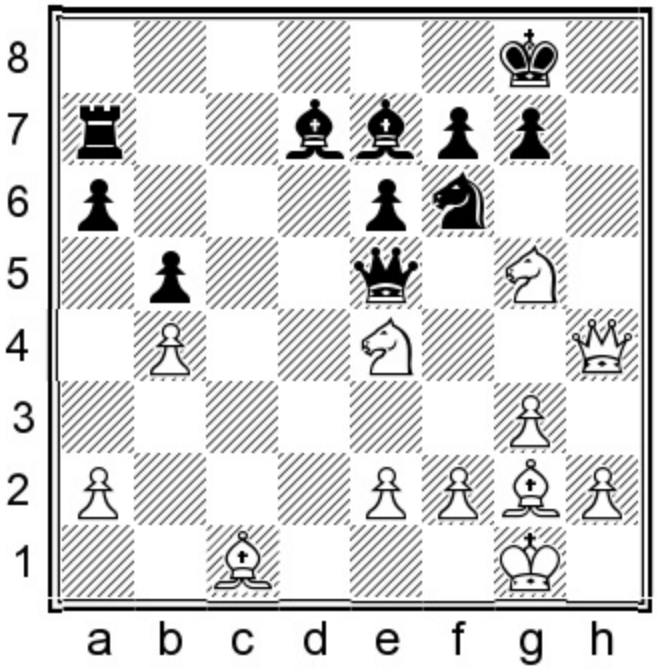
Mesmo a primeira variação nos deixa mais confiantes de que estamos no caminho certo: 22. N ce4! R ac7 ?!
23 N xf6 + B xf6 24. Q h7 + K f8



25 B c6 !! R xc6 26. R xc6! termina em um wipeout para Black.

Mas a principal linha de avaliação da posição é, sem dúvida, a variação 22. N ce4! 22 ... R xc1 +
23 B xc1 Q e5 (a rainha preta sai correndo da oitava fila, onde não parece nada segura por causa da ameaça 23 ...-- 24. N xf6 B xf6 25. Q h7 + K f8 26. Q h8 +; outro retiro, 23 ... Q d8 - 24. N xf6 + B xf6
25 Q h7 + K f8 26. B e3 R c7 27. N e4, dificilmente é melhor).

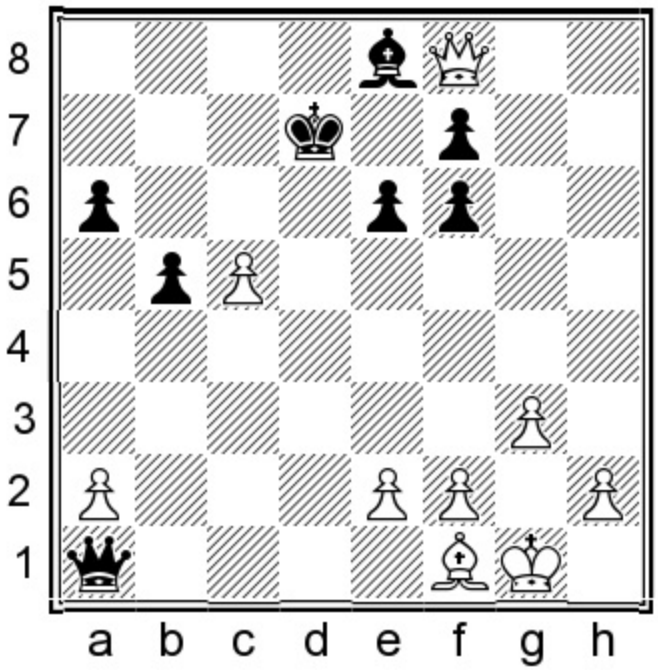
Depois de 23 ... Q e5, as brancas têm várias maneiras de desenvolver sua iniciativa, mas mesmo a mais direta e despretensiosa demonstra que, eventualmente, as pretas estão em perigo devido à má posição de seu rei:



24 N xf6 + B xf6 25. Q h7 + K f8 26. Q h8 + K e7 27. N h7 (companheiro ameaçador em um) 27 ... B e8 28. Q f8 +

K d7 29. N xf6 + gxf6 (em 29 ... Q xf6, o computador recomenda 30. B f4, e o motor tem uma caixa aqui)

30 B e3 Q a1 + 31. B f1 R c7 32. B c5 R xc5 33.bxc5, e as brancas alcançam facilmente seu objetivo.



Em total concordância com os termos de nossa pesquisa, mais uma vez nos certificamos de que aqui nossa regra está correta.

Assim, em posições com equilíbrio dinâmico perturbado, o lado ativo, enquanto conduz seu ataque, deve basear-se no princípio de escolher continuações que o fazem *não* levar à diminuição prematura do potencial dinâmico. Nosso conceito inteligente torna sua escolha de movimentos mais fácil para ele. E vice-versa, o lado defensivo deve seguir um curso exatamente oposto.

A introdução de conceitos tão inteligentes que podem, com o tempo, formar um arcabouço de conhecimento atualizado, nos ajuda a superar o falso fascínio do óbvio e nos ensina a não ver nada de surpreendente, por exemplo, em se recusar a ganhar uma troca com qualquer um 20. B xa8 ou 22. B xa7, já que agora estamos familiarizados com a verdade por trás de tais decisões.

Vejo você mais tarde nas extensões ilimitadas da Filosofia do Xadrez!

- Igor Zaitsev

Ponto de Absurdo: Tigran Petrosian *

Igor Zaitsev

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.5 / 1999

Sem esperar por ninguém, o tempo passa cada vez mais rápido até certo limite que só o Senhor conhece. E embora o mundo das antigas concepções desmorone rapidamente ao nosso redor em espasmos alarmantes, e embora muitos dos grandes grupos de xadrez já não estejam mais entre nós - ainda é impossível escrever sobre xadrez sem levar em conta a autoridade desses titãs, pois esta autoridade ainda não foi questionada.

Enquanto folheio páginas amareladas do tempo, quase sem peso, de revistas ou olho para os rostos escuros borrados em fotos antigas, me encontro na incerteza. Não sei como lidar com as impressões pessoais do passado recente que tanto me oprimem. Devo salvá-los para mim para sempre, ou talvez deixá-los à deriva, como alguns pequenos barcos de origami, nas ondas de memórias remanescentes do passado que preenchem minha mente, de onde estão fadados a navegar para outro lugar desconhecido e distante de qualquer maneira ...

Que paradoxo trágico, triste e incompreensivelmente absurdo: por que o primeiro a deixar a família dos campeões mundiais de xadrez soviéticos (eram sete) teve que ser Tigran Petrosian, que estava longe de ser o mais velho e provavelmente amava a vida mais do que qualquer outro deles? Ouvindo os sons de seu nome, uma lenda de sua vida, me pego pensando que, na verdade, conheço um pouco do Petrosian que foi saudado por inúmeros periódicos esportivos como “Tigre, o Grande”, “um defensor ferrenho do centro ”,“ um homem de nervos de ferro ”, e assim por diante.

Bem, como ele conseguiu se tornar o jogador de xadrez mais forte de sua época, tendo derrotado o próprio Botvinnik em sua partida, ele provavelmente merecia todos esses nomes. No entanto, eu conhecia pessoalmente um Tigran Petrosian bem diferente - um homem sorridente e irônico que se movia rapidamente e pensava com rapidez, com um temperamento explosivo e fascinantemente bem equilibrado; uma pessoa sólida que, ao mesmo tempo, era bastante original tanto no xadrez quanto em suas opiniões sobre a vida. Não admira que as pessoas sempre foram atraídas por ele; quanto aos nossos jovens do xadrez, eles voaram até ele. Parece natural que, no melhor de minha capacidade, agora e no futuro, eu deva continuar adicionando algumas novas pinceladas - que o público em geral desconhece - ao retrato deste Tigran Petrosian.

No início da década de 1960, quando Petrosian já era um dos principais grandes mestres (na verdade, ele logo emergiria como um desafiante ao título mundial), ele prontamente concordou em dar aulas para um grupo de jovens enxadristas de Moscou (livre de cobrar, é claro). Se não me falha a memória, aqueles foram
B. Shashin (o único mestre entre nós então), I. Krichevsky, V. Chernykh, A. Tomson, I. Zakharov, B. Kolker, A. Makarov, o falecido V. Bubnov, O. Ivliev, E. Shekhtman, A. Roshal e sinceramente.

Essas reuniões no Central Chess Club foram tão animadas e fascinantes que, por medo de me atrasar, eu pegava um trem da minha cidade de Ramenskoe com muito tempo de sobra. Lembro-me de minha primeira viagem assim. Em uma multidão de outros passageiros, enquanto paradas suburbanas disparavam

além de mim, do lado de fora da janela, continuava me atormentando pensando em qual dos meus jogos deveria arriscar mostrar a Petrosian. No entanto, tudo funcionou de uma maneira muito mais simples e feliz: momentos depois que a porta maciça da Sala dos Grandes Mestres se abriu e Petrosian apareceu na soleira, irradiando cordialidade, o tempo começou a correr de forma bem diferente para mim. Os minutos voaram a uma velocidade incrível, e nossa reunião de xadrez, na verdade durando quase três horas, pareceu notavelmente curta. Tínhamos nossas aulas todas as quartas-feiras. Petrosian nunca se fez passar por um “mentor”, mas durante uma análise geral, cada um de nós, assim como um “dauber” em seu cavalete, constantemente sentia a mão amiga de um “maestro” ao lado dele, pronto para corrigir seu pincel no momento certo.

Ao transferir peças para casas-chave com movimentos curtos e vigorosos de sua mão, ele criou a impressão de conduzir todo o conjunto de xadrez em sua metade do tabuleiro. Provavelmente por esse motivo, ele costumava inclinar a cabeça para a frente depois de fazer seu movimento, como se estivesse ouvindo a pureza tonal de suas melodias posicionais.

Tanto durante essas aulas como nos anos posteriores, costumava observar mais de uma vez que Petrosian tentava evitar generalizações excessivamente vinculativas e conclusões de longo alcance no xadrez, preferindo contrariar essa abordagem teórica e filosófica com as sutis habilidades de observação de um verdadeiro mestre do passado . Mas, ao mesmo tempo, ele era um treinador excepcionalmente atencioso e sensível, que não deixou um único comentário e nenhuma pergunta nossa sem resposta. Mesmo quando alguém cometia um erro fatal em sua análise, Petrosian explicava o erro com uma genialidade tão favorável que um desajeitado se sentia claramente lisonjeado com a atenção dada a ele.

De fora deste círculo, Tigran respondeu a todos os tipos de comentários e conselhos de seus numerosos fãs de uma forma informal e fácil. É por isso que ele deixou para trás inúmeros jogadores de xadrez gratos de todos os níveis. Agora é claro que ele costumava ensiná-los não apenas em suas aparições públicas ou em seus artigos de jornal, mas simplesmente na análise de jogos.

À medida que a rede de memória se espalha amplamente, ela captura eventos que estão separados no tempo por décadas. No quadro do presente artigo, dificilmente é possível garantir uma tradução suave de um episódio de recordações para outro. Gostaria apenas de observar que esse período de aprendizado e anos de comunicação criativa com o grande jogador de xadrez que se seguiu resultou em minhas preferências de xadrez sofrendo uma transformação gradual do jogo real para a análise. Com o tempo, enquanto estudava em seu “estúdio” analítico (onde em diferentes momentos trabalharam gurus da análise de xadrez como E.

P. Geller, IE Boleslavsky, SA Furman, AS Suetin), eu finalmente comecei a explorar os segredos dessa nova e exaustiva, mas fascinante profissão (de análise).

Enquanto verificava as variações analíticas preparadas, Petrosian examinava cuidadosamente uma estrutura no quadro, pensava por um curto tempo, balançando a cabeça levemente e, em seguida, como se tivesse apreendido uma falha básica, desnudava o nervo principal de uma posição com vários movimentos impetuosos. Se havia algo errado com uma análise, tentar escondê-lo dele era uma causa perdida. Ele de alguma forma *sentido* instabilidades das estruturas do xadrez, levando-o infalivelmente a uma “rachadura” em uma variação.

Tudo isso me lembrou de uma história verídica de nosso famoso físico Landau. [Lev Davidovich Landau, Prêmio Nobel de Física de 1962 - Ed.]. Quando ele ficou acamado no hospital após o acidente de carro, a história diz que eles decidiram verificar o estado de suas capacidades mentais e deram-lhe uma avaliação teórica

computação contendo uma armadilha bem escondida. Com um movimento cansado e totalmente compreensivo, ele apontou infalivelmente o ponto do absurdo. Obviamente, xadrez e física são duas esferas altamente diferentes da atividade humana, mas podemos ver que o mecanismo para o maior dom da intuição humana é absolutamente o mesmo.

Outro motivo para falar sobre paralelos entre o xadrez e a ciência é que, ao visitar Petrosian, costumava encontrar seus outros convidados lá, acadêmicos bem conhecidos Yu. Osipian e A. Ishlinsky, seus vizinhos na comunidade da dacha. Muitas vezes acontecia que depois de um almoço delicioso, seguido por uma xícara de chá ou um par de conhaques, nos sentávamos para analisar algumas das primeiras variações do Dragão, enquanto os homens da ciência, estando no melhor dos ânimos e nos ignorando completamente, começaria a esclarecer entre eles a questão de como o conceito de um continuum quadridimensional deve ser entendido. Por alguma razão, em momentos como este, a irrealidade de tudo era especialmente assustadora.

Outra visita à dacha de Petrosian volta para mim agora. Uma manhã de inverno. Somos quatro ao redor da mesa de xadrez: Petrosian, Geller, Grigorian e eu. Por vários dias, procuramos agonizantemente pela equalização em uma certa variação da Abertura inglesa, mas em vão. O mais gentil dos homens, Efim Petrovich, como sempre acontece com ele quando algo dá errado, caminha silenciosamente sombrio como uma nuvem de tempestade, bebendo café e fumando. Petrosian também se sente um pouco inquieto (sua partida contra Korchnoi em Ciocco, Itália vai começar em breve), mas tenta não deixar transparecer. Para acelerar nosso trabalho, nos dividimos em pares e nos espalhamos pela casa. Minha amiga do xadrez, a mais talentosa Karen Grigorian, e eu rapidamente entramos em sintonia e confundimos nossa análise de maneira meio divertida, trocando golpes táticos e gracejos inofensivos. Coisas assim já aconteceram e não tenho a menor vergonha de admitir. Mas a questão é que, durante os longos anos de meu trabalho com material de xadrez, concluí que a pesquisa analítica é um ato criativo e íntimo e, portanto, como regra, um golpe de visão surge nos momentos de total privacidade e reclusão. (Não é por acaso que certas descobertas de xadrez foram feitas durante o sono). É claro que o trabalho em equipe também é útil até certo ponto, pois permite a troca de idéias e a saturação mútua entre elas, mas eu, pessoalmente, tenho apostado mais no trabalho noturno solitário. Concluí que a busca analítica é um ato criativo e íntimo e, portanto, como regra, um golpe de visão surge nos momentos de total privacidade e isolamento. (Não é por acaso que certas descobertas de xadrez foram feitas durante o sono). É claro que o trabalho em equipe também é útil até certo ponto, pois permite a troca de idéias e a saturação mútua entre elas, mas eu, pessoalmente, tenho apostado mais no trabalho noturno solitário. Concluí que a busca analítica é um ato criativo e íntimo e, portanto, como regra, um golpe de visão surge nos momentos de total privacidade e isolamento. (Não é por acaso que certas descobertas de xadrez foram feitas durante o sono). É claro que o trabalho em equipe também é útil até certo ponto, pois permite a troca de idéias e a saturação mútua entre elas, mas eu, pessoalmente, tenho apostado mais no t

Depois de uma hora, deixo Karen com seus próprios recursos e apareço "os gurus". Tal era a minha vantagem e um dos meus privilégios mais agradáveis que, para ser sincero, lisonjeava muito a minha autoestima: Você superou duas escadarias curtas - e aqui estão eles, esses clássicos vivos, fazendo sua mágica no tabuleiro de xadrez.

Lembro-me de que, um a um, Petrosian e Geller costumavam falar alguma gíria especial incompreensível para os outros, que eles haviam remendado durante os longos anos de sua amizade no xadrez. "Ei, Efimlé, por que não giramos este cavaleiro por um tempo, hein?" Petrosian perguntaria afetuosamente. Em resposta, Efim Petrovich dava uma tragada no cigarro, sentava-se meio virado e pairava sobre o tabuleiro sem dizer uma palavra. Mais jovem e alegre então, não entendia muitas coisas e fiquei um tanto surpreso com esse “jogo silencioso”. Eu costumava pensar comigo mesmo: “É como na canção popular de Vladimir Vysotsky, 'No começo eu parecia mal-humorado, depois coloquei os braços na cintura'”.

No entanto, depois de uma ou duas horas, ouvimos vozes altas e certos estranhos chocalhos que claramente têm

nada a ver com xadrez, saindo da famosa sala da dupla. Abrimos as portas e não podemos acreditar em nossos olhos: grandes mestres jogando gamão-narde, rindo alegremente ... e ao lado deles em uma mesa de xadrez orgulhosamente está uma posição final de uma solução brilhante para esse problema inicial. Tentativas repetidas de descobrir qual deles pensou na novidade continuam sem sucesso - cada um sorri e, encolhendo os ombros, aponta para o outro: "Tudo bem, tudo bem, pare de se comportar como crianças pequenas, pelo amor de Deus!" Com essas palavras, nosso anfitrião termina o questionamento e pede a todos que almoçam. De fato, há muito que cheiros apetitosos vêm da cozinha, e tia Dussia gritou pelo menos duas vezes: “Tigran Vartanovich, é hora de um prato quente!”

Em dias tão bons, o ex-campeão mundial, que possuía uma compreensão única do jogo, voltaria a andar ereto. Dava para perceber que seu humor ficava mais alegre por um brilho de alegria em seus olhos e pelas palavras que trocava com sua esposa Rona Yakovlevna, sua companheira constante em todas as nossas idas aos jogos.

O supertalento Geller também se transformou. Sua personalidade poderosa parecia permeada de energia irreprimível e um certo gosto especificamente artístico. Naquela época, enquanto observava seu tandem criativo, essa união de dois gênios, um posicional e outro combinatório, muitas vezes pensei nos sucessos incríveis que eles poderiam ter alcançado, se sempre tivessem trabalhado em equipe. Uma vez, em um acesso de franqueza, contei a Geller sobre isso, mas ele apenas abriu os braços em um gesto de desespero: “Venha, você conhece Tiger! Não há poder no mundo que possa fazê-lo realmente se preparar para um jogo! ” E ele estava quase certo. Aparentemente, isso é verdade para todo jogador posicional dotado por natureza de um talento muito grande, seja Capablanca, Petrosian ou Karpov. Assim como na piada: “Você gosta de xadrez? - Eu gosto *jogando* xadrez, mas as peças não são muito saborosas. ”

No entanto, parece-me que existe outra explicação profundamente pessoal, quase mística, da atitude de Petrosian em relação à preparação para o lar. Você poderia argumentar que todos esses preparativos nada mais são do que uma tentativa de adivinhar um resultado, de olhar para o amanhã, para o futuro. Algo parecia impedir Petrosian de fazer isso, dissuadi-lo do hábito de mergulhar no futuro iminente. Quem sabe, talvez tenha sido um sinal de uma advertência especial que lhe foi dada ...

Quando o conheci no clube de xadrez, cerca de dois meses antes de sua morte, não o reconheci a princípio. Ele era uma sombra de seu antigo eu. E quando percebi que era Petrosian, fiquei literalmente sufocado com a falta de palavras. Porém, em tal caso, o que pode aquele que permanece temporariamente aqui dizer a uma pessoa que parte para sempre? Quaisquer palavras que você escolher seriam falsas, mas ninguém ousa expressar a única coisa que nos é permitida, aquela que está no fundo de nossas almas.

- Igor Zaitsev

Jogos Suplementares

Notas de Igor Zaitsev

Este é um daqueles meus jogos que, não obstante o resultado favorável, serviu como um sério impulso para que eu alterasse minhas visões sobre a batalha do xadrez. Em suma, facilitou um afastamento do meu passado de gambito.

Zaitsev - Baikov

Campeonato de Moscou 1973

Scotch Gambit

1.e4 e5 2. N f3 N c6 3.d4 exd4 4.c3 d5

Além desta continuação, que foi aprovada em teoria, há pelo menos quatro linhas satisfatórias: 4 ... Q e7, 4 ... N f6, 4 ... d3 e, finalmente, a linha mais baseada em princípios, 4 ... dxc3 !.

5.exd5 Q xd5 6.cxd4 B g4 7. B e2 0-0-0

O gênio José-Raúl Capablanca sugeriu sua própria solução elegante para este problema inicial:
7 ... B b4 + 8. N c3 B xf3! 9 B xf3 Q c4 !. A práxis moderna fornece ainda duas maneiras de continuar: 10. Q b3 (receita de Ljubomir Ljubojevic) e 10. B xc6 + bxc6! 11 Q e2, trocando rainhas e entrando em um final de jogo aproximadamente igual em ambos os casos.

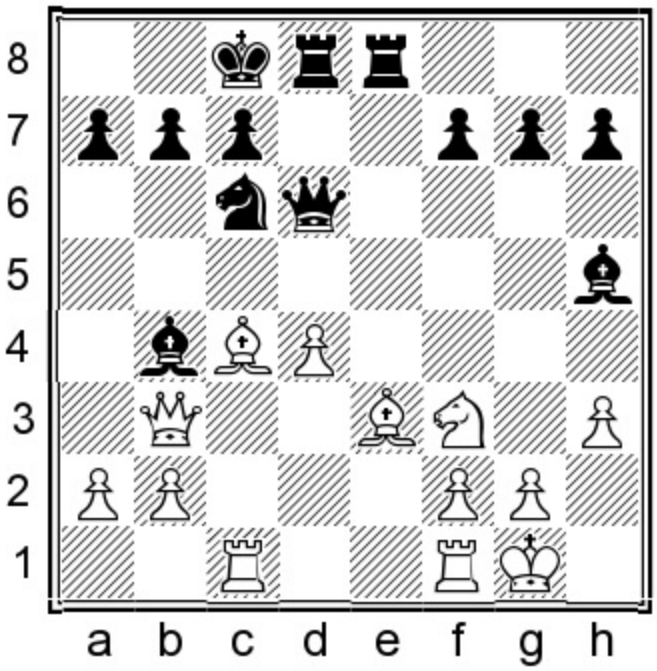
8 N c3 Q a5

Há mais de meio século, no Campeonato de Moscou de 1962, joguei contra as brancas contra Andrei Lilienthal. Nesta posição, aquele famoso grande mestre jogou 8 ... Q d7 9. B e3 B xf3 10. B xf3 N xd4; e depois da minha resposta, 11. B d5!?, travamos uma luta animada, que acabou em empate.

9 B e3 N f6 10.h3 B h5 11,0-0 B b4 12. R c1 R he8 13. Q b3

As peças pesadas entraram em ação - um sinal claro de que a abertura já passou. O centro aberto e o roque em lados opostos determinam completamente o curso de ação para nós dois.

13 ... N d5 14. N xd5 Q xd5 15. B c4 Q d6



16 N e5 !?

Um movimento ativo, mas não foi o melhor movimento que eu poderia ter feito. Isso praticamente joga fora a vantagem. Pareceu-me que White simplesmente teria que enfrentar as seguintes complicações combinativas de frente. Imagine minha surpresa quando Tigran Petrosian, a quem mostrei este jogo na sala do editor em *64 (* que naquela época ainda era semanal), rejeitou meu movimento após pensar alguns minutos, enviando o cavalo por um caminho completamente diferente, 16. N h4 !!. No processo de nossa análise mais aprofundada dessa mudança humilde, mas bem planejada, ficamos cada vez mais convencidos de que a vantagem das brancas começaria a tomar forma real.

Em análise, provavelmente não teria esquecido um movimento desse tipo, mas no tabuleiro, com toda a minha atenção voltada para o rei inimigo, eu admito que não teria passado pela minha cabeça.

16 ... N xd4!

Claro, nem 16 ... N xe5 17.dxe5 R xe5 18. B f4, nem 16 ... N a5 17. Q a4, teria sido satisfatório para Black.

17 B xd4 Q xd4 18. N xf7!

O atraente 18. N c6 ?! bxc6, de fato, não oferece nada de positivo às brancas, após 19. Q xb4 B e2! ou após 19. B a6 + K d7 20. R c4 Q b6 21. Q xb4 Q xa6.

18 ... R d7!

Como logo ficará claro, esta é a melhor defesa. Levando o cavaleiro com 18 ... B xf7 perderia para as pretas:
19 B xf7 R e7 20. B e6 +! K b8 21. R c4 Q e5 22. R xb4 c5 23. R b5 Q xe6 24. R xb7 +.

19 B b5!

As brancas tentam complicar a defesa de seu oponente o máximo que podem, explorando a circunstância de que agora sua resposta 19 ... R xf7 é insuficiente para igualar, por causa de 20. B xe8; e 19 ... B xf7 não seria bom, por causa de 20. B xd7 + K xd7 (se 20 ... Q xd7, então 21. Q xb4) 21. Q xf7 +.

19 ... c6?

Um erro. Posteriormente, conseguimos estabelecer que a defesa correta consistia no surpreendente lance intermediário 19 ... B d2! 20 R c4! Q d5 21. R c2! (nem aqui nem no movimento anterior a captura da torre prometeu algo para as brancas) 21 ... B g6! (apenas isso; em 21 ... c6 ?, White conclui seu ataque efetivamente, com 22. R xc6 +! bxc6 23. B a6 + K c7 24. Q b7 #, ou respostas como 21 ... B xf7 22. Q xd5
R xd5 23. B xe8 B xe8 24. R d1 ou 21 ... Q xb3 22. B xd7 + K xd7 23. R xd2 +, etc.)

Agora, uma tempestade devastadora varre o tabuleiro.

20 B xc6! bxc6 21. R xc6 + R c7

As pretas não podem retirar o rei para a coluna B por causa de 22. R c4.

22 Q c2!

Toda a combinação de White depende dessa nuance tática. Agora a rainha consegue fazer um trabalho colossal em um pequeno número de movimentos.

22 ... R e7

Se 22 ... Q d7, então 23. R xc7 + Q xc7 24. Q f5 +; e no dia 22 ... B c5, 23. Q f5 +.

23 R xc7 + R xc7 24. Q f5 + Q d7 25. Q xh5 g6 26. Q f3 Q xf7 27. Q g4 + e Black se demite.

Zaitsev - Tseshkovsky
Campeonato Russo Sênior de 2006 Defesa da
Sicília, Variação do Dragão

1.e4 c5 2. N f3 d6 3.d4 cxd4 4. N xd4 N f6 5. N c3 g6 6. B e3 B g7 7.f3 a6

Este antigo sistema voltou a entrar em moda há dez anos, graças aos esforços do grande mestre Farrukh Amonatov. Porém, mesmo antes, em meados do século passado, um grande crente nesses tipos de modificações do sistema do Dragon era o conhecido IM Lev Solomonovich Aronin (1920-1982).

8 Q d2 N bd7 9,0-0-0

As brancas desempenham essa parte do jogo de maneira quase monótona - e ainda assim é bastante normal. No estágio inicial, eu deveria ter começado a batalhar pelo controle da peça d5-quadrada com g2-g4-g5.

9 ... b5 10. B h6 B xh6 11. Q xh6 B b7 12.a3 Q b6 13. R d2

Na ausência de qualquer chance realista de estabelecer ameaças contra o lado do rei do meu oponente, as brancas têm que se ocupar com profilaxia puramente defensiva, no espírito da "superproteção" de Nimzovich. Embora apenas alguns movimentos tenham sido feitos desde o início do jogo, já é preciso reconhecer que a iniciativa no segmento de abertura pertence às pretas.

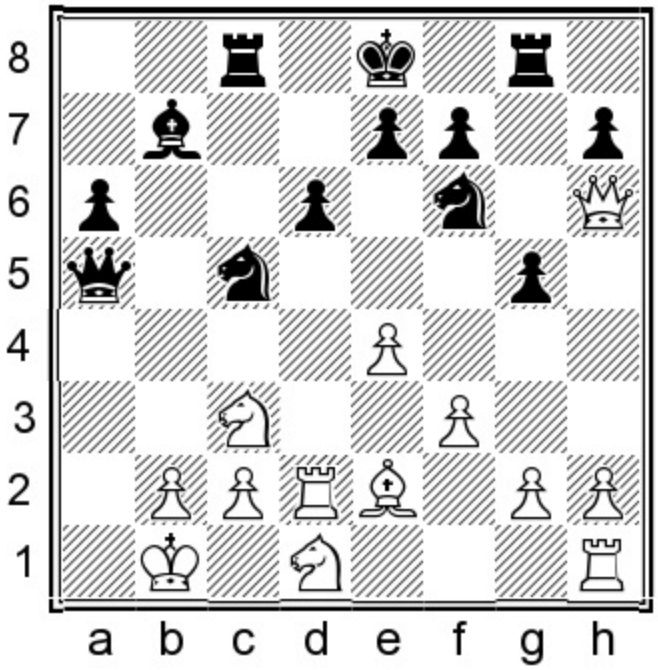
13 ... R c8 14. N d1 !?

Por falta de recursos ativos, as brancas fazem mais uma manobra de consolidação, que deixa o b2-quadrado sob controle, de qualquer forma.

14 ... b4 15.axb4 Q xb4 16. N e2 !?

E esse “saltador” em breve terá outra humilde missão a cumprir, cobrindo o arquivo-c entreaberto.

16 ... Q a5 17. K b1 g5 18. N ec3 R g8 19. B e2 N c5



Como já observamos, a primeira metade do jogo decorreu sob a bandeira da pressão estratégica das pretas. Mas o último movimento descuidado que ele fez (19 ... R b8 foi a melhoria que Tseshkovsky indicou mais tarde) permitiu às brancas fazer um sacrifício de rainha que transformou sua posição passiva em uma batalha violenta.

20 R xd6! R g6 21. R xf6! R xh6 22. R xh6 N e6 23. R xh7

NowWhite tem equivalência material total e contra-jogo suficiente.

23 ... N f4 24. R h8 + K d7 25. R xc8 K xc8 26. B f1 e6 27.h4 gxh4 28. R xh4 Q g5 29. R g4 Q h6 30.g3 N g6
31.f4 K c7 32. R g5

A situação mudou completamente. Agora é o Branco quem tem a iniciativa.

32 ... Q h2 33. B d3 K d8 34. K a2 Q h1

O jogo estava sendo disputado no extenuante (especialmente para idosos!) Controle de tempo de uma hora e meia para todo o jogo. Portanto, o resto dos movimentos foram influenciados principalmente por uma forte pressão mútua de tempo.

35 N e3 Q c1 36. N c4 B c6 37. R c5 N e7 38. N a5! B a8 (38 ... B e8 perde para 39. N b7 +!) **39 R h5! B c6**
40 R h7 B e8 41. N b7 +!

Um movimento fundamental no meu ataque ao lado do rei.

41 ... K c7 42. N c5 Q g1 43. N xe6 + K d6 44. N g5 Q xg3 45. N xf7 + K c5 46. N g5 N c6 47. N d5 N b4 +
48 N xb4 K xb4 49. R b7 + B b5 50. N e6!

A armadilha do acasalamento se fecha!

50 ... K a5 51. N c5 Q e1 52. N b3 +!

Com minha bandeira pendurada, evitei a última armadilha oculta de Black: 52.c3? B c4 + 53. B xc4 Q a1 + !!, com um impasse forçado.

52 ... K a4 53.c3! Black pede demissão.

Sveshnikov - Zaitsev

URSS 1975

Scotch Game

1.e4 e5 2. N f3 N c6 3.d4 exd4 4. N xd4

Além disso, as brancas têm três outras continuações: 4. B b5, 4. B c4, e a linha gambit 4.c3.

4 ... N f6

Em certa época, essa costumava ser a principal réplica de Black, mas havia análises que lançavam dúvidas sobre ela e praticamente desapareceu da prática séria. Por muitos anos, foi exatamente essa forma de Scotch Game que foi considerada a linha principal. Hoje em dia, no entanto, a nitidez das posições surgindo após 5. N xc6 bxc6 6.e5, onde tudo literalmente fica por um fio de cabelo, forçou muitos daqueles que jogam o Scotch Game for Black a selecionar a surtida da rainha com 5 ... Q h4.

5 N xc6

Com toda a probabilidade, este tem um futuro tão bom quanto 5. N c3 B b4. (E há certos aficionados do exótico que encontram prazer na linha lateral selvagem 5 ... N xe4 !? 6 N xe4 Q e7.)

bxc6 6.e5 Q e7

Considerado o mais forte, embora em sua época Emanuel Lasker também tenha experimentado um
6 ... N d5.

7 Q e2 N d5 8.c4 B a6

As pretas provavelmente têm um jogo ligeiramente inferior após 8 ... N b6, porque as brancas podem terminar seu desenvolvimento sem impedimentos. Ele também pode manter sua vantagem de espaço e forte posição central.

9 Q e4

Este é o movimento “patenteado” de Sveshnikov. Certamente não significa que após 9 ... N f6, as brancas planejam fazer a repetição tripla da posição após 10. Q e2 N d5 11. Q e4 N f6, etc. Não, claro que ele vai jogar 11. B d2, voltando à trilha teórica. E, por falar nisso, ele também coloca ao adversário uma espécie de questão psicológica: ele quer empatar ou não?

N b6 10. N c3 f5 !?

Depois de muito pensar, Black decide optar por uma continuação até então desconhecida da teoria. Curiosamente, enquanto eu pensava nessa linha no quadro, a diferença horária exibida em nossos relógios atingiu proporções alarmantes, chegando a uma hora e meia a favor das brancas. Mas, graças a Deus, este jogo ainda estava sendo jogado no velho controle de tempo “velocidade do rio” (2 horas e 15 minutos para 40 movimentos).

11 Q xf5

Claramente, 11.exf6 ep 11 ... Q xe4 + 12. N xe4 B xc4 ou 11 ... gxf6 12.b3 d5 seria absolutamente inofensivo para as pretas.

11 ... B xc4

11 ... N xc4 12. B g5! Q b4 13.e6 seria perigoso para as pretas, que se arriscariam a cair sob um ataque forte.

12 B xc4 N xc4 13,0-0 g6

Naturalmente, pegar o peão-e5 seria uma loucura. E Black não gostou de 13 ... Q f7 por causa de 14. Q e4, quando a ameaça de e5-e6 estaria sempre pairando sobre sua posição.

14 Q e4 Q e6

14 ... N xe5 era tentador. Mas Black recusou o presente por um motivo muito concreto: 15. R e1 N d3 (15 ... d6 16.f4 N d3 17. Q xc6 +) 16. R e3! Q xe4 17. N xe4 N xc1 18. N d6 + K d8 19. R e8 #.

15 R e1

As brancas fortalecem sua posição, esperando para ver para que lado o bispo-f8 vai. Por exemplo, se 15 ... B g7, então 16.b3 N b6 (nem 16 ... B xe5 17. Q xc4, nem 16 ... N xe5 17. B f4 seria muito bom para as pretas)
17 B a3. Se 15 ... B c5 (ou 15 ... B e7), o bispo deixará c1 por outro caminho: 16. B h6, quando o rei preto ficaria preso no centro. Em vez de 15. R e1, o tentador 15. N b5 era mais fraco por causa de
15 ... 0-0-0 16. N xa7 + K b8.

15 ... R b8

As pretas permitem que seu oponente entenda que eu também não preciso me apressar no roque. E o acampamento de White também tem pontos fracos. No natural 16.b3, haveria 16 ... B b4 17. Q c2 (se 17. Q d3, então
17 ... N xe5) 17 ... Q f5 18. R e2! Q xc2 19. R xc2 N xe5 (19 ... N a3 20. B xa3 B xa3 leva a um final de jogo inferior para as brancas) 20. B f4 !. NowWhite ganha seu peão de volta, obtendo um final de jogo um pouco melhor:
20 ... N d3 21. B xc7 R c8 22. B g3 0-0 23. R d1.

16 B g5 !?

Depois de muito pensar, as brancas decidem jogar para o ataque. Claro, 16 ... R xb2 seria ruim agora, por causa de 17. B f6.

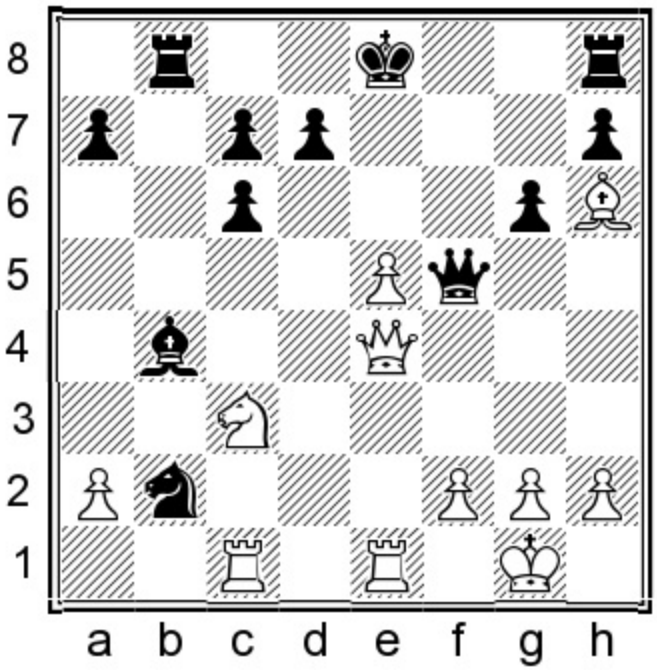
16 ... B b4

A melhor resposta. Como as pretas pretendem continuar com 17 ... 0-0, a resposta das brancas é praticamente forçada.

17 B h6

As complicações que se seguem devem, em princípio, apoiar o equilíbrio entre o ataque e o contra-ataque. No entanto, em um jogo prático, é raro encontrar qualquer lado capaz de se equilibrar longa e precisamente, fazendo “apenas” movimentos na beira do precipício.

17 ... N xb2 18. R ac1 Q f5



A ameaça de N b2-d3 restringe a mobilidade da rainha branca. Portanto, 19. Q e3 poderia ser encontrado por

19 ... N d3 20. Q xa7 B c5 21. Q xb8 + K e7 (21 ... K f7 22.e6 +!) 22. B g5 + (claro, não 22. Q xh8, em vista de 22 ... Q xf2 + 23. K h1 Q g1 + 24 N f2 #) 22 ... K f7 23.e6 + K g7. Acho que White encontra sua melhor chance.

19 Q d4! c5

A resposta das pretas é forçada - 20.e6 é a ameaça mortal.

20 Q h4!

Depois de induzir as pretas a jogar ... c6-c5, as brancas planejam um ataque formidável começando com N d5. No entanto, Black preparou uma resposta:

20 ... g5!

Agora, 21. B xg5 seria respondido por 21 ... N d3! 22 N d5 B xe1; ou as pretas poderiam apenas jogar 21 ... R g8.

21 Q h5 + Q g6

Claro, não 21 ... K d8, tendo em vista 22. B xg5 + K c8 23. N d5.

22 Q h3 Q e6!

Novamente, o único movimento. O atraente 22 ... R b6 era duvidoso, não por causa de 23. N d5 B xe1 (23 ... Q xh6?

24 N f6 + R xf6 25.exf6 +, ganhando a rainha) 24. R xe1 N d3, e é Branco quem deve buscar a salvação. No dia 22 ... R b6, a resposta

23. Q f3 seria muito desagradável (23 ... Q c6 24. N d5 B xe1 25. R xe1 Q xh6

26 N xb6 R f8 27.e6 ou 27. Q a8 + K f7 28. Q d5 +).

23 Q xe6 +

Uma decisão corajosa, mas equivocada. Depois de 23. Q h5 + Q g6 24. Q h3 Q e6, temos um empate imediato.

23 ... dxe6 24. R e3 N c4

Outra imprecisão, retribuindo o favor. As pretas tiveram que jogar 24 ... c4! 25 N e4 (25. B xg5? N d3 26. R c2
B xc3) 25 ... N d3 26. R xc4 B c5 !, e aqui as complicações começam a favorecer as pretas. Agora, a iniciativa volta temporariamente para White.

25 R g3 K d7 (esta pode ser a melhor chance das pretas) **26 N e4 K c6**

O rei preto corre para proteger seu peão-c5, fazendo uso deste recurso tático 27. R xc4 K d5
28 R xb4 cxb4 29. N f6 K c4, quando a posição permanece confusa e nítida. A continuação que White escolhe não é nem um pouco mais forte.

27 B xg5 B a3!

As pretas encontram um caminho para seu bispo chegar a d4, explorando o fato de que 28. R xc4 seria encontrado por
28 ... R b1 + B c1 R d8.

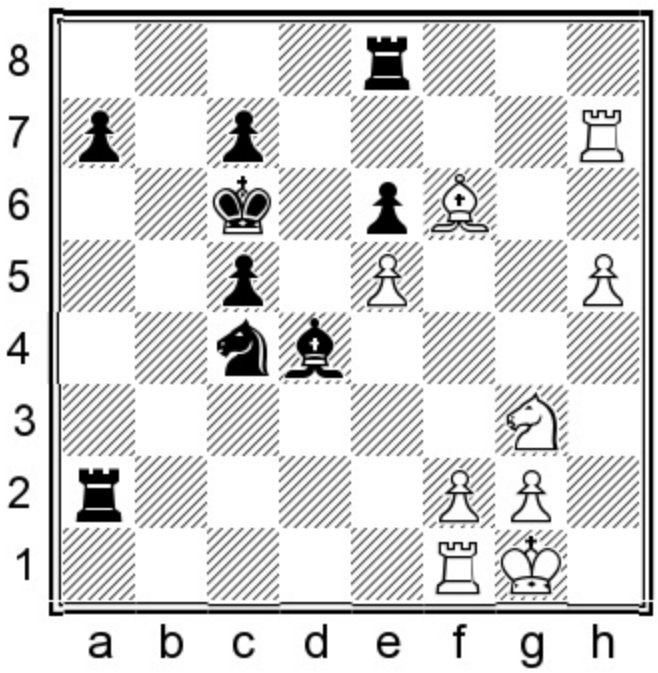
28 R f1 B b2 29. B f6 R he8

Cada lado agora está colocando suas esperanças na capacidade dos peões passados de avanço rápido. E é por essa razão que se move profilático como 28. R f1 e 29 ... R e8, foram reproduzidos.

30 R h3 B d4 31. R xh7 R b2 32.h4 R e2

Antes de pegar o peão, o preto empurra o cavalo para fora do centro.

33 N g3 R xa2 34.h5



34 ... a5!

Este peão - e não o peão-c - é o que tenho para avançar para a casa de coroação. Agora chegamos a uma posição incrível em que, apesar de o peão-h5 estar muito mais próximo da linha de chegada, é o peão-a5 que a alcança primeiro.

35.h6 a4 36. R g7 R h8

Sob forte pressão do tempo, Black não teve tempo de calcular as consequências da variação 36 ... a3

37.h7 R xf2 38. R xf2 a2 39. R g8 a1 = Q + 40 K H2 e, em vez disso, jogou uma linha mais segura.

37.h7 a3

Com a intenção de ser rainha depois dos 38. R f7 R xh7 39. R xh7 R xf2 40. R xf2 a2.

38 N e4

Depois de 38. R xc7 + K xc7 39. B xh8, Branco ainda não teria tido chance de se salvar.

38 ... N d2! 39 N c3 B xc3 40. R xc7 + K xc7 41. B xh8 N xf1 e White renunciou (42. B f6 R a1 43.g4 N g3 + 44 K g2 R h1).

Zaitsev - Korobov

Moscou 2000

Defesa Siciliana, Variação do Dragão

1.e4 c5 2. N f3 d6 3.c3 N f6 4. B e2 B d7 5.d3 N c6 6,0-0 g6 7. R e1 B g7 8. B f1 0-0 9.h3 e5 10. N a3 d5 11.exd5 N xd5 12. Q b3 B c8

O jogo se transpõe para uma configuração King's Indian conhecida com cores invertidas, mas com dois tempos extras para as Brancas, portanto favoráveis para ele.

13 N c4 R e8 14.g3

Claro que não 14. Q b5 ?, em vista de 14 ... a6! 15 Q xc5 B f8.

14 ... b6 15. B g2 B b7 16. N g5 !? h6 17. N e4 B f8

Com este movimento, Black evita as duas ameaças transparentes de N xc5 e N ed6; no entanto, isso também permite a seu oponente uma combinação geométrica eficaz.

18 B xh6!

18 N ed6 B xd6 19. B xd5 K g7 20. B xf7 R f8 não é tão eficaz, pois as pretas têm contra-chances.

18 ... B xh6 19. N ed6 R e6 20. N xb7 Q d7 21. B xd5!

A conclusão lógica da minha jogada anterior.

21 ... Q xd5 22. N xb6 Q xb3 23.axb3 R b8 24. N xc5 R xb6 25. N xe6 fxe6 26.b4 B g5 27.f4 B f6 28.fxe5 N xe5 29. R e3 R d6 30. R ae1 R d5 31.d4 N c4 32. R xe6 K g7 33. R 1e2 a5 34. R c6 Black pede demissão. Depois dele apenas se mova, 34 ... N d6, vem 35. R e6.

Uma breve autobiografia, sinais e reviravoltas do destino

Igor Zaitsev

Nasci em 27 de maio de 1938 e cresci na cidade suburbana de Ramenskoye em Moscou, uma estação na ferrovia da fábrica Kazansky. Minha mãe, Anna Fedorovna, e minha avó, Anna Petrovna, trabalharam na colheitadeira local da Bandeira Vermelha. De acordo com um documento extraído dos arquivos da época da guerra, meu pai, Arkady Georgyevich Agayan, morreu no front em 5 de maio de 1945, o que na verdade foi apenas alguns dias antes do fim oficial da guerra.

Aprendi os movimentos do jogo aos seis anos e, quando fui para a primeira série no outono de 1945, já estava vencendo a maioria dos meninos da minha idade. É verdade, devo admitir que, entre os filhos da fábrica, havia meninos que pareciam mais capazes do que eu. Mas, aparentemente, seu entusiasmo pelo xadrez não era tão forte quanto o meu - esta é uma condição básica para o aperfeiçoamento - e logo começaram a ficar para trás.

Não havia nem mesmo uma sugestão de qualquer estudo sistemático naquela época, é claro. Jogávamos apenas o “rei da colina” ou nos “cantos vermelhos” - as “salas de jogos”, que todos os prédios de fábricas tinham naquela época. Pois naqueles tempos difíceis e excessivamente pobres do pós-guerra que foram nossa infância, não havia absolutamente nenhum livro de xadrez. Não tínhamos recursos nem para comprar um jogo normal de peças de xadrez. (Por exemplo, até 1956 eu fazia uso de peças metade das quais eu mesmo havia feito de plástico.)

O jogador de xadrez mais forte da cidade de Ramenskoye no final dos anos 1940 e no início dos anos 1950 era Nikolai Ivanovich Shishkanov. Todos os jovens da cidade estudaram xadrez com ele. E naquela época ele foi o primeiro a surpreender minha imaginação de infância com jogos de olhos vendados, incutindo para sempre em mim o amor por isso, uma das formas mais impressionantes de demonstrar as habilidades de alguém no xadrez.

Como a maioria dos mentores de xadrez contemporâneos que trabalharam com os jovens, considerei, e ainda considero, jogar sem olhar para o tabuleiro uma forma muito eficaz do processo de treinamento. (Claro, junto com isso, deve-se observar os cuidados normais para não prejudicar a saúde.) Com esse objetivo em mente, comecei, na medida em que era capaz, a espalhar a palavra na década de 1960 - isto é , há mais de meio século. Agora, o jogo vendado contra muitos entusiastas ganhou grande popularidade em todo o mundo, especialmente entre os mais altos escalões de profissionais.

A fim de popularizar o jogo com os olhos vendados, fiz nada menos do que 100 dessas exibições em nosso país. Eu os joguei com frequência principalmente na escola para jovens do esporte em Moscou (de 1960 a 1970) e durante as sessões na escola Anatoly Karpov, “Children of Chernobyl” (de 1992 a 2010). E provavelmente fiz dezenas dessas exibições no exterior (na Romênia, Malta e Irã).

Normalmente os espectadores recebem essas aparições de maneira bastante calorosa. A este respeito, recordo a minha exposição no clube de xadrez da capital de Malta, Valletta, que teve lugar por iniciativa da Sociedade para a Amizade Russo-Maltesa. Do princípio ao fim, foi seguido com interesse pela embaixadora do nosso país em Malta, Valentina Ivanovna Matvienko.

Via de regra, para não arrastar o tempo e não interromper a programação do dia dos participantes,

Eu limitaria minhas performances a 6 a 8 pranchas. Mas então, se houvesse uma chance, eu tentei escolher alguns jogadores mais fortes, principalmente Candidate Masters.

Quando você joga com os olhos vendados, você não apenas desenvolve seu estado de alerta combinativo e aprimora sua técnica para calcular variações, mas também desenvolve o hábito - que pode ser a habilidade mais importante - de eliminar variações laterais e tomar imediatamente o caminho principal de seu plano estratégico. A título de ilustração, posso apresentar um exemplo da minha exposição vendada na cidade de Calimanesti, Roménia, de 1993 (+5, -1, 0).

Zaitsev - Nagy
Exposição Blindfold 1993
Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 e6 3. N c3 a6 4.g3 N c6 5. B g2 Q c7 6.0-0 N f6 7.d4 cxd4 8. N xd4 B e7 9. R e1 d6
10 N xc6 bxc6 11.e5 dxe5 12. R xe5 0-0

Depois de 12 ... B d6, as brancas podem escolher entre 13. R e1, mantendo todos os seus pontos positivos posicionais, ou 13. Q f3.

13 B f4 Q b7

13 ... B d6 seria ruim aqui, em vista de 14. R xe6 B xf4 15. R xc6, e as brancas teriam uma vantagem decisiva.

14 N a4 N d5 15. B d2 R d8 16.c4 N b6 17. N xb6 Q xb6 18. Q c2 a5

A ameaça era 19. B a5.

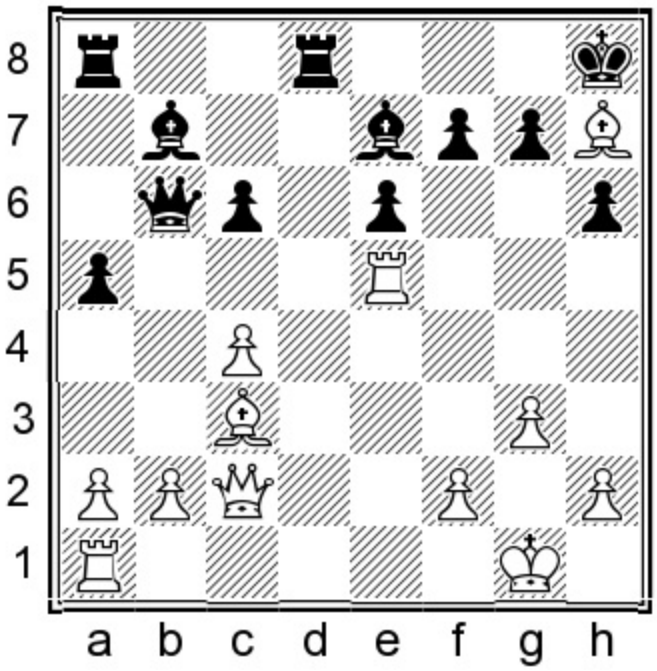
19 B c3 B b7 (Se 19 ... B f6 ?, então 20. R h5) **20 B e4! h6**

Mais de 20 anos depois desse jogo, muita coisa aconteceu no mundo do xadrez. Agora, para quem tiver alguma dúvida de que, depois de 20 ... g6 21. B xg6, a posição das pretas é impossível - bem, ele só teria que conectar seu computador para se convencer disso: 21 ... fxg6 22. R xe6 K f7 23. R ae1 R d7 (o bispo não tem para onde ir, em vista da ameaça de White de R f6 +) 24. Q e4 Q c5 25. Q f4 + Q f5 26. Q h6, e os muitos “buracos” na posição preta pressagiam um resultado desagradável para ele neste jogo.

O mais interessante é 21 ... hxg6 22. R xe6 K f8 (22 ... R d7 23. R xg6 +) 23. R xe7 K xe7 24.c5 !!, após o qual o rei preto está inesperadamente em uma rede de acasalamento: 24 ... Q c7 (24 ... Q b5 25. Q e4 + K d7 26. R d1 + K c8
27 R xd8 +, com mate em alguns movimentos; ou 25 ... K f8 26. Q e5) 25. Q e4 + K f8 (as pretas perdem imediatamente após 25 ... K d7 26. B e5) 26. Q h4 R d5 27. Q f6 R f5 28. Q g7 +.

21 B h7 + K h8?

Este é o erro e é decisivo. Depois dos 21 ... K f8! 22 R xe6! fxe6 23. Q g6 (23. B xg7 +? K e8!)
23 ... B f6 24. B xf6 R d7, qualquer tentativa de vitória afiada para as brancas seria acompanhada por um risco definido e, mais do que provavelmente, ela teria que se contentar com um empate por xeque perpétuo: 25. B xg7 +! R xg7 26. Q f6 +
R f7 27. Q xh6 + K e7 28. Q g5 +! K f8 (a tentativa de cruzar a coluna d e esconder seu rei no lado da rainha resultaria em derrota para as pretas) 29. Q h6 +, etc.



22 R xe6 !! fxe6 23. B xg7 + K xg7 24. Q g6 + K h8 25. B g8!

Contra a ameaça do mate, as pretas não têm defesa satisfatória. Black pede demissão.

Descobri que o resto da minha vida foi totalmente envolvida com o xadrez. Eu joguei; Eu treinei outros para jogar; Eu analisei. Em suma, estava completamente imerso no mundo do xadrez que adoro. Ao longo de cinco anos, consegui trabalhar como correspondente estadual de três revistas diferentes:
Shakhmatnaya Moskva (Moscow Chess), a revista *Shakhmaty v SSSR (* Xadrez da URSS), e na seção editorial de *64* Por seis anos, fui o assessor analítico de Tigran Petrosian e, por quatorze anos, fui o treinador constante e o segundo depois de Anatoly Karpov.

Periodicamente, eu viajava para o exterior, como treinador sênior do que naquela época era a sempre vitoriosa equipe da URSS. Tenho na minha estante de troféus três medalhas de ouro nas Olimpíadas de xadrez. E assim, eu tenho três dessas distinções para o Campeonato Mundial e Europeu por equipes. E também tenho mais duas medalhas por treinar o campeão da URSS, Petrosian, em Yerevan em 1975, e Karpov em 1982.

Também prestei assistência de um treinador e apoio analítico para cerca de 10 jovens jogadores *a caminho*
ao título de grande mestre.

Perdoe-me por minha falta de humildade, mas pensei muitas novidades teóricas e elaborei uma série de sistemas de abertura, que espero que permaneçam sob meu nome nas edições do *Enciclopédia de aberturas de xadrez.* Claro, tudo isso foi o resultado de pesquisas criativas tensas e esforços analíticos constantes.

Por mérito no campo do trabalho de formação, fui condecorado com a Ordem da Amizade dos Povos em 1981.

Essas parecem ter sido conquistas decentes. Mas, olhando para trás, para minha vida e minha época, não sinto nem complacência nem - muito menos - auto-satisfação. Pois apesar do fato de que durante minha "administração de treinador" Anatoly Karpov ganhou três partidas do campeonato mundial consecutivas (sem contar as partidas de candidatos), o grande Karpov, mesmo com minha ajuda, perdeu a coroa de xadrez para outro grande jogador de xadrez, e um par. oponente mais jovem, Garry Kasparov.

É verdade que Emanuel Lasker, diante de situações semelhantes, disse que para um mago vencer outro, ele precisaria fazer um milagre. Mesmo assim, isso não é consolo suficiente para mim como treinador. E reconheço que houve momentos em que me senti como o herói do romance de Stendhal, *Le Chartreuse de Parme,* Fabrizio del Dongo, quando os pássaros tordo o levaram de carro para Nápoles, gritando com escárnio que este foi o homem que ajudou Napoleão a perder a Batalha de Waterloo!

Em meus 82 anos de vida, tive, como qualquer outro homem, é claro, meus próprios hábitos e meus próprios apegos culturais. Amo poesia de poetas contemporâneos (e eu mesmo de vez em quando sinto a coceira poética), cujos nomes associei à abreviatura mnemônica EVROPA (Evtushenko, Vysotski, Rozhdestvensky, Okudjava, Pasternak, Akhmadulina). Adoro música clássica (Bach, Beethoven, Mozart e especialmente Chopin) e a variedade de interpretação de artistas como Joe Dassin e, operaticamente, de Dmitri Hvorostovsky. Como diletante, gosto de cantar os grandes cantores do passado: Chaliapin, Caruso, Lemeshev, Kozlovsky; e seus contemporâneos Domingo, Pavarotti e Carreras. Também adoro óperas selecionadas, captando nelas ecos de paixões eternas.

À medida que gradualmente perco a visão, leio cada vez menos. Eu releio continuamente apenas a minha Bíblia (Antigo e Novo Testamento), Turgueniev, boa poesia e, quando posso chegar a ela, literatura sobre xadrez.

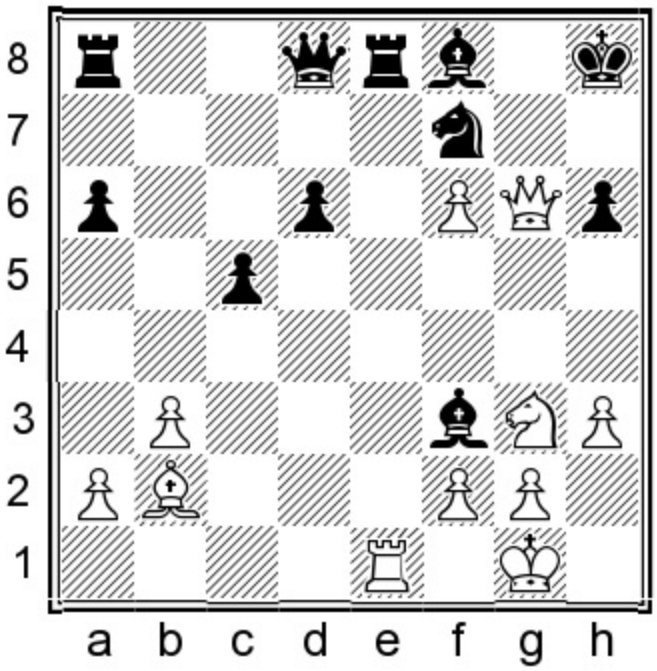
Claro, todo veterano nos últimos anos às vezes quer se manifestar. Mas não vou aborrecê-los com detalhes excessivos - ainda mais, porque nem todo mundo vai achar isso do seu agrado - porque os leitores têm seus próprios ideais e seus próprios afetos.

Como todos os vivos, vivi muitos sinais e muitas reviravoltas do destino. Mas descobri que todos eles estavam, de uma forma ou de outra, ligados ao xadrez.

Em 1970, pela primeira vez, fui incluído na lista de um torneio bastante forte, o Akiba Rubinstein Memorial, disputado no resort polonês Polanica Zdroj. Tive um bom desempenho no torneio e consegui o segundo lugar, cumprindo minha tão esperada norma internacional master. Mas das minhas duas semanas de permanência na Polanica Zdroj, o que mais me lembro é de um episódio que aconteceu em um dos dias do torneio. Éramos um quarteto: Vladimir Antoshin, Leonid Shamkovich e sua esposa Mila, e eu, andando antes da rodada no tempo quente e ensolarado através das florestas de carvalhos circundantes. Entramos em uma igreja, apenas para descansar um pouco no ambiente fresco e silencioso. Para mim, esta foi praticamente a primeira vez na minha vida que visitei um local de culto. Além de nós, a única outra pessoa ali, envolta em uma oração silenciosa, era uma mulher solitária. Naturalmente, a atmosfera que reinava em nosso interior definia nossos humores de uma certa maneira, ajudando a remover nossos pensamentos por um tempo de todos os cuidados terrenos. Tocar o Eterno, do qual muitas vezes fui convencido depois, nunca deixa ninguém sem deixar vestígios e sempre faz bem. Todos nós jogamos bem naquele dia. E eu, que ainda não sou um mestre internacional, consegui uma vitória sobre o próprio Borislav Ivkov.

Aqui está o final deste encontro memorável (para mim):

Zaitsev - Ivkov
Polanica Zdroj
Ruy Lopez



Alguns movimentos atrás, as brancas sacrificaram a torre e a peça por um ataque ao rei, e agora ele resolve o resultado com um ataque de acasalamento direto.

26 R e7! B d5 27. N h5 Q a5 28. N f4 Q d2 29. N xd5 e Black se demite.

Este jogo foi eleito o "Melhor do Torneio", e o cortês Sr. Wladyslaw Litmanowicz (na época, editor-chefe do jornal polonês de xadrez *Szachy)* me concedeu o prêmio no final do torneio, um grande vaso cristalino.

Isso não foi tudo. Naquela noite, aparentemente inspirado pelo sucesso, segui o rastro da ideia inicial que mais tarde desenvolvi no sistema que as pessoas agora chamam, em teoria, de Sistema Zaitsev de Ruy Lopez. Por outro lado, prefiro deixar mais detalhes dessa história nas páginas do livro que, se Deus quiser, ainda conseguirei arrumar para impressão. [Aquele que você acabou de ler! - Ed.]

Uma das páginas mais dramáticas da minha vida surgiu na segunda metade de 1978. Espero que muitos dos meus leitores se lembrem com que mudanças emocionantes a partida do campeonato mundial em Baguio aconteceu entre dois dos jogadores mais fortes da época, Anatoly Karpov e Viktor Korchnoi. Todos os que trabalharam naquela maratona filipina - que parecia nunca acabar - por
a mão do destino deu testemunho dos acontecimentos, que todos os que estão sintonizados nos meios de comunicação mundiais assistiram com grande interesse. E também houve um interesse inacreditável pela partida em todos os cantos do nosso enorme país. A título indicativo, durante o jogo recebíamos telefonemas constantes - várias vezes por semana - da Secretaria do Politburo, querendo saber como estava indo. E um dos segundos, geralmente Yuri Balashov, relataria de volta com a situação no quadro. Mas o que marcou esse fósforo em minha memória foi outro tipo de culminação.

Pelo que me lembro, faltavam 20 minutos para o início do 32º jogo, com o placar empatado em 5-5. Este seria o jogo decisivo que trouxe a vitória de Karpov na partida. A nossa delegação, praticamente com força total, reuniu-se no amplo salão do primeiro andar (tal era o ritual que se tinha estabelecido, após três meses e meio da “grande guerra do xadrez”). A enorme responsabilidade, mesmo para aqueles dias (e, como resultado, a enorme pressão sobre os nossos nervos) tinha feito o seu trabalho: todos estavam

suando e extremamente tenso, aguardando em silêncio a chegada de Anatoly. Naquele momento, cada um de nós tinha o mesmo pensamento inconscientemente girando em seu cérebro: Como o jogo de hoje terminaria?

E aqui estava nosso corajoso cozinheiro, Viktor Bobylev, que havia realizado brilhantemente sua tarefa; e não menos importante, ele sempre teve algo vigoroso para nós em qualquer situação, mesmo que difícil. Parecendo melancólico, como se mexesse nas contas de um rosário, ele embaralhava um baralho de cartas. E então ele aparentemente captou nossa atmosfera geral e inesperadamente sugeriu: “Ei, vamos prever o que vai acontecer hoje!” [Usando os cartões - Ed.]

Lembro que alguém fez uma objeção - provavelmente nosso psicólogo, o famoso professor Vladimir Zukhar - alertando-nos que no esporte é melhor não brincar com essas coisas. Mas a maioria de nós, para nos soltar um pouco, apoiava Bobylev. E assim nosso joguinho continuou. Por alguma razão, tive que escolher, porque eu era o segundo, suponho. E eu tive que assumir o papel de profeta e clarividente. Cedendo ao humor geral, pedi impulsivamente a Bobylev que contasse 27 cartas. (Cada pessoa tem seu número favorito, que tem significado apenas para ela.) Agora eu tinha que adivinhar qual cartão ele havia tirado. E quando eu, por algum motivo que não consigo explicar, tive a inspiração de dizer que devia ser a rainha dos clubes, meu palpite estava 100% certo! Não preciso dizer que essa coincidência incrível causou uma impressão muito forte. E realmente, naquele dia a sorte claramente sorriu para todos nós.

Para muitas pessoas, infelizmente, uma incrível cadeia de eventos em suas vidas não cria a impressão adequada. Mas todo tipo de coincidência quase nunca é aleatório, mas acaba sendo um reflexo de algumas regularidades incontroláveis - uma realidade espiritual diferente e mais provável.

Um dia vi como, no salão do torneio, uma lâmpada estourou com estrondo sobre a mesa de xadrez e seus fragmentos caíram onde, literalmente, segundos antes, o grande mestre N. estava sentado. Ele estava quase intocado e não conseguia explicar claramente por que, um segundo antes, ele havia se levantado de repente (e em movimento também!).

Às vezes, nós mesmos sentimos continuamente a influência, sem suspeitar, daquilo que foi dito por alguém de passagem, mas que penetrou em nossa alma - palavras e frases individuais que reunimos em nosso coração. Lembro-me de como na Escola Ramenskoye nº 4, depois de ter feito um relatório na nona série sobre a escola de Goethe *Fausto,* nossa professora de literatura, Lidiya Markovna, estava interessada no que eu queria ser mais tarde. E quando ela soube que eu pretendia ir para a faculdade de direito, ela disse: “Você quer? Você tem uma mentalidade analítica. ” Na época, eu não tinha ideia do que ela estava falando, embora de vez em quando me lembrasse daquelas palavras dela. E foi só mais tarde, quando estava sentindo uma atração irresistível pela análise do xadrez, que finalmente entendi que ela provavelmente estava certa.

Em meados da década de 1960 (1963), minha vida passou por uma mudança dramática: casei-me e me mudei para Moscou. Minha esposa, Tamara Porfirievna Kasinova, engenheira de formação, também era fortemente atraída pelo xadrez (uma candidata a mestre naquela época). Em um ano, tivemos uma filha, Olga. No campeonato nacional de 1970, Tamara conquistou a segunda colocação, cumprindo a norma da Master of Sport. Agora - nossa vida de casados durou 57 anos - ela também se tornou uma grande mestre por correspondência.

Naquela época, morávamos em uma casa de campo em Plyuschik, em um apartamento geral sem qualquer tipo de comodidades básicas. Nós cinco morávamos em um quarto de 26 metros quadrados [um pouco menos de 300 pés quadrados];

e mais algumas famílias viviam lá nas mesmas condições. Por outro lado, não estávamos sofrendo assim por acaso. Esse espaço residencial não era apenas antigo, mas também historicamente famoso. Pois era precisamente aqui, naquele nosso quarto, que funcionava o berçário de Lev Nikolayevich Tolstoi! Devo admitir que, na minha ingenuidade, vasculhei sem sucesso todos os armários e fendas. Eu até espiei sob o papel de parede antigo, na esperança de descobrir vestígios do autor de *Guerra e Paz.*

Uma vez (isso foi no final da década de 1960 ou talvez no início da década de 1970), quando eu já tinha mais de 30 anos, meus sucessos esportivos começaram a crescer novamente. Em um torneio grande mestre forte, Moscou 1967, dividi o terceiro lugar com David Bronstein, atrás apenas de Vassily Smyslov e Lev Polugayevsky. No ano seguinte, 1968, também trouxe sucesso no campeonato da capital, que contou com oito grandes mestres, entre eles o campeão mundial. Quando a poeira baixou, o primeiro e o segundo lugares foram compartilhados por Tigran Petrosian e David Bronstein e eu estava meio ponto atrás deles no terceiro lugar. Em 1969, consegui vencer o campeonato de Moscou e 1970 marcou minha entrada no evento da Zona da URSS.

Recebi críticas decentes na imprensa pela qualidade do meu jogo. Em alguns torneios bastante representativos (nas finais e semifinais da URSS), ganhei prêmios para os jogos mais bonitos. Em suma, era hora de pensar se eu deveria me dedicar em tempo integral ao jogo prático.

Mas minha hesitação durou pouco. O amor por, ou para colocar de forma mais simples, uma predisposição totalmente formada para explorações analíticas finalmente superou minha sede de batalha. Às vezes, a sedução do próprio jogo é um obstáculo intransponível no caminho do pesquisador, que tem que perceber que não é o indivíduo ou mesmo os movimentos mais deslumbrantes, nem a beleza incrível de uma variação, nem mesmo a ideia de quão paradoxais eles são pode aparecer, isso deve ser tudo e acabar com sua concentração tensa.

Todos os itens acima são apenas uma consequência dos processos nervosos que ocorrem no mundo virtual do xadrez, onde o próprio homem aparece no papel de Criador. (Um dia percebi que de todos os seres vivos que habitam a terra, apenas um ser humano pode entrar no mundo do abstrato!)

Na minha opinião, aqui está a harmonia: o material, bem disposto no espaço do tabuleiro, gera a energia da vantagem posicional de longo prazo; enquanto a ação harmoniosa da peça é um flash de curto prazo que destrói a vantagem dinâmica. E a combinação é uma espécie de mecanismo para garantir a transição de um tipo de energia para outro. É claro que, por enquanto, esse tipo de raciocínio permanece e parece puro filosofar, exigindo um estudo demonstrativo. Mas se o xadrez é uma arte, também deve ser inevitavelmente acompanhado por uma filosofia séria. Decidi que agora devo dedicar uma quantidade considerável de tempo a essas questões, tentando dar ao que acabei de dizer uma forma mais harmoniosa.

E assim a decisão foi tomada: eu me joguei de cabeça na análise do xadrez, intensamente, já que naquela época eu havia começado meu trabalho com Tigran Petrosian, e então, com sua permissão, com Anatoly Karpov. Tendo sabido da minha decisão de me entregar totalmente ao trabalho de instrutor e trabalhar praticamente em tempo integral na função de instrutor, David Ionovich Bronstein (com quem tive a oportunidade de conversar ocasionalmente) nunca tentou me dissuadir de minha decisão uma vez que eu fiz isso. Ao mesmo tempo, avisou-me de algo do qual sempre me lembraria: “A partir de hoje, você terá que estar preparado para estar sempre nas sombras. Como a lua, você só vai brilhar com a luz refletida. ” Mas acho que quem segue o xadrez, e se encontra no meu lugar, não poderia abandonar

uma perspectiva tão tentadora - ver, pelo menos de vez em quando, como os melhores jogadores criam no mais alto nível.

Talvez aqui seja apropriado dar uma breve descrição de como minhas próprias predileções mudaram com o tempo. Mais do que provável, originalmente, da natureza, eu era dotado de um alerta combinativo decente e, muito naturalmente, por isso tentei complicações táticas a qualquer preço. De qualquer forma, desde minhas competições de juniores, fui irresistivelmente atraído por todos os tipos de gambitos, de cuja existência, no nível da teoria oficial, eu não tinha a menor idéia. Aqui está um dos meus jogos do Campeonato Júnior de Moscou em 1946, onde fiquei em segundo lugar.

Zaitsev - Shekhtman

1946 Moscow Junior Championship

Lisitsin Gambit

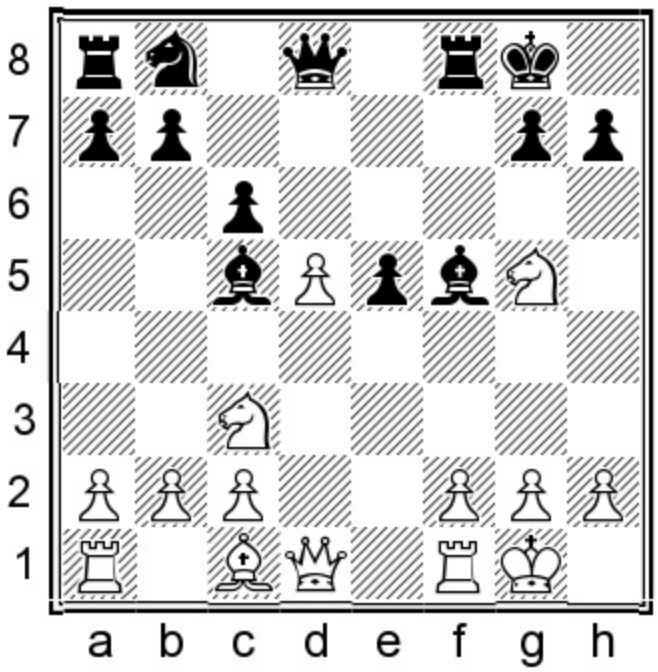
Aqui, gostaria de dizer algumas palavras sobre Eduard Iosifovich Shekhtman (1940-2007), com quem na vida compartilhei anos de trabalho conjunto. É a esta persistência constante desta pessoa que sou grato pelo facto de em 2004 ter sido impressa a primeira edição do livro que tens nas mãos.

1 N f3 f5 2.e4 !? fxe4 3. N g5 N f6 4.d3 e5 5.dxe4 B c5 6. B c4 d5 ?! 7 B xd5!

Uma decisão impulsionada pelo pensamento infantil, ainda sem o peso de estereótipos ou clichês. Eu suspeito que em uma idade mais alerta eu poderia ter respondido automaticamente com 7.exd5, e isso estaria errado da minha parte. Não é à toa que se diz que da boca dos bebês às vezes vem a Verdade!

7 ... N xd5 8.exd5 0-0 9,0-0 B f5 10. N c3 c6?

Esta atividade injustificada leva a um rápido *desfecho.*



11.g4! B c8

11 ... B e7 manteria o jogo um pouco mais: 12.dxc6 !; ou 11 ... h6 12.gxf5 hxg5 13. N e4 B e7

14.d6 B f6 15. Q g4, embora em ambos os casos as pretas não sejam invejadas.

12 Q d3! g6 13. Q c4! (usando o quadrado como cama elástica!) **13 ... B b6 14.dxc6 + K h8 15. N f7 + R xf7**

16 Q xf7 N xc6 17. B g5! e Black se demite.

Naquela época, nossa geração do pós-guerra mal estava familiarizada com as questões da teoria do xadrez. Portanto, arquivei tudo o que ocorreu no tabuleiro com o número crescente de meu xadrez *ex promptes,* na crença de que havia pensado em uma variação absolutamente nova. E meu oponente tinha a mesma opinião. Imaginem o espanto de Eduard e meu quando, após o término de nosso jogo, o mestre internacional Aleksander Nikolayevich Chistyakov, que estava assistindo tanto ao jogo quanto à análise, veio até nós e disse: “Crianças, vocês sabiam que sua estreia se chama 'polonês Estratégia?'"

Quando eu era jovem e estava perdendo um jogo posicional no tabuleiro aberto, tentava me desvencilhar com desenvoltura tática. E muitas vezes isso funcionava, embora envolvesse me submeter a um risco grande e muitas vezes injustificado.

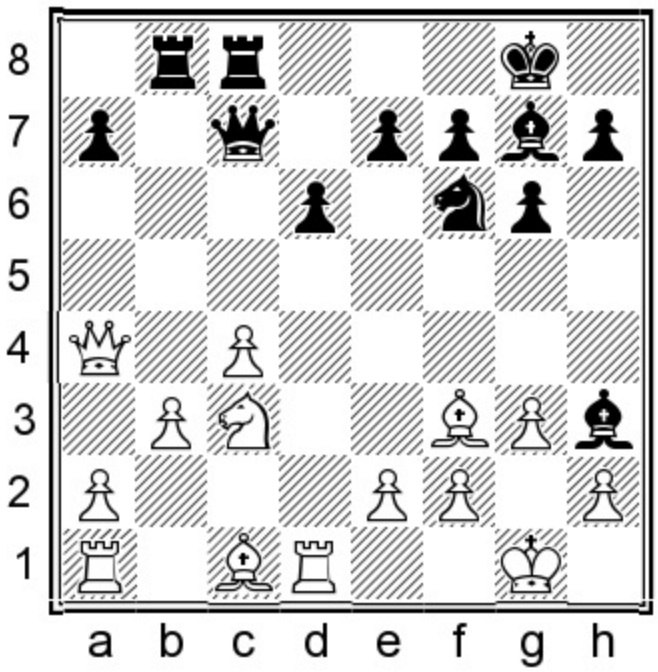
Polugaevsky - Zaitsev

1968 URSS Team Championship, Riga

Abertura em Inglês

1 N f3 N f6 2.g3 c5 3. B g2 g6 4.c4 B g7 5,0-0 N c6 6.d4 cxd4 7. N xd4 0-0 8. N c3 d6 !? 9 N xc6 bxc6

10 B xc6 R b8 11. Q a4 B h3 12. R d1 Q c7 13. B f3 R fc8 14.b3



14 ... N e4 15. B xe4 B xc3 16. R b1 B b4 17.c5 B d7 18.c6 B xc6 19. B xc6 Q xc6 20. Q xa7 Q e4 21. B e3

R a8 22. Q d4 Q xd4 23. R xd4 B c5 24. R d2 B b4 25. R db2 B a3 Desenhar.

Keres - Zaitsev

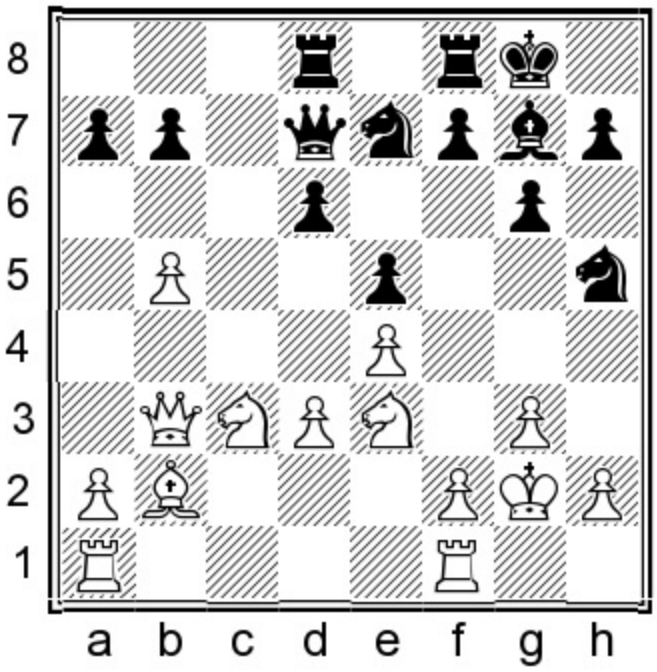
1968 URSS Team Championship, Riga

Abertura em Inglês

1.c4 N f6 2. N f3 g6 3.b4 B g7 4. B b2 0-0 5.g3 d6 6. B g2 e5 7,0-0 N c6 8.b5 N e7 9.d3 B g4 10. N fd2

Q c8 11.c5 B h3 12.cxd6 cxd6 13. N c4 B xg2 14. K xg2 Q e6 15. Q b3 N h5 16.e4 R ad8 17. N e3 Q d7

18 N c3



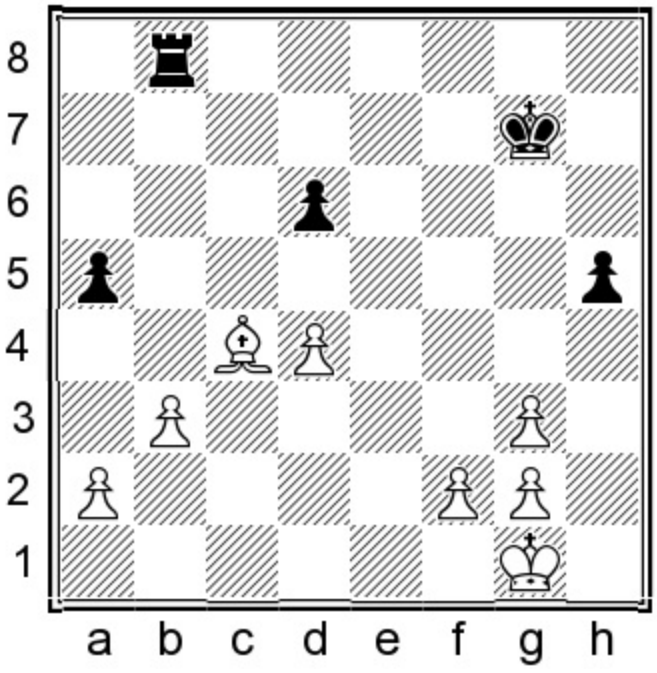
18 ... N f4 + 19.gxf4 exf4 20. N ed5 Q g4 + 21. K h1 Q f3 + Desenhar.

O primeiro jogo da minha vida (desde o jubileu do Campeonato da URSS em Yerevan 1962) contra o inesquecível Mikhail Tal deixou uma impressão muito forte em mim.

Tal - Zaitsev

Campeonato da URSS, Yerevan 1962

Uma batalha tática animada antes do controle do tempo nos deixou em um final de jogo em que o ex-campeão mundial teve três (!) Peões para a troca, com o que pareciam ser chances decentes de vitória.



Mas o plano de vitória das brancas poderia envolver apenas a criação de peões passados em ambas as asas. Vendo isso, e explorando uma nuance tática, as pretas priva seu oponente dessa chance no lado da dama.

36 ... R b4!

A ideia toda é que as brancas não têm tempo de expulsar a torre impertinente para manter a flexibilidade de sua estrutura de peões na ala da rainha em 37.a3 ??. Como Tal sem dúvida viu em segundos, eu havia preparado o contra-ataque 37 ... a4 !! em resposta: 38.axb4 a3– +; 38 K f1 R xb3! e é o preto quem vence! Portanto, o que se seguiu foi:

37 K f1 a4 38. K e2 d5 39. B xd5 R xd4 40. B f3 a3 41. B xh5

Lembro-me que o 30º Campeonato da URSS foi disputado diante de uma multidão enorme (na Armênia, o xadrez é sempre excepcionalmente popular) e que, para os fãs locais de Caissa, este foi um verdadeiro feriado. E na véspera do nosso adiamento programado, dentre os muitos grupos de torcedores, fui abordado na rua por duas pessoas que apontaram que caso Tal ganhasse o nosso jogo, ele alcançaria Korchnoi. E então, para o indescritível prazer da população local, o feriado do xadrez continuaria porque haveria uma partida de playoff imediata para o título de campeão nacional.

Mas é claro que o milagre não aconteceu e, no adiamento, depois de apenas alguns movimentos, foi Tal quem ofereceu o empate.

41 ... R b4 42. B f3 R xb3 43. B d5 R b5 44. B c4 R b4 45. K d3 R b2 46. K e3 K f6 47. B d5 R b5 48. B c4 R b2

49.g4 R b4 Desenhar

No entanto, o tempo foi passando. E finalmente entendi que, se contasse apenas com contorções táticas, não iria muito longe. Isso me impeliu a pensar seriamente sobre a questão de minha estratégia geral de xadrez. O que devo fazer? Aparentemente, esse seria o destino de todos os enxadristas com tendência tática, do pequeno ao grande. Lembre-se da descrição precisa que Aleksander Alekhine disse de Max Euwe: “Aqui está um estrategista que, a qualquer custo, decidiu se tornar um bom estrategista”. E naquele dia decidi que tal metamorfose, mesmo na ausência de qualquer grande dom natural para o posicional, seria, a meu ver, perfeitamente alcançável. Na verdade, este livro é dedicado a vários aspectos da estratégia do xadrez.

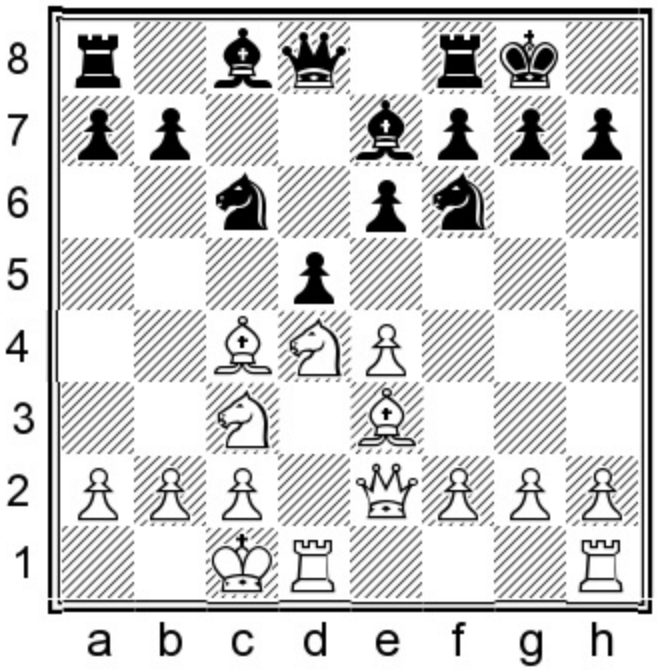
A ambição do xadrez, característica de qualquer jogador de xadrez, é o que guarda um episódio na minha memória. Quando joguei Evgeny Gik naqueles anos pelo campeonato da MGU (fui campeão daquela escola por dois anos), encontrei um sacrifício de peça pitoresca sobre o tabuleiro. Um conhecido trio, Lilienthal, Flohr e Bronstein, em homenagem a uma ideia inesperada, reuniu-se na Sala “Grande Mestre” do Central Chess Club e analisou o andamento do jogo.

Zaitsev - Gik

Moscou 1967

Defesa siciliana

1.e4 c5 2. N f3 e6 3.d4 cxd4 4. N xd4 N c6 5. N c3 d6 6. B e3 B e7 7. B c4 N f6 8. Q e2 0-0 9,0-0-0 d5



10 N xe6 !? fxe6 11.exd5 N a5 12.dxe6 Q c7 13. B d5 Q e5 14.f4 Q f5 15.h3 B xe6 16.g4 Q xd5 17. N xd5 B xd5 18. R xd5 N xd5 19. B d2 R f7 20. B xa5 e Black se demite.

Mas vamos voltar à posição do diagrama. Depois de 45 anos, quando consegui trazer essa posição para o meu computador, fiquei mais uma vez surpreso ao ver como o jogo humano difere fundamentalmente do computador. Minha ambição no xadrez, confesso, foi gravemente ferida pelo fato de que o alerta taticamente “Houdini”, mesmo no 21º nível (simplesmente não tive paciência para esperar mais do que isso), à queima-roupa não queria ver isso continuação. Ou seja, em algum lugar dentro desse aparelho de ferro que parece uma caixa registradora, é claro, estava avaliando o movimento N xe6.

Mas ao se esforçar 100% para realizar a tarefa que um ser humano definiu para ele - substituir completamente um processo de cálculos aritméticos por uma jogabilidade criativa - ele não inclui o sacrifício do cavaleiro nem mesmo nas 10 possibilidades que examinou. Portanto, a atenção que três grandes mestres com reputação mundial prestaram a essa ideia parece nada mais do que sua excentricidade. Sim, e supus, e continuei supondo até hoje, que tais decisões bonitas e memoráveis (praticamente além da consideração de sua força objetiva) contêm em si um certo componente espiritual, que também permite que o xadrez se apresente como arte. Provavelmente é necessário mudar alguma coisa. Caso contrário, seguindo a esteira da lógica do computador, o xadrez irá irrevogavelmente empurrar para um mundo de indiferença incolor, em um mundo desprovido de preferências emocionais e estéticas. Será mais lucrativo e simples dominar o que já foi feito antes e depois de você - em outras palavras, a técnica do xadrez. Novos avanços ao longo dessa estrada inevitavelmente levarão os artistas de xadrez a se transformarem em desenhistas de xadrez.

Espero que o leitor compreenda que neste caso não falamos de um fragmento do meu jogo, porque milhares de exemplos talvez mais famosos e claros caem no beijo do computador. O que me assusta é o esfriamento geral dos estilos que ocorrem sob a poderosa pressão do computador. O esforço para eliminar qualquer tipo de surpresa é uma característica do xadrez de hoje e leva a cada vez menos jogos, permitindo espaço para batalhas animadas. E a parte técnica programada recupera mais e mais

território.

Geralmente, olhando para trás, muitas vezes me pego pensando que meus melhores anos passaram tão rápido que minha memória não foi capaz de capturar certos momentos felizes e transformá-los em minha própria propriedade imóvel. E o inverso: o que me lembro distintamente - tudo o que aconteceu - é como se não tivesse acontecido comigo.

Resumindo meus anos, gostaria de dizer que, no geral, sou grato a um destino que, ao longo de mais de meio século de minha presença ativa no xadrez, me trouxe, me permitiu estar ao lado, criativamente trabalhe com, ou simplesmente interaja com muitos personagens geniais e historicamente significativos do xadrez, e com muitas pessoas maravilhosas.

- Igor Zaitsev

Poemas

Igor Zaitsev

A editora deseja estender sua gratidão a Madeleine Pulman-Jones por suas esplêndidas traduções dos poemas de Zaitsev.

1. Sem título

Talvez eu tenha escorregado quando,

Quando a cortina do destino caiu,

Decidi, a título de elogio, ser poeta

entre meus amigos.

Primeiro, comecei um caderno, E comecei a

decorar fragmentos de dísticos rimados Para

agradar aos meus entes queridos. Eles criaram

este meu mito, Que sem esforço eu comando

rima.

Então eu me empolguei

Como madeira flutuante por esta arte estranha, Que

não deu atenção

Aos meus protestos!

Em que sentido o xadrez é como arte? Ambos

requerem um "sexto sentido". Sim - essa

mesma intuição

Isso dá força à tradição.

E musas imemoriais

De vez em quando, junte forças -

Tendo unido Caissa com a lira da musa,

apresentaremos um novo estilo ao mundo.

Que cada um tenha sua comitiva, Aqui um

roque, ali um casamento.

Aqui, o que temos é uma finta de blefe - Lá, em

latim, um “equívoco” -

Uma procrastinação mútua e

confortável - como a morte!

E foi assim que aconteceu - minhas “limericks”

chegaram às costas da América!

2. Sem título

Não há passatempo mais agradável do que quando, Tendo

colocado os peões,

Encontramos alegria em nos

inclinarmos sobre o tabuleiro de xadrez.

O jogo é glorioso, mas implacável - afinal, os

peões atacam o rei. Sua fórmula é a seguinte

Teste, companheiro, vitória, voilà!

3. Para Andor Lilienthal

Eu invejo este señ or - suas análises são sempre
da mais alta ordem. Eles rivalizam com os de
qualquer jogador de xadrez em profundidade e
beleza.

E assim, gostaria de demonstrar, em duas etapas,
o quanto o valorizo. Em primeiro lugar - tiro o
chapéu para ele, e em segundo lugar - inclino a
cabeça.

4. Para Yuri Balashov (Para meu treinador - meu parceiro nas lutas pelo campeonato mundial)

Tenho enfrentado uma tarefa não pequena, Ajustando
os relógios para meus próprios sinos, Para recuperar
todas aquelas datas e anos Quando éramos segundos
juntos.

Pedantes severos, não discutam,
Tentando me encalhar -
Sem duelistas, dizem eles, não há segundos! E xadrez -
que tipo de duelo é esse?

Você enfrenta estresse no pior dos casos,
Mas você pode alegar que existe um risco fatal,

O tipo enfrentado por Pushkin e D'Anthes Quando eles

colocaram a vida e a honra em jogo ?!

Eu respondo, antes de qualquer assembleia,

Que lutamos longe de nossa Pátria Pelo direito

de alcançar a maior honra, Mas ao mesmo tempo

... por Natalya.

5. Para Yuri Averbakh

Todo mundo sabe que é difícil viver um ano, mas

noventa anos inteiros?

Preservar, diante disso, o caráter, Mente delicada,

memória e ironia!

No ano do jubileu de Averbakh, em primeiro lugar,

desejo para ele

Que os ponteiros do relógio rastejam

como uma tartaruga.

E em segundo lugar, que ele compete com mais

frequência em público. E em terceiro lugar, que

ele terá tempo para tudo nas próximas décadas!

6. Campeonato Juvenil, Moscou 1956

Tocamos no Stopan há

muitos, muitos anos,

Eu vejo, como se fosse um filme, Nosso

campeonato de infância.

Tendo feito seu movimento, vejo, caminhando

entre as mesas de xadrez, Krementskiy e

Quinji,

Thompson, Shekhtman e Krasnov.

Foi um eco do espírito do mundo - O último

dia do torneio. Por exemplo, esses dois,

Bubnov e Ilya Koyfman.

Tendo começado com o jogo espanhol, eles rapidamente

compartilham um ponto,

E se apresse para devolver seus formulários

Nas mãos do rigoroso Penchko.

Todo mundo está jogando rápido,

Esperando pelo placar final.

Por alguma razão o lustre se apaga, Nós

gritamos, ligue!

Finalmente, eles ligam, O acabamento está

próximo - uau! À medida que avançamos,

eles nos dizem,

Que os vencedores serão classificados

Candidato a Mestrado em Esporte.

Mas não se apresse crianças, Para estar

no sorteio adulto.

Muitos de vocês, no século vinte e um, não estão

mais nesta terra

7. Sem título

Hoje, o xadrez é comparado a um baile de máscaras E provoca

sentimentos ambivalentes - os computadores comandam o show

Ele perdeu sua arte anterior.

Houve um tempo no xadrez, quando havia

uma musa da inspiração, quando gente

como Spassky e Tal

Brilhou, levando-nos ao mais alto plano espiritual.

8. Para Tal

Tal tinha seu próprio estilo distinto. Ele preferiu

não atrasar seu ataque, E, tendo acendido seu

pavio tático, iria enfiá-lo em seu barril de

pólvora.

E nas tempestades mais intensas e ardentes,

Como no ritmo da ascensão de Sirtaki, as peças
foram, ligadas em fileiras, enviadas em direção ao
fogo inimigo.

Agora, qualquer um, tendo comprado suas obras reunidas, Will
exclamar, tendo estudado todas elas, Tal realmente era um
adorador do fogo -
Tudo o que ele fez, ele fez com uma faísca!

Vamos nos lembrar dele!
Deixe tudo queimar em chamas!

9. A Filosofia da Preguiça

Infeliz o homem que atinge seus objetivos! Ele é um peão
transformado em rainha.
Deve-se perseguir seu objetivo provisoriamente,
Recuar a cada passo.

Desejo que todos possam compartilhar Minha
convicção de que está em
A busca de objetivos ilusórios
Que o significado da existência terrena reside!

É daqui que vem a conclusão, Que a vida é pouco
mais que um passatempo, E é preciso, neste
carrossel diário,
Viva sem pensar - deslize pela superfície.

Essencialmente, a vida não tem objetivo -

então é impossível alcançá-la!

10. Para Velhos Grandes Mestres

Apesar da inconsistência ocasional,

O estilo de seus jogos é tão animado quanto antes: Eles jogam

sem instruções do computador - Eles jogam com suas próprias

cabeças!

11. De fato

O que antes era uma missão tola foi substituído por uma

devastação ainda mais terrível:

Agora estamos “ficando seriamente ricos”,

enfraquecendo a força de nosso espírito.

12. Sem título

Às vezes acertamos o alvo, às vezes erramos. Nossa mira

oscila como mercúrio

Entre “muito perigoso” e “seguro”.

Mas, mesmo assim, quanto queremos arriscar!

13. Elegia

Quando você tiver mais de setenta anos, não faça nenhum plano de longo prazo,

E não sonhe com raios

De visitar quaisquer terras estrangeiras novamente.

De fazer um novo círculo de amigos.

O seu antigo séquito não é suficiente?

Seus amigos, conhecidos e até mesmo seus livros antigos? Fechar-se

e moderar seus apetites, saboreando a vida pedaço por pedaço.

Quando você tiver mais de setenta anos, lembre-se do milagre, E

Cujas mãos seguram o fuso.

Existem frequências, ritmos e amplitudes, que não podemos

compreender.

Quando você tem mais de setenta anos, você cumprimenta cada dia que vem

com uma espécie de ansiedade secreta e entende: tudo na vida vem de Deus -

Você persegue os pensamentos nas sombras com a oração.

14. O Treinador do Gênio

(Versos irônicos)

Eu mesmo costumava jogar *incrivelmente,*

Mas em minha vida, conheci um gênio!

E eu pisei de boa vontade em sua sombra Com a

melhor das intenções.

Desde então, estou meio esquecido, mas,

apesar disso, não cedi, Pensando “Serei um

prolífico

Escritor de livros. ”

Como pássaros assustados,

Os dias passaram - ano após ano.

Torneios, jogos no exterior -

Isso tudo ficou para trás. E já não sou mais o mesmo!

Eu queimei e arruinei minha saúde Fazendo

análises até o amanhecer, Agora eu me

amaldiçoo por tudo isso,

É tarde demais - minha vida já passou por mim!

Como um cogumelo com a tampa cortada,

Pisado por acaso,

Atormentado no tempo frio, Sobre meu

destino não cumprido.

Eu me sento, tendo me envaidecido como um galo,

E filosofar.

Perdoe-me - que mulher gostaria de se aproximar de um

homem assim com uma carícia?

Tudo começou com um empate

Uma Lembrança *

Anatoly Karpov

12º campeão mundial

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.6 / 2008. Ele foi escrito por ocasião do 70º aniversário de Igor Zaitsev.

Igor Zaitsev é uma pessoa absolutamente maravilhosa. Ele não é comum; ele é muito teórico. Em teoria, como jogador, ele deveria ter alcançado grande sucesso, mas sua abordagem criativa dominou o racional. Ele resolveria tarefas simples por meio de uma combinação que nem sempre funcionava para ele. Um grande teórico e analista com sua caneta maravilhosa - é uma pena que não a tenha colocado para funcionar com mais frequência. E há outro lado de sua vida criativa: poucas pessoas sabem disso, mas ele também escreve ótimos versos.

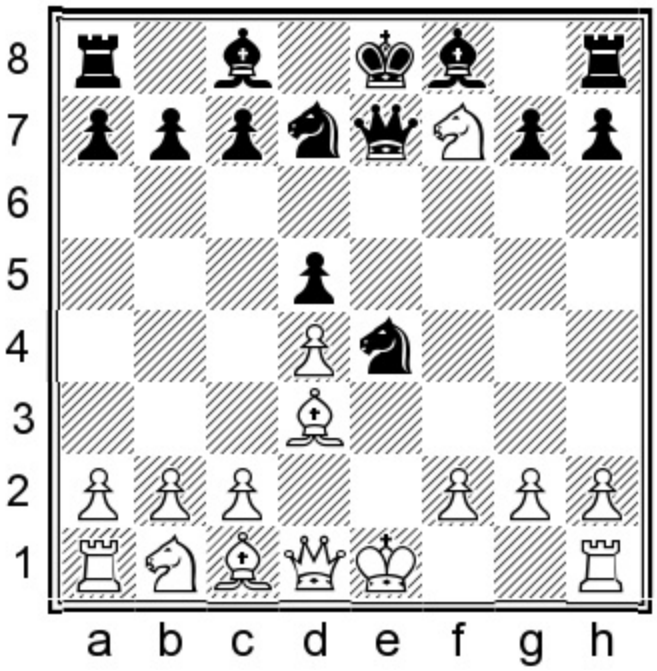
Foi realmente maravilhoso os momentos em que trabalhávamos juntos. O nosso relacionamento começou há mais de 50 anos, em 1966, em Leningrado, onde ambos disputámos o torneio “Candidatos vs. Masters”. Foi aí que cumpri minha norma mestra, ficando em primeiro lugar entre os candidatos. E Igor Arkadyevich foi um dos examinadores; ele apresentou o melhor resultado de todos os mestres. Lá jogamos um jogo muito interessante que entrou em todos os manuais de abertura - porque apresentava um sacrifício de cavalo em f7.

Zaitsev - Karpov

Leningrado 1966

Defesa petroff

1.e4 e5 2. N f3 N f6 3.d4 N xe4 4. B d3 d5 5. N xe5 N d7 6. N xf7 !? Q e7



6 ... K xf7 7. Q h5 + K e7 8. Q e2 K d6 9. B f4 + K c6 10. B xe4 dxe4 11. Q c4 + K b6 12. Q b3 + K a6 13. Q a4 +, e um empate por cheque perpétuo.

7 N xh8 N c3 + 8. K d2 N xd1 9. R e1 N xf2 10. B xh7 (10 R xe7 + B xe7 11. B xh7 B g5 + favorece o preto)

10 ... N e4 + 11. R xe4 dxe4 12. B g6 + K d8 13. N f7 + K e8 14. N d6 + Desenhar.



Baguio, 1978. A Brigada de Treinamento de Anatoly Karpov no trabalho. Da esquerda para a direita: Igor Zaitsev, Yuri Balashov, Mikhail Tal.

Este ano marca exatamente 30 anos desde que trabalhamos juntos em Baguio. [Este ensaio foi publicado em junho de 2008 - Ed.] Igor Zaitsev se juntou ao nosso grupo de treinadores em 1977, mas nossa estreita cooperação começou um ano depois, ali mesmo em Baguio - após a morte de meu treinador de longa data, Semyon Furman - para o meu partida contra Viktor Korchnoi. Antes disso, Igor Arkayevich ajudou Tigran Petrosian e Lev Polugaevsky em suas partidas contra Viktor Korchnoi, e aprendeu bastante sobre ele. Isso foi muito importante para mim, assim como o fato de Zaitsev estar sempre cheio de ideias novas e originais, algumas das quais foram utilizadas nesta partida. Mas, como eram principalmente de natureza combinatória, o público geral do xadrez (e também o time de apoio do meu oponente) atribuiu-os erroneamente a Mikhail Tal. Mais tarde, Igor Zaitsev e Yuri Balashov permaneceram como meu chefe de equipe de treinamento por um bom tempo. Igor ficou por mais tempo, até minha última luta com Garry Kasparov.

Formamos excelentes relações de amizade naqueles anos. Ele é uma pessoa muito sociável. No primeiro contato, ele pode parecer bastante fechado. No entanto, se alguém se aproxima dele, ele se abre e se torna uma pessoa totalmente diferente. Ele se revelou para mim um conversador interessante, com um maravilhoso senso de humor. Foi apenas com os esportes que não conseguimos nos conectar, por mais que eu tentasse. Ele simplesmente não está interessado neles. Mas ele é tão talentoso, de tantas maneiras, que se pode perdoar essa pequena deficiência.

Dou-lhe os parabéns pelo seu jubileu, de todo o coração - e desejo-lhe muitos anos saudáveis e também sucessos criativos!

- Anatoly Karpov

Mestre em Análise *

Grão Mestre Alexei Kuzmin

* Este artigo apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.6 / 2008. Ele foi escrito por ocasião do 70º aniversário de Igor Zaitsev.

O Mestre da Análise



Mais de 20 anos se passaram - e as fotos de quartos, hotéis e cidades se embaralham, como um baralho de cartas, na minha memória. Se não me engano, era uma “casa de relaxamento”, o Podmoskovye, no reservatório Klyazma - ali, junto com Rudolf Iosif Kimelfeld, ocorreu minha primeira vez no corpo “Karpovian”, apoiando o 12º campeão mundial. O oficial responsável por este corpo era Igor Arkadyevich Zaitsev.

Nós tínhamos nos encontrado antes. Tínhamos até jogado o mesmo torneio juntos, mas nossa colaboração começou lá, em Podmoskovye. Escrevi “colaboração”, mas imediatamente senti que havia algo de errado com essa formulação. Naquela primeira noite, demonstrando algumas variações, senti como se estivesse sendo atacado por uma chuva de golpes táticos. É uma coisa boa que Igor Arkadyevich ele mesmo não conseguiu impedir um monte deles. Naqueles dias, não havia programas de computador que pudessem resolver instantaneamente todas as táticas. Tudo tinha que ser feito à mão naquela época.

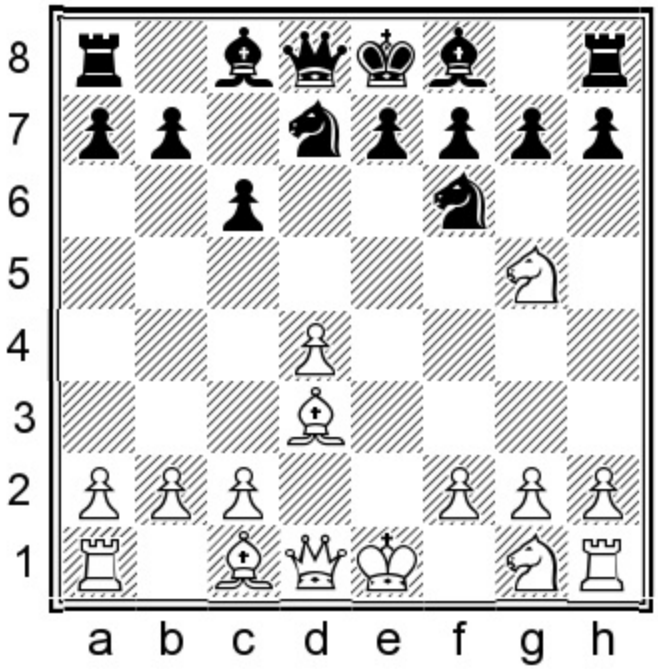
Qualquer pessoa que analise seriamente sabe que trabalhar em pares se parece mais com um jogo real: você faz o seu movimento e sua concentração enfraquece imediatamente, porque é a vez do outro sujeito pensar. Quando analisamos por conta própria, temos um problema diferente: assim que você encontra uma nova ideia, você realmente quer parar por aí, e não tentar refutá-la! No entanto, Zaitsev sempre analisaria os dois lados. Com sua significativa desenvoltura, ele elevaria o nível de seu trabalho a alturas inacessíveis a outras pessoas.

Igor Arkadyevich nunca manteria suas descobertas restritas ao colete. Ele jogava ideias como um perdulário. Quantas vezes, no trabalho no quarto de Karpov, preso, eu recorria a ele para obter ajuda. “Isso não é nada - vamos encontrar algo”, Igor Arkadyevich me animava. E realmente - algumas horas de análise cooperativa nos tirariam do meu beco sem saída.

Zaitsev começaria seu trabalho em uma nova posição procurando e elaborando algumas táticas menores. Isso seria como preparar a tela. Algumas tentativas seriam imediatamente refutadas; alguns ele levaria um pouco mais fundo. Ocasionalmente, eles se mostravam tão incomuns que pareciam absolutamente errados para mim. “Não vamos perder nosso tempo com isso!” Eu diria de vez em quando.

Minha reação pode ser justificada pelo fato de que eu definitivamente não estava sozinho em minha opinião. Lembro-me de quando Zaitsev trouxe pela primeira vez essa variação para o "tribunal superior": **1.e4 c6 2.d4 d5 3. N c3 dxe4 4. N xe4 N d7**

5 N g5 !? N gf6 6. B d3

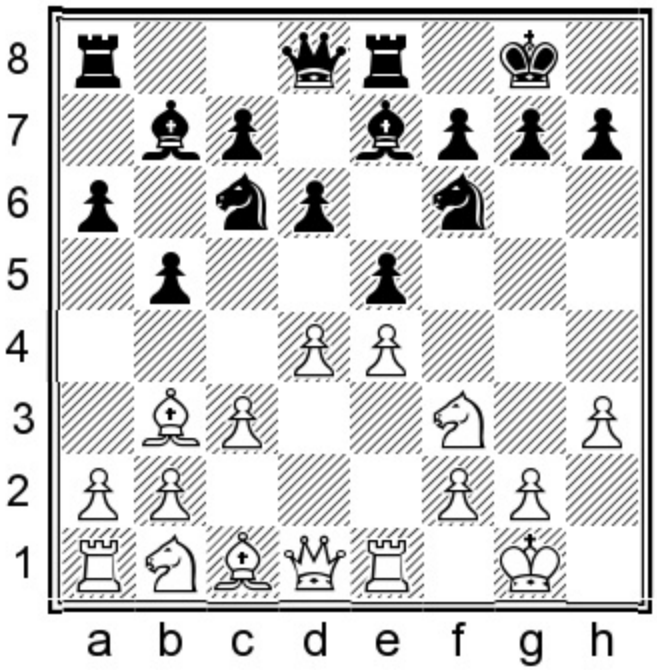


A ideia é desistir do cavaleiro, seja por **6 ... h6 7. N e6!** ou por **6 ... e6 7. N 1f3 h6 8. N xe6 !.** Foi recebido por sorrisos sarcásticos. Mas então, Anatoly Yevgenyevich se viu rodeado por Tal, Polugaevsky, Geller

. . . .

Na verdade, muitas idéias táticas propostas como apartes por Zaitsev podem ter sido objetivamente duvidosas. Mas, como um maestro, a princípio percorrendo as tonalidades quase ao acaso, ele então arrancava os primeiros acordes de uma melodia incipiente.

Assim, a base fundamental da Variação Zaitsev, que por mais de 30 anos manteve-se como uma das linhas principais do Ruy Lopez, tem uma pedra angular da tática em sua fundação: **1.e4 e5 2. N f3**
N c6 3. B b5 a6 4. B a4 N f6 5,0-0 B e7 6. R e1 b5 7. B b3 d6 8.c3 0-0 9.h3 B b7 10.d4 R e8



11 N g5 R f8 12.f4 exf4 13. B xf4 N a5 14. B c2 N d5!

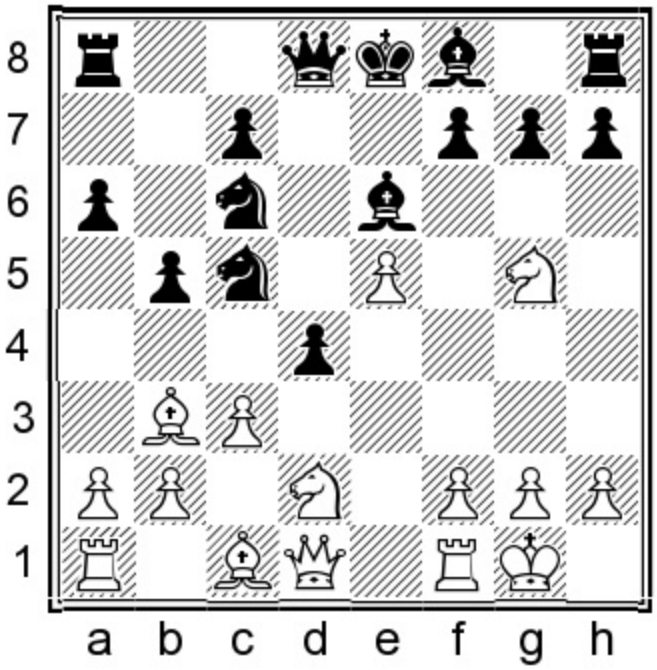
Da mesma forma, surgiram novidades muito marcantes nos jogos do campeonato mundial:

Karpov - Korchnoi

Baguio 1978

Ruy Lopez [C80]

1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 a6 4. B a4 N f6 5,0-0 N xe4 6.d4 b5 7. B b3 d5 8.dxe5 B e6 9. N bd2 N c5 10.c3 d4 11. N g5!



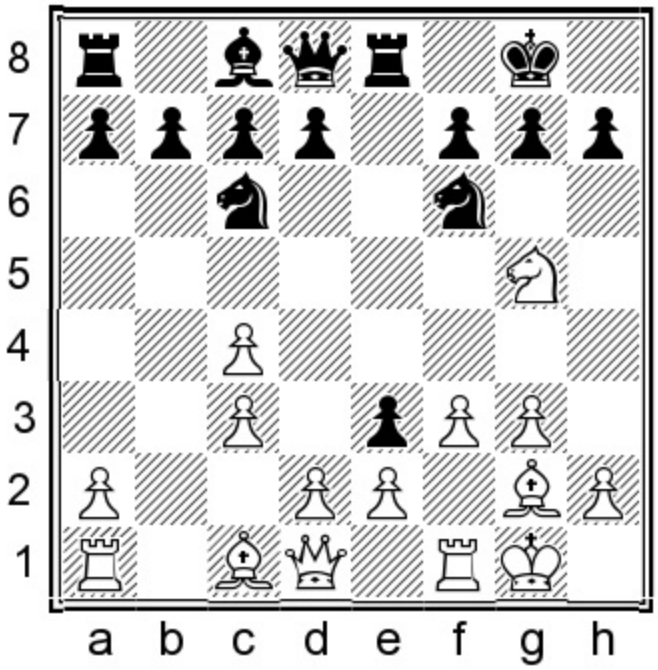
ou

Kasparov - Karpov

Sevilha 1987

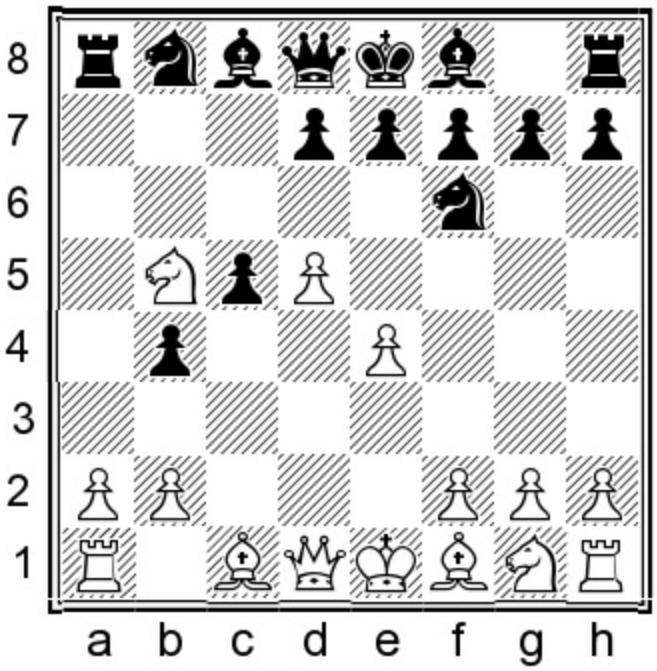
Abertura em inglês [A29]

1.c4 e5 2. N c3 N f6 3. N f3 N c6 4.g3 B b4 5. B g2 0-0 6,0-0 e4 7. N g5 B xc3 8.bxc3 R e8 9.f3 e3 !?



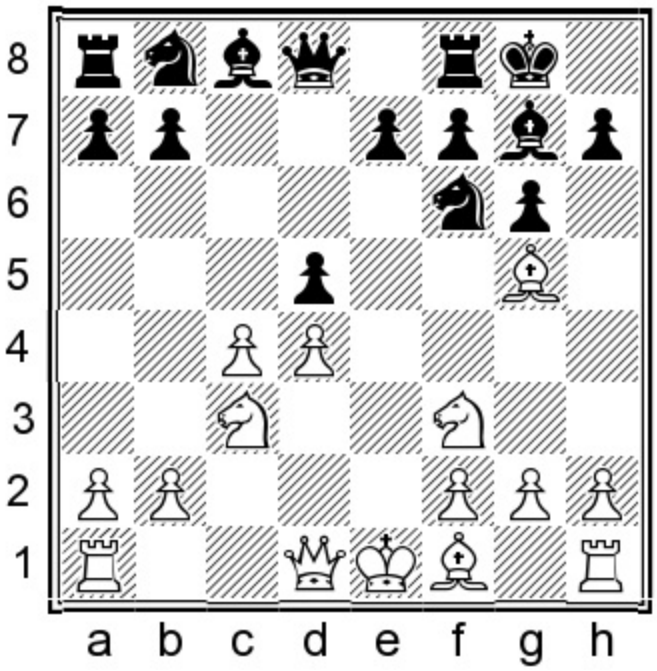
Eu mesmo dediquei muito tempo a essas inovações e aprendi com a experiência. Você pode ver que a torre preta fica melhor em e8 do que a torre branca em f1. Ou você pensa em uma nova maneira de trocar as peças - e sua alegria é redobrada! E ideias como 11. N g5! ou 9 ... e3 !? não estão nem no “computador-ese”, de Cheparinov! [Uma referência ao GM Ivan Cheparinov, segundo Veselin Topalov no grande episódio “Toiletgate” no campeonato mundial de xadrez de 2006. - Ed.]

Todas as concepções iniciais de Igor Arkadyevich são originais. Além da bem conhecida variação Zaitsev do Ruy Lopez, esta réplica original ao Volga [isto é, Benko - Tr.] Gambit também carrega seu
nome: **1.d4 N f6 2.c4 c5 3.d5 b5 4.cxb5 a6 5. N c3 !? axb5 6.e4 b4 7. N b5!**

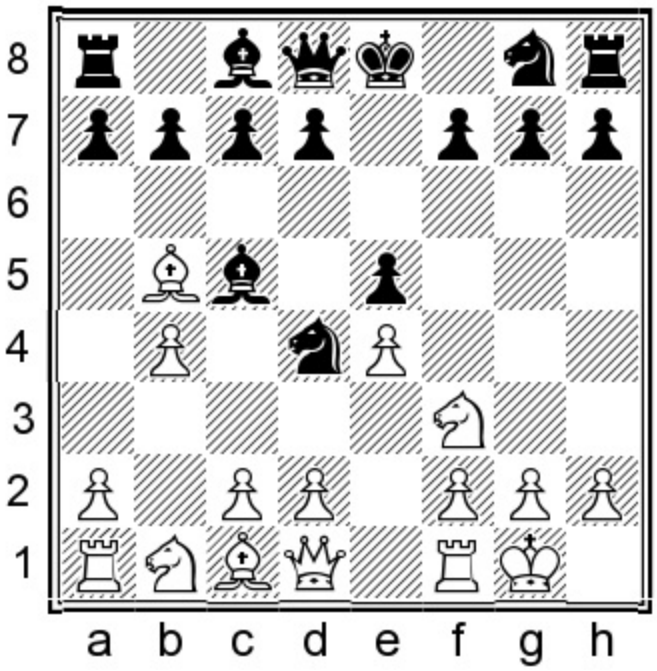


Admito: como alguém pode separar sua própria cavalaria da infantaria, ao mesmo tempo que define tarefas difíceis de resolver para o oponente, continua sendo um mistério para mim, mesmo agora.

E uma torrente de descobertas, como **1.d4 N f6 2.c4 g6 3. N c3 B g7 4. B g5 c5 5.e3 0-0 6. N f3 cxd4 7.exd4 d5 !?**



ou **1.e4 e5 2. N f3 N c6 3. B b5 B c5 4,0-0 N d4 5.b4 !?**



Igor Arkadyevich deixou essas descobertas e mais, anonimamente, tanto nas páginas dos periódicos de xadrez quanto nos fólios dos manuais teóricos.

Uma vez que Zaitsev escreveu: “A técnica de hoje nada mais é do que a criatividade de ontem”. Bem, o equipamento tático de hoje deve muito a ele!

Análise de jogos adiados, de variações de abertura, posições de meio-jogo e posições de xadrez em geral - esta é a base da criatividade de Igor Arkadyevich Zaitsev, seu hobby, seu papel, sua vocação. Ele é, sem dúvida, o melhor treinador / analista do século passado. Ele é o Mestre em Análise no xadrez. As sete (!) Partidas do campeonato mundial que ele passou como campeão de Anatoly Karpov são um recorde absoluto!

Outra demonstração de seu talento multifacetado é seu jornalismo de xadrez. Seu estilo gentil - com apenas um leve toque de ironia - sempre foi motivo de minha inveja genuína. Entrelaçado com um conteúdo de xadrez profundo, ele produz um efeito incomum. Seus exemplos foram memoráveis: “Às vezes, como o fio de Ariadne, forçar o jogo conduz por um labirinto de variações ...” ou “Na sombra do Evergreen” - análise crítica do jogo Anderssen-Dufresne, Berlim 1852.

As publicações de Zaitsev eram, como regra, ou uma ruminação nada óbvia no nível da filosofia do xadrez, ou então uma revelação de detalhes de uma posição que havia escapado à atenção do olho que tudo vê de "Fritz", bem como do atenção dos principais grandes mestres!

Claro, não contei tudo. Mas há mais uma coisa que gostaria de mencionar.

Igor Arkadyevich Zaitsev é um homem de crenças profundas. Sua fé é algo que você pode sentir em suas ações, em sua atitude em relação à vida e na atmosfera com a qual ele se cerca. E que eu, já adulto, vi a necessidade de me submeter ao rito baptismal, é em grande parte resultado da influência desta pessoa ímpar.

Viva muito e prospere, Igor Arkadyevich. Desejo-lhe paz interior - e novas descobertas no tabuleiro de xadrez!

- Alexei Kuzmin

Epílogo

Personalidade em grande escala!

Anatoly Bykhovsky *

* O mestre internacional Anatoly Bykhovsky é um Treinador Homenageado da URSS. Este ensaio apareceu pela primeira vez em *Shakhmatnoe Obozreniye,* No.5 / 1998

Acontece que a sociedade do xadrez em geral conhece melhor os nomes dos grandes mestres que lutaram pelo título de campeão mundial, ou pelo menos alcançaram grandes sucessos em torneios. Mas se eu fosse solicitado a nomear nossos contemporâneos que deram as maiores contribuições ao xadrez, então, entre os primeiros, eu deveria, sem hesitação, dar o nome de Igor Zaitsev.

O Grande Mestre Zaitsev é um fenômeno único em nossa vida no xadrez. Ele não foi suficientemente apreciado. Há duas razões para isso. Um está em suas qualidades pessoais: ele é do tipo mais humilde e propenso a se subestimar - tanto que às vezes isso me deixa embaraçado. Quem quer que esteja na sua companhia, procura sempre ser o menos notado, sentindo-se mais confortável na companhia daqueles 64 quadrados.

A outra razão é o papel que Zaitsev escolheu para si no grande espetáculo de xadrez. Ele é um treinador, um treinador da mais alta categoria. E é por isso que ele trabalhou, em primeiro lugar, com Tigran Petrosian e depois com Anatoly Karpov. Mas o treinador - e principalmente nas lutas pelo campeonato mundial - sempre trabalha nos bastidores. O laboratório de xadrez - ou a cozinha, por assim dizer - para essas partidas costuma ser cuidadosamente escondido. E só acidentalmente, com a confiança particular daqueles “primeiros diretores”, pode-se descobrir quantas ideias iniciais mostradas por eles foram encontradas por Igor Zaitsev. Por outro lado, às vezes podemos adivinhar quem foi o autor das novidades “mais malucas”.

Zaitsev é um analista brilhante. Agora, é difícil - para não dizer inútil - estabelecer sua própria contribuição pessoal para a análise dos jogos suspensos de Petrosian e Karpov. Via de regra, seriam trabalhos coletivos. Mas, felizmente, seus artigos e análises aparecem na imprensa de vez em quando. E os artigos de Zaitsev são atraentes não apenas por sua profundidade e precisão - eles são elegantes e “saborosos” também, como Mikhail Tal escreveu sobre eles. Nas posições que pareciam mais monótonas, ele poderia encontrar possibilidades interessantes. Ele sabe como fazer variações secas divertidas.

É interessante acompanhar o desenvolvimento de seu pensamento. Sendo um oponente da abordagem aritmética do xadrez - os pontos, classificações, prêmio total em dinheiro -, no entanto, reajo com ceticismo a palavras exageradas como criatividade forçada, beleza afetada ou habilidade fingida. Mas quando você lê Zaitsev, ou ele mostra sua análise, suas expressões elevadas são naturais e orgânicas.

Além disso, gosto dos artigos de Zaitsev porque eles sempre contêm fragmentos ocultos de humor, um pouco de filosofia ou observações afiadas, e não apenas sobre o mundo do xadrez, mas também sobre o mundo em geral. Apenas aqueles próximos a Igor sabem de seus talentos multifacetados. Ele escreve divertido - embora não mordaz -

epigramas. As conversas com ele nunca são sobre temas puramente atuais. Ele falará sobre xadrez e sobre a vida simultaneamente, de modo que mesmo depois você se lembrará dele e ficará discutindo consigo mesmo se concorda ou discorda dele.

Os amigos e colegas de Igor estão esperando por este livro. E a grande sociedade mundial do xadrez será finalmente capaz de avaliar plenamente a amplitude deste magnífico jogador de xadrez.

- Anatoly Bykhovsky

Posfácio

Hugh Verrier *

* Presidente do escritório de advocacia globalWhite & Case LLP. Hugh Verrier produziu a primeira edição russa deste livro, publicada em Moscou em 2004, e providenciou a publicação desta edição expandida em inglês em 2020.

*Aqui, gostaria de dizer algumas palavras sobre Eduard Iosifovich Shekhtman (1940-2007), com quem na vida compartilhei anos de trabalho conjunto. É à persistência constante desta pessoa que sou grato pelo facto de em 2004 ter sido impressa a primeira edição do livro que tens nas mãos. ***

- Igor Zaitsev

* * Ver página 205

Eduard Shekhtman



Este livro revela o pensamento mais profundo de um dos pensadores mais profundos da história do xadrez - sua própria síntese do trabalho de sua vida - e este posfácio contará a história de como ele surgiu. Ao fazê-lo, também prestará homenagem à memória de um homem modesto no centro da história, Eduard Shekhtman, cuja contribuição poderia passar despercebida.

Eduard era meu treinador e treinador de xadrez. Trabalhamos juntos durante a maior parte da década em que morei em Moscou, de 1998 a 2007, nos reunindo para treinar nas manhãs de domingo. Como treinador, ele se juntava a mim nos torneios que eu participava, sendo o Aberto da Aeroflot anual o mais frequente. Ele era dezesseis anos mais velho e falávamos em francês, pois ele não sabia inglês. Tornamo-nos próximos com o passar dos anos - mais um caso de afeto e respeito do que de amizade - e às vezes perseguíamos projetos paralelos, um dos quais se transformou neste livro.

Eduard era um homem reservado e reservado, cauteloso, eu diria,
e ele manteve uma distância formal. Sempre soube que ele era digno e adequado, com um jeito um tanto severo que cheguei a acreditar que ele desenvolveu durante os anos ensinando crianças. Ele foi diligente em tudo o que fez: oportuno, preparado e atencioso.

Nunca soube muito sobre seu passado. Nascido em 1940, ele parece ter vivido sua vida em Moscou. Ele me apresentou a sua exuberante mãe, que morava na famosa House on the Embankment, outrora residência da elite soviética. Ele era divorciado e morava sozinho no centro de Moscou, e tinha uma filha que conheci apenas uma vez.

Neste livro (na página 205), Igor Zaitsev inclui um jogo que jogou com Eduard em 1946, quando Eduard tinha seis anos e Igor oito, sob o olhar atento do mestre internacional Chistyakov. Portanto, sabemos que Eduard foi atraído cedo para o jogo que era o foco de sua vida, e seu relacionamento com Igor também se estendeu por toda a sua vida.

Igor mais tarde lembrou (na página 178) de si mesmo e de Eduard tendo aulas de xadrez “no início da década de 1960” com Tigran Petrosian - então um grande mestre e em breve campeão mundial de xadrez em 1963 - no Central Chess Club em Moscou. Eduard estaria em uma trajetória de xadrez semelhante ao próprio Igor, no centro do mundo do xadrez russo.

A associação de Eduard com Tigran Petrosian moldou e definiu sua carreira no xadrez. Mais tarde, ele se juntou à comissão técnica da All Union Petrosian School, que ensinou a próxima geração de jogadores do Spartak. Ele deve ter sido próximo a Petrosian, porque quando ele morreu em 1984 foi Eduard quem serviu como editor literário de Petrosian, publicando três livros sobre ele.

O primeiro foram seus dois volumes *Os Jogos de Tigran Petrosian (* compilado por Eduard Shekhtman, Pergamon Press, 1991), e no Prefácio Eduard escreveu:

> *Em dezembro de 1983, Tigran Petrosian decidiu finalmente escrever um livro…. Naquela época, ele e eu tínhamos conseguido coletar e classificar praticamente todos os jogos jogados por ele (são cerca de 2.000) ... Mas a vida decretou o contrário. Tigran Vartanovich há muito se sentia mal ... Até os momentos finais não sabia que estava morrendo ... Das mais diversas fontes foi possível coletar uma quantidade bastante extensa de material, a maioria escrita pelo próprio Petrosian. Uma série de jogos foram anotados por seus ajudantes próximos, Isaac Boleslavsky e Igor Zaitsev ...*

Como editor, Eduard também publicou o idioma russo *Estratégia de Segurança* por Tigran Petrosian (Fizkultura i sport, 1985), posteriormente publicado em inglês como *Estratégia Python (* Quality Chess, 2015), uma coleção de jogos anotados por Petrosian com informações biográficas.

Finalmente, ele reuniu uma coleção de todos os principais artigos escritos por Petrosian - publicados em russo como *Tigran Vartanovich Petrosian Chess Lectures (* Rádio Soviética, 1989). Eduard escreveu em seu Prefácio: “Por causa de sua morte prematura, [Petrosian] não conseguiu reunir suas obras para um livro.” A viúva de Petrosian, Rona, agradeceu a Eduard por seu trabalho na coleta do material e na preparação para publicação.

Os anos de trabalho de Eduard com Petrosian em sua equipe técnica e, posteriormente, como editor literário, coincidiram com o serviço de Igor Zaitsev para Petrosian como treinador e analista. Eles compartilhavam um relacionamento longo e profundo com o campeão mundial.

Eduard também encontrou sua vocação ensinando jovens jogadores, primeiro com Petrosian e depois para o décimo terceiro campeão mundial Garry Kasparov. Como Garry escreveu sobre Eduard:

> *O mestre de Moscou Eduard Shekhtman era um treinador de crianças experiente e*

Assistente literário de Tigran Petrosian ... Ele atuou como diretor da Kasparov Chess Academy desde 1990, conduzindo seminários de treinamento e participando ativamente do desenvolvimento da promoção do xadrez nas escolas secundárias.

Foi através do treinamento de xadrez de Eduard no Lycée Français em Moscou, que meu filho mais novo frequentou, que conheci Eduard em 1999. Na verdade, ele ensinou meus dois filhos a jogar xadrez e, pelo que pude perceber, ele fez sua vida de suas lições. Eu nunca soube que ele jogava competitivamente, mas vejo agora que há quatorze jogos atribuídos a um “Eduard Shekhtman” no 365Chess.com, abrangendo os anos de 1959 e 1992. O período está certo e os jogos parecem os dele, mas eu não não me lembro dele falar sobre eles.

Foi em 2002 que propus a Eduard a ideia de publicar um pequeno livro ou monografia da era soviética - talvez um manuscrito não publicado esquecido por falta de apelo de massa ou valor comercial, ou talvez um mantido escondido entre grandes mestres ou treinadores por medo de perder uma vantagem - que, em qualquer caso, seria da mais alta qualidade, um produto da máquina de xadrez soviética, digno da época que fez tantos avanços no pensamento do xadrez. Não um livro comercial ou cartilha, mas um futuro clássico que poderia resistir ao teste do tempo - séculos, talvez - mesmo se inacessível a um público mais amplo hoje. E nada longo ou tedioso - quanto mais curto, melhor. Imaginei que, com um texto digno, poderíamos redesenhar o formato tipicamente frugal dos livros de xadrez para se adequar à qualidade duradoura que esperávamos.

Eduard sabia de algum manuscrito desse tipo e, se não, ele poderia encontrar um? Com sua vida inteira de treinamento e estreita associação com dois campeões mundiais de xadrez, pensei que Eduard poderia examinar o cânone da literatura do xadrez da era soviética e identificar uma joia perdida, se é que alguém poderia.

Como em tudo o que fez, Eduard levou a ideia em consideração. Depois de um tempo, ele voltou com a ideia que se tornou este livro: o lendário grande mestre e treinador Igor Zaitsev, que nunca havia escrito um livro antes, apesar de uma vida inteira de estudo e análise de xadrez nos níveis mais altos do jogo, finalmente revelaria sua filosofia de xadrez. Igor concordou em dedicar-se ao projeto e Eduard trabalharia com ele para garantir que fosse realizado. Eduard pensou que somente isso atenderia ao alto padrão de qualidade que buscávamos.

Eu havia conhecido Igor uma vez (que ele descreve na página 52), depois de ter jogado contra ele em uma partida simultânea de olhos vendados em Moscou. Fiquei impressionado com sua maneira gentil e modesta e com o grande respeito que Eduard tinha por ele. Embora não fosse o manuscrito existente que tínhamos em mente, fiquei satisfeito em pensar que poderíamos ajudar a cutucar Igor a criar uma obra que reuniria suas lições de uma vida inteira pela primeira e talvez única vez.

Olhando para trás, me pergunto se parte do apelo para Eduard era a ideia de criar a oportunidade para Igor de escrever o livro definidor de carreira que Petrosian nunca teve.

Lembro que Eduard transmitiu a Igor o caráter do livro que procurávamos - um clássico para todos os tempos, rico em filosofia e sabedoria - mas se foi isso que o inspirou a escrever o livro ou apenas o convite de um antigo colega , só Igor sabe agora. Era intrigante que Igor nunca tivesse escrito um livro antes, mas como o campeão mundial Anatoly Karpov explicou (na página 10):

Igor Arkadyevich é um tipo de pessoa experiente e exigente. Ele também tem uma multa

estilo de escrita, escrevendo alguns artigos notáveis sobre xadrez. Talvez ele seja um pouco desorganizado internamente - ele tem uma personalidade que se distrai facilmente. Caso contrário, ele teria produzido uma pilha inteira de livros que amadores, assim como profissionais, gostariam de ler.

Em setembro de 2003, nós três - Eduard, Igor e eu - concordamos com os termos do projeto. Escreveríamos e publicaríamos o livro primeiro em russo, com a publicação posteriormente em outras línguas se houvesse interesse suficiente. Eduard forneceu a organização e isso incluiu ser um estímulo constante para Igor, que escreveu o livro nos seis meses seguintes. Eduard providenciou a composição do manuscrito por Andre Yelkov, e ele também encontrou a editora, Sovetsky Sport Publishing House, representada por seu diretor Aleksey Alekseev. Fomos ajudados pelos meus colegas Gina Knight, Venera Kamalova e Anna Mokhova.

O livro foi publicado em Moscou no verão de 2004. Era um pequeno livro de capa dura: 160 páginas, sem capa. Eu desenhei a capa bordô bem simples, que Eduard acabou de achar intrigante. O texto consistia em cinco capítulos e uma breve introdução e conclusão escrita por Igor, bem como uma breve biografia escrita por Eduard (também incluída aqui nas páginas 12-14). A editora imprimiu 3.000 exemplares: venderam muito bem e o livro teve uma crítica favorável.

Eduard organizou e sediou uma celebração do livro naquele outono, realizada no Centro Cultural do Ministério das Relações Exteriores em Moscou. Igor foi homenageado e fez uma palestra no evento, que contou com rodada simultânea de xadrez. No final das contas, essa foi a última vez que nós três nos encontramos.

Dois anos depois, Eduard descobriu que tinha câncer e, assim, nosso treinamento e colaboração chegaram ao fim. Ele deve ter se importado profundamente com o livro, porque quando ele estava muito doente, ele me pediu para visitá-lo no hospital para providenciar a transferência dos exemplares restantes do livro (para Murad Amannazarov - um de seus ex-alunos e um diretor da editora Russian Chess House) para que o livro continuasse a ser vendido. Essa foi a última vez que o vi. Ele morreu pouco depois, em 30 de março de 2007.



Da esquerda para a direita: Eduard Shekhtman, Igor Zaitsev e Hugh Verrier, Moscou 2004.

Quanto a mim, naquele mesmo ano saí da Rússia para voltar a Nova York, deixando nosso livro para trás com ideias de traduções e futuras edições.

Agora é 2020, 16 anos depois de publicarmos o livro em russo, e estamos publicando esta tradução em inglês. Expandimos esta edição consideravelmente, com outras adições de Igor e uma série de homenagens a ele de um conjunto distinto de luminares do xadrez, incluindo dois ex-campeões mundiais.

Foi uma viagem a Moscou em 2013 que me trouxe de volta ao contato com a filha de Igor, Olga Zaitseva, que me disse que Igor estava escrevendo um novo material e estava preparado para incluí-lo em uma segunda edição em inglês. Como se viu, Igor revisou e expandiu os cinco capítulos originais para sete, e também acrescentou:

- “Sobre o Desenvolvimento de um Conceito Inteligente à Luz da Filosofia”
- “Ponto de Absurdo: Tigran Petrosian”
- “Jogos Suplementares”

Uma sugestão de que poderíamos adicionar uma biografia ao livro levou Igor a escrever a sua própria, incluída aqui como “Uma breve autobiografia”.

As referências à poesia de Igor (incluindo a de Anatoly Karpov na página 219) nos fizeram perguntar se ele estaria disposto a fornecer alguma para este livro. A pedido, uma série de poemas chegaram rapidamente: eles acentuam seu caráter humano e efêmero.

Para encontrar um editor adequado para o livro, procurei o Treinador Sênior da FIDE, Michael Khodarkovsky. (Michael é presidente do Comitê de Assuntos Internacionais da USCF, delegado da FIDE e vice-presidente da FIDE desde 2018.) Ele encorajou e deu conselhos úteis. Foi o lendário treinador de xadrez de Nova York, Bruce Pandolfini, que gentilmente me encaminhou para Hanon Russell como editor.

Isso foi uma sorte. Com direção e paciência claras, Hanon deu vida ao livro, valendo-se de sua vasta experiência em publicações de xadrez e conhecimento do mundo do xadrez russo.

Sempre tive esperança de que o campeão mundial de xadrez Garry Kasparov um dia escrevesse um prefácio a este livro, e por isso, bem como por sua amizade desde meus dias na Rússia, sou verdadeiramente grato.

Gostaria de reconhecer e agradecer a outras pessoas que nos ajudaram a realizar este projeto:

- JimMarfia e Boris Gleizerov pelo difícil trabalho de tradução da complexa prosa de Igor para o inglês;
- Al Lawrence por sua excelente edição;
- Madeleine Pulman-Jones por suas esplêndidas traduções dos poemas de Igor; e
- Marina Komaritskaya e Olga Zaitseva por sua ajuda considerável em Moscou na coordenação de todos nós.

Acima de tudo, e com muito respeito, desejo agradecer ao próprio Igor Zaitsev pelo privilégio de compartilhar com ele esta jornada nas últimas duas décadas.

Essa é a história de como este livro incomum surgiu. Profundo e pessoal, em lugares densos e misteriosos, com voos de linguagem filosófica e às vezes poética que desafiam as convenções da literatura do xadrez, o livro reflete a personalidade única do autor ... e talvez até mesmo um pouco de nossa ambição por este projeto. O livro não apenas destila a filosofia do autor do xadrez desenvolvida ao longo de uma vida de estudo, mas também oferece perspectivas ricas sobre o futuro da estratégia de xadrez.

Estou muito feliz por finalmente termos realizado nossa ambição de compartilhar esta obra-prima - o único livro de Igor - com o mundo do xadrez mais amplo. É especialmente gratificante ter podido produzir esta edição com a participação ativa de Igor e tê-la concluído em vida. Espero que isso traga a ele e a sua família orgulho e satisfação.

Lamento que Eduard não pudesse estar conosco agora. Ele teria perguntado por que demoramos tanto, mas tenho certeza de que teria se orgulhado de ter apoiado o legado de seu colega e amigo com quem sua vida estava tão entrelaçada. Sua ausência, no entanto, me permitiu homenageá-lo. Agora vejo com mais clareza a contribuição que ele deu à minha vida, assim como à de Igor - uma contribuição que parece ainda maior agora que terminamos o que nos propusemos fazer juntos.

Não sei se este projeto corresponderá à sua ambição original, mas estou confiante de que fizemos mais do que desenterrar uma joia perdida da era do xadrez soviético; ajudamos a liberar a força de um homem extraordinário

- muito parecido com o poder de combinações bem-sucedidas no tabuleiro de xadrez que este livro descreve - que alcançou as profundezas do jogo e do espírito humano e cuja criação irá transcender aquela era e nos inspirar a fazer nossa parte na era do computador que está por vir .

- Hugh Verrier

Artigos de Igor Zaitsev

Uma bibliografia

1. “Stopped Seconds,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 1973.

2. “Apenas a verdade !,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 1980, pp. 6-7, 15.

3. “The Quiet American,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 15-16, 1994, pp. 36-43.

4. “Nuances táticas de uma posição,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 23-24, 1994, p. 52

5. “Judit the Irresistible,” *Shakhmatny vestnik /* 3, 1994, pp. 48-51.

6. “Dortmund - Os melhores jogos (Karpov-Korchnoi),” *Shakhmatny vestnik /* 4, 1994, pp. 88-89.

7. “Quem vai desafiar Kasparov ?,” *Shakhmatny vestnik /* 1, 1995, pp.41-51.

8. “Especialista com um amplo perfil,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 3, 1995, pp. 6-11.

9. “In Hot Pursuit,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 5, 1995, pp. 62-64.

10. “Novidades boas e ruins”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 1995.

11. “O Ponto de Partida,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 10, 1995.

12. “Duvido”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 12, 1995, pp. 26-27.

13. “Sucesso Bem Merecido”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 4, 1996, pp. 40-41.

14. “Sem Retiro Antes do Dragão,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 10, 1996, pp. 56-57.

15. “A Equipe de Nossos Jovens,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 1998, pp. 36-37.

16. “On the Tacticians 'Continent,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 1998, p. 3 -

17. “Point of Absurdity: Tigran Petrosian” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 5, 1999, pp. 32-33.

18. “An Island of Singlemindedness,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 11, 1999, pp. 6-8.

19. “Para a Glória das Combinações,” *Esporte Clube/* 1-2, 1999, pp. 90-92.

20. “Let's Compare Lasker with Sherlock Holmes,” *Esporte Clube/* 4, 1999, pp. 66-67.

21. “O Milagre do Insight”, *Esporte Clube/* 6, 1999, pp. 55-57.

22. “O Mundo Invisível do Gênio”, *Esporte Clube/* 8-9, 1999, pp. 110-111.

23. “Vamos falar sobre isso e aquilo”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 5, 2001, pp. 4-7.

24. “O curso do tempo,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 5, 2002, pp. 42-44.

25. “Dueto ou duelo,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 9, 2002, p. 4-1.

26. “The Nimble Quiet,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 5, 2004, pp. 50-51.

27. “Sobre o Desenvolvimento de um Conceito Razoável”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 8, 2006, pp. 49-53

28. "Uma combinação de análise e prática", *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 11, 2007.

29. “AWord About Tal,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 12, 2007, pp. 34-35.

30. “Os princípios básicos da coordenação de peças”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 10, 2009, pp. 62-67.

31. “Center Magic,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 12, 2006, pp. 62-65.

32. “Um homem com energia fervilhante”, *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 2014, pp. 79-83.

33. “O xadrez, como forma de arte, pode ser salvo ?,” *Shakhmatnoye obozreniye 64 /* 6, 2015, pp. 76-81.

Índice

Folha de rosto 3
Prefácio de Garry Kasparov Uma 5
homenagem de Anatoly Karpov Prefácio 8
de Mark Dvoretsky 10
Sobre o Autor por Eduard Shekhtman Prefácio 11
do Autor por Igor Zaitsev Capítulo Um: 14
Combinações 16
Capítulo Dois: Estratégia e Estrutura 31
Capítulo Três: O Papel da Razão e do Julgamento Capítulo 61
Quatro: Atacando o Ponto Forte 72
Capítulo Cinco: A Regra de Manter a Vantagem Capítulo Seis: 103
A Filosofia da Estratégia, Parte I Capítulo Sete: A Filosofia da 118
Estratégia, Parte II 124
Sobre o desenvolvimento de um conceito inteligente à luz da filosofia, de Igor Zaitsev 131
Point of Absurdity: Tigran Petrosian de Igor Zaitsev Supplemental 145
Games com notas de Igor Zaitsev Uma breve autobiografia de 149
Igor Zaitsev 158
Poemas de Igor Zaitsev 171
Tudo começou com um empate por Anatoly Karpov Mestre 181
em Análise por Alexei Kuzmin 184
Epílogo: Personalidade em Grande Escala! por Anatoly Bykhovsky Posfácio de 191
Hugh Verrier 193
Artigos de Igor Zaitsev: uma bibliografia 200